UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SALE MÁRIO GAUDÊNCIO

REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE *CIBER*CORDÉIS EM *BLOGS*: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA

JOÃO PESSOA, PB
2014

SALE MÁRIO GAUDÊNCIO

REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE *CIBER*CORDÉIS EM *BLOGS*: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em nível de Mestrado Acadêmico como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

Área de Concentração:
Informação, Conhecimento e Sociedade

Linha de Pesquisa:
Memória, organização, acesso e uso da informação

JOÃO PESSOA, PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

G266r Gaudêncio, Sale Mário.

Representação da informação de *cibercordéis* em *blogs* : uma análise sob a luz da semântica discursiva / Sale Mário Gaudêncio. – João Pessoa, 2014.

230 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profª Drª Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque.

1. Representação da informação. 2. *Cibercordéis*. 3. Semântica discursiva. 4. *Blogs*. 5. *Ciberespaço*. I. Albuquerque, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. II. Título.

CDU 025
CDD 020.1

SALE MÁRIO GAUDÊNCIO

REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE *CIBER*CORDÉIS EM *BLOGS*: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em nível de Mestrado Acadêmico como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2014

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Maria Elizabeth B. C. de Albuquerque – PPGCI/UFPB
Presidente e Orientadora

_____
Prof.ª Dr.ª Dulce Amélia de Brito Neves - PPGCI/UFPB
Membro Examinador Interno

_____
Prof.º Dr. Fábio Mascarenhas e Silva - PPGCI/UFPE
Membro Examinador Externo

_____
Prof.º Dr. Guilherme Ataíde Dias - PPGCI/UFPB
Membro Examinador Interno (Suplente)

_____
Prof.ª Dr.ª Nádia Aurora Vanti Vitullo – DECIN/UFRN
Membro Examinador Externo (Suplente)

Dedico esta investigação científica forjada a “sangue” e “suor”, a todos/as poetas populares, sejam/as eles/as oriundos/as das feiras, saraus, tipografias, rodas de encontros, festivais, internet ou qualquer outro ambiente que por ventura venha a existir.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela saúde, capital intelectual e equilíbrio espiritual para desempenhar esta investigação científica.

À minha querida Mãe, Azenete Sales por me dar a vida, sendo responsável pela formação de meu caráter e personalidade.

À minha amada Noiva e Companheira, Hiara Câmara pela paciência e apoio incondicional, carregado de carinho e cuidado, dando todo o seu afeto e sua ternura para que eu pudesse me concentrar e dedicar a esta pesquisa.

À minha querida Sogra e Madrinha, Isa Maria que abriu as suas portas e me deu todo o apoio (financeiro e afetivo) possível para que eu desempenhasse este trabalho, se tornando assim, sem sombra de dúvida, uma segunda mãe.

Às minhas estimáveis cunhadas, Hianna e Hionne que me acolheram e ajudaram de uma forma muito carinhosa.

Às minhas novas e belas Tias, Teté e Elita que me adotaram, financiando muitas vezes as minhas passagens para João Pessoa.

Aos diletos Amigos, Gustavo Nogueira e Giuliane Monteiro que me acolheram em sua residência com muita dedicação e carinho.

À minha amiga e Orientadora, Professora Doutora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (PPGCI-UFPB), que fizemos uma significante parceria acadêmica e humana.

À minha ilustre Banca examinadora, composta pelos professores/as, Doutora Dulce Amélia de Brito Neves (PPGCI-UFPB), Doutor Fábio Mascarenhas e Silva (PPGCI-UFPE), Doutor Guilherme Ataíde Dias (PPGCI-UFPB) e Doutora Nádia Aurora Vanti Vitullo (DECIN-UFRN) que respeitosamente aceitaram analisar o projeto de pesquisa e esta dissertação.

À Professora Doutora Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG), que gentilmente me presenteou com a revisão ortográfica desta obra.

Ao estratégico Programa de Pós-Graduação em Ciência da informação da Universidade Federal da Paraíba que me proporcionou as condições teóricas e metodológicas para desempenhar uma investigação científica com envergadura acadêmica e cultural.

Às importantes contribuições das professoras, Bernardina Juvenal Freire de Oliveira e Joana Coeli Ribeiro Garcia (PPGCI-UFPB), que opinaram criticamente para melhoria do texto dissertativo.

À minha casa, Universidade Federal Rural do Semi-Árido por meio do Gabinete da Reitoria, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Direção Campus Angicos, Biblioteca Central Orlando Teixeira e Editora Universitária pela liberação e por investir na qualificação do seu pessoal técnico-administrativo.

Aos meus/minhas colegas de trabalho, Natália Maia, Ângelo Gustavo, Marisa Leite, Elainy Guedes, Francisco Leonardo, Junior Souto, Arimatea de Matos, Marilene Araújo, Keina Cristina, Edcarlos Alves, Joselito Medeiros, Gleidson Marques, Marcos Fernandes, Hudson Souza, Aroldo Inácio, Keliane Cavalcante, Josenita Freitas, Kelly da Silva, Francisca Russe e Priscila Medeiros.

À todos/as os colegas de mestrado da turma 2012 do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB pelo companheirismo nestes dois anos de atividades e discussões acadêmicas.

À Professora M.Sc. Antônia de Freitas Neta (DECIN-UFRN) pelo incentivo para alçar novos voos a partir da Pós-Graduação.

À Pastoral da Juventude do Meio Popular, que por muitos anos tem investido em minha formação política e pastoral, dando-me subsídios para pensar e agir criticamente diante das questões humanas e espirituais.

Representação da Informação

Representar a informação,
é uma arte, uma disciplina ou técnica?
Na verdade, é magia.
É uma forma de manifestação.

A representação transforma
Linguagem natural
numa surpreendente
Forma de Linguagem artificial.

Linguagem que se transforma,
Em tesauros e vocabulários
em glossários e classificações bibliotecárias.

Representar é organização,
favorece a preservação da memória
e potencializa a disseminação.

Mário Gaudêncio
Outubro de 2011

Cordel na Internet

[...] A internet chegou
Como grande aliada
Pro cordel abriu estrada,
E o cordelista gostou
No virtual apostou
E com tecnologia
Espalhou sua poesia
Por este mundo global
Onde o cordel tem aval
Nesta metodologia. [...].

Dalinha Catunda e Rosário Pinto
(Compilação) Fevereiro de 2011

RESUMO

Esta investigação teve por objetivo geral analisar a representação da informação dos *cibercordéis* em *blogs* por meio dos procedimentos semânticos de tematização e figurativização, elementos centrais ao processo de indexação da metodologia reconhecida como semântica discursiva. Justifica-se por entender que é cada vez mais importante trazer ao foco das investigações científicas o processo de representação da informação, especialmente por ter percebido que são múltiplos os lugares de memória que demandam análises científicas. Utiliza como *corpus* o *cibercordel* que faz uso da flexibilidade integradora da *internet,* com destaque para dinâmica dos *blogs* na intenção de entender, representar, preservar e divulgar suas produções culturais. Os *cibercordéis* possibilitam o ambiente oportuno para serem tratados sob a ótica da representação informacional, oportunamente por apresentar elementos textuais como temas, figuras, inspirações, anseios, motes, ou seja, suas especificidades construídas através da poesia popular que, neste caso, se apropria da *web* para ser perpetuada no seio do *ciberespaço*. Da pesquisa, constatou-se que a representação da informação por meio da semântica discursiva se mostra como mais uma forma real para indexar os documentos, especialmente por observar todas as suas particularidades textuais, aspectos concretos e abstratos, enfocando que a indexação, por meio da semântica Greimasiana enquanto concepção metodológica reduz significativamente a subjetividade inerente ao profissional da informação, além de se aproximar substancialmente da linguagem documentária, por produzir uma constante troca interdisciplinar, relacionando figuras à linguagem natural e temas a linguagem artificial. Por esse motivo, os documentos entendidos como *cibercordéis* são passíveis de representação e de preservação informacional, permitindo assim, resguardar a memória coletiva e potencializar uma recuperação da informação organizada de forma ágil e sistemática.

Palavras-chave: Representação da Informação. *Cibercordel*. Semântica discursiva. *Blog. Ciberespaço*.

ABSTRACT

This investigation which had as general objective analyze the representation of information of cibercordéis in blogs through semantic procedures of theming and figurativization, central elements to the process of indexing in the methodology recognized as discursive semantic. Is justified by understanding that it is increasingly important bring to the focus of scientific research the process of information representation, especially for realize that there are multiple memory locations that require scientific analysis. Is used as corpus the cibercordel that makes use of the integrative flexibility of internet, especially the blogs dynamic with the intention of understand, represent, preserve and promote their cultural productions. The cibercordéis enable the appropriate environment to be treated from the perspective of informational representation, timely for presenting textual elements such as themes, pictures, inspirations, aspirations, topics, in other words, their specificities constructed through popular poetry, which in this case, appropriates the web to be perpetuated within the cyberspace. From the research, it was found that the representation of the information through discursive semantic is shown as another real way to index documents, especially for observing all its textual features, concrete and abstract aspects, focusing on the indexing, through Greimasian semantic, as a methodological conception, significantly reduces the subjectivity inherent to the information professional, plus approach substantially from the documentary language, for producing a constant interdisciplinary exchange, relating figures to natural language and themes to artificial language. For this reason, the documents understood as cibercordéis are amenable to representation and preservation of informational, thus, allowing safeguard the collective memory and strengthen a recovery of organized information in a fast and systematic way.

Keywords: *Representation of Information. Cibercordel. Discursive semantic. Blog. Cyberspace.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interação da organização da informação na *web*..... 35
Figura 2 – *Layout* do *blog* Ler Cordel..... 59
Figura 3 – *Layout* do *Blog* Mundo Cordel..... 62
Figura 4 – Xilogravura “A vida no sertão” de J. Borges..... 65
Figura 5 – Produções cinematográficas..... 66
Figura 6 – Novela Cordel encantado..... 68
Figura 7 – Adaptação literária..... 69
Figura 8 – Músicas inspiradas na literatura de cordel..... 70
Figura 9 – Elementos de organização da informação por meio dos *blogs*..... 85
Figura 10 – Processo de indexação de figuras e temas a partir da semântica discursiva..... 92
Figura 11 – Distribuição de *blogs*..... 108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Presença quantitativa de *cibercordéis* por classe temática..... 107

Gráfico 2 – Nível de contribuição colaborativa dos *cibercordelistas*..... 110

Gráfico 3 – Cobertura percentual (%) das produções poéticas dos *cibercordelistas*..... 111

Gráfico 4 – Frequência das figuras..... 113

Gráfico 5 – Frequência dos temas..... 114

Gráfico 6 – Temporalidade dos *cibercordéis*..... 115

LISTA DE MAPAS CONCEITUAIS

Mapa Conceitual 1 – Classe Temática Biografia e Personalidades..... 118
Mapa Conceitual 2 – Classe Temática Bravura e Valentia..... 120
Mapa Conceitual 3 – Classe Temática Cidade e Vida Urbana..... 122
Mapa Conceitual 4 – Classe Temática Ciência..... 125
Mapa Conceitual 5 – Classe Temática Cultura..... 128
Mapa Conceitual 6 – Classe Temática Educação..... 130
Mapa Conceitual 7 – Classe Temática Intempéries..... 132
Mapa Conceitual 8 – Classe Temática Meio Ambiente..... 135
Mapa Conceitual 9 – Classe Temática Moralidade..... 138
Mapa Conceitual 10 – Classe Temática Político e Social..... 141
Mapa Conceitual 11 – Classe Temática Religião..... 144
Mapa Conceitual 12 – Classe Temática Saúde. Doença..... 147
Mapa Conceitual 13 – A Importância do cordel..... 169
Mapa conceitual 14 – Tirando leite de bode..... 170
Mapa conceitual 15 – A Natureza e o Homem: “a verdade que ninguém quer ver”..... 171
Mapa Conceitual 16 – Cordel na internet..... 172
Mapa Conceitual 17 – Cordel velho e cordel novo..... 173
Mapa Conceitual 18 – Flor mulher..... 174
Mapa Conceitual 19 – Cordel do software livre..... 175
Mapa Conceitual 20 – Desabafos dum alcoólatra..... 176
Mapa Conceitual 21 – Mensagem às mamães..... 177
Mapa Conceitual 22 – Invocação a Jesus pela seca no meu sertão..... 178
Mapa Conceitual 23 – Natal agreste..... 179
Mapa Conceitual 24 – O Poeta e o folheteiro..... 180
Mapa Conceitual 25 – Abrace a preservação..... 181
Mapa Conceitual 26 – Outros malefícios do tabaco..... 182
Mapa Conceitual 27 – Sala de visitas recebe Zilma Ferreira Pinto..... 183
Mapa Conceitual 28 – Vira-lata..... 184
Mapa Conceitual 29 – Saudades de Gonzagão..... 185
Mapa Conceitual 30 – Festas juninas..... 186

Mapa Conceitual 31 – Ficar e namorar..... 187
Mapa Conceitual 32 – Labuta inglória..... 188
Mapa Conceitual 33 – O Sertanejo e São José..... 189
Mapa Conceitual 34 – Priquitim..... 190
Mapa Conceitual 35 – Meu testemunho..... 191
Mapa Conceitual 36 – O Chapéu de couro de Chica..... 192
Mapa Conceitual 37 – Barro do Agreste..... 193
Mapa Conceitual 38 – Eu e meus amigos fubânicos: bote sem veneno..... 194
Mapa Conceitual 39 – Todas as mulheres..... 195
Mapa Conceitual 40 – E a chuva chegou!!!..... 196
Mapa Conceitual 41 – Ao Mestre com carinho..... 197
Mapa Conceitual 42 – Um mimo para Rosinha..... 198
Mapa Conceitual 43 – Homenagem a João Firmino Cabral..... 199
Mapa Conceitual 44 – Natal sem pré-natal..... 200
Mapa Conceitual 45 – A Felicidade completa..... 201
Mapa Conceitual 46 – A Novela do prêmio Patativa do Assaré continua..... 202
Mapa Conceitual 47 – A Escola, o professor e o aluno..... 203
Mapa Conceitual 48 – Doença de Parkinson..... 204
Mapa Conceitual 49 – O Primeiro exame de próstata..... 205
Mapa Conceitual 50 – O Rico e o pobre..... 206
Mapa Conceitual 51 – Verdade tem que ser dita..... 207
Mapa Conceitual 52 – Integração e a *web*..... 208
Mapa Conceitual 53 – O D’efeito do álcool..... 209
Mapa Conceitual 54 – Belo Horizonte..... 210

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização de *blogs*..... 79
Quadro 2 – Anatomia de um *blog*..... 80
Quadro 3 – Aspectos comparativos entre as características de figuras e temas..... 94
Quadro 4 – Comparativo de classes temáticas levantadas..... 105
Quadro 5 – Classe Temática Biografia e Personalidades..... 116
Quadro 6 – Classe Temática Bravura e Valentia..... 119
Quadro 7 – Classe Temática Cidade e Vida Urbana..... 121
Quadro 8 – Classe Temática Ciência..... 123
Quadro 9 – Classe Temática Cultura..... 126
Quadro 10 – Classe Temática Educação..... 129
Quadro 11 – Classe Temática Intempéries..... 131
Quadro 12 – Classe Temática Meio Ambiente..... 133
Quadro 13 – Classe Temática Moralidade..... 136
Quadro 14 – Classe Temática Político e Social..... 139
Quadro 15 – Classe Temática Religião..... 142
Quadro 16 – Classe Temática Saúde. Doença..... 145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparativo das características estruturais e funcionais entre língua natural e linguagem artificial..... 47
Tabela 2 – Comparação das características, vantagens e desvantagens das Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas..... 48
Tabela 3 – Exemplo comparativo entre Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas..... 49

SUMÁRIO

1 PRELÚDIO 17
2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 21
2.1 PRÓLOGO 21
2.2 MEMÓRIA COLETIVA 27
2.3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO 32
3 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO 39
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS 39
3.2 ASPECTOS CONCEITUAIS 43
3.3 A CONTRIBUIÇÃO DAS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS 45
4 *CIBER*CORDEL 51
4.1 A BASE DA POESIA POPULAR 51
4.2 UMA NOVA FORMA DE PRODUZIR CORDÉIS 57
4.3 OUTRAS RESSIGNIFICAÇÕES POÉTICO-POPULARES 64
4.3.1 Artes Plásticas 64
4.3.2 Artes Cênicas 65
4.3.3 Literatura Brasileira 69
4.3.4 Música 70
5 *BLOGS* 76
5.1 ELEMENTOS BASILARES 76
5.2 ESPINHA DORSAL: ENTRE CATEGORIZAÇÃO E ANATOMIA 79
5.3 ENCONTRO COM A POESIA POPULAR 82
5.4 TECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEMÓRIA COLETIVA 84
6 PERCURSO METODOLÓGICO 87
6.1 A SEMÂNTICA DISCURSIVA 87
6.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA 95
6.3 INSTRUMENTOS AUXILIADORES 97
6.4 *CORPUS* 99
6.5 ETAPAS 100
6.6 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO PARA COLETA DE DADOS 102
6.7 AMOSTRAGEM 103
7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS *CIBER*CORDÉIS 104

7.1 GÊNESE 105
7.2 DISCURSIVIZAÇÃO DE TEMAS E FIGURAS 116
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 149
REFERÊNCIAS 153
APÊNDICE A – MAPA CONCEITUAL POR *CIBER*CORDEL 169
APÊNDICE B – LISTA DOS POETAS POPULARES NO *CIBER*ESPAÇO.....211
APÊNDICE C – LISTA DE INSTITUIÇÕES CORDELISTAS, EDITORAS, INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA E PESQUISA EM POESIA POPULAR 214
APÊNDICE D – GLOSSÁRIO.....216
APÊNDICE E – BANCO DE DADOS DE *BLOGS, CIBER*CORDÉIS E *CIBER*CORDELISTAS 217
APÊNDICE F – LAYOUT DO AMBIENTE VIRTUAL PARA REPRESENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE CONTEÚDO *WEB* DE CORDÉIS VIRTUAIS: O CASO DO *BLOG CIBER*CORDEL.....230

1 PRELÚDIO

Entende-se que é cada vez mais importante trazer ao foco das discussões acadêmicas o processo de representação da informação, pois são múltiplos os lugares que demandam investigações a partir desta disciplina. Uma delas é o *cibercordel*, que se utiliza dos recursos da *web*, especialmente dos *blogs* para conceber e divulgar suas produções culturais.

Tais ambientes nos quais os cordéis são disponibilizados proporcionam novas possibilidades de escrita e de interação com o audiovisual e seu público leitor e seguidor.

Os *blogs* se apresentam como espaços viabilizadores para formar novos leitores que, por sinal, estão cada vez mais preocupados em não apenas consumir o que está sendo publicado, mas também em interagir, inclusive comentando e construindo novas ideias com base em documentos primários. Em função disso:

> Gera diferentes modos de ligação a partir, [...] dos seus diferentes modos de expressão. [...] trabalham também na condição plural, múltipla, uma vez que essa é uma das possibilidades que o usuário da rede tem de se comunicar e se informar (SILVA, 2005, p. 6).

Tem-se aqui um contexto de mudança, transformação, mutação ou ruptura da forma como as fontes de informação produzidas e idealizadas pelo poeta popular estão guinando para um cenário que possibilita novas posturas e posicionamentos, mas, evidentemente, sem perder, no texto poético, a rima, a métrica e a sensibilidade literária, elementos essenciais “no fazer” do cordelista.

Dessa forma, tal contexto evolucionário pressupõe a importância de fazer inúmeras investigações. Uma delas é a de entender a necessidade de representar os *cibercordéis* em *blogs*. Isto porque esse novo formato de cordel, escrito exclusivamente na *web*, distanciando-se do processo de digitalização, possibilita questionamentos, a exemplo de como acontece a sua configuração e a sua representação temática.

É na dinamização e na democratização oriunda dos *blogs* que são disponibilizados os *cibercordéis*. Isto faz com que se possibilite um ambiente oportuno para que os cordéis eletrônicos sejam compreendidos por meio da representação de seus temas, suas inspirações, seus anseios, seus motes, ou seja,

de todas as suas particularidades construídas através da poesia popular que, neste caso, se apropria da *web* para ser perpetuada no seio da sociedade mundial.

Com a expansão das formas de escrita na *web*, emergem diversas possibilidades de apresentar e representar um determinado documento. Estes, por sua vez, são passíveis de organização e preservação. O caminho viável para permitir um cenário como este é construir as condições oportunas para representar informacionalmente o hipertexto e a hipermídia sob as bases epistemológicas da Ciência da Informação. Não agir neste sentido significa não reconhecer a forma como se comportam e se apresentam os documentos eletrônicos.

Este cenário também se torna evidente quando se destacam claro ao tratar dos folhetos de cordel que "invadiram" a *web*. É cada vez mais significante o número de cordelistas que escrevem cotidianamente na *internet*. Entretanto, ainda não se tem claro e mapeado como os cordéis se organizam, do que tratam quem escreve e se se está distanciando ou se aproximando do cordel eminentemente na sua forma impressa. Portanto, apresenta-se como problema central para esta investigação científica, a questão-chave: *como os cordéis são representados em blogs de poetas populares?*

Em função disso e tomando como base as contribuições da *Cibercultura* (LÉVY, 1999), da *Sociedade em Rede* (CASTELLS, 2011), da *Blogosfera* (RECUERO, 2003), do *Cordel* (CASCUDO, 2012; ALBUQUERQUE, 2011), da *Representação da Informação* (KOBASHI, 2007; FUJITA, 2012; LARA, 2004, 2006) e da *Abordagem Metodológica pautada na Semântica Discursiva* (GUEDES; MORAES, 2006; ANTÔNIO, 2008; GREIMAS, 2008; ALBUQUERQUE, 2011) tecendo relação a partir da Ciência da Informação associada às contribuições da Memória Coletiva e da Organização da Informação, vê-se que:

1. pesquisas em Representação da Informação em sua maioria estão restritas às Linguagens Documentárias e ao Processo de Indexação;
2. inexistem pesquisas que analisem a relação entre o objeto de estudo, o *cibercordel* e a abordagem metodológica em questão, a semântica discursiva;
3. limirados estudos sobre o objeto *cibercordel* no contexto da *blogosfera*;
4. limitados debates e análises para entender como os *cibercordéis*, novo formato cultural e informacional, estão sendo produzidos como conhecimento construído;

5. Pouco conhecimento acadêmico sobre o que está sendo publicado *posts* em pelos *ciber*cordelistas no ciberespaço;
6. falta de informação sistematizada na identificação dos *ciber*cordelistas que utilizam da *blogosfera* para postar os *ciber*cordéis.

Percebe-se que as últimas décadas têm produzido uma série de revoluções. Um exemplo disso é a chamada Revolução Técnica, Científica e Informacional, que consolidou a sociedade da informação por meio da sociedade em rede e da *ciber*cultura.

Também em função disso, são produzidos cenários antagônicos que por um lado, valoriza-se o consumismo, a certificação e as pesquisas científicas com temáticas canônicas que, dificilmente, se abrem ao novo, seja por uma questão ideológica ou de Estado. Por outro, emergem as iniciativas de Acesso Livre ao Conhecimento Registrado[1] aliado a pesquisadores de vanguarda que tentam procurar novas investigações científicas, valorizando inéditos objetos de estudos e novas formas de abordagens metodológicas.

Mesmo assim, na contemporaneidade muitos assuntos ou universos científicos são silenciados ou subvalorizados, seja por uma questão motivacional ou política. Com o hibridismo e a virtualização dos suportes e fontes de informação, novas demandas científicas começam a surgir, mas nem sempre são estudadas.

No caso da literatura de cordel, o folheto impresso, desde o final do século XIX, pouco evoluiu, seja pela falta de espaço dado aos poetas para divulgar a produção, seja pela ausência de estudos periódicos no campo acadêmico ou ainda pelas técnicas empregadas. Entretanto, nesta última década, estão sendo percebidas transformações substanciais, motivadas pelo reconhecimento literário, por iniciativas comerciais ou por inéditas contribuições científicas.

Na prática, o século XXI tem se mostrado como um novo “divisor de águas” para o (re)conhecimento do valor que deve ser dado ao cordel. Todavia, ainda há muito por fazer neste “terreno fértil”. É preciso ampliar as análises conjunturais para melhor entender sobre quem escreve cordéis, o que escreve, e que métodos de escrita, a rima e métrica são utilizados. Em Albuquerque (2011) e Moraes (2008), têm-se importantes contribuições científicas nesse sentido.

---

[1]Open Access Iniciative (OAI).

Mesmo assim, não há, ainda, investigações científicas que procuram analisar, sob a ótica da Representação da Informação o *cibercordel*, especialmente, com observações que trazem, ao mesmo tempo, a valorização da "memória coletiva", sendo esta entendida sob a perspectiva de Halbwachs (1990) e sobre as possibilidades de organização da informação pelos procedimentos semânticos da tematização e figurativização com base na "semântica discursiva" (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

Em virtude do imediatismo informacional, rápido, volátil ou fugaz, provocado pelo registro em nuvens, é cada vez maior a necessidade de criar condições que protejam e recuperem informações oriundas da produção literária do cordel. Seja qual for o ambiente, presencial ou virtual, o texto do poeta popular precisa estar próximo, ao alcance de todos, fazendo com que o "criador" e a "obra" estejam sempre presentes no imaginário e no cotidiano popular e acadêmico.

Portanto, ao levantar as questões supracitadas, é possível afirmar que a Linha de Pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba proporciona as condições necessárias e viáveis para justificar e investigar cientificamente a "Representação da informação de *cibercordéis* em *blogs* sob a luz da semântica discursiva".

Esta realidade torna-se também relevante porque este Programa de Pós-Graduação entende, desde a sua concepção, que as práticas e os insumos informacionais precisam ser analisados sob uma perspectiva organizacional e memorialística. Assim, esta proposta de investigação se insere nas concepções teóricas da Ciência da Informação e, consequentemente, da sua Área de Concentração, Informação, Conhecimento e Sociedade.

É proposto neste contexto, como objetivo geral, representar tematicamente os *cibercordéis* em *blogs* dos poetas populares através dos procedimentos semânticos de tematização e figurativização. Visualizando-se atingir esta meta, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: a) mapear os *blogs* de poetas populares; b) identificar os temas e as figuras dos *cibercordéis*; c) criar um *blog*[2] com os temas representados nos *cibercordéis* com links para os *blogs* de poetas populares.

[2] Disponível em: <http://cibercordel.wordpress.com>. Acesso em: 01 mar. 2014.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

2.1 PRÓLOGO

A Ciência da Informação aliada às disciplinas de organização da informação, representação da informação, memória coletiva, literatura popular, semântica e outras, dialogam entre elas, gera uma construção e inter-relação interdisciplinar, fazendo com que áreas outrora distantes, estejam agora próximas e fortaleçam relações epistemológicas.

À medida que o conhecimento científico evolui, as áreas de domínio são convidadas a dialogarem na totalidade da ciência para agir dentro da área de especialidade com a qual um dado problema se coloca e, consequentemente, precisa ser solucionado. Morin (2003, p. 14) chama isso de complexidade. Vê-se então que

> Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade.

Essa complexidade faz com que possibilite uma determinada relação entre áreas de especialidades, podendo haver diálogo e contribuição de uma ciência frente às outras, sem a necessidade de ocorrer um processo de apropriação alheia de uma abordagem metodológica ou de um método científico.

Sendo assim, a interdisciplinaridade, na visão de Yared (2008, p. 161), “[...] não é um conceito fechado em si mesmo, [...]. Etimologicamente, interdisciplinaridade significa, em sentido geral, relação entre disciplinas”.

Retomando esta relação criada entre “complexo” e “interdisciplinar”, compreende-se, com base na teoria de Morin (2003, p. 115), que a “interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica”.

A interdisciplinaridade advém então dessa troca de “via de mão dupla”, uma vez que nenhuma ciência consegue caminhar sozinha sem a contribuição de de

outras ciências. Por isso, é oportuno dizer que atualmente as áreas de domínio, quaisquer que sejam não conseguem sobreviver sem dialogar uma com as outras, tenham elas maior ou menor grau de comunicação ou intensidade epistemológica. É cada vez mais comum, ver em determinadas análises, por exemplo, em Ciência da Informação, a utilização de métodos linguísticos para melhor entender a Linguagem Documentária.

A questão interdisciplinar "pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chave da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os" (FAZENDA, 2008, p. 18).

Portanto, compreende-se que a interdisciplinaridade se dá numa relação de diálogo permanente entre áreas de interesses afins que buscam amadurecer estudos e fortalecer suas abordagens teóricas e metodológicas, gerando assim novos produtos de interesse acadêmico e social.

É em função desta perspectiva de caráter científica e interdisciplinar que surge e se consolida a Ciência da Informação no Brasil. Na visão de Souza (2012, p. 237) esta área do conhecimento é

> [...] destacada como uma área que abrange estudos e pesquisas que envolvem tanto o universo de ciência e tecnologia quanto o universo social e das humanidades. Foi também destacado que o tratamento da informação desempenha papel importante no sentido primordial de instrumentalizar os cientistas da informação sobre questões de organização e representação do conhecimento no contexto da busca, recuperação, uso e acesso à informação.

É por isso que Souza (2007, p. 85) aproveita esta consideração e informa que

> [...] esta área tem em sua história marcas de interdisciplinaridade e que isso seja decorrente do fato de que seu objeto de estudo a informação, o conhecimento e suas estruturas, além da sua comunicação e uso, pertence ao domínio de várias outras áreas. A metodologia interdisciplinar surge como uma exigência epistemológica na formação de novas ciências e fazendo parte de uma ciência cujos objetos se constroem prioritariamente por meio empírico, que devem ser construídos teoricamente por seus pesquisadores.

Então Souza (2012, p. 239-240, grifos da autora) retoma o dialogo observando que:

> O *lócus* epistemológico da pesquisa em Ciência da Informação, que pela sua natureza é interdisciplinar, conta com um *corpus* teórico-prático substancial que só tem a usufruir com a troca de ensinamentos e experiências de pesquisa oriundas das diferentes linhas de pesquisa da própria área e com outras áreas do conhecimento afins. As inter-relações são saudáveis, e até mesmo desejáveis, sem contudo perder a identidade da área da Ciência da Informação como área do conhecimento. [...] Pela natureza interdisciplinar da Ciência da Informação, o apelo para área vem de profissionais e pesquisadores das diferentes áreas das várias grandes áreas do conhecimento, compreendendo as ciências exatas e tecnológicas, as engenharias, as ciências naturais e da saúde, as ciências humanas e as áreas que compõem a grande área de letras, linguística e artes e, particularmente, e também das áreas que compõem, junto com a Ciência da Informação, a grande área das ciências sociais aplicadas.

Em função disso, Saracevic (1996, p. 8) enfoca a necessidade de entender as

> [...] relações interdisciplinares entre a CI e quatro campos: biblioteconomia, ciência da computação, ciência cognitiva (incluindo inteligência artificial - IA) e comunicação. Obviamente, outros campos também mantêm relações interdisciplinares com a CI, mas nenhum desenvolveu-as de forma tão pronunciada e significante como esses quatro.

Percebendo a dinâmica com a qual a Ciência da Informação se estabeleceu, inclusive no Brasil, institucionalmente a princípio o processo se deu por meio de um órgão governamental que atuava no sentido de propor políticas que viabilizassem contribuições de múltiplas áreas de domínio. Surge então o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação – IBBD.

> O IBBD foi fundado em 1954, ligado ao então Conselho Nacional de Pesquisas, atualmente Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. A criação desses dois órgãos foi influenciada pela UNESCO, que, na década de 1950, incentivou o estabelecimento de políticas nacionais para estimular o desenvolvimento científico e tecnológico e, também, para contemplar com informação científica os países periféricos, respectivamente (ANDRADE; OLIVEIRA, 2008, p. 46).

Este instituto materializou e assumiu missões com base em sua nova estrutura cuja discussão informacional, a partir de então, agregaria valor às questões científicas e tecnológicas.

> O IBBD, como órgão da administração federal, passou por transformações que ocorreram no Estado brasileiro, na década de 1970, quando o nome e missões de muitas instituições foram alterados. O nome do IBBD foi modificado para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, mas manteve sua vinculação ao CNPq, cujo nome também foi mudado [...] (ANDRADE; OLIVEIRA, 2008, p. 47).

As novas relações e práticas construídas pelo IBICT dinamizaram não apenas sua missão, mas contribuíram significativamente para o surgimento de uma comunidade científica presente e articulada, visando uma valorização ampla frente ao processo de comunicação e do nascimento e influência diante de importantes e estratégicos programas de pós-graduação em todo o território nacional.

Neste sentido, na medida em que uma área de domínio vai sendo consolidada, são necessárias discussões mais profundas em torno de seus paradigmas ou modelos que direcionam a uma prática ou postura científica, seja para defender ou romper com os cânones vigentes. Para isso, emergem as sociedades científicas.

> No Brasil, a comunidade de pesquisadores da Ciência da Informação se congrega em uma associação científica, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia – ANCIB. Ela foi criada em 1989 com o objetivo, entre outros, de promover o desenvolvimento da pesquisa, o intercâmbio e a cooperação entre seus associados, a sistematização e a divulgação dos conhecimentos gerados pela comunidade de pesquisadores (ANDRADE; OLIVEIRA, 2008, p. 49).

Dentre os aspectos elencados pela sua finalidade básica, talvez a questão “desenvolvimento da pesquisa” seja a mais importante e direcionadora de todas as outras. É por esta via que Capurro (2003) apresenta os paradigmas, físico, social e cognitivo.

A forma como estes paradigmas foram lançados frente à comunidade científica, culminou na compreensão de que, em linhas gerais, a Ciência da informação devia caminhar no sentido dialógico, científico e social.

Com as ações, produtos e resultados das construções científicas na Ciência da Informação surgem inúmeras experiências bem sucedidas, dentre elas as experiências com as comunicações e publicações científicas.

Vê-se que, há aproximadamente 50 anos, surgiram revistas científicas importantes no Brasil. Inicialmente, as publicações abriram espaços de reconhecimento, firmaram ações de fortalecimento acadêmico, formaram a Revista Ciência da Informação, a Revista Perspectivas em Ciência da Informação e, no espaço da UFPB, a Revista Informação e Sociedade: Estudos.

> No Brasil, essa atividade da área se iniciou na década de 1970. Em 1972, foram criadas a *Ciência da Informação,* sob a responsabilidade do IBICT, e a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG,* que teve seu título alterado em 1996 para *Perspectivas em Ciência da Informação,* editada pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. [...] No âmbito da UFPB surge a "Revista *Informação e Sociedade: Estudos,* sob a responsabilidade do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, [...] em 1991" (ANDRADE; OLIVEIRA, 2008, p. 52, grifos dos autores).

Mais recentemente, o Movimento Acesso Livre, com base na concepção de Via Verde e Via Dourada, reconhece o processo de comunicação científica como uma proposta estratégica com o objetivo de organizar, democratizar, publicizar e perpetuar a memória científica. Isto faz com que o acesso à informação registrada ocorra de forma aberta, sem barreiras e visando atender, da melhor maneira possível, seu usuário, além de proporcionar ao novo comunicador científico, abertura para disponibilização de novas pesquisas.

Possibilita-se também a pós-graduação no campo da Ciência da Informação no Brasil para fortalecer a prática profissional, acadêmica e científica, elevando a área a um nível de destaque interna ou externamente.

Desta forma, vê-se que, desde 1970, o Brasil tem produzido um quadro significante de pesquisadores produtores de conhecimento científico.

> [...] a formação de pesquisadores e de docentes ocorre nos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Informação que tiveram início na década de 1970, quando houve um crescimento significativo da pós-graduação nacional. O primeiro curso de mestrado foi implantado pelo IBICT, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Depois disso, outros cursos de mestrado surgiram, e, posteriormente, alguns passaram a oferecer também programas de doutorado (ANDRADE; OLIVEIRA, 2008, p. 54).

A partir de 2006, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI da UFPB institucionalizou-se balizado na área de concentração *Informação,*

Conhecimento e Sociedade que “objetiva estimular estudos e pesquisas que visem à reflexão crítica a partir das temáticas que constituem duas linhas, como subsídios à consolidação científica da área da Ciência da Informação em nível nacional e internacional” (PPGCI, 2013)[3].

Em função desta área de concentração, emergem e se consolidam duas linhas de pesquisa: *Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação* e *Ética, Gestão e Políticas de Informação*.

Observando como está configurado o PPGCI da UFPB, de forma mais específica e alinhando-se ao objeto desta pesquisa, a primeira linha é definida como aquela que

> [...] envolve questões teóricas, conceituais, reflexivas e metodológicas voltadas à produção, apropriação, democratização, representação, usos e impactos da informação, e à proteção das memórias, do patrimônio cultural e identitário, associadas ou não às tecnologias de suporte (PPGCI, 2011)[4].

Ao passo que a Ciência da Informação é discutida com base nas características supramencionadas, percebe-se que a linha de pesquisa “*Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação*” proporciona à comunidade científica uma significativa abrangência quanto aos objetos derivados da “informação” que são passíveis de estudo e análise. Há também reflexões teóricas e metodológicas influenciadas pelos campos investigativos da memória e organização da informação, elementos centrais que conduzem e alicerçam a investigação científica que se apresenta neste construto. Assim, serão abordadas a seguir duas explanações que amparam a reflexão sobre o tema em questão.

---

[3] Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/ppgci/?secao=19>. Acesso em: 24 jan. 2013.
[4] Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/ppgci/?secao=19>. Acesso em: 24 jan. 2013.

2.2 MEMÓRIA COLETIVA

Quanto à memória coletiva, Halbwachs (1990, p. 81-82) explica que “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo a mantém”. Isso se dá numa perspectiva cíclica e atemporal, valorizando as relações sociais, comunitárias, étnicas, religiosas, culturais e individuais de um grupo.

A memória coletiva é um instrumento mobilizador de força ou de poder, que conduz um grupo a ter reconhecimento por meio de suas lembranças.

Essa atmosfera mostra que a memória coletiva tem como razão básica para existir, a vivência e o sentimento de pertença dos grupos, ou seja, a identidade. É algo nitidamente diferente da história que valoriza essencialmente os fatos ideologicamente selecionados. Por isso, para memória coletiva, não há linhas de ruptura formalmente constituídas. Tem-se uma construção dos grupos sem uma temporalidade positivista estabelecida.

Assim, a memória de uma sociedade abrange a memória dos grupos dos quais ela é composta. (HALBWACHS, 1990). Isso significa dizer que não há um único modelo de sociedade ou um único grupo. Neste sentido, observa-se que há o favorecimento de um contingente variado de memórias coletivas que, por sua vez, são maturadas e constituídas a partir das memórias individuais de cada indivíduo ou ator social. Assim, toda a memória coletiva é configurada por um grupo limitado no espaço e no tempo. (HALBWACHS, 1990).

Tal limitação por afinidade é importante para que seja oportuno configurar novos grupos, entendê-los e perceber o seu desenvolvimento numa trajetória contínua e mutante. Por este viés, entende-se que a memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que o grupo permaneça o mesmo, porque a memória fixa sua atenção sobre o grupo. O que muda são as relações ou contatos do grupo com os outros (HALBWACHS, 1990).

Mesmo que haja transformação no grupo, se este continuar existindo, a memória coletiva estará ali, “presente” com o seu olhar sempre voltado ao tempo pretérito, fazendo com que as práticas, as raízes e a cultura permaneçam vivenciadas.

Neste sentido, para Candau, a memória coletiva também pode ser entendida como memória compartilhada. O autor assevera:

> [...] a noção de memória compartilhada é uma inferência expressa por metáforas (memória coletiva, comum, social, familiar, histórica, pública), que na melhor das hipóteses darão conta de certos aspectos da realidade social e cultural ou, na pior das delas, serão simples *flatusvocis* sem nenhum fundamento empírico (CANDAU, 2011, p. 28, grifo do autor).

Implica dizer que é preciso certa atenção para lidar com este tipo específico de memória, pois "a metáfora 'memória coletiva' aplicada a um determinado grupo seria totalmente pertinente se todos os membros do grupo fossem capazes de compartilhar integralmente um número determinado de representações" (CANDAU, 2011, p. 31).

Dando continuidade a discussão, adentra-se, agora, nas representações memoriais que devem abrir espaço para o tempo. Um tempo sem amarras, onde a memória social possa estar livre para se fazer presente quando e como for mais adequado. Daí, "O tempo é provisoriamente domesticado no "templo da memória coletiva", [...]" (CANDAU, 2011, p. 31).

Esta ideia do tempo provisoriamente domesticado encaixa-se perfeitamente na ideia de complexidade de grupo. Significa dizer que temos apenas a possibilidade potencial de domesticação, mas que, na verdade, isso não acontece. O tempo segue o ritmo de quem o conduz e como é conduzido, e isso passa necessariamente pela forma como está sendo vivenciada e compartilhada a memória coletiva, seja pelas representações simbólicas, pelas lembranças representadas ou pela maneira como as pessoas de um grupo celebraram os seus rituais que são conduzidos de geração para geração.

Portanto, isto contribui para um cenário em que:

> A complexidade do mundo que atesta a massa enorme de informações disponíveis de maneira assim atomizada é cada vez menos submetida a esse ordenamento quase espontâneo que assegurava a memória coletiva através de encadeamentos explicativos (CANDAU, 2011, p. 115).

É pensando neste ordenamento quase espontâneo que se consolidam os lugares de memória. Na visão de Nora (1993, p. 13):

> Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, noticiar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.

É percebido que são espaços especiais de acomodação para manifestação da memória coletiva, especialmente se for fortalecida pela memória construída por cada um, além daquela que prima pelo registro dos fatos ou acontecimentos. Assim, "no horizonte, delineia-se o desejo de uma memória integral, reunindo memória individual, memória coletiva e memória histórica" (RICŒUR, 2010, p. 407).

Quando oportunizamos esta prática, estamos possibilitando a ideia de uma memória universal, onde a tríade: memória individual, coletiva e histórica, são imbricadas, ou seja, se juntam, uma complementando a outra, fazendo com que o lugar de memória internet, e por este, os *blogs,* sejam permitidos frente ao que está sendo definido e caracterizado por *Cibe*rcordéis.

Desta maneira, "Cabe, [...], à memória coletiva, por ocasião principalmente das grandes revoluções, reforçar as novas instituições sociais com tudo o que se pode retomar de tradições" (RICŒUR, 2010, p. 407).

Portanto, ao entender e valorizar o campo da memória coletiva, por meio de seus aspectos micro e macro, se torna evidente a necessidade de construir um pacto social, quase utópico, onde os grupos possam ser preservados e favorecidos no sentido do respeito e do reconhecimento das tradições culturais, da aceitação étnica e das diferenças religiosas sem sobreposição ideológica de um grupo sobre o outro. Então, a memória coletiva de um grupo se dá essencialmente, quando o grupo é livre para vivenciar suas práticas e adaptar-se ao desenvolvimento da memória no transcorrer do tempo.

Por isso, Jacques Le Goff ressalta que:

> [...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades

> históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 368).

Dessa interpretação inicial, percebe-se o quanto a memória coletiva interage com as lutas sociais em torno do poder. A memória coletiva nesse espaço de disputa sofre com um processo seletivo e de manipulação, onde um grupo pode se sobrepor a outro.

Desta forma, “O estudo da memória coletiva é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente a qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 368).

Este movimento é visto com normalidade, considerando que, no decorrer do tempo, uns grupos são evocados, outros esquecidos. Nesse meio tempo, a história que se configura a partir da memória coletiva pode estar representada informacionalmente por meio dos registros desde a percepção da oralidade até aos da *cibe*rcultura.

Neste entendimento, veem-se os seguintes momentos que ratificam o pensamento mencionado:

> 1) a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas "selvagens"; 2) o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; 5) os desenvolvimentos atuais da memória (LE GOFF, 1990, p. 369).

Com a categorização destes períodos, o ponto inicial é o saber prático, empírico, que se manifesta e se desdobra muitas vezes por meio da oralidade, especialmente quando é passado de uma geração para outra. Por isso, diz-se que a memória coletiva também se interessa particularmente pelos conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional (LE GOFF, 1990).

Este saber prático, apreendido e compartilhado, é pressuposto fundamental para escrita, seja qual for o suporte empregado para efetivar o registro.

> O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a “Idade Média ao Paleolítico” aparecem figuras onde se propôs ver “mitogramas” paralelos à “mitologia” que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória.

> A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. [...] A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofo, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel) (LE GOFF, 1990, p. 372-374).

É em função do aparecimento e evolução da escrita que a sociedade aprofunda um processo de transformação social e cognitiva. O documento, nesse contexto, seja impresso, digitalizado ou virtual, assume papel relevante na mutação global das memórias coletivas. Dessa maneira, "Com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e mais particularmente a 'memória artificial' é profundamente transformada" (LE GOFF, 1990, p. 375). Esta transformação a qual está sendo evidenciada pode ser exemplificada ao longo da história de diversas formas.

A memória coletiva, não apenas acolhe os registros documentais canônicos e aceitos pela "sociedade erudita", mas, também, "[...] acolhe a memória popular. Abrem-se museus de folclore na Dinamarca desde 1807; em Bergen, na Noruega, em 1828; em Helsinque, na Finlândia, em 1849; esperando o museu mais completo: o Skansen de Estocolmo, em 1891" (LE GOFF, 1990).

Compreende-se, então, que é preciso criar uma relação sincrônica entre memória erudita e popular. Isso possibilitará um diálogo entre as ciências com base em uma potencial prática interdisciplinar, além de tornar viável o entendimento de suas relações de aproximação, mas, também, de distanciamento. Um exemplo disso é que cotidianamente a literatura canônica tem buscado, na literatura popular, diversos elementos referenciais para construção de suas novas produções ou repertórios artísticos.

Foi por meio desse processo que "A memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas" (LE GOFF, 1990, p. 407). Observando o que foi levantado até o momento, a

> memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 411).

Nesse sentido, deve-se salientar que a memória coletiva é parte integrante e essencial de um todo dentre qualquer que seja o modelo de sociedade ou de produção historicamente constituída. Então “[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 1990, p. 407).

Essa relação inversamente proporcional entre as relações de poder e apropriação, leva a memória coletiva a conviver numa constante briga pelo poder, ou seja, ela estará sempre representada por uma linha tênue entre dominar e ser dominado.

Talvez por isso, muitas vezes a memória coletiva tenha tentado buscar respostas na sua forma científica, para poder ser mais bem compreendida e representada. Entendida dessa forma, “A memória coletiva e a sua forma científica, [...] aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos” (LE GOFF, 1990, p. 462).

Nesse limiar, espera-se ser entendida a importância de representar uma memória coletiva em patrimônios culturais capazes de tratar das mais variadas facetas sociais de memória, sem seletividade ou apropriação de um sobre o outro.

2.3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Com base no que foi postulado até o momento ao que tange a memória coletiva, emerge agora a necessidade de trazer ao foco da discussão a questão da organização da informação, segundo elemento central que sustenta a análise do objeto de estudo em questão.

A humanidade sempre esteve próxima aos processos de organização dos registros dos conhecimentos estabelecidos e das informações transmitidas e repassadas entre gerações. Assim, nos

> [...] primitivos sistemas de informação, a separação física das espécies consoante os formatos (rolos, folhas, volumina, etc.), os tipos de suporte (tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos, papel, etc.) as tipologias informacionais (registos contabilísticos, textos literários, disposições legislativas, etc.), os conteúdos, constituiu a forma principal de organização da informação, associada a locais de

> armazenamento e de instalação distintos conforme as características físicas das mesmas espécies (estantes para as tabuinhas de argila, casulos para os papiros, sacos para os pergaminhos, gavetas para documentos avulsos em folhas soltas, armários para os códices e os livros) (RIBEIRO, 2005, p. 2).

Nesta mesma vertente, Oliveira (2010, p. 41) comenta que “desde antes de Alexandria, o pesadelo ou o sonho de registrar e organizar informações para a preservação do conhecimento, em papel e outros suportes, acompanha a humanidade”.

Esses formatos, suportes ou espaços de presença das ferramentas que necessitam de procedimentos que permitem a organização da informação irão ganhar uma nova conotação, tanto material quanto técnica, a partir da invenção da imprensa num primeiro momento e, posteriormente, por meio da revolução técnica, científica e informacional produzida pelo modelo de produção capitalista e neoliberal.

Nesta última etapa, é dada uma ruptura quase total do que foi idealizado anteriormente enquanto ambientes e técnicas oportunas de organização da informação.

Os espaços sofrem profundas mutações, alguns suportes dão lugar a outros e as práticas organizacionais são refinadas e aprofundadas, tanto em relação aos planos quanto às visões frente ao presente e ao futuro. Portanto, observa-se que “a organização da informação refere-se aos processos e as etapas da organização no interior da atividade documentária” (ANDRADE; LARA, 2011, p. 461) e que o documento é compreendido com base no processo de organização da informação.

Dessa forma, abre-se a compreensão de que “historicamente a organização da informação tem dedicado atenção às manifestações da informação ora com foco no conteúdo textual e em outras circunstâncias no conteúdo iconográfico” (MOURA, 2011, p. 633).

Neste sentido, Bräscher e Café (2008, p. 5) asseveram que “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento”, em função do processo de “análise e síntese de suas características descritivas para identificar mais facilmente um documento e avaliar sua pertinência” (MONTEIRO, 2008, p. 57).

Essa ideia muito se aproxima do pensamento de Melo e Bräscher (2011, p. 14) que entendem que o objetivo da organização é o de “possibilitar o acesso às informações contidas em documentos” (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 14).

Ao observar esses posicionamentos, Cervantes e Lima Filho (2011, p. 468) mostram que a “organização da informação de modo geral tem como característica auxiliar a compreensão do mundo, bem como facilitar o processo de busca, acesso e recuperação da informação”.

Nesta mesma linha de pensamento, Cicon e Lunardelli (2012, p. 135) constatam que “a Organização da Informação (OI) surgiu como uma subárea da CI, no qual, dedica-se especificamente ao estudo das formas de organizar a informação para facilitar o seu acesso e uso independentemente do suporte ao qual está registrada”. Nesse sentido, é possível definir que a organização da informação é

> [...] portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico (BRÄSCHER; CAFÉ, 2008, p. 5).

Essa ideia também é corroborada por Monteiro (2008, p. 51) quando afirma que “a organização da informação compreende a descrição dos documentos de acordo com seus aspectos físicos e temáticos que, no ambiente digital, é realizada com metadados”. Dessa maneira, Alvarenga (2006, p. 80) mostra que

> [...] no novo contexto de [...] organização [...] de objetos digitais, as metas de trabalho não se restringem à criação de representações de objetos físicos constantes de um acervo, mas compreendem, sobretudo, o estabelecimento dos denominados metadados, muitos dos quais podem ser indicados diretamente próprios objetos, constituindo-se esses em chaves de acesso a documentação e conteúdos.

Ao observar os aspectos conceituais da organização da informação, torna-se nítida que sua eficiência está diretamente atrelada à forma como sua representação é configurada, seja qual for o ambiente, tradicional ou virtual.

Isso faz com que a organização da informação seja “um processo necessário, pois seria inconveniente lidar com um imenso conjunto de informações individuais e desorganizadas” (MONTEIRO, 2008, p. 53). Ao observar este posicionamento, vê-se que deve entrar em cena a figura do profissional da informação e suas habilidades, seus conhecimentos e suas atitudes no sentido de promover estratégias e técnicas

para tratar, sistematizar e recuperar, de forma racional, as informações geradas através de documentos.

Dessa forma, “no tocante à organização da informação, os conteúdos expressos em documentos fundamentam-se numa determinada disposição de conceitos e nas relações que se estabelecem entre eles” (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 15).

Portanto, a lógica da organização da informação deve levar em consideração o processo de representação informacional que, quando aliada a prática de preservação dos conteúdos memoriais, proporcionam uma recuperação da informação capaz de, ao mesmo tempo sistematizar e perpetuar as informações trabalhadas e tratadas pelo profissional da informação. Abaixo se observa graficamente esta discussão na figura 1:

Figura 1 – Interação da organização da informação na *web*

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Ao observar esta figura, percebe-se que, quando a organização da informação está pautada concomitantemente a um amplo processo de representação informacional, utilizando linguagens de indexação e focado na criação de ferramentas ou instrumentos capazes de preservar a memória de um grupo por meio dos seus conteúdos informacionais, será possível recuperar informações que deem melhores resultados garantindo assim, ao mesmo tempo, a representação e a perpetuação das informações de um determinado grupo de domínio. Junto a esta ideia cita-se a importância de trabalhar evidenciando numa só ótica, a representação da informação e a preservação memorialista de conteúdos de cordéis na *web.*

Mesmo assim, é importante se preocupar com a dispersão informacional que pode ser evitada se houver uma estrutura lógica de organização da informação, representada, por exemplo, pelos sistemas pré e pós-coordenados, instrumentos que serviriam tanto para armazenar, quanto para recuperar informação (SANTOS, 2007).

Isso acontece quando a organização da informação integra um conjunto de outros estudos ou práticas acadêmicas. Essa afirmativa é constatada tanto nos espaços tradicionais como nos espaços virtuais que demandam necessidades perenes de sistematização e monitoramento. Emerge atualmente a necessidade de buscar por uma organização refinada que permita contribuir para o processo de tomada de decisão. É em função disso que Cervantes e Lima Filho (2011, p. 472) afirmam que “a organização da informação é necessária em todos os ambientes, pois proporciona agilidade, rapidez e economia de tempo para se buscar aquilo que realmente se necessita”.

Todavia, percebe-se que ainda hoje, mesmo sendo criadas ferramentas e instrumentos para organizar informação nos espaços tradicionais, não se tem plenamente resolvido os seus problemas estruturais e de atuação profissional, especialmente no âmbito das atividades do bibliotecário.

Essa realidade torna-se também evidente nos espaços virtuais, especialmente em função das características próprias da rede mundial de computadores, da sociedade em rede e da *cibercultura*.

Isso fica comprovado quando se vê que uma realidade onde

> De acordo com informações da própria *web,* estima-se hoje que haja mais de 2 bilhões de páginas disponíveis na rede. Mas, segundo os pesquisadores, indexar e recuperar, ou seja, trazer de volta uma informação, é um dos maiores problemas [...]. Os documentos eletrônicos encontrados na *internet* carecem deste cuidado. O que localizamos em um determinado endereço apaga-se um momento depois. Engana-se quem pensa que, por se tratar de documentação eletrônica, desaparece a diferença entre acessibilidade física e bibliográfica. Os arquivos desvanecem como num passe de mágica, e encontrá-los passa a ser um grande desafio (OLIVEIRA, 2010, p. 47-48, grifo nosso).

Cicon e Lunardelli (2012, p. 133) justificam esse cenário ao observar que "a organização da informação na *web* é uma temática relativamente recente no âmbito da Ciência da Informação em razão do aumento expressivo da quantidade de informações em ambiente digital". É em função disso que Alvarenga (2006, p. 89-91, grifo nosso) notifica que

> [...] o volume de informação livremente colocadas na *Web* impossibilita um tratamento da informação nos moldes tradicionais. Em nossos dias, muitos são os profissionais que trabalham no desenvolvimento de ferramentas de organização e busca de informações constantes dos objetos digitais. [...]. O desafio de organizar a *internet* extrapola, hoje, fronteiras disciplinares e torna-se a busca de uma solução para que realmente o valor do meio possa efetivamente ser usufruído em toda a sua potencialidade. [...] O ponto positivo da estrutura da *Web* é a sua habilidade para organizar, dispor dados descritivos originados de uma vasta variedade de criadores, em um sistema integrado de organização, pautado pela liberdade que o meio propicia.

É essencialmente desafiador tentar enveredar pelo campo da organização da informação. Entretanto, torna-se ainda mais complexo quando se quer conviver com conteúdos voláteis, ou seja, tratar a informação em rede especialmente porque são permitidos acessos as mais diversas ferramentas eletrônicas, ora com díspares, ora com ambíguas possibilidades de interpretação.

É neste sentido, que emergem as propostas dos "sistemas de informação que auxiliarão no processo de organização da informação, seja em qualquer tipo de suporte" (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p. 27). Com isso, tenta-se dá uma resposta satisfatória à necessidade de organizar conteúdos na rede.

Torna-se extremamente necessário criar mecanismos que possibilitem ações de sistematização, recuperação e satisfação face ao processo de busca. Para isso,

também se deve pensar em metodologias capazes de articular atividades que aproximem o documento, formas de organizar a informação e a sua clientela.

3 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Historicamente, percebe-se que, se uma dada pessoa se remeter ao passado por meio dos fatos históricos documentados, será possível visualizar que a Representação da Informação sempre fez parte do cotidiano das pessoas e dos modelos de sociedades que foram sendo configuradas.

> O significado que a palavra representação encerra não é de origem tão recente, conforme parecem imaginar alguns. Muito pelo contrário, ela sempre esteve presente no espírito humano, pelo menos, desde a Pré-história quando os homens primitivos, em suas práticas cotidianas, buscavam possibilidades de comunicação através da criação de imagens ou ideogramas; assim como da escrita cuneiforme dos sumérios e dos hieróglifos produzidos no Antigo Egito (PINTO; MEUNIER, SILVA NETO, 2008, p. 17).

De forma mais detalhada, veem-se algumas marcas ou formas diferentes que se manifestam e se representam contando (oralidade), descrevendo, narrando ou registrando informações (escrita).

No que tange ao registro informacional, podem-se ver representações pré-históricas, pré-colombianas, medievais, modernas e contemporâneas. De forma mais específica e, na visão de Sousa (2012), a **Escrita Rupestre**, “talhada” no período Pré-Histórico pode ser

> [...] o amplo conjunto de desenhos, pinturas e inscrições realizadas pelo homem pré-histórico. Geralmente, este tipo de manifestação artística aparece no interior de cavernas e em outras superfícies rochosas tingidas pela marca da presença humana (SOUSA, 2012)[5].

Este marco inicial é base fundamental para formação humana, consolidando outros traços de representação na evolução do processo de comunicação. Veem-se então, nesta linha evolutiva do tempo, os **Hieróglifos** que foram “forjados” no antigo Egito.

---

[5]Disponível em: <http://www.brasilescola.com/historiag/a-arte-rupestre.htm>. Acesso em: 03 fev. 2013.

> Este termo deriva da composição de duas palavras gregas - **hiero** «sagrado», e **glyfus** «escrita». Apenas os sacerdotes, membros da realeza, altos cargos, e **escribas** conheciam a arte de ler e escrever esses sinais "sagrados". A escrita hieroglífica constitui provavelmente o mais antigo sistema organizado de escrita no mundo, e era vocacionada principalmente para inscrições formais nas paredes de templos e túmulos (MOREIRA, 2013, grifo do autor)[6].

Além de observar a importante contribuição da escrita egípcia, outra forma de escrita que representava e identificava um determinado povo e cultura era a **Escrita Cuneiforme**, criada pelos

> [...] sumérios, e sua definição pode ser dada como uma escrita que é produzida com o auxílio de objetos em formato de cunha. A escrita cuneiforme é uma das mais antigas do mundo, apareceu mais ou menos na mesma época dos hieróglifos, foi criada por volta de 3.500 a.C. No começo a escrita era meio enigmática, mas com o passar do tempo foram se tornando mais simples (SIRUGI, 2008)[7].

Ao sair da pré-história e passar pela antiguidade, chega-se ao medievo, período erroneamente compreendido como o período das “trevas”. No referido período, foram produzidas notórias contribuições monásticas ao processo de Representação da Informação, especialmente, em função do que era pensado e escrito. Consolidaram-se, nesse período, inúmeras Bibliotecas que tinham que resguardar o conhecimento que era representado por meio do registro.

Mesmo não citado anteriormente, o papiro e o pergaminho foram os suportes mais utilizados no processo de Representação da Informação. Sabe-se que o **papiro** é uma “Variedade de cana, cuja haste, formada de folhetos sobrepostos, servia antigamente, depois de certa preparação, para nela se escrever. Folha para escrever, feita com papiro. Manuscrito antigo, feito em papiro” (LÉXICO, 2013)[8].

Além do papiro, os monastérios também fizeram uso dos **pergaminhos** para representar as informações da época, mesmo que tivessem como público apenas a nobreza e a igreja. De acordo com o dicionário Priberam (2012)[9], os pergaminhos são compostos por “Pele de carneiro, cabra, ovelha ou cordeiro preparada com alume para nela se escrever, forrar livros, etc.”.

---

[6]Disponível em: <http://hieroglifos.com.sapo.pt/historia.htm>. Acesso em: 03 fev. 2013.
[7] Disponível em: <http://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/escrita-cuneiforme>. Acesso em: 03 fev. 2013.
[8]Disponível em: <http://www.lexico.pt/papiro>. Acesso em: 03 fev. 2013.
[9]Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=pergaminho>. Acesso em: 03 fev. 2013.

Mesmo o acesso da informação representada sendo para poucos, é a partir das inúmeras contribuições medievais que se configura o cenário para que tanto os suportes informacionais, quanto os seus produtores e consumidores mudassem.

A informação representada torna-se popular e mais acessível, fruto de um amplo processo de ruptura cultural, social e política. Nesse entremeio, o período da Renascença e o Iluminismo que mudam a concepção de ciência e acesso à informação.

Em virtude disso, segundo Oliveira (2010, p. 42), a "Idade Média e a Renascença desenvolveram a arte mnemônica, ou seja, as técnicas do não esquecimento".

Fruto deste processo evolutivo no contexto de registrar e representar informação deflagra-se então, a Invenção da Imprensa por Johannes Gutenberg que trata de

> [...] uma descoberta que marcou a história, não só pelo novo modo de disseminação da informação, mas como uma ferramenta que proporcionou mudanças sociais, políticas e psicológicas. Isso alterou todos os aspectos da cultura europeia do século XV. Como instrumento de mudança, contribuiu consideravelmente para a emergência da ciência, religião, cultura e política. Contribuiu, de certo modo, para o surgimento de um novo modelo que surgia, a era moderna (BACELAR, 1999 apud RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 30)[10].

Com o auxílio do papel, invento chinês, tal como é conhecido hoje, a invenção da imprensa torna-se um "divisor de águas" para produção de livros e consequentemente à sociedade mundial.

A invenção da imprensa mobilizou e transformou a forma de pensar e conceber o mundo, fazendo com que o alcance desse invento pudesse permitir a transmissão registrada e representar informacionalmente o pensamento conduzido pelas marcas da memória. O homem enquanto ser pensante, imbuído de atributos "físicos" e "espirituais" (BERGSON, 1999) consegue alcançar e dar alcance mais rapidamente às suas reflexões por meio do registro tenha esse caráter pessoal ou institucional. Desta forma, para Oliveira (2010, p. 49) "O pesquisador e os grupos de

[10] Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/1413/1236>. Acesso em: 03 fev. 2013.

pesquisa contemporâneos são cada vez mais dependentes da memória [...]" que se manifesta ao passo que o processo de representação informacional vai ocorrendo.

Séculos mais tarde, especialmente no período da Guerra Fria e após a II Guerra Mundial, surge o que é entendido hoje por Revolução técnica, científica e informacional. Trata-se de uma guinada tecnológica alicerçada pelo modelo de produção capitalista, sob a mutação de uma sociedade neoliberal cujo discurso se pauta em práticas globalizadas. Tem-se como novidade a este modelo ideológico, a *internet*, instrumento capaz de romper as barreiras imaginárias de um Estado e incutir no pensamento de um povo, "liberdade nas infovias".

Ao passo que é permitido o discurso do *ciberespaço* e da *cibercultura* (LÉVY, 1999), novos produtos e suportes informacionais vão surgindo. Agora, representar a informação na *Internet* fica cada vez mais desafiador. São múltiplas as possibilidades de acessar um dado documento. Torna-se necessário conviver com o hipertexto e a hipermídia. O termo compartilhar passa a ser um predicado de fundamental importância para "sociedade em rede" (CASTELLS, 2000).

Sob este contexto de interatividade, conectividade e compartilhamento, do ponto de vista da Representação da Informação, fica evidente a necessidade de representar e conviver com *E-Reader*, *E-Book*, Meta buscador, Portal, *Tags*, Biblioteca Digital, Biblioteca Virtual, Repositório, Enciclopédia Eletrônica, Dicionário *on-line*, Rádio Virtual, TV *on-line* e Compartilhador de Mídias Digitais (Música, Vídeo, Seriado etc.).

Se antes estava disponível praticamente um único tipo de ferramenta ou suporte que representava uma determinada informação, atualmente, é praticamente ilimitado o número de suportes ou meios que podem representar um dado conhecimento registrado.

Essa forte presença da Representação da Informação, no cotidiano da sociedade, faz com que as produções intelectuais (eruditas e populares), vistas, escritas, sentidas ou faladas, se manifestem e se reproduzam simbolicamente através da escrita, da música, das artes, da cultura, ou de outras formas que gerem comunicação direta ou indireta entre comunicador e receptor, ou ainda entre uma linguagem natural ou especializada.

Se hoje, é visto um portal apresentar uma gama informacional que pode ser lida, por exemplo, é porque se considera que ali está um conteúdo capaz de representar suas práticas, políticas, ações e planos. A forma como a informação

está representada e se apresenta fará com que o seu público potencial se distancie ou se aproxime deste dado portal.

Portanto, a Representação da Informação, historicamente tratada, sempre esteve e continuará próxima das relações sociais, atuando diretamente frente às capacidades cognitivas das pessoas. Se por um lado, ela pode ser estudada em uma perspectiva *lato sensu* (aberta – forma natural), por outro, por ser compreendida numa visão *stricto sensu* (fechada – forma artificial). Assim, tudo o que é sensível à compreensão humana é passível de entendimento sob a luz da Representação da Informação, ou seja, qualquer que seja a forma simbólica que um objeto assuma, ele pode ser compreendido, registrado e representado de tal maneira que sua tradução proporcione um entendimento universal, seja quem for o responsável pela definição expressa pelo processo de reconhecimento e explicação.

3.2 ASPECTOS CONCEITUAIS

Ao passo que se delineia o percurso histórico, percebe-se que a *Representação da Informação* tanto recebe contribuições como influencia a forma de apresentar documentos, objetos e cenários. Dessa forma, a

> **Representação** é um conceito da filosofia clássica que, utilizado em semiótica, insinua – de maneira mais ou menos explícita – que a linguagem teria por função estar no lugar de outra coisa, de representar uma “realidade” diferente. Está aí, como se vê, a origem da concepção das línguas enquanto denotação: as palavras não são então nada mais do que signos, representações das coisas do mundo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 419, grifo dos autores).

Esta definição orienta o profissional da informação desde a sua natureza clássica até os dias atuais. Esta relação dá ideia de representação como algo que está no lugar de outra coisa, é na verdade o elemento central que faz o analista informacional perceber o porquê de indexar sob a necessidade de proceder com as práticas de análise e síntese. Daí ao fazer uso dos recursos semânticos e cognitivos possibilita-se uma prática mais condizente com a realidade com a qual o texto é tratado. Em função disso é possível

> [...] afirmar que a representação da informação é o calcanhar de Aquiles das Unidades de Informação em sua interação com seus

> usuários. Questões terminológicas e cognitivas perpassam o dia a dia do profissional da indexação em suas atividades nas Unidades de Informação (NEVES, 2012, p. 40).

Por isso a representação informacional faz parte da vida do profissional da informação que lida diariamente com as questões documentais e que busca recuperar com mais eficácia determinados conteúdos. É comum estes profissionais precisarem entender terminologicamente o jogo semântico e sintático que se constrói em torno das traduções artificiais das linguagens pré ou pós-coordenadas.

Dessa forma, se tem ampliado o quantitativo de estudiosos que querem entender como se comporta e se manifesta a informação a partir de sua representação, especialmente pelo fato de que, quando um determinado documento é bem trabalhado, o mesmo tornará mais ágil o processo de reconhecimento e, consequentemente, agrega valor ao procedimento de busca, análise e satisfação do usuário. A representação da informação e do conhecimento está sendo abordada por estudiosos de diversas áreas, como mostra a literatura recente por Campos (1995, p. 4):

> Ela extrapola o domínio da documentação, o que não significa que ela abandone suas próprias teorias relacionadas com a representação, pois elas são parte integrante deste novo movimento, que tem em comum a organização do conhecimento.

É importante ressaltar que a Representação da Informação é cada vez mais imprescindível no processo da Organização do Conhecimento registrado. Da Representação da Informação, se faz necessário entender que:

> A representação da informação envolve dois processos: a análise do assunto do documento, cujo resultado deve ser colocado numa expressão linguística, semanticamente relacionada e a atribuição de conceitos na utilização de um instrumento de padronização, aqui denominada de linguagem documentária, que garanta aos indexadores o uso dos mesmos conceitos para representar documentos semelhantes, possibilitando assim a comunicação entre usuários e os sistemas de informação (ALBUQUERQUE, 2011, p. 41).

Ao compreender a significativa relação entre esses dois processos, especialmente do diálogo entre identificação do levantamento do “Assunto” e dos

“Conceitos”, é transpor esses dois aspectos à Representação Descritiva e Temática. Assim, vê-se que:

> A representação da informação dá-se de dois tipos: descritiva e temática. A representação descritiva enfatiza as propriedades físicas do documento, como autor, data, local de publicação etc., enquanto a representação temática se propõe identificar os conceitos abordados no documento. Ambas geram registro em um índice para fins de recuperação, através de índices, catálogos, dados bibliográficos, ou seja, produzem meta-documentos (NEVES, 2012, p. 41).

Somados os “Processos” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 41) aos “tipos” (NEVES, 2012, p. 41), criam-se novas formas de representar e recuperar a informação mais precisa calcado numa perspectiva semântica e sintática.

Dessa maneira, é possível apresentar algumas características em favor da *Representação da Informação* que, por sua vez, “[...] residem na substituição do texto do documento por sua descrição abreviada, utilizada como um artifício para recuperar o que é essencial no documento, isto é, o tema” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 41).

Com isso, demonstra-se que há uma construção em cadeia, ou uma posição cíclica que contribui para que o documento, uma vez representado, proporcione a recuperação e satisfação do usuário. Presser, Silveira e Braz (2012, p. 21) observam que “a representação da informação visa, sobretudo, minimizar possíveis ambiguidades no sistema informacional”.

Estas reduções ambíguas expressam uma clara evolução de sensibilidade em perceber que tudo é feito, imaginando o retorno que deve ser dado à clientela envolvida. Dessa maneira, “a representação é este meio entre o usuário e a informação. Portanto, a representação é a chave para a recuperação e a disseminação efetiva da informação.” (MIRANDA, 2007 apud REDIGOLO; ALMEIDA, 2012)[11].

3.3 A CONTRIBUIÇÃO DAS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

Na iminente necessidade de representar e organizar a informação registrada surgem as Linguagens Documentárias que, desde a sua concepção, têm trazido

[11] Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun12/Art_04.htm#R1>. Acesso em: 03 fev. 2013.

inúmeras contribuições, seja de caráter teórico ou metodológico. Assim, Kobashi (2007)[12] mostra que:

> A perspectiva histórica, com especial destaque para as reflexões filosóficas e lingüísticas, é importante para compreender como ela se constituiu. A história do campo mostra que aqueles que se dedicaram às ações de informação, no afã de produzir instrumentos funcionais, procuraram na Filosofia, na Filosofia da ciência, na Filosofia da linguagem, na Lógica e na Linguística, os fundamentos necessários para enfrentar esse desafio. Nossos antecessores – Dewey, Otlet, Bliss, Ranganathan, Gardin, Austin, Dahlberg, Hutchins – demonstram com clareza os movimentos feitos para elaborar teorias sobre as linguagens documentárias e, principalmente, construí-las.

Ao iniciar uma reflexão sobre as Linguagens Documentárias, vale a pena informar que estas Linguagens Documentárias têm como foco primeiro, analisar e construir soluções de padronização às áreas de especialidade. Ou seja, as Linguagens Documentárias atuam diretamente em uma área de domínio atentando para que seja viabilizada uma eficaz representação informacional e, consequentemente, sua recuperação. Dessa maneira, define-se que as Linguagens Documentárias são

> sistemas de signos que visam à uniformização do uso da linguagem de especialidade, proporcionando uma representação padronizada do conteúdo informacional, bem como uma recuperação da informação mais pertinente (SALES, 2007, p. 96).

Boccato (2009, p. 119) define a sua proposta pontuado que as

> linguagens documentárias são linguagens estruturadas e controladas, construídas a partir de princípios e de significados advindos de termos constituintes da linguagem de especialidade e da linguagem natural (linguagem do discurso comum), com a proposta de representar para recuperar a informação documentária.

Nesta mesma linha de pensamento, para Campos (2001, p. 126) as teorias que fundamentam as Linguagens Documentárias são essenciais “para se realizar um trabalho mais eficaz no âmbito da representação da informação com vistas à recuperação”.

---

[12] Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ dez07/Art_01.htm>. Acesso em: 06 fev. 2013.

Desta maneira, as Linguagens Documentárias surgem com o intuito de "[...] propor códigos para o tratamento e a recuperação da informação, recorre à terminologia, visando a garantir referenciais para a organização de campos temático-funcionais" (LARA, 2004, p. 91). Nesta mesma vertente, Kobashi (2007)[13] considera que

> No caso da linguagem documentária, sua função é informativa: tratar e recuperar informação para estabelecer intercomunicação entre usuário e sistema. [...] a Linguagem documentária procura incorporar, por meio de diversos tipos de operadores semânticos, os contextos para interpretar os termos de forma precisa. [...] toda linguagem documentária é constituída por um conjunto de termos (o léxico), por relações entre as unidades lexicais, determinadas a priori (o eixo paradigmático) e por uma sintaxe que articula os encadeamentos entre os termos da linguagem, em face de um documento específico (o eixo sintagmático).

Ao observar as afirmações levantadas e somadas às considerações da última autora, torna-se evidente a contribuição das Linguagens Documentárias à representação da informação, especialmente porque representar significa fazer uso de um grande aporte de abordagens teóricas e metodológicas oriundas da Documentação, Semântica, Sintaxe, Lexicografia e da Terminologia.

O signo, o termo, bem como os significados e definições originários deles, tornam-se elementos centrais para que seja permitido o processo de entendimento e tradução da Linguagem Natural para Linguagem Artificial.

Na Tabela 1, percebe-se como se dá a relação e a prática da tradução e transposição da Linguagem Natural para Linguagem Artificial.

Tabela 1 – Comparativo das características estruturais e funcionais entre língua natural e linguagem artificial

LÍNGUA NATURAL	LINGUAGEM ARTIFICIAL
Gramática modelável no tempo e no espaço.	Gramática rigorosamente definida, **inalterável** no tempo.
Palavras são polissêmicas (podem comportar vários sentidos).	Termos são monossêmicos (univocidade).
Irregularidade e variação.	Regularidade e constância
Função básica: expressão e comunicação.	Função básica: representação.

Fonte: Melo e Bräscher (2011, p. 42, grifo nosso).

[13] Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ dez07/Art_01.htm>. Acesso em: 06 fev. 2013.

Complementares, mas com funções diferenciadas, tanto a Linguagem Natural como a Linguagem Artificial propõem particularidades de composição e objetivos. Contudo, ao analisar esta tabela, é importante fazer uma ressalva em relação à "Gramática rigorosamente definida, **inalterável** no tempo". A Linguagem Artificial é "rigorosamente definida", mas não é necessariamente "**inalterável** no tempo". Havendo necessidade, ela pode ser alterada. Para que isso ocorra, basta que haja demanda comprovada por parte dos usuários no processo de recuperação da informação e entendimento e aceitação formalizada das instituições e pesquisadores envolvidos. Obviamente que, dependendo do tipo de documento, possíveis alterações podem ser mais ou menos longas. Com clareza, estas situações são plenamente manifestadas nas Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas.

Ao tratar destes últimos elementos, é importante compreender que seus pontos de encontro e de dispersão, podem ser mais bem observados através das suas Características, Vantagens e Desvantagens.

Tabela 2 – Comparação das características, vantagens e desvantagens das Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas

	LINGUAGENS PRÉ-COORDENADAS	**LINGUAGEM PÓS-COORDENADAS**
Características	1) Subjetividade (conceitos compostos); 2) Autonomia do indexador; 3) Fáceis de serem utilizadas.	1) <u>Conceitos únicos:</u> são indexados os conceitos simples; 2) <u>Objetividade:</u> dá-se entrada de todos os termos relevantes, sem a necessidade de decisões sobre a ordem; 3) <u>Flexibilidade na pesquisa:</u> no momento da pesquisa, os termos podem ser combinados entre si de qualquer forma; 4) <u>Pesos iguais para os termos:</u> todo o termo atribuído a um documento tem um peso igual, não sendo nenhum mais importante que o outro.
Vantagens	1) Definir apenas um lugar inequívoco para qualquer assunto composto; 2) Flexibilidade na estratégia	1) Independência da ordem de citação; 2) Permissão de uma maior revocação.

	de pesquisa: podem ocorrer mudanças na estratégia da pesquisa, podendo seguir um assunto mais restrito, mais genérico ou correspondente, sem se ter que começar do início; 3) Evitar falsas associações e relações incorretas; 4) Ser mais exata.	
Desvantagens	1) Dificuldade na representação dos diferentes sentidos do termo;	1) Oferece uma baixa precisão

Fonte: Costa (2009, p. 24-26)[14].

Percebe-se que, enquanto as Linguagens pré-coordenadas têm por características um caráter mais fechado, as Linguagens pós-coordenadas são mais abertas, passíveis de alterações mais rápidas, tornando o trabalho mais ágil além de reduzir o nível de insatisfação do usuário frente ao processo de busca.

Para melhor compreender estas questões, são citados alguns exemplos de Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas. Vê-se então que:

Tabela 3 – Exemplo comparativo entre Linguagens pré-coordenadas e Linguagem pós-coordenadas

LINGUAGENS PRÉ-COORDENADAS	LINGUAGEM PÓS-COORDENADAS
Sistemas de classificação (Ex. CDD e CDU)	Vocabulários controlados
Listas de cabeçalhos de assuntos	Tesauro
Dicionários	Taxonomias
Glossários	Ontologias

Fonte: Alvares (2000?)[15].

Neste sentido, para Kobashi (2007), “As Linguagens Documentárias são, nesses dispositivos, instrumentos privilegiados de mediação que apresentam dupla função: a) representar o conhecimento inscrito e b) promover interação entre usuário e dispositivo”.

Os diversos produtos, técnicas ou ferramentas, lançados, construídos e frutos geradores das Linguagens Artificiais (pré-coordenadas e pós-coordenadas), tornam

[14] Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/395/1/21138_ulfl070660_tm.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.
[15] Disponível em: <http://www.alvarestech.com/lillian/Analise/Modulo4/Aula41LD.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2013.

evidentes a importância de se valorizar a utilização das Linguagens Documentárias nos Centros e Unidades de Informação (através da Representação da Informação e Tratamento Documental), além de Pesquisas Científicas que aprofundem o debate.

Quanto mais se entende o valor das Linguagens Documentárias, dos seus termos ou signos, mais haverá a oportunidade de conhecer com profundidade uma determinada área de domínio ou especialidade.

Portanto, as Linguagens Documentárias, a partir da valorização dos aspectos sintáticos, semânticos e lexicais e em função de suas especialidades ou características básicas, podem contribuir significativamente para o processo de Representação da Informação Documental.

4 *CIBER*CORDEL

4.1 A BASE DA POESIA POPULAR

Ao adentar nesta nova discussão que emerge na literatura de cordel, enquanto alternativa de produção de cordéis no *ciber*espaço e por meio da *blogosfera* se faz necessário, compreender a forma clássica dos folhetos de cordéis na literatura popular.

O cordel, em sua concepção clássica, inicialmente era direcionado à nobreza da Idade Medieval, período histórico marcado pelas Cruzadas, Peste Negra, Feudalismo e Reconstruções Filosóficas a partir de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Foi nesse contexto que, segundo Maxado,

> [...] os germânicos conheceram os mestres-cantores [...]. Estes sabiam cantar o desafio [...], que eram cantos alternados sob regras fixas, porém improvisados. O jogral é uma figura característica dessa época denominada posteriormente de Idade Média. Era ele quem divertia o castelo dos reis ou dos barões, numa era em que todos viviam isolados (MAXADO, 2012, p. 26).

Nesse mesmo ambiente, havia os senhores feudais que na percepção do mesmo autor, “eram fartos e hospitaleiros para com seus convidados ou hóspedes. Para agradá-los, tinham bufões, poetas, acrobatas, prestidigitadores, mágicos, arautos, pintores, músicos, cantores, enfim, artistas”.

O texto poético corria todos os reinos, feudos e feiras, de forma “volante”. Da mesma maneira que eram comercializados, também eram declamados, sendo elemento essencial e integrante da prática literária do medievo.

> Aí, surge o menestrel, com sua viola às costas cantando ambulantemente por essas feiras. Obra decorada ou improvisada. Com o menestrel, o poeta, o músico, o cantor, o palhaço, o mímico, o ator, enfim, artistas que andavam recitando, cantando, representando ou executando a sua arte. O menestrel também podia vender a sua poesia ou canção. Agora, já impressa em papel. Sua poesia era mais trova, quadras ou coplas, chegando a sextilhas. Já se tinha o costume de ditar a um escriba ou mesmo tirar cópias manuscritas dessas canções, passando-as de mão em mão. A imprensa facilitava as coisas agora. Autores e vendedores, então, puderam exibir os impressos dependurados em barbantes. Ou lerem, declamarem ou cantarem a viva voz (o chamado a palo seco) seu conteúdo a fim de melhor incentivar a venda. O poeta era mais um artista que um

> vendedor. E o povo vinha dos campos para comerciar, vender, comprar, namorar, encontrar amigos, passear, visitar conhecidos, saber das novidades, confessar, orar, casar, batizar etc. A feira não era só um evento semanal de trocas. Era uma festa! (MAXADO, 2012, p. 31-32).

Com a modernidade, novas rupturas são configuradas. É assim com a Revolução Industrial, Renascimento, Iluminismo, Revolução Francesa, Mercantilização, Liberalismo, Conquista do Novo Mundo, Rediscussão de Métodos Científicos e práticas artísticas e culturais.

Nesse mesmo período histórico, especialmente na segunda metade do final do século XIX, desembarca no porto de São Salvador as “folhas volantes” (forma como foi conhecido em Portugal), conhecidos hoje por “folheto”, “folheto de cordel” ou “literatura de cordel”.

Por isso Batista (1977, p. 3) tem

> [...] atribuído às “folhas volantes” lusitanas a origem da nossa literatura de cordel. Diga-se de passagem, e antes de mais nada, que o próprio nome que a consagrou entre nós também é usual em Portugal; [...] Eram as “folhas volantes” também chamadas de “folhas soltas”. O povo português, antes que se difundisse a imprensa, usava o registro da poesia popular em “cadernos manuscritos”.

Percebendo isso, Silva (2008, p.18) torna pública a ideia de que o “cordel chegou em balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais Estados do nordeste”.

O cordel português é acolhido e adotado no Brasil, porém é adaptado, reinventando e ressignificando-se por poetas populares a partir da região Nordeste, ambiente geográfico que se torna o berço da literatura popular para cultura nacional. Por isso, Ferreira (2012, p. 127) se posiciona afirmando entender

> [...] que, diante do cordel português, o folheto nordestino apresenta sua capacidade de traduzir, apropriar, recombinar e reinventar. [...] a manifestação poética ibérica, ao chegar ao Nordeste brasileiro, foi absorvida pelo povo sertanejo, que ao “digeri-la”, fez nascer o folheto de versos. Minha proposta é apontar as possibilidades de ter havido um hibridismo poético, ou seja, uma apropriação/recombinação e uma reinvenção/recriação possíveis de existir em todo encontro e confronto entre os povos e as culturas.

Em virtude disso, são atribuídos novos elementos, adequando formas, temáticas e público, fazendo com que se consolide um folheto genuinamente brasileiro.

> [...] é possível afirmar que a cultura nordestina não apenas recebeu as brochuras impressas, mas também as personalizou na forma e no conteúdo. Quanto à **forma**, criou a métrica dos folhetos nordestinos, [...]. Quanto ao **conteúdo**, passou a exprimir a realidade cultural e política da vida cotidiana. [...] nesse sentido, [...] pode ter havido entre a literatura portuguesa e a brasileira um movimento de fusão, transformação, hibridação e até mesmo inversão ideológica (FERREIRA, 2012, p.130, grifo nosso).

Este folheto que recebeu influências ibéricas e se adaptou a um novo contexto social, político e cultural, iniciou um processo de demarcação de território, fazendo da Serra do Teixeira, no estado da Paraíba, o espaço embrionário capaz de proporcionar as primeiras práticas literárias no campo da cultura popular.

> A serra é uma muralha se estendendo "de fora a fora" no horizonte. Vista de longe, apresenta-se azulada e, à medida em que *(sic)* vamos nos aproximando, vai se tornando de um tom azul mais escuro que cambia para o verde também muito escuro. Mais perto ainda começamos a distinguir os afloramentos de pedra que são monumentais e nos assombram quando nos aproximamos deles. A paisagem, enquanto subimos, é muito bela. São extensões e mais extensões da rica geografia da região: terras cultivadas, lagoas, açudes, cidades, povoados, serrotes, colinas, estradas, caminhos... Tudo variado, tudo ao lado um do outro, parecendo uma colcha de retalhos, estendendo-se por léguas e léguas. As altitudes beiram os mil metros e olhando esses despenhadeiros, quem não tem afinidade com alturas experimenta uma sensação constante de vertigem, um bolo no estômago. [...] No cocoruto da serra, encontra-se a pequena cidade de Teixeira (TAVARES, 2011, p. 30).

A partir da experiência embrionária nesta região, houve uma expansão significativa em todo o Nordeste brasileiro. Isso foi justificado pelo fato de o folheto brasileiro, ao contrário do europeu, conseguir falar a língua do povo nordestino sofredor, que foi marcado pelas "dores" do coronelismo, cangaço, seca, e sob a influência de um forte messianismo que para Batista (1977, p. 4), foi um processo que se deu

> [...] por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje

> em dia, característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desiquilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores para que se verificasse o surgimento de grupos [...] como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Se por um lado, havia um cenário de resistência, por outro, existia a ausência de acesso de bens culturais. Tem-se assim, o ambiente propício para o surgimento da poesia popular. Manifesta-se então o folheto de cordel. Isso faz do folheto de cordel ser adotado como um dos instrumentos mais importantes para o povo sertanejo e ruralista. Alia-se a isto, a ideia de o folheto ter se tornado praticamente o único meio informacional de acesso aos mais diversos acontecimentos que ocorrem no campo e na cidade, além de alfabetizar e divertir a partir do imaginário popular construído ao longo da história da humanidade.

Esses são os traços que mais marcam a primeira fase do cordel no Brasil, especialmente até a década de 1950, época conhecida como período de ouro da literatura de cordel. Nesse contexto Curran (2013, p.1)[16] afirma que:

> Os grandes poetas pioneiros do cordel, Leando Gomes de Barros, Silvino Pirauá Lima, Francisco das Chagas Batista, João Melchíades Ferreira da Silva e outros escreviam nas primeiras duas décadas do Século XX. Então João Martins de Atayde criou uma segunda “Idade de Ouro” da produção cordeliana com uma equipe de escritores no Recife, Pernambuco, isso do fim dos anos 1920 até o fim da década dos 50. Aí, o estoque de Atayde mais aquele de Leandro Gomes de Barros, comprado por Atayde da viúva do poeta em 1921, se trasladaram a Juazeiro do Norte, Ceará, agora no fim dos 1950 quando José Bernardo da Silva continuou a tradição na Typografia São Francisco. Assis foi que a cidade de Padre Cícero Romão teve seu “momento no sol” no cordel.

Vê-se que este processo se deu essencialmente em função da ampliação do número de publicações e do público consumidor, além da concomitante viabilização da impressão tipográfica que alavancou o processo de divulgação e comercialização do folheto.

Entretanto, o folheto de cordel era conhecido como subliteratura sob a luz do cânone literário e científico da literatura e da academia, fato que é minimizado em

---

[16] Disponível em: <http://www.currancordelconnection.com/pt/cordel/antes-e-agora>. Acesso em: 02 dez. 2013.

pequena escala a partir das expedições encampadas por Mário de Andrade e das pesquisas desenvolvidas por Câmara Cascudo após a Semana de Arte Moderna de 1922. Isso fez com que a cultura popular, por meio da poesia pudesse ser reconhecida, mesmo que a “passos curtos” como uma faceta cultural de significativo valor.

Mesmo com todas as adversidades de reconhecimento e consolidação e enfrentando transformações políticas e mudanças culturais, é a partir da década de 1950, que a poesia popular em verso inicia um processo de expansão que rompe os limites do Nordeste brasileiro e influencia o seu surgimento em estados da região Norte, Centro-oeste, Sudeste e Sul, passando inclusive, a ser adotado pela academia. Neste sentido, vale a pena observar o seguinte cenário:

> Américo Pellegrini Filho, Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, informa que o cordel passou a ser valorizado por brasileiros depois de um artigo de Orígenes Lessa na revista Anhembi, publicado em dezembro de 1955, e talvez principalmente depois de outro artigo, do estudioso francês Raymond Cantel, publicado no Le Monde, de 21 de junho de 1969. A partir de inícios da década de 1970, o assunto virou coqueluche para estudiosos brasileiros, formando-se considerável bibliografia em que se incluem teses e mais teses. (VASQUEZ, 2008, p. 17).

O cordel sobrevive e se sobressai, fazendo com que hoje, seja respeitado, aceito e reconhecido frente à academia e cada vez mais conhecedora e consumidora dos folhetos de cordéis. Portanto, atualmente o cordel é percebido como elemento integrante da cultura brasileira, tornando-se um objeto cada vez mais estudado.

Isso se reflete também dentro do campo da Ciência da Informação onde foram iniciadas investigações com significativas contribuições acadêmicas, especialmente no século XXI, seja por pesquisar o cordel como fonte de informação, por entender a sua representação temática ou por reconhecer no cordel a sua função memorialística. Nesse contexto, citam-se cronologicamente os trabalhos de Casa Nova e Barbosa (1983), Gaudêncio e Borba (2005, 2006, 2010), Guedes e Moraes (2006), Silva e Souza (2006), Oliveira e Albuquerque (2007), Oliveira e Borba (2009), Santana (2009), Albuquerque (2011, 2013), Assis, Tenório e Callegaro (2012), Ferreira et al. (2012) e Gaudêncio e Albuquerque (2013).

Os fatos e os cenários que consolidam a literatura de cordel não ocorrem por acaso, mas se estabelecem a partir de um movimento contínuo de poetas de bancada que levam os folhetos aos “quatro cantos do mundo”, seja por meio das feiras ou através de sarais. Inúmeras personalidades surgem para “fazer escola” ou colocar o cordel em lugar de destaque.

As primeiras práticas literárias ocorridas se deram a partir da Serra do Teixeira e por meio do poeta Leandro Gomes de Barros que contribuíram para literatura de cordel se tornar um celeiro de expressões poéticas. Podem ser destacados os seguintes cordelistas:

> Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, Cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho, Expedito Sebastião da Silva, Firmino Teixeira do Amaral, Francisco das Chagas Batista, Francisco Sales Arêda, Gonçalo Ferreira da Silva, João Ferreira de Lima, João Martins de Athayde, João Melchíades Ferreira, Joaquim Batista de Sena, José Camelo de Melo Resende, José Costa Leite, José Pacheco, Leandro Gomes de Barros, Manoel Camilo dos Santos, Manoel d'Almeida Filho, Manoel Monteiro, Mestre Azulão, Patativa do Assaré, Raimundo Santa Helena, Severino Milanês, Silvino Pirauá, Zé da Luz e Zé Maria de Fortaleza (ABLC[17], 2013)[18].

Estas personalidades, somadas a outras inúmeras pessoas conhecidas ou anônimas de seu público, ampliaram as possibilidades de escrita, leitura, comunicação e, consequentemente, de reconhecimento da literatura popular.

Hoje, pesquisas em curso já apontam mais de 2000 (dois mil) cordelistas distribuídos por todo o Brasil. Estes números diariamente estão sendo ampliados, conforme informam Albuquerque e Oliveira (2012), no projeto de pesquisa que investiga a memória da tradição, observando a informação sobre vida e obra de poetas populares brasileiros. Um dos objetivos é mapear todos os cordelistas póstumos e vivos, da poesia popular.

Portanto, em virtude da importância dos poetas populares, a literatura de cordel tem se tornado um rico espaço que promove inclusive uma intersemiose, ou seja, uma hibridação cultural e informacional, fazendo com que também seja reconhecida como lugar de memória e de representação. A poesia popular de cordel tem proporcionado inúmeras e significativas inspirações e aspirações que garantem

---

[17] Academia Brasileira de Literatura de Cordel.
[18] Disponível em: <http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm>. Acesso em: 07 abr. 2013.

importantes contribuições frente às diversas formas de manifestação da arte, isso faz com que o folheto se reinvente cotidianamente. Por isso,

> [...] o desafio dessa geração, a nova, a nossa geração, é levar o cordel a todos os públicos, sem desprezar a tradição, a coluna em que essa arte se sustenta, mas também sem fugir às lutas impostas pelos novos tempos. É preciso, também, buscar uma nova definição para esse gênero, para além dos estereótipos e das significações restritivas dos que, sob o pretexto de defendê-lo, quase o mataram (HAURÉLIO, 2013, p. 14).

Assim, abre-se a possibilidade de redescobrir a poesia popular, abrindo novos espaços de interlocução, construção e análises, tornando o cordel como um objeto de estudo múltiplo e capaz de possibilitar o novo sem destruir o clássico. Daí surgem as ressignificações poéticas de um folheto que toma vários espaços, dentre eles, as produções eletrônicas que são cada vez mais presentes na *internet* e, nesta pesquisa, denominado de *ciber*cordel.

4.2 UMA NOVA FORMA DE PRODUZIR CORDÉIS

O folheto popular tem proporcionado profundas ressignificações artísticas capazes de colocar o cordel como uma referência na cultura brasileira, formando novos produtores, autores e um público consumidor cada vez mais diversificado. Isso é possível de perceber, por exemplo, através das artes plásticas, artes cênicas, da literatura, da música e da *internet.*

No caso da *internet,* esse processo de ressignificação poética tem ocorrido em toda estrutura *web*, seja por meio de *sites,* portais, das redes sociais ou da *blogosfera,* a maior e mais forte fonte de divulgação e disseminação da informação poética do cordelista. Isso faz com que as temáticas, ou mesmo os motes, estejam transitando e emergindo em outros suportes que não sejam exclusivamente os folhetos impressos.

Ao tentar apresentar o cordel nos dias atuais, antecede entender a necessidade de observar os espaços nos quais estão inseridos e foram consolidados.

Mesmo os autores respeitando a métrica e a rima, hoje podemos encontrar estabelecidos dois tipos de cordéis.

O primeiro é conhecido como “folheto de cordel”, “folheto” ou “cordel”, que são textos produzidos em folhas impressas, normalmente com tamanho 11x16 cm, utilizando papel jornal, tendo suas capas xilogravadas em talhas de madeiras ou metodicamente idealizadas por meio da computação gráfica. Tem como autores potenciais, em sua maioria, pessoas semialfabetizadas e que, em muitos casos, sobrevivem em função das produções poéticas. Na visão de Nascimento (2011, p. 225),

> [...] o folheto de cordel – é um produto que se situa contiguamente entre a oralidade e a escrita, representa, numa grande faixa de produção, a fusão de três componentes: 1) O texto oral, tradicional, guardado na memória do poeta/narrador, com vida milenar ou mesmo relativamente recente, aceita pela tradição; 2) A notícia do acontecido, um aproveitamento imediato do fato cotidiano; e 3) O trabalho do xilógrafo, que apresenta, no pequeno espaço da xilogravura, a sua visão, o seu ponto de vista do universo do folheto e que passa a integra-se à obra literária, ligados intrinsicamente pela semântica do texto.

Contudo, nos últimos anos, em função da *cibercultura*, da sociedade em rede e por elas da *blogosfera*, houve uma mutação iniciada com o hibridismo da transposição do impresso para o eletrônico, fazendo com que rapidamente surgisse o cordel eletrônico, conhecido e definido embrionariamente por poucos de *ciber*cordel, tornando-se cientificamente mais clara e poeticamente aceita.

Neste cenário de transposição em relação ao suporte, já são vistas algumas iniciativas que disponibilizam, na *web*, dois traços bem definidos de cordéis na Rede. O primeiro é o cordel digitalizado, fruto da transposição do impresso para o eletrônico como demonstrado pelo *blog Ler Cordel*. Este apresenta diversas experiências na produção de cordéis, tenham elas sido construídas por alunos ou por cordelistas. Este *blog* se apresenta atualmente com o seguinte *layout*:

Figura 2 – *Layout* do *blog* Ler Cordel

Fonte: Rebello (2012)[19]

O segundo pode ser definido como o cordel que é exclusivamente virtual e produzido por meio de *posts* (texto, imagem, áudio ou vídeo), sob a estrutura do *ciberespaço* e aproveitando toda uma dinâmica da forma como a sociedade em rede se organiza. Surge então o *cibe*rcordel.

> O ciber-cordel, nesse sentido, constitui-se como a sinergia entre as formas de narrar do cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço. É, dessa forma, um cordel produzido em rede, impondo a autoria coletiva como forma de produção da obra. O ciber-cordel não é, portanto, a simples transposição do cordel feito off-line para o nível on-line. Além disso, é a efetivação de uma obra de literatura popular em verso sob as possibilidades de comunicação horizontal e simultânea que a plataforma comunicacional do ciberespaço oferece (SOUSA, 2007, p. 6).

Os cordéis eletrônicos ao serem

> [...] incorporados pela *Internet,* os cordéis adquirem característica de hipertexto, e passam a ser reconhecidos pelo nome de "*cibe*rcordel" que é uma forma de cordel que incorpora as mídias oferecidas pela *web.* Além de estar no *cibe*respaço, é um hipertexto que utiliza os

[19] Disponível em: <http://lercordel.wordpress.com>. Acesso em: 28 abr. 2013.

> recursos da *web,* como animações, *podcasts, links,* comércio *on-line,* etc. (FONSECA; ALVES; CAVALCANTE, 2010, p. 7, grifo nosso).

Utilizando como parâmetro o posicionamento acima e relacionando com os postulados da Ciência da Informação, percebe-se que o *ciber*cordel encontra amparo acadêmico nos postulados de Rafael Capurro, especialmente com base nos seus paradigmas, que trazem à tona os aspectos físicos, cognitivos e sociais.

Para Capurro (2003, p. 8), o **paradigma físico** "em essência [...] postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor". Esse objeto que é emitido nesse contexto é o *ciber*cordel. O mesmo não só transita de forma dinâmica na relação emissor e receptor, mas também vai além. Na maioria das vezes essa informação transmitida é realimentada, proporciona de forma quase que imediata um *feedback.* Tem-se assim, uma informação que é exclusivamente virtual, e enquanto objeto físico promove uma prática cíclica entre o processo de recepção e mediação poética.

No que diz respeito ao **paradigma cognitivo**, Capurro (2003, p. 10) parte das premissas de Brookes, observando que este modelo se dá por meio dos "conteúdos intelectuais que formam uma espécie de rede". Para o mesmo autor, é necessário também, "ver de que forma os processos informativos transformam ou não o usuário", o sujeito cognoscente. Percebe-se, em virtude deste posicionamento, que o *ciber*cordel não pode ser visto apenas como objeto informacional ou como coisa, mas também como algo que está expresso densamente por conteúdos, frutos do processo de idealização, pensamento e construção intelectual que geram não apenas poesias, mas em especial informações configuradas através de cenários, casos, vivências ou relações sociais. Podem ter sido concebidas por certa medida, de forma individual ou influenciada por agentes ou ambientes de sua área de domínio ou até externas a elas. Essas idealizações intelectuais particulares ou por influências avessas proporcionam novos cenários e conjunturas das mais díspares e inesperadas fazendo com que a realimentação literária transforme as relações entre o autor (cordelista) e o leitor (usuário e receptor), pois a partir do momento que a informação poética é disseminada, aquele que poderia ser apenas um leitor, também poderá assumir o papel de escritor, autor, comunicador ou *blogueiro*. A informação poética circula através do *blogueiro* primário, contudo, possibilita a terceiros também terem crédito sob a obra, pois a mesma, ao ser comentada e muito

provavelmente até reescrita, produzirá uma poesia popular híbrida fazendo com que o texto seja ressignificado a todo o momento e tornando o processo cognitivo único, algo vibrante e de fato poético, sem limites ou barreiras para trabalhar os conteúdos intelectuais na *web*.

Para o **paradigma social**, Capurro (2003, p.14) comenta que esta dimensão deve ir "para além do conhecimento humano relacionando-o a todo tipo de processo seletivo". Percebe-se então que este último paradigma também dialoga e pode estar diretamente inserido no contexto dos *ciber*cordéis, não apenas pela sua configuração, mas em especial pela forma como estes textos informacionais são produzidos, por quem são idealizados e não obstante a isso, como são interpretados. O habitat no qual os *ciber*cordéis transitam, favorecem relações além da sua própria área de domínio, possibilitando o diálogo, criando e promovendo relações sociais com outros. São produções horizontais que se dão de dentro para fora e de fora para dentro (*input e output*), numa relação contínua e adaptável. O conhecimento humano produzido pela via do *ciber*cordel se entrelaça naturalmente em teias complexas. Isso fica nítido na relação emissor e receptor. Capurro (2003), por sua vez, chama isso de informação que deve "entrecruzar ou, por assim dizer, enredar ou tramar [...] mostrando a tessitura complexa da linguagem comum [...] em torno [...] de sua relação com a realidade social e natural".

Diante disso, o *ciber*cordel sob a perspectiva da Ciência da Informação é todo e qualquer objeto informacional amparado pelas regras poéticas construídas através do clássico cordel e produzido exclusivamente na *internet.* Sua construção, independente do momento, será materializada sob um esteio físico, cognitivo e social.

Sua exclusividade virtual permitirá produções poéticas através de postagens ou publicações que possibilitam comentários, imagens, áudios, vídeos ou qualquer outro tipo de manifestação pública, anônima ou identificada sob a estrutura do *ciberespaço* e aproveitando toda dinâmica e hibridação da forma como a sociedade em rede se organiza. São percebidos que os *ciberespaços* que melhor acolhem os *ciber*cordéis são os *blogs*, ambientes adaptáveis, personalizados, de fácil acesso, utilização e comunicação.

Dois outros fatos que estão por trás desta nova forma de escrever a poesia popular é a elevação do nível de formação acadêmica dos poetas e o alto grau de

rapidez no processo de mediação informacional e formação potencial de um novo público leitor.

Mostra-se abaixo, por meio da figura 8, um *blog* media informação poética através de *cibercordéis*.

Figura 3 – *Layout* do *Blog* Mundo Cordel

Fonte: *Blog* Mundo Cordel (2011)[20].

Em virtude desta definição, vale reiterar que as características essenciais do folheto clássico (a rima e a métrica), sempre serão esteio fundamental para respaldar o fazer do *cibercordel*, esta derivação poética do folheto de cordel e/ou poesia popular que emerge no ciberespaço e dinamiza a construção e perpetuação da literatura de cordel. Pensando nisso, Fonseca, Alves e Cavalcante (2010, p. 7, grifo nosso) fortalecem essa ideia quando asseveram que "[...] o cordel que é

[20] Disponível em: <http://mundocordel.blogspot.com.br/2011/02/cordel-na-internet.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.

postado na *Internet* mantém marcas dos cordéis tradicionais. Os versos possuem as mesmas estruturas de sextilha, septilha, versos alexandrinos, etc. [...]".

Reafirmando esta ideia, Diniz (2007, p. 6) afirma que

> [...] o uso da internet pelo cordelista é vista como novidade e forma de sobrevivência de sua arte e da tradição. O jeito enviesado de fazer o cordel refere-se diretamente aos novos mecanismos de interação e as modalidades de escrita e transposição que o hipertexto gera na escritura tradicional. [...] Em termos de métrica e rima, o cordel virtual parece fixar os modelos tradicionais, na medida em que outros elementos como a xilogravura (imagem gravada nos folhetos de cordéis geralmente abordando o assunto dos versos) perde um pouco de espaço.

Neste sentido, têm surgido inúmeras contribuições de poetas populares que fazem uso permanente da *internet* para divulgar suas produções poéticas, seja com viés publicitário, comercial, educativo ou cultural.

Com a *internet,* vários poetas estão migrando para o ciberespaço e divulgando na íntegra e exclusivamente pela *web* as suas produções (LIMA et al., 2011). Mostram-se por meio desta pesquisa uma centena de ambientes virtuais que utilizam o *cibe*respaço para divulgar a poesia popular, seja qual for à finalidade do cordelista (Apêndice B).

Em virtude deste cenário, "o cordelista encontrou na *internet* um espaço amplo, gratuito [...] no caso dos *blogs* [...] um [...] público em crescimento, para divulgar o seu produto" (APOLINÁRIO, 2007, p. 6, grifo nosso).

É em função dos *blogs* que se tem o maior número de contribuições poéticas no *cibe*respaço, como retratado por Diniz (2007, p. 7):

> Há uma série de blogs [...] exclusivamente dedicados ao tema. Em muitos dos casos, um internauta deixa um 'mote', ou um pedido de cordel ou simplesmente começa seu texto para ser continuado por outrem. Em outras situações, o internauta adapta/ faz uma re-leitura de um cordel tradicional e pede comentários.

Esta conjuntura poética faz do folheto, um artefato de ressignificação informacional e memorialista que viabiliza uma percepção multifacetada, tanto para o produtor quanto para o consumidor ou leitor de poesia popular. Entretanto, o processo de ressignificação do cordel não se deu exclusivamente através dos *cibe*rcordéis, tampouco iniciou com eles. Pelo contrário, desde o século XX, em

especial, a poesia popular tem passado por diversas transformações literárias, sejam por incorporar novos elementos às suas concepções, como tipologias de capas, criptografias por meio de acrósticos, ou surgimento de poetas das mais diversas classes sociais. Isso proporcionou à literatura de cordel influenciar e transitar por diversos "mundos" poéticos e literários, fazendo com que se tenha atualmente consolidado esta nova forma de fazer cordel a partir da *internet,* ou seja, o *ciber*cordel, sem ser necessariamente um "neocordel" como tem sido propagado por um pequeno grupo da poesia popular. O fato é que se consolida apenas o surgimento de uma nova forma de escrever e registrar a poesia popular, o *ciber*cordel. Mesmo assim, apesar dos *ciber*cordéis serem produzidos na *internet,* todas as características básicas do cordel impresso são preservadas (técnica, concepção, poética, temática, etc.).

Seguem-se algumas outras ressignificações que contribuíram para formação de uma literatura popular diversa e plural, que influenciaram o aparecimento do *ciber*cordel, mas que continua tento como meio, o folheteiro, o poeta de bancada, o artista de rua, o literato popular, ou seja, o cordelista, venha ele do "mundo" tradicional ou virtual.

4.3 OUTRAS RESSIGNIFICAÇÕES POÉTICO-POPULARES

4.3.1 Artes Plásticas

Cita-se, neste caso, a contribuição da xilogravura, elemento essencial, desde o surgimento do cordel como mostra a figura 4.

Figura 4 – Xilogravura “A vida no sertão” de J. Borges

Fonte: Teatro do pé (2007)[21]

A *Casa da Xilogravura* (2013)[22] entende que “etimologicamente, a palavra xilogravura é composta por **xilon,** [...] e por **grafó,** do grego. Xilon significa madeira e grafó é gravar ou escrever. Assim, xilogravura é uma gravura feita com matriz de madeira. [...] é um processo de impressão com o uso de um carimbo de madeira”.

Na visão de Franklin (2007, p. 9), a xilogravura pode ser entendida como “toscos pedaços de madeira, onde o artista popular nordestino construiu a mais rica e instigante expressão plástica da cultura rural brasileira”.

Esta expressão artística fornece um potencial instrumento de representação imagética do conteúdo do cordel. Muitas vezes a leitura da xilogravura reflete diretamente a temática da poesia popular.

4.3.2 Artes Cênicas

Adaptações de cordéis, produzidas pelo teatro, cinema e pela televisão. No cinema, é possível evidenciarmos filmes como “O Auto da Compadecida” e “O Homem que Desafiou o Diabo”. Veja-se a figura 5.

---

[21] Disponível em: <http://blog.teatrodope.com.br/2007/05/09/literatura-de-cordel-xilogravura-temas-e-ensino>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[22] Disponível em: <http://www.casadaxilogravura.com.br/xilo.html#top>. Acesso em: 27 abr. 2013.

Figura 5 – Produções cinematográficas

(a)[23]

(b)[24]

Fonte: *Google* Imagens (2013)
Legenda: (a) O Auto da compadecida. (b) O Homem que desafiou o diabo.

No caso da adaptação cinematográfica, do *O Auto da Compadecida* foi inspirada em quatro folhetos, como é descrito abaixo:

> Foi num folheto de gracejo que Ariano Suassuna encontrou o personagem-símbolo de sua dramaturgia. *As Proezas de João Grilo* [...], história escrita em 1932 por João Ferreira de Lima, trazia como protagonista o célebre amarelinho oriundo dos contos populares portugueses, que, no processo de aculturação, ganhou características idênticas às de outro famoso espertalhão de origem ibérica: Pedro Malazarte. Esse mesmo João Grilo será reaproveitado no *Auto da Compadecida*, transformado em filme em 2000 por Guel Arraes, com Mateus Nachtergaele (João Grilo) e Selton Melo (Chicó) nos papéis principais. [...] Entretanto, a *Compadecida* se baseia em três folhetos distintos, dois deles escritos por Leandro Gomes de Barros. O primeiro é *O Cavalo que Defecava Dinheiro*, que mostra como um finório consegue lograr um duque invejoso convencendo-o de que um cavalo é realmente capaz de obrar (sem trocadilho) o

[23] Disponível em: <http://cineclubcaruarupe.blogspot.com.br/2012/06/o-auto-da-compadecida-em-cartaz-no.html>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[24] Disponível em: <http://tupancultural.blogspot.com.br/2011/05/domingo-no-cinema.html>. Acesso em: 07 abr. 2013.

> prodígio do título. Obviamente quem assistiu à peça ou à uma de suas versões para o cinema, sabe que o cavalo foi transmutado num gato, por motivos mais que compreensíveis. O outro poema de Leandro reaproveitado por Suassuna é *O Dinheiro* (*O Testamento do Cachorro*), onde aparecem as figuras do padre e do bispo. A autoria de Leandro é inquestionável, embora a origem dos motivos que compõem a estória seja mais difícil de rastrear. O próprio Ariano reconhece essa dificuldade quando afirma: "a história do testamento do cachorro, que aparece no *Auto da Compadecida*, é um conto popular de origem moura e passado, com os árabes, do Norte da África para a Península Ibérica, de onde emigrou para o Nordeste". Além destes dois poemas de caráter marcadamente cômico, o *Auto* propriamente dito – a última parte – tem por base o folheto *O Castigo da Soberba*, de autoria desconhecida, embora alguns atribuam-na *(sic)* a Silvino Pirauá de Lima. A história tem a marcante presença do imaginário medieval que impregna a obra de Gil Vicente, outra evidente fonte de Suassuna. Maria (Nossa Senhora) é a advogada. Jesus o Juiz, e o Diabo o acusador. É a Nossa Senhora – a "advogada nossa" da oração *Salve Rainha* – que a alma recorre, em vista da iminente condenação. Evocada em nome de seu bendito filho, ela responde à súplica da alma. No final, após ouvir acusação e defesa, Jesus – no folheto também chamado Manuel – decide pela salvação da alma. O Diabo (Cão), vencido, chama os seus comandados. (HAURÉLIO, 2011, grifos do autor)[25].

Em relação ao filme "O Homem que desafiou o diabo", trata de uma obra que "em todo o filme, procura-se um diálogo com a literatura de cordel, com seus tipos peculiares e seu humor popular. [...] É baseado no romance As Pelejas de Ojuara, de Nei Leandro de Castro." (OLIVEIRA, 2009)[26].

Da televisão, é oportuno salientar a novela "Cordel Encantado", como informa a figura 5.

---

[25] Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/03/o-auto-da-compadecida-e-literatura-de.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.

[26] Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,o-homem-que-desafiou-o-diabo-remete-ao-cordel,57554,0.htm>. Acesso em: 27 abr. 2013.

Figura 6 – Novela Cordel encantado

Fonte: Globo.com (2012)[27]

Esta telenovela teve como cenário o sertão brasileiro. Esta produção "vem retratando diversos fatos e personagens da história e cultura nordestina". (ANDRADE, 2011)[28]. A novela "Cordel Encantado" se deu na "mistura de literatura de cordel, misticismo religioso, cultura popular e tradição europeia que a embala, a novela ecoa, aqui e ali, "Auto da Compadecida", mas consegue ir além" (STYCER, 2011)[29]. Com isso, o "árido sertão nordestino ganhou colorido e a literatura de cordel ganhou mais ainda ao se mostrar para todo o país" (MAGALHÃES, 2011)[30].

---

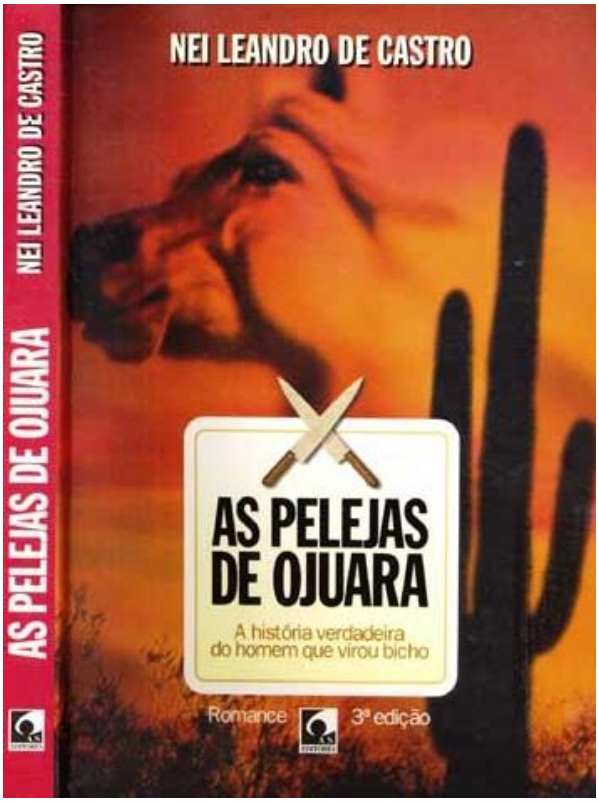
[27] Disponível em: <http://tvg.globo.com/novelas/cordel-encantado/index.html>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[28] Disponível em: <http://corregoinformado.blogspot.com.br/2011/07/personagem-principal-da-novela-cordel.html>. Acesso em: 29 dez. 2013.
[29] Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/critica/2011/04/13/cordel-encantado-apresenta-qualidades-que-faltam-a-outras-tramas-da-grade-global.jhtm>. Acesso em: 29 dez. 2013.
[30] Disponível em: < http://blogs.odiario.com/tvtudo/2011/09/25/inventividade-de-cordel-encantado-cativou-o-publico>. Acesso em: 29 dez. 2013.

Especialmente em virtude dos ricos elementos proporcionados pelos cenários oriundos do cordel, a poesia popular também se torna alvo da telenovela ou da teledramaturgia, seja por apresentar uma região com um elevado índice de audiência, seja pela contribuição literária, fortemente manifestada na memória coletiva de um determinado grupo social.

4.3.3 Literatura Brasileira

A literatura reconhecida pelo cânone também tem recebido inúmeras influências da literatura de cordel. Para ilustrar esta afirmativa, vale a pena observar a figura 7 que traz a obra “As Pelejas de Ojuara”.

Figura 7 – Adaptação literária



Fonte: Livros do RN (2011)[31].

Nesta obra, são reveladas inúmeras contribuições construídas com base no imaginário e no cotidiano do povo nordestino. Segundo o Guia Cinematográfico

[31] Disponível em: <http://101livrosdorn.blogspot.com.br/2011/09/as-pelejas-de-ojuara.html>. Acesso em: 07 abr. 2013.

(2007)[32], “este livro é uma adaptação do cordel de nome As Pelejas de Ojuara Contra o Diabo. A adaptação é fiel ao folhetim”.

Para Almeida e Cavalcante (2009, p. 2),[33] a adaptação “percorre contextos da literatura de folhetos de cordel desde suas origens”.

4.3.4 Música

Com as produções são percebidas grandes contribuições de músicas inéditas ou adaptadas, inspiradas no cenário cordelista. Aqui são destacadas as músicas “Pavão misterioso”, da novela Saramandaia (1976, 2013)[34], a música “Minha princesa”, abertura da novela Cordel encantad” (2011)[35] e o samba enredo “Cordel branco e encarnado” tema da Escola Acadêmicos do Salgueiro no carnaval do Rio de Janeiro (2012)[36].

Figura 8 – Músicas inspiradas na literatura de cordel

(a) (b) (c)

Fonte: *Google* Imagens (2013)
Legenda: (a) Pavão misterioso. (b) Minha princesa. (c) Cordel branco e encarnado.

---

[32] Disponível em: <http://www.guiacinematografico.com/2010/10/cordel-da-literatura-ao-cinema.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.
[33] Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT15/ENSAIO_DAS_PELEJAS_COM_RESUMO%5b1%5d.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2013.
[34] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sR7ul_2zkSY>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[35] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wch_7we9jJw>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[36] Disponível em: <http://carnavaldeavenida.blogspot.com.br/2011/10/samba-enredo-2012-academicos-do.html>. Acesso em: 07 abr. 2013.

A música “Pavão Misterioso” do compositor Ednardo é claramente uma das mais importantes adaptações da literatura popular, especialmente por tratar de uma releitura do célebre folheto de mesmo nome, intitulado “Pavão Misterioso”, folheto de José Camelo de Melo Resende que “nasceu em 20 de abril de 1885, em Pilõezinhos, na época distrito de Guarabira (PB)” (RAMOS, 2011)[37].

> A obra tinha influência da literatura de cordel. [...] o “Romance do Pavão Misterioso” que deu origem à música do Ednardo [...], na verdade, é um cordel. Uma bonita e curiosa aventura, que inclui até ficção científica, [...]. Quem pensou que a história do pavão misterioso saiu da cabeça do compositor cearense Ednardo, errou. [...] Ednardo foi buscar inspiração nos versos [...] do *Romance do Pavão Misterioso*. [...] O *Romance do Pavão Misterioso*, escrito por José Camelo de Melo Rezende, em 1923, é o mais famoso folheto de cordel de todos os tempos (TAIGUARA, 2010, grifos do autor)[38].

A música “Minha princesa” foi escrita por encomenda para retratar a literatura de cordel com a ideia de cordel encantado (PERNAMBUCO, 2012)[39]. Remete, por um lado, aos romances de cavalaria, por outro, trata dos mistérios da monarquia, ambos, presentes na história do cordel entre o final do medievo e o início da modernidade. Adaptado ao cenário nordestino leva-se também em consideração o jogo do “encantamento” (PERNAMBUCO, 2012) entre o reinado e o cangaço. Contudo, sem perder de vista a realidade e o cenário nordestino, a composição mostra, de forma “fantástica” e séria, ao mesmo tempo, realidades múltiplas carregadas de antíteses e paradoxos. É claramente um “conto de fadas” (PERNAMBUCO, 2012) que retrata a mística com o qual o cordel é idealizado.

Para entender melhor o ambiente característico da música e do tema da telenovela com base na letra, segue a canção.

> Minha princesa
> Quanta beleza coube a ti
> Minha princesa
> Quanta tristeza coube a mim
> Na profundeza
> O amor cavou
> O amor furou

---

[37] Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCamelo/joseCamelo_biografia.html#>. Acesso em: 07 abr. 2013.
[38] Disponível em: <http://oplanetaehnosso.blogspot.com.br/2010/04/o-romance-do-pavao-misterioso.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.
[39] Disponível em: <http://www.claretianafm.com.br/podcast/5791/GILBERTO-GIL---MINHA-PRINCESA-CORDEL>. Acesso em: 28 abr. 2013.

Fundo no chão
No coração do meu sertão
No meu torrão natal
Meu berço natural
Meu ponto cardeal
Meu açúcar, meu sal

Oh, meu guerreiro
O teu braseiro me queimou
Oh, meu guerreiro
Meu travesseiro é teu amor
Meu cangaceiro
Que me pegou
Me carregou
Que me plantou no seu quintal
Me devolveu
Minha casa real
Minh'alma original
Meu vaso de cristal
E o meu ponto final

Nossos destinos
Desde meninos dão-se as mãos
Nossos destinos
De pequeninos eram irmãos
E os desatinos
Também tivemos que vivê-los
Bem juntinhos
E os caminhos
Nos trouxeram para este lugar
Aqui vamos ficar
Amar, viver, lutar
Até tudo acabar.
(GIL, 2012)[40]

Ao tratar do samba enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro em 2012, é possível perceber mais uma nova e representativa contribuição que o cordel dá à Cultura Global. Nesta composição, o tema favorecido foi o “Cordel Branco e Encarnado”.

> Salgueiro canta a literatura de cordel em desfile 'arretado' na Sapucaí. [...] Elementos de forró, baião e toda a história da literatura de cordel se misturaram ao samba apresentado pela Acadêmicos do Salgueiro, [...] A vermelha e branca da Zona Norte levou para a Avenida o enredo “Cordel branco e encarnado”, do casal de carnavalescos Renato e Márcia Lage (PORTAL G1, 2012)[41].

[40] GIL, Gilberto. **Minha princesa.** 2012. Disponível em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/1872635>. Acesso em: 14 abr. 2013.
[41] Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2012/noticia/2012/02/salgueiro-canta-literatura-de-cordel-em-desfile-arretado-na-sapucai.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.

Para o Portal Terra (2012)[42], o “Salgueiro exalta literatura de cordel e lembra os poetas do sertão”.

Outra manifestação da cultura popular: a “Feira de São Cristóvão inspirou os carnavalescos do Salgueiro. Suas Rendas, chitas e pequenas esculturas de barro foram selecionadas e reproduzidas” (BARRETO, 2012)[43].

O mesmo autor, ao entrevistar a carnavalesca Márcia Lage, observa que suas inspirações vão além, trazem ao centro do espetáculo a região semiárida, a religiosidade e o lúdico, transfigurados em poesia popular, ou seja, ressignificados com base no cordel. Por isso,

> O desenvolvimento do enredo do Salgueiro [...] junta elementos do universo sertanejo e da Idade Média, tema recorrente na literatura de cordel. Vamos misturar a aridez do sertão com as histórias medievais. Aqui se encontram o cordel e a temática que o originou. Todo o tempo vamos brincar com essa dualidade. Será um desfile lúdico, onde a dureza da realidade é transformada em sonho e esperança [...] (BARRETO, 2012)[44].

Abaixo o texto vice-campeão do carnaval do Rio de Janeiro inspirado na literatura de cordel:

> Sou "cabra da peste"
> Oh minha "fia", eu vim de longe pro salgueiro
> Em trovas, errante, guardei
> Rainhas e reis e até heroico bandoleiro
> Na feira vi o meu reinado que surgia
> Qual folhetim, mais um "cadim, vixemaria!"
> Os doze do imperador
> Que conquistou o romanceiro popular
> Viagem na barca, a ave encantada
> Amor que vence na lenda
> Mistério pairando no ar
>
> Cabra macho justiceiro
> Virgulino, é lampião!
> Salve, Antônio conselheiro
> O profeta do sertão

---

[42] Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/carnaval/2012/noticias/0,,OI5624041-EI19417,00-Salgueiro+exalta+literatura+de+cordel+e+lembra+os+poetas+do+sertao.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.
[43] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/carnaval/feira-de-sao-cristovao-inspirou-carnavalescos-do-salgueiro-3972454#ixzz1mTOuOeSW>. Acesso em: 28 abr. 2013.
[44] Idem.

Vá de retro, sai assombração
Volta pra ilusão do além
No repente do verso
O "bicho" perverso não pega ninguém
Oh meu "padinho", venha me abençoar
Meu santo é forte, desse "cão" vai me apartar
Quero chegar ao céu num sonho divinal...
É carnaval! é carnaval!
Salgueiro, teus trovadores são poetas da canção
Traz sua côrte, é dia de coroação
Não se "avexe" não

Salgueiro é amor que mora no peito
Com todo respeito, o rei da folia
Eu sou o cordel branco e encarnado
"danado" pra versar na academia.

(MOTTA et al., 2012)[45]

As ressignificações que buscaram e buscam apoio ou inspiração na literatura de cordel se dão, muitas vezes, com base nos motes que “iluminam” a escrita dos folhetos pelos poetas de bancada ou cordelistas.

Percebe-se que, ao longo de mais de um centenário, o cordel tem se inspirado em vários motes e que, dependendo das temáticas abordadas, os cordelistas eram até conhecidos por poetas-repórter. Um dos mais famosos é o José Soares, que ficou conhecido pelo cordel sobre a morte de Getúlio Vargas, em 1954, com tiragem de 100 mil exemplares. Isso para dizer que nenhum assunto escapa para ser tema de um cordel (O CORDEL..., 2003)[46].

Todos os assuntos são de interesse do cordelista, poeta de bancada ou poeta-repórter. Os temas que inspiram os poetas foram reclassificados recentemente em pesquisa doutoral, num total de 27 (vinte e sete) classes temáticas, quais sejam: 1) Agricultura; 2) Biografias e Personalidades; 3) Bravura e Valentia; 4) Cidade e Vida Urbana; 5) Ciência; 6) Contos; 7) Crime; 8) Cultura; 9) Educação; 10) Esporte; 11) Erotismo; 12) Feitiçaria; 13) Fenômeno Sobrenatural; 14) História; 15) Homossexualismo; 16) Humor; 17) Intempéries; 18) Justiça; 19) Meio Ambiente; 20) Moralidade; 21) Morte; 22) Peleja; 23) Poder; 24) Político e Social; 25) Religião; 26) Romance; 27) Saúde e Doença. (ALBUQUERQUE, 2011).

---

[45] MOTTA, Marcelo et al. **Cordel branco e encarnado.** 2012. Disponível em: <http://letras.mus.br/salgueiro-rj/1968141>. Acesso em: 14 abr. 2013.
[46] Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20031128p569.htm>. Acesso em: 14 abr. 2013.

Estas classes, por conseguinte, influenciam o direcionamento da análise dos dados, com a qual será apresentada à frente. Contudo, a partir disso, percebe-se o quão imensas são as possibilidades de escrever textos sob as mais variadas temáticas. Os textos produzidos nos folhetos conseguem descrever realidades, fatos históricos, retratar personalidades, motivar o ativismo ambiental, entre outros.

Portanto, o cenário demonstrado nesta cessão leva a poesia popular a uma “Virada Cordelista”, ou seja, a uma mudança na forma de conduzir a literatura de cordel, retomando o seu curso normal a partir do declínio pós 1950, abrindo novas possibilidades de produção, divulgação, acesso, pensamento, reorganização, postura, espaços, enfim, de um realinhamento que se aproveita da inserção do cordel no ambiente escolar, das novas descobertas científicas e da adoção da internet como forma comunicar o cordel, descobrir novos poetas e de preservar a sua memória coletiva.

5 *BLOGS*

5.1 ELEMENTOS BASILARES

Com uma breve história, o movimento internacional de *blogs*, foi alicerçado inicialmente pela definição de *cibere*spaço traçada por Lévy (2007, p. 92, grifos do autor) que trata a questão como:

> [...] o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.* Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

Esse contexto fortalece o cenário de uma *sociedade em rede* que, na perspectiva de Castells (2011, p. 565-566), compreende que:

> Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. [...]. Rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma limitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, [...]. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação e invalidação do tempo.

Dessa forma, trata-se de entender que, dentro deste novo modelo de sociedade, as pessoas estão interconectadas, seja de forma afetiva, educacional, profissional, cultural ou política.

Sob o modo de produção capitalista, o termo *weblog* (*blog*) foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1998, para informar que, até dezembro de 1997, havia

apenas um limitado número de *sites* com as características do que entendemos hoje por *blogs*. (BLOOD, 2000, tradução nossa)[47].

Essa embrionária experiência descoberta em solo estadunidense, hoje conhecida por *blog*, contribui para o surgimento de inúmeras experiências no *ciberespaço*.

Dessa maneira, compreende-se que "o termo é de origem americana e é proveniente da contração das palavras *web* (página na *internet*) e *log* (diário de navegação). O termo original seria *weblog,* mas com o tempo acabou sendo abreviado para blog" (SCHITTINE, 2004, p. 60). Em função disso, Rodrigues (RODRIGUES, 2006, p. 21) observa que na "realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato electrónico". Desta maneira, o *weblog* era visto como uma variação usada para *blog* que por sua vez

> [...] surgiu como uma ferramenta simples de criar conteúdo dinâmico em um *website*. É baseado principalmente em dois aspectos: **micro conteúdo**, ou seja, pequenas porções de texto colocadas de cada vez, e **atualização frequente**, quase sempre, diária (RECUERO, 2003, p. 3, grifo da autora).

Em função dos aspectos anteriores, Schittine (2004, p. 60) informa que o "blog é uma adaptação virtual de um refúgio que o indivíduo já havia criado anteriormente para aumentar o seu espaço privado: o 'diário íntimo'".

Baronas (2011, p. 48) mostra que:

> O vocábulo *blog* é uma criação bastante recente. Trata-se de um termo criado a partir do neologismo *blogosfera,* que referencia não só aos textos publicados nesse suporte, mas também aos diversos links e hipertextos que dão acesso a outros blogs. Os blogs têm como uma de suas características mais marcantes a facilidade no acesso. Eles permitem que qualquer pessoa com um mínimo de trânsito em informática possa postar textos, imagens, fotografias, comentários sobre si mesmo, etc.

Assim, as observações de Bitencourt ([2005?])[48] definem os *blogs* como:

---

[47] Texto original: "In 1998 there were just a handful of sites of the type that are now identified as weblogs (so named by Jorn Barger in December 1997)". Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 01 abr. 2013.

[48] Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2013.

> [...] páginas na Internet onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos de seu interesse que podem vir acompanhadas de figuras e sons de maneira dinâmica e fácil além de outras pessoas poderem colocar comentários sobre o que está sendo escrito. É um recurso de comunicação entre família, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. Muitos o utilizam como diários virtuais, escrevendo mensagens envolvendo o lado pessoal, emocional e profissional. O Blog é uma ferramenta colaborativa onde pessoas trocam informações e conhecimentos cooperativamente. Pode ser utilizado como um laboratório de escrita virtual onde todos os membros possam agir, interagir e trocar experiências sobre assuntos de mesmo interesse. Quanto à funcionalidade, o blog diferencia-se de outras ferramentas [...] como chat, fórum, listas de discussão entre outras, pela possibilidade de interação, acesso e atualização das informações através de comentários e posts.

O *blog* abre um leque de possibilidades para que o escritor e leitor possam, além de postar informações, conseguir interagir e registrar ideias a partir de uma rede de relacionamentos dentro de um determinado grupo social ou área de domínio (interesse) no qual o *blog* circula.

Por isso, “os blogs vêm permitir algo novo, algo que os media de massas não podiam dar, pelo menos com total plenitude: a possibilidade de cada um dar a sua opinião sobre um determinado assunto” (RODRIGUES, 2006, p. 21).

Desta forma, os *blogs* também “se tornam uma nova opção de pesquisa na web no momento em que estariam classificando as informações em função do conteúdo que disponibilizam” (AQUINO, 2009, 224).

Os *blogs*, enquanto objeto virtualizado possibilita um cenário em constante semiose, especialmente por produzir constantemente resultados hipertextuais e hipermidiáticos.

Esta realidade em certa medida também é possibilitada em virtude da forma como a linguagem, conectividade e dinâmica em rede se materializam, visto que se tem nos *blogs* uma

> linguagem [...] diferenciada. Os textos, chamados de *posts,* são curtos e publicados em blocos que são organizados cronologicamente, a data mais recente da publicação fica acima das demais. Uma outra característica são os espaços em que o leitor pode fazer comentários tanto positivos quanto negativos [...] (FERREIRA; VIEIRA, 2007, p. 3)[49].

[49] Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/205/206>. Acesso em: 27 dez. 2013.

Essas são algumas das razões por que os *blogs* “são atualizados com frequência [...] onde o conteúdo (texto, imagens, arquivos de som, etc.) é publicado em uma base regular e exibido em ordem cronológica inversa” (SCHMIDT, 2007, tradução nossa)[50].

Aliar a forma como a linguagem é empregada com as caraterísticas que compõem os *blogs,* faz com que seja levantada a necessidade de entendimento de sua construção física. Entender isso possibilita caminhar para uma melhor compreensão do que é alicerçado sobre esta faceta da *blogosfera.*

5.2 ESPINHA DORSAL: ENTRE CATEGORIZAÇÃO E ANATOMIA

Existe, atualmente, uma significativa quantidade de *blogs* com as mais diversas finalidades, perfis, características, públicos alvo e com os mais variados interesses, sejam pessoais, econômicos, informacionais ou outros. Para que seja possível entender as peculiaridades dos *blogs*, se faz necessário sistematizá-los com base em uma estrutura categorizadora, representada por meio do quadro a seguir:

Quadro 1 – Categorização de *blogs*

Item	Categoria	Descrição
(a)	Diários Eletrônicos	São os *blogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *blogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor.
(b)	Publicações Eletrônicas	São *blogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam.
(c)	Publicações Mistas	São aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias,

[50] Texto original: "blogs, are frequently updated websites where content (text, pictures, sound files, etc.) is posted on a regular basis and displayed in reverse chronological order”. (SCHMIDT, 2007). Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>. Acesso em: 01 abr. 2013.

		dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

Fonte: Adaptado de Recuero (2003, p. 4).

Com este quadro é possível perceber o quanto os *blogs* abrem possibilidades distintas aos autores e leitores, favorecendo contextos pluralistas cujo acesso aos conteúdos, no *ciberespaço*, é cada vez facilitador e integrador. Portanto, a partir dessas categorias, quaisquer propostas tornam-se possíveis.

Cabe ao autor, escritor ou colaborador (*blogueiro*s) e leitores ou seguidores (*blogonautas*) não apenas terem a vontade de postar ou comentar informações, mas também de conhecer minimamente as diversas funções e potencialidades que um *blog* pode proporcionar a quem deseja submergir nesta faceta cibernética.

Para isso, vale a pena conhecer com mais clareza a estrutura ou "anatomia" de um determinado *blog*, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Anatomia de um *blog*

Item	Termos	Descrição
1	Painel de controle	Este é o painel de controle nos bastidores. Painéis de controle se diferenciam por *sites*, mas o do *Wordpress* permite que se saiba tudo, desde quantas publicações realizou e quantas pessoas visitaram seu *site*. Além das estatísticas, o painel de controle é onde se podem alterar as configurações, ler comentários, adicionar novas páginas, alterar a aparência do *blog* e acrescentar uma nova publicação. Pode-se, também, ter uma ideia de quantos indivíduos estão visitando o *blog* e quais publicações estão enviando para os amigos.
2	*Tags*	São como palavras-chave: eles ajudam os programas de busca a encontrar suas publicações no *blog.* Devem ser usados *tags* que descrevam os principais assuntos das publicações para que os leitores que buscam informações semelhantes, encontrem seu *blog*. Melhor ainda, *tags* de palavras-chave relacionadas, como as principais manchetes, provavelmente aparecerão quando os pesquisadores procurarem o que está sendo noticiado.

3	*Blogroll*	Esta é uma lista de outros *blogs* que o autor do *blog* acompanha. É uma ótima maneira de fazer um favor para amigos cujos *blogs* o autor gosta, porque os leitores podem descobrir os *blogs* deles através do *blogroll* do outro. Podem-se acrescentar *blogs* de criadores de notícias, líderes de opinião, formadores de opinião e especialistas da indústria para ajudar os leitores a conectarem-se à *blogosfera*.
4	Perfil	É como o *site* aparece para todos os outros. A partir do perfil, é possível ver as publicações, além de *links* para outras páginas do *blog*, incluindo a biografia autor.
5	Registros	Por meio do registro, é possível compartilhar as publicações anteriores com leitores que não as viram.
6	Categorias	À medida que se acrescenta publicações no *blog*, podem-se indicar categorias às quais elas pertencem. Isso ajuda os leitores a localizar informações relevantes.
7	RSS	Trata-se de um código especial que permite ao autor alimentar as publicações do seu *blog* para seus outros *sites* tais como *Facebook* e *LinkedIn*, ou usar seu *blog* para adicionar conteúdo atualizado no seu *website*.

Fonte: Adaptado de Martin (2012).

Em função do que foi apresentado na anatomia dos *blogs,* são potencializados diversos espaços de atuação aos *blogueiros* e aos *blogonautas*, dentre as mais variadas áreas profissionais ou lúdicas de atuação.

Esta conjuntura permite tornar os *blogs* um singular espaço de guarda e disseminação da informação, especialmente quando se utiliza das ferramentas mais adequadas para a memória e a organização dos conteúdos *web*. É por isso que “um blog [...] pode [...] funcionar como um repositório de informações [...]” (PRIMO, 2008, p. 7)[51].

Ao pensar os *blogs* neste sentido, possibilita-se viabilizar os meios e criar a condições necessárias produzir conteúdos sobre as mais diversas temáticas com abrangência de todas as áreas do conhecimento.

[51] Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2013.

5.3 ENCONTRO COM A POESIA POPULAR

As mais diversas áreas do conhecimento ou setores da sociedade, por meio das pessoas, têm feito uso da escrita via *blogs* e disponibilizado os mais variados conteúdos, sejam em virtude do espaço corporativo ou individual. Isso é visto com mais clareza em função dos

> [...] *blogs* já se mostrarem como uma ferramenta tecnológica que está sendo usada por profissionais de áreas como a comunicação, tecnologia da informação, marketing dentre outras, e precisa ser considerado como um aliado na trajetória da escrita da memória da sociedade contemporânea (CARVALHO; CARVALHO, 2005, p. 63, grifo das autoras).

Esses traços marcantes também têm sido percebidos em *blogs* com vieses culturais, onde os escritos pessoais ou colaborativos (coletivo) que tenham caráter íntimo ou público consigam comunicar suas produções, além de preservar a sua memória, mesmo que seja de forma artificial. Assim, com a

> "profissionalização" do mundo dos *blogs*, muitos temas surgiram como proposta nessas páginas: jornalismo (como mídia independente, sem intermediários, dando credibilidade e realidade para o que se coloca), poesia, atitude punk, literatura, quadrinhos, desenhos e caricaturas, música, cinema, política, além dos chamamos *blogs* coletivos (SILVA, 2005, p. 5, grifos do autor)[52].

No contexto da literatura poética, seja ela erudita ou popular os *blogs* abrem espaço para que uma infinidade de autores possa produzir, divulgar e comercializar as suas obras. Por isso,

> [...] ao nível da literatura, por exemplo, podemos observar que existem blogs de escritores, de crítica literária, blogs onde é publicada poesia e até contos inéditos. Autores que veem difícil a publicação de obras através das editoras acabam por fazê-lo nos blogs, dando assim a conhecer o seu trabalho ao público. [...]. Escritores consagrados ou principiantes têm assim novas oportunidades. (RODRIGUES, 2006, p. 126).

---

[52] Disponível em: <http://revistas.usp.br/caligrama/article/view/64431/67092>. Acesso em: 27 dez. 2013.

Um primeiro exemplo prático que pode ser apresentado é o caso do *blog* português “Descobrir Novos Escritores” que como o próprio nome retrata, o mesmo se dá em função do seguinte cenário: “Num momento em que e tão difícil editar e divulgar em Portugal, este projecto servirá de plataforma para a divulgação de novas obras [...] que percorrerão o nosso país” (LOUREIRO, 2010)[53].

Outro caso que vale a pena evidenciar é o *blog* “Clube dos Novos Escritores” que possibilita aos novos

> [...] talentos com poucas oportunidades oferecidas, que ao ingressarem no clube, recebem a oportunidade de serem lidos através de promoções, resenhas e sorteios com os blogs parceiros, [...] que lhes abrem portas, pelas quais podem apresentar seu trabalho ao mundo (CLUBE DOS NOVOS AUTORES, 2013)[54].

Isso se dá em especial pelo fato do fator público ser elemento inerente e fundamental dos *blogs,* fazendo com que os mesmos sejam “redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente” (KOMESU, 2004, p. 115)[55].

Esta realidade também é facilmente percebida no campo da poesia popular, especialmente da literatura de cordel, pois a cada dia tem aumentado o número de cordelistas que, por um lado, um dado grupo faz a transposição documental dos folhetos, ou seja, criam mecanismos híbridos para apresentar o cordel impresso no espaço virtual, por outro, há um grupo que utiliza exclusivamente os recursos *cibernéticos* para publicar ou postar suas produções artísticas, ou seja, os *ciber*cordéis.

Dentre vários casos passíveis de destaque, mostra-se abaixo o caso do *blog* “Mundo Cordel”[56] que disponibiliza uma página específica para divulgar cordéis pessoais e de vários outros autores, de maior ou menor nível de reconhecimento entre seus pares e tenham eles, sido postados neste espaço virtual ou em outros.

Assim, a *blogosfera* por meio do *ciberespaço* une as pessoas aos *blogs*, sejam eles mais ou menos complexos, ou tenham eles um número pequeno ou grande de seguidores.

---

[53] Disponível em: <http://descobrirnovosautores.blogspot.com.br/p/inicio.html>. Acesso em: 24 dez. 2013.
[54] Disponível em: <http://clubnovosautores.blogspot.com.br/p/nosso-clube.html>. Acesso em: 24 dez. 2013.
[55] Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Blogs-Fabiana-Komesu.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2013.
[56] Disponível em: < http://mundocordel.blogspot.com.br/p/cordeis-na-web.html>. Acesso em: 24 dez. 2013.

Os *blogs* têm se tornado, para muitos artistas, uma espécie de refúgio poético ou ambiente de “vazão” das produções intelectuais, tenham elas finalidades comerciais ou puramente lúdicas.

5.4 TECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEMÓRIA COLETIVA

A partir do surgimento e consolidação dos *blogs*, implementaram-se novas ferramentas no contexto da *blogosfera* em função de haver uma demanda cada vez mais crescente. As iniciativas de ampliar o número de elementos às configurações das estruturas físicas dos *blogs* fizeram deles, não apenas um espaço diferencial de comunicação, mas também um ambiente estratégico para organizar e representar os conteúdos da *web*.

Por isso, levanta-se a necessidade de trazer os posicionamentos de Maria Clara Aquino, que investiga os *blogs* na *web* 2.0, percebendo a necessidade de promover a representação e recuperação coletiva de informação (AQUINO, 2009).

Nesta linha, tem-se a condição de preservar e organizar os conteúdos na *internet,* sempre tão voláteis e instáveis enquanto sistematização, controle e busca informacional.

Esta prática pode ocorrer *a priori* de duas formas específicas e complementares, sendo elas, as Categorias e as *Tags*, elementos presentes e importantes às estruturas dos documentos na *Blogosfera.*

Abaixo se mostram visualmente essas particularidades:

Figura 9 – Elementos de organização da informação por meio dos *blogs*

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Aquino (2009, p. 248) observa que “nos blogs, a *folksonomia* pode ser vista através da prática dos marcadores, que, assim, se constituem como *tags,* criadas pelos próprios blogueiros e utilizadas tanto por estes como pelos leitores para recuperar algum post”.

A *folksonomia* surge, não para ser apresentada como a única forma de representar a informação, mas em função do arcabouço teórico, se mostra como uma singular maneira de contribuir para indexar conteúdos.

Contudo, ao falar isso, e percebendo a metodologia com a qual esta pesquisa está envolvida, pode-se dizer, conforme será explicitado de forma pormenorizada a frente, que a *folksonomia* facilmente poderá conviver e é potencialmente possível construir uma relação dialógica no processo de organização da informação frente à semântica discursiva.

Se for feita uma relação entre a *folksonomia* e semântica discursiva, facilmente poderá ser observado um cenário onde os elementos concretos que direcionam os textos, aqui tratados como figuras, são na verdade o que é chamado

de *tag*. Estas tanto podem ser incluídas pelo *webmaster* do *blog* responsável pelo *post,* quanto, pelos colaboradores, caso as postagens sejam compartilhadas.

Quanto às categorias seriam gerados pelos temas, elementos abstratos levantados pelos responsáveis dos *blogs,* ou seja, *webmaster,* indexador, editor ou colaborador com permissão para realizar este procedimento. É por isso que

> [...] em sistemas de publicação de blogs, como o WordPress, o blogueiro pode criar categorias de posts, e seria interessante para os leitores que o blogueiro mantivesse um padrão de tags para cada categoria. A recuperação se tornaria mais fácil para os leitores que, conhecendo as tags de uma categoria, poderiam encontrar posts específicos (AQUINO, 2009, p. 253).

Parece ficar cada vez oportuno profissionalizar o processo de escrita, compartilhamento, interação e organização e preservação memorial. Para isso é importante ter ferramentas e ambientes virtuais para favorecer este processo. Isso tem se dado na *blogosfera* por poucos instrumentos repositórios de conteúdos *web*. Um exemplo disso e que também se aplica a esta investigação é a plataforma *WordPress.*

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao trilhar o caminho metodológico foi possível encontrar formas e meios capazes de viabilizar uma pesquisa, seja qual for o cunho de atuação ou contribuição do método científico.

> O percurso metodológico se refere ao caminho trilhado para que você atinja os objetivos que definiu. Aqui você também deverá explicar os instrumentos que utilizará na investigação e as fontes de pesquisa. [...] Neste sentido, a metodologia significa o caminho a ser percorrido. No entanto, a questão metodológica é bem mais ampla e indica um processo de construção, um movimento que o pensamento humano realiza para compreender a realidade social. Isso significa que, ao registrar o seu percurso metodológico, você estará evidenciando a sua postura epistemológica como pesquisador, ou seja, você deixará pistas de como está concebendo a relação sujeito-objeto do conhecimento (GONSALVES, 2011, p. 63-64).

É partindo deste pressuposto que o percurso metodológico desta investigação, construiu o ambiente necessário para definição da tipologia, instrumentos, *corpus,* etapas, critérios, amostragem e em especial, sua base de diálogo metodológico. Tal percurso tem como base a semântica discursiva.

6.1 A SEMÂNTICA DISCURSIVA

Já na antiguidade se percebia a necessidade de entender como se representavam as coisas e o que significava esta “coisa” representada. Preocupados com este cenário, Melo e Bräscher (2011, p. 59) levantam a seguinte situação contextual:

> Desde a Antiguidade Clássica, a preocupação dos filósofos gregos era explicar a origem e a natureza da linguagem, bem como a relação entre as palavras e as coisas que elas nomeavam ou significavam.

Porém, é apenas a partir do final do século XX que emerge a Semântica para tentar responder com mais eficácia as demandas levantadas pela sociedade científica sobre o processo de compreensão do significado e por ele da significação. Para Greimas (1966, p. 11) a significação

> [...] está bem no centro das preocupações atuais. [...] Parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado “humano” na medida em que significa alguma coisa. [...] é na pesquisa a respeito da significação que [...] podem encontrar seu denominador comum. Com efeito, [...] as ciências do homem, de maneira mais ou menos explícita, se interrogam sobre o que significam um e outro.

Vê-se então que a semântica é uma área do conhecimento que estuda o problema do significado frente a tudo o que é pensado, transmitido e produzido gera identificação social.

A Semântica surge para dar sentido ao significado dos signos, de forma a tornar claro aquilo que percebido no “mundo das coisas” e que por sua vez, são constituídos por elementos que foram estruturados a partir de construções empíricas, tácitas ou científicas.

A semântica na visão de Fiorin (2008, p. 13) se articula e se estrutura em virtude de “designar o estudo do sentido”. Para o mesmo autor, a “Semântica define-se, como “estudo do significado” ou “teoria da significação””. Assim, observa-se o quanto são importantes às discussões e análises de natureza semântica, pois tudo com o que se convive, relaciona ou representa, pressupõe uma significação para que se permita a mínima compreensão e organização.

Aproveitando esta posição, e percebendo a semântica enquanto componente semiótico-discursivo, a pesquisadora Diana Luz Pessoa de Barros faz a seguinte observação:

> A semiótica tem, portanto, o *texto,* e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentimentos do texto, isto é, *o que o texto diz,* e, também, ou, sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos. [...] o texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação (BARROS, 2011, p. 187-188, grifos da autora).

Desta forma, ao trazer à semântica, em especial, a discursiva ao centro da discussão metodológica, objetiva chegar-se aos procedimentos de tematização e figurativização como forma de contribuir para indexação de *cibercordéis.*

A semântica discursiva, enquanto abordagem metodológica foi desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e tem uma composição formal que se apresenta através do Percurso Gerativo da Significação (PGS) ou do Discurso (PGD). Contudo, para efeitos desta investigação serão focadas exclusivamente as análises em torno da discursivização semântica que, por sua vez, trata de estabelecer uma relação "entre as estruturas *a quo* e as estruturas *ad quem* [...] em **percursos temático e figurativo**" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 362, grifo dos autores).

Percebe-se que "É no nível discursivo que o texto ganha forma. São as escolhas das palavras, dos nomes dos personagens que se materializam e se individualizam os textos" (FARIAS, [2000?], p. 11).

Dessa forma, a semiótica greimasiana na perspectiva da semântica Discursiva

> [...] vai bem além dos modelos de análise que, no máximo, consideram o enunciado como objeto a ser levado em conta ao lado das palavras e de outras unidades, ou que veem o texto ou o discurso exclusivamente como um agregado de enunciados (SOBRAL, 2009, p. 69).

A semântica discursiva quer ir além, quer considerar todas as peculiaridades do documento. Para viabilizar isso, é preciso considerar o percurso com o qual o texto é desencadeado, considerando todo o caminho trilhado fase a etapas lógicas, passando de nível para outro, ou seja, do figurativo ao temático.

Observando isso, Guedes e Moraes (2006)[57] consideram que:

> A Semântica Discursiva baseia-se na análise do percurso de encadeamento figurativo e temático recorrentes no texto, permite analisar de forma mais abrangente o conteúdo da obra, possibilitando maiores referenciais ao profissional quanto à proposição do tema final, englobando na análise, maiores referenciais quanto ao contexto da obra.

Corroborando Barros (2005, p. 85) comenta que "cabe-lhe examinar a disseminação dos temas no discurso, sob a forma de percursos, e o investimento figurativo dos percursos".

---

[57] Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoObter?numeroInscricaoTrabalho=4176&numeroEdicao=14&print=S>. Acesso em: 01 fev. 2013.

A partir das figuras, dos temas e consequentemente, da sua forma organizacional de compreender e representar tematicamente o texto viabiliza-se uma maneira bem peculiar de análise e síntese. Este esteio leva Fiorin (2008, p. 20) a definir este momento como

> [...] uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo.

Tendo esse mesmo entendimento, Antonio (2008, p. 61) ratifica o pensamento anterior, mostrando que essa é uma "sucessão de patamares, com suas descrições adequadas, que demonstram a produção e interpretação do sentido".

Seguindo este pensamento, Fiorin (2008, p. 20) mostra que o texto pode ser analisado e indexado em três níveis: o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo. Barros (2005, p. 13) explica os patamares ou níveis se dão da seguinte forma:

> a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

A partir do que foi caracterizado até o momento, Albuquerque (2011, p. 33-34) define esta estrutura em função das seguintes características:

> A semântica fundamental indica o eufórico e o disfórico das qualificações semânticas exploradas na sintaxe fundamental. A euforia determina o termo da categoria como positivo, enquanto a disforia caracteriza o termo como negativo. [...] A estrutura narrativa ou intermediária é onde se reconhece a existência de unidades narrativas, constituídas pelas relações que os enunciados mantêm entre si. As unidades da análise, nesta estrutura, são proposições

> narrativas sobre as ações (o “fazer”) de actantes (sujeito e objeto), cuja trama da narrativa se desenvolve na sequência de tais proposições. [...] A estrutura discursiva é o nível mais superficial do percurso gerativo da significação, também, chamada de discursivização, em que a forma de substância de expressão é mais próxima da manifestação textual, lugar de desvelamento da enunciação, onde se faz a cobertura dos conteúdos narrativos e se estabelece a relação entre enunciador e enunciatário. Assim, é nesta estrutura em que se analisam as relações intersubjetivas de tempo e de espaço, de enunciação e de enunciado.

Na perspectiva de Greimas e Courtés (2008, p. 434-438) estes patamares devem ser concebidos da seguinte forma:

> [...] a **semântica fundamental** defini-se por seu caráter abstrato, pelo fato de que corresponde – junto com a sintaxe fundamental – à instância *a quo* do percurso gerativo do discurso.
> [...] a **semântica narrativa** deve ser considerada como a instância de atualização dos valores.
> [...] a **semântica discursiva** [...] tal discurso é suscetível de explorar um percurso temático, convertendo-o sucessivamente em diversos percursos figurativos.

Assim, a investigação teve como foco central, os procedimentos de figurativização e tematização do nível discursivo, aspectos que melhor se adequam as característica do processo de representação informacional, conforme é mostrado na figura 10. É por este viés que foi possível justificar a abordagem metodológica que viabilizará a análise e interpretação dos dados desta investigação científica.

Esta opção ocorreu, porque é a que mais se adequa a Ciência da Informação para entender como se identificam os temas e as figuras do *cibe*rcordel. Isso, evidentemente ocorreu por meio do processo de discursivização.

Figura 10 – Processo de indexação de figuras e temas a partir da semântica discursiva

Fonte: Dados da pesquisa (2013).
Legenda:
(a) Figuras: Elementos concretos extraídos do texto (Linguagem Natural).
(b) Temas: Elementos abstratos levantados pelo Indexador (Linguagem Artificial).

Nessa mesma figura, percebe-se que existe uma estrutura linear e cíclica onde um nível leva ao outro e, assim, concluir que a figura poderá levar ao tema, do mesmo modo que o tema remeterá à figura, caso seja necessário e oportuno.

No construto teórico e metodológico de Greimas em pareceria com Courtés, a discursivização ocorre

> [...] quer em um percurso temático, quer, numa etapa ulterior, num percurso figurativo, e distinguir-se assim – levados em conta os dois procedimentos que são o da tematização e o da figurativização – duas grandes classes de discursos: discursos não-figurativos (ou abstratos) e discursos figurativos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 435).

Nesse sentido, Albuquerque (2011, p. 35, grifo da autora) afirma que “A *semântica discursiva* tem como componente a *tematização* – elementos abstratos presentes no texto – e a *figurativização* – elementos concretos presentes no texto – que dão concretude ao tema”.

Em consonância a esta proposição, Batista (2011, p. 39) afirma que os

> [...] procedimentos semânticos que competem à análise das estruturas discursivas são a figurativização e a tematização. A primeira consiste em transformar em figuras de superfícies as figuras do plano de conteúdo, utilizando-se a nomenclatura proposta por Hjelmslev. A segunda procurar extrair do discurso os valores abstratos ali encontrados e organizados em percursos.

O tema, na relação de “abstração” junto ao texto, faz com que o documento seja analisado e traduzido pelo indexador a partir do plano da compreensão e da leitura possível, possibilitando a recuperação da informação através de uma forma abreviada. Dessa forma, ao tematizar um dado texto, o mesmo deverá expressar significado ao tema levantado, mas isso apenas ocorrerá caso os elementos concretos do texto, ou seja, as figuras sejam permitam uma confluência entre signo e significado.

É por isso que a “Figurativização”, na percepção do Greimas e Courtés (2008, p. 210-211, grifo dos autores), se configura a partir da consistência dos

> [...] discursos e dos textos, e quais são os procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado. [...] Dir-se-á que o discurso será figurativizado no momento em que o objeto sintático [...] receber um investimento semântico que permitirá ao enunciatário reconhecê-lo como uma **figura,** [...].

Este componente da semântica discursiva trata dos aspectos concretos do texto ou leva-se em conta “segundo se supõe, o grau desejável de reprodução do real” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 212). De fato, é aquilo que facilmente é definido e que se apresenta em primeira instância a partir da análise do documento.

Com base no que foi apresentado, é a figura que leva ao tema. Por esse motivo “as figuras do texto formam uma rede, uma trama [...]” (ARRAIS; LIMA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 157), fazendo com que o indexador tenha um papel preponderante ao levantar as figuras, pois, é por meio desta dinâmica que o mesmo consegue traduzidas e transformá-las em temas.

Desta forma se tem um ciclo em forma de patamares que possibilita a efetivação de um tratamento de indexação, fruto da construção e análise dos componentes inerentes à semântica discursiva que por sua vez produz como resultado final a passagem de linguagem natural para linguagem artificial.

A frente mostra-se um quadro comparativo entre as características de figuras e temas no contexto da semântica discursiva.

Quadro 3 – Aspectos comparativos entre as características de figuras e temas

FIGURAS	TEMAS
Elementos concretos presentes no texto. São as palavras ou expressões que ***correspondem*** a algo no mundo natural.	Elementos abstratos presente no texto. São as palavras ou expressões que ***não correspondem*** a algo no mundo natural.
É a palavra concreta presente no texto. ***Criado pelo autor da obra.***	***Criado pelo indexador, analista da obra*** a partir das figuras levantadas.
Não podem ser ***nomes próprios.***	Não pode ser ***verbo.*** São substantivos adjetivados.
Linguagem ***natural***	Linguagem ***artificial***

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A partir desta comparação, percebe-se o quanto à semântica discursiva, por meio de seus componentes de figurativização e tematização pode ser significativa e estratégica ao processo de representação da informação, especialmente, por tratar de uma nova forma de indexação que traz como diferencial a redução da subjetividade.

Mesmo assim, Greimas e Courtés (2008) afirmam que tais procedimentos são ainda pouco explorados e, neste contexto, é oportuno considerar que na Ciência da Informação esta forma de investigar é insipiente.

Portanto, espera-se poder contribuir para um melhor aprofundamento da questão da Representação da Informação que incorpora a semântica discursiva à linguagem documentária, tornando-a mais completa e com um menor nível de subjetividade e dispersão interpretativa, aspectos extremamente enraizados e intimamente inerentes ao indexador profissional da informação. Portanto, poderíamos embrionariamente dizer que temos a possibilidade de surgimento de uma nova disciplina, a **Semântica Discursiva Documentária.** Na prática seria a

junção das configurações de Linguagem Natural e Artificial, enquanto Linguagem Documentária, aliados aos Componentes Temáticos e Figurativos da Semântica Discursiva.

6.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa qualitativa emerge das ciências sociais influenciando o modo de encontrar meios ou caminhos para novas observações científicas.

Pensando nisso, Minayo (2009, p. 21) se posiciona sobre esta questão, enfatizando que

> [...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, mas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Nesta mesma perspectiva, Marconi e Lakatos (2011, p. 270), consideram que este modelo de pesquisa “teve sua origem na prática desenvolvida pela Antropologia. Depois, empregada pela Sociologia e Psicologia. Posteriormente, a investigação qualitativa começa a ser aplicada em Educação, Saúde, Geografia Humana etc.”.

Nesta investigação, apresenta-se como pesquisa qualitativa a semântica discursiva, por entender que esta abordagem

> [...] parte do fundamento de há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2010, p. 79).

Esta observação muito se assemelha ao posicionamento de Matias-Pereira (2012, p. 87), conforme se observa que a pesquisa qualitativa

> [...] parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Por isso não se tem a preocupação de mensurar resultados, mas de entender como os fenômenos se dão. Isso faz com que na

> [...] pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último. (RAUPP; BEUREN, 2013, p. 92).

Por este viés Bogdan e Birten (1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130) asseveram que devem ser observados os seguintes aspectos:

> 1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Nesta mesma linha de pensamento, Flick (2007, p. 20) mostra que são vistos como aspectos da pesquisa qualitativa, “métodos e teorias, perspectivas dos participantes e sua diversidade, reflexibilidade do pesquisador e da pesquisa e a variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa”.

É em função da importância dada e reconhecida para esta tipologia de pesquisa que cresce

> [...] a consciência e o compromisso de que a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social, e os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas

> reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisa-la e descrevê-la.

É por isso que Martins e Theóphilo (2009, p. 141) afirmam que

> [...] a pesquisa qualitativa também é conhecida como pesquisa naturalística, uma vez que para estudar um fenômeno relativo às ciências humanas e sociais é necessário que o pesquisador entre em contato direto e prolongado com o ambiente no qual o fenômeno está inserido.

Na visão de Oliveira (2012, p. 37), a pesquisa qualitativa pode ser definida como “sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto [...] segundo a sua estruturação”.

Esta realidade é pautada em virtude da pesquisa qualitativa “está interessada em compreender ou interpretar as ações dos atores sociais” (OLIVEIRA; FILGUEIRA, 2004, p. 227).

Portanto, torna-se viável compreender uma dada investigação respeitando as pluralidades e atores envolvidos com o processo investigativo.

6.3 INSTRUMENTOS AUXILIADORES

Para esta investigação científica, são trazidos instrumentos que possibilitem exortar uma diferencial pesquisa bibliográfica através das suas respectivas fontes que, na percepção de Santos e Parra Filho (2011, p. 83), são “informações já escritas em livros, jornais, revistas, entre outros”.

Nesta mesma posição, está Ruiz (2013, p. 58) onde afirma que as

> [...] produções humanas foram comemoradas e estão guardadas em livros, artigos e documentos. Bibliografia é o conjunto dos livros escritos sobre determinado assunto, por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamento diversas entre si, ao longo da evolução da Humanidade. E a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica.

Corroborando com este pensamento, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6) mostram que “a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema”.

Lima e Mioto (2007, p. 38) mostram que é preciso ir mais além, especialmente porque “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Para Oliveira (2012, p. 69) a principal finalidade da pesquisa bibliográfica

> [...] é levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. O mais importante para quem faz a opção por uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico.

É observando esta perspectiva que Martins e Theóphilo (2009, p. 54) afirmam que a pesquisa bibliográfica trata

> [...] de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar a discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas [...].

Lima (2010, p. 48, grifos do autor) informa que a

> **Pesquisa bibliográfica** é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de *informação escrita* orientada pelo objetivo explícito de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema.

Assim, a pesquisa bibliográfica deve caracterizar-se “pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa” (GONSALVES, 2011, p. 36).

Somam-se a estes conjuntos de fontes, os documentos ou registros eletrônicos, ou seja, aqueles escritos ou produzidos por meio de hipertextos e da hipermídia na *web*.

> [...] a Web oferece alguns recursos de busca sobre tópicos atuais que seria difícil ou impossível encontrar em bibliotecas. O tema, entretanto, precisa ser delimitado, e é preciso tempo para navegar. Na Web podemos realizar buscas em catálogos on-line, índices (por exemplo, de páginas de informação (por exemplo, de endereços de instituições ou editoras, lista de cursos, ou mesmo *homepages* pessoais), grupos de discussão e *listservs,* IRCs, MUDs, MOOs, MUSHs, MUCKs, (UM*s) etc. (MATTAR, 2008, p. 178-179).

Para esta investigação, foram acrescidos os conteúdos dos *blogs*, elementos essenciais do *cibere*spaço e objetos desta análise. Entretanto, o mesmo autor faz algumas ponderações em relação à forma como o conteúdo está organizado informacionalmente no *cibere*spaço:

> Enquanto a Internet se destaca pela quantidade e diversidade de informações, a organização, a indexação e a catalogação das informações disponíveis na rede está ainda em desenvolvimento, a recuperação da informação nem sempre é satisfatória. (MATTAR, 2008, p. 180).

Emerge assim, a importância incondicional do profissional da informação frente aos procedimentos de organização da informação no contexto das infovias. Contudo, o resultado apenas dar-se-á de forma satisfatória caso ocorra um amplo processo de representação da informação, utilizando os componentes essenciais da configuração do documento eletrônico a partir da sua construção semântica.

6.4 *CORPUS*

O *Corpus* é compreendido como o “local e aqueles que participam da pesquisa, os quais podem ser identificados como: participantes, população de estudo, público-alvo, sujeitos ou amostra, dependendo do método escolhido” (GAIO; CARVALHO; SIMÕES, 2008, p. 166).

Na visão de Gonsalves (2011, p. 70) com o *corpus* “deverá explicitar a sua população-alvo e, se for o caso, indicar a amostra, justificando os critérios adotados e as suas características”.

Para Oliveira (2012, p. 87), o *corpus* também pode estar relacionado à ideia de universo ou população, conforme é retratado a seguir:

> Em pesquisa, o termo população ou universo significa a totalidade de pessoas que habita uma determinada área geográfica ou conjunto de elementos que compõem o objeto de nosso estudo. Nem sempre é possível pesquisar a totalidade desses elementos, ou todas as pessoas e grupos que se situam na área que delimitamos para nossa pesquisa de campo.

Nesta perspectiva, para Deslandes (2009, p. 47, grifo da autora) o "*campo de observação* precisa ser definido, entendendo-o como os locais e sujeitos que serão incluídos, [...]".

Corroborando com esta linha de pensamento, Fraz Victor Rudio observa que *corpus* enquanto sinônimo de universo ou população, ou seja,

> o termo *população,* usado no sentido vulgar, indica apenas um conjunto de pessoas que habita determinada área geográfica. Em pesquisa o conceito é mais amplo. Designa a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características, definidas para um determinado estudo (RUDIO, 2012, p. 60).

Dessa maneira, apresentam-se como *Corpus* desta investigação científica os *ciber*cordelistas que apresentam suas produções através de *posts* ou comentários em *blogs,* que aqui são denominados de *ciber*cordéis.

6.5 ETAPAS

Os principais passos metodológicos que nortearam a pesquisa:

a) Identificar *blogs*;

Ocorreram entre julho e agosto de 2013 a partir da pesquisa de um conjunto geral de *blogs*, especialmente, em função daqueles que mais se repetiram durante o levantamento das 10 (dez) primeiras páginas do buscador *Google*. Ao final desta etapa, foram levantados 6 (seis) *blogs,* respectivamente, *Blog* de Cordel; Cantinho da Dalinha; Cordel de Saia; Mundo Cordel; Rosário Cordel; Só Cordel.

b) Identificar figuras;

As figuras foram analisadas sob a perspectiva da *Semântica Discursiva* que, na visão de Albuquerque (2013, p. 3),

> São os elementos concretos presentes no texto, são palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural. O mundo natural não quer dizer apenas o mundo realmente existente, mas também os mundos fictícios criados pela imaginação humana.

Tem-se aqui a manifestação da linguagem natural. Foram retirados do texto, os elementos concretos que levam ou direcionam a identificação do tema no momento da indexação.

Nesta investigação foram identificadas 71 (setenta e uma) figuras apresentadas pormenorizadamente na próxima seção.

c) Identificar temas;

Deu-se através da *Tematização*, componente integrante e essencial da discursivização. Para Albuquerque (2013, p. 4) trata-se dos

> Elementos abstratos são as palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que organizam, categorizam a realidade percebida pelos sentidos.

Possibilita-se aqui o processo de tradução, representação ou indexação informacional. Uma vez levantada à figura, foi viabilizado o tema que orientou e tratou do teor do texto analisado.

A título de informação numérica, chegou-se ao quantitativo de 28 (vinte e oito) temas que será possível visualizar por meio de frequência e apresentadas através de categorias.

d) Criação de *blog*;

Finalizadas as etapas supracitadas, foi criado um *blog* com função de banco de dados para disponibilizar o resultado das análises, especialmente dos temas expressos. Além disso, foram incluídos *links* externos direcionando aos *blogs* originais, onde os *cibercordéis* foram produzidos e também informando quem os

produziu. Neste caso, foi possível, além de organizar da informação, contribuir para preservação dos conteúdos memorialistas, que por sua vez, favorecem a perpetuação da memória coletiva.

Para que *blog* fosse viabilizado e atendesse as expectativas da pesquisa, o mesmo foi desenvolvido a partir da interface tecnológica *WordPress*[58], ambiente virtual capaz de, além de divulgar os resultados propostos, viabilizar a utilização de ferramentas que contribuem para preservação de informação no *cibe*respaço, desafio atual de uma sociedade que a cada dia mais tem convivido com o processo de hibridação e virtualização.

6.6 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Definidas as etapas metodológicas, foram utilizados como critérios de seleção dos *blogs* de cordéis, incialmente os 100 (cem) primeiros *blogs* pesquisados no buscador *Google.* Esta busca ocorreu, utilizando a palavra-chave ou descritor "*Cordéis na Web".*

Após serem levantadas as 10 (dez) primeiras páginas com o descritor sugerido, foram considerados como documentos relevantes a serem analisados, os *blogs* que tenham o seguinte perfil:

a) maior frequência ou presença nas buscas;
b) atualizados no mínimo até dezembro de 2012;
c) *blogs* que apresentam *cibe*rcordéis;
d) *cibe*rcordéis disponíveis na íntegra.

Esta dinâmica permitiu definir o número significativo de *blogs* para análise e consequentemente a sua interpretação. Ao que tange os textos, foram analisados no mínimo, a mesma quantidade em relação ao total de *blogs* com maior frequência, ou seja, 6 (seis) *cibe*rcordéis por *blog*.

---

[58] "O *WordPress* é uma plataforma semântica de vanguarda para publicação pessoal, com foco na estética, nos Padrões *Web* e na usabilidade. O *WordPress* é ao mesmo tempo um *software* livre e gratuito. Em outras palavras, o *WordPress* é o que você usa quando você quer trabalhar e não lutar com seu *software* de publicação de *blogs*". (WORDPRESS, 2013, grifo nosso). Disponível em: <http://br.wordpress.org>. Acesso em: 06 abr. 2013.

6.7 AMOSTRAGEM

Após responder as etapas anteriores, propôs-se como técnica de amostragem aos textos, a *Amostragem Aleatória Simples* que, na visão de Gil (2009, p. 91),

> [...] consiste em atribuir a cada elemento da população um número único para depois selecionar alguns desses elementos de forma casual. Para se garantir que a escolha dessa amostra seja devida realmente ao acaso, podem-se utilizar tábuas de números aleatórios. [...] As tábuas podem ser utilizadas da seguinte maneira: cada elemento da população é associado a um número.

Para Martins (2002, p. 47) é “o processo mais elementar e frequentemente utilizado. Atribui-se a cada elemento da população um número distinto”.

Este processo na visão de Colauto e Beuren (2013, p. 122) “equivale a um sorteio lotérico. Nessa técnica, a unidade da população de pesquisa possui a mesma probabilidade de ser selecionada”.

Dessa maneira, é “por este motivo que o processo de amostragem aleatória simples lança mão da tabela de números aleatórios” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 28).

Foi possível realizar o levantamento, para este objeto de estudo, com estes procedimentos. Foram possibilitadas as condições necessárias para analisar e interpretar os dados por meio da *semântica discursiva,* utilizando os recursos da *tematização* e *figurativização,* componentes essenciais ao processo de discursivização, oriundos da Semântica Discursiva.

7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS *CIBER*CORDÉIS

De forma geral, esta seção prima por organizar de forma sistematizada uma série de informações que foram coletadas ao longo do processo de investigação científica e que agora necessita de um amplo processo de interpretação informacional a partir dos postulados Greimasianos.

É neste momento, segundo Colauto e Beuren (2013, p. 136) que analisar

> [...] dados significa trabalhar com todo o material obtido durante o processo de investigação, [...] O processo de análise dos dados deve ocorrer de forma sistematizada. Inicialmente, é recomendável que o pesquisador encontre meios de organizar o material coletado durante a pesquisa e a *posteriori* analise-os com maior profundidade à luz das teorias da metodologia científica.

Para os mesmos autores, este processo requer uma interpretação em cujo contexto

> [...] deverá haver uma correlação dos dados coletados com a base teórica que sustentou a pesquisa. Nesse aspecto, nas seções subsequentes comenta-se a respeito de como os dados podem receber tratamento analítico e ser interpretados pelo pesquisador (COLAUTO; BEUREN, 2013, p. 136).

A interpretação que se dará aqui foi fruto de reflexões dos dados apresentados, que por sua vez, foram resultados da coleta criteriosa e cuidadosa das informações contidas nos *ciber*cordéis. Estes dados por sua vez, foram norteados sob a ótica da semântica discursiva.

Além dos critérios de seleção adotados, o fator definidor e diferencial para tomada de decisão final na escolha dos *ciber*cordéis se deram em função das pistas deixadas pelos autores ou responsáveis pelos *posts,* assim como pela declaração formal e oficial do cordel escrito exclusivamente na *web* por meio da *Ciber*cultura e consequentemente da *Blogosfera.*

Esta análise dará os passos iniciais a partir da descrição detalhada dos atores, espaços, objetos e fenômenos escolhidos que viabilizam esta pesquisa. Logo em seguida, apresenta-se a Discursivização, fruto do resultado de interpretação por meio da figurativização (figuras) e tematização (temas), levantadas através dos *ciber*cordéis.

O processo de interpretação dos dados via Semântica Discursiva, forjado por Greimas (1966, 2008), teve nesta investigação o apoio da ferramenta metodológica reconhecida como “Mapa Conceitual”, que irá ampliar o nível de entendimento efetivado pela figurativização e tematização, possibilitando assim ao leitor, uma leitura e compreensão gráfica mais detalhada e agradável.

7.1 GÊNESE

A partir da semântica discursiva, o processo de discursivização dos temas e das figuras se utiliza dos versos dos *ciber*cordéis para melhor representar informacionalmente à obra.

Feito isso, foi feita uma representação conceitual por meio de 12 (doze) mapas que remetem aos 42 (quarenta e dois) *ciber*cordéis levantados na pesquisa que, por sua vez, estão contidos em 6 (seis) *blogs* de *ciberc*ordelistas.

A ideia é demonstrar as relações entre as classes temáticas, os blogs, as autorias, os temas e as figuras dos *ciber*cordéis.

Entretanto, antecede a análise propriamente dita o resultado de 12 (doze) classes temáticas das 27 (vinte) definidas na pesquisa de Albuquerque (2011), conforme se mostra:

Quadro 4 – Comparativo de classes temáticas levantadas

Pesquisa Albuquerque (2011)	**Pesquisa Gaudêncio (2013)**
Agricultura	
Biografias e Personalidades	Biografia e Personalidades
Bravura e Valentia	Bravura e Valentia
Cidade e Vida Urbana	Cidade e Vida Urbana
Ciência	Ciência
Contos	
Crime	
Cultura	Cultura
Educação	Educação
Esporte	
Erotismo	
Feitiçaria	

Fenômeno Sobrenatural	
História	
Homossexualismo	
Humor	
Intempéries	Intempéries
Justiça	
Meio Ambiente	Meio Ambiente
Moralidade	Moralidade
Morte	
Peleja	
Poder	
Político e Social	Político e Social
Religião	Religião
Romance	
Saúde e Doença	Saúde. Doença

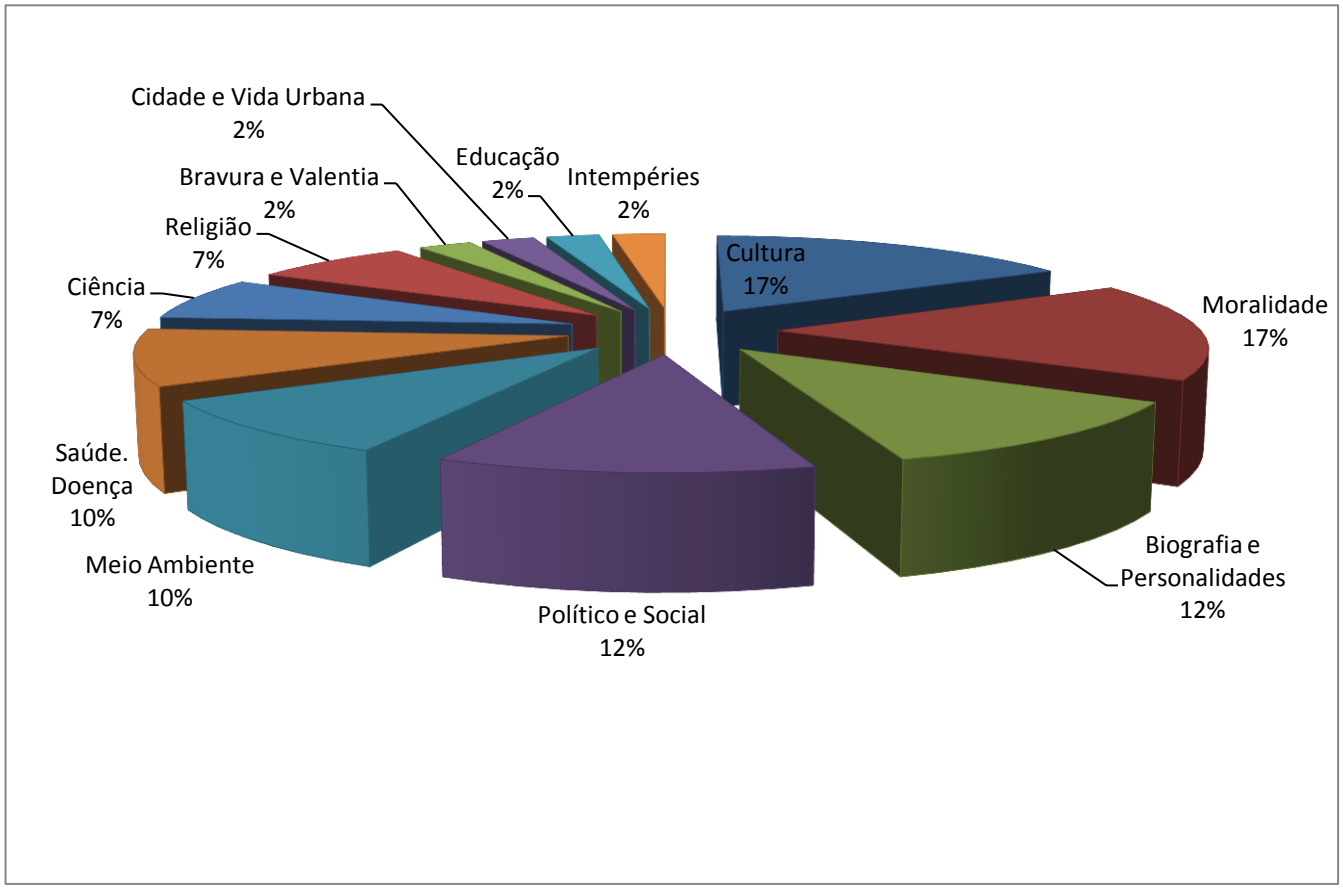
Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Este número mostra que a presença das classes temáticas encontradas em formato impresso também são presentes na forma de *cibercordéis*.

Este fato traz à tona uma real transposição (hibridação) da concepção temática da produção na relação do cordel clássico frente ao moderno.

Em função deste quadro, mostra-se abaixo o gráfico com o percentual de *cibercordéis* por classe temática, conforme foram definidas no transcorrer desta investigação científica.

Gráfico 1 – *Cibercordéis* por classe temática



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

O gráfico acima mostra em primeiro lugar, que as classes temáticas “Cultura” e “Moralidade” aparecem em maior escala, com 17% cada.

Logo em seguida, estão às classes temáticas “Biografia e Personalidades” e “Político e Social”, onde juntas representam 24% do total.

Na sequência estão as classes temáticas, “Meio Ambiente” e “Saúde. Doença”, com 10% cada.

Prosseguem estas últimas, as classes “Ciência” e “Religião”, ambas responsáveis por 14% do total analisado.

Em menor escala, estão as classes temáticas “Bravura e Valentia”, “Cidade e Vida Urbana”, “Educação” e “Intempéries”, com 2% cada.

No que diz respeito aos *blogs,* foram definidos 6 (seis) ambientes virtuais, conforme já explicitados através dos critérios de seleção na seção anterior.

Figura 11 – Distribuição de *blogs*

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

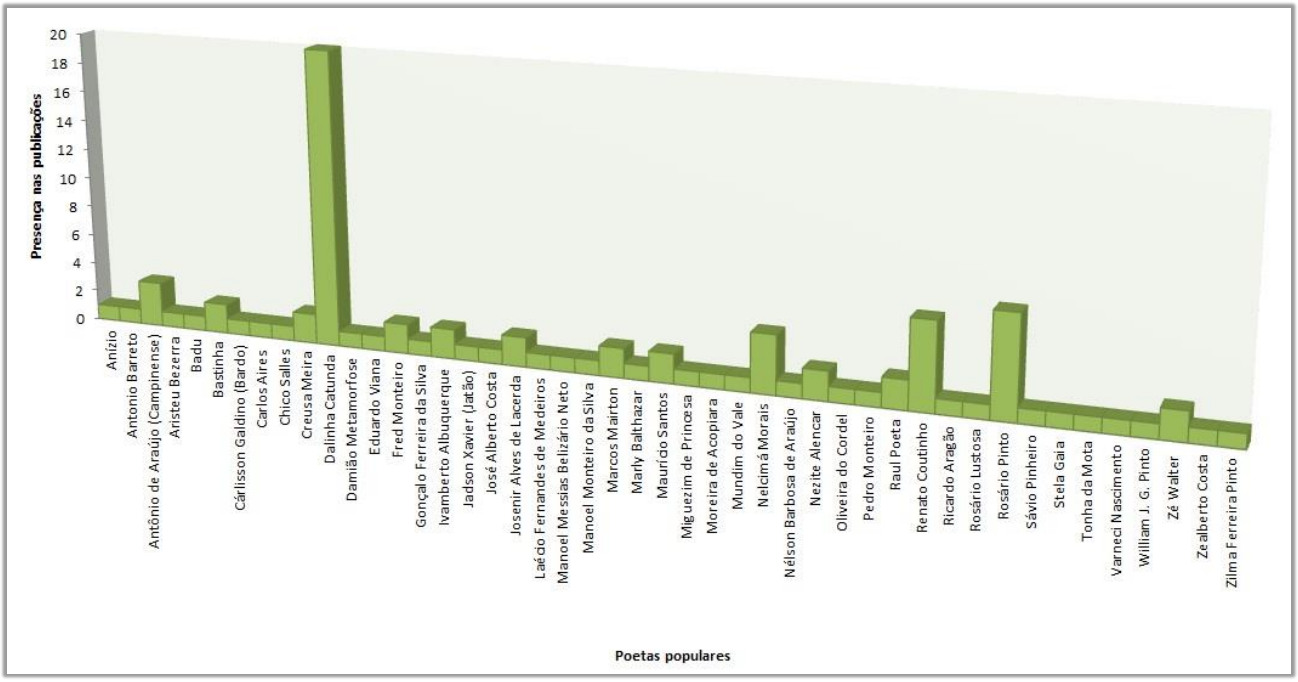
Os *blogs* analisados apresentaram um significativo número de poetas ou *cibercordelistas* identificados, uns pelos seus respectivos nomes e outros por pseudônimos, a saber:

1) Anízio;
2) Antônio de Araújo (Campinense);
3) Badu;
4) Bastinha;
5) Cárlisson Galdino (Bardo);
6) Creusa Meira;
7) Dalinha Catunda;
8) Fred Monteiro da Cruz;
9) Gonçalo Ferreira da Silva;
10) Ivamberto Albuquerque;
11) Jadson Xavier (Jatão);

12) José Walter Pires;
13) Josenir Alves de Lacerda;
14) Manuel Messias Belizário Neto;
15) Marcos Mairton;
16) Marly Balthazar;
17) Maurício Santos;
18) Miguezim de Princesa;
19) Moreira de Acopiara;
20) Mundim do Vale;
21) Nelcimá Morais;
22) Nélson Babosa de Araújo;
23) Nezite Alencar;
24) Oliveira do Cordel;
25) Pedro Monteiro;
26) Raul Poeta;
27) Renato Coutinho;
28) Rosário Lustosa;
29) Rosário Pinto;
30) Sávio Pinheiro;
31) Tonha da Mota;
32) Varneci Nascimento;
33) William J. G. Pinto;
34) Zealberto Costa;
35) Zilma Ferreira Pinto.

Ao mostrar os trinta e cinco *ciber*cordelistas, adicionados aos onze cordelistas colaboradores do *ciber*espaço, temos um importante e representativo número de escritores de textos populares que utilizam a *web* para divulgar suas produções poéticas alicerçadas na proposta clássica dos cordéis, mas sob outra ótica, a virtualidade.

Gráfico 2 – Nível de contribuição colaborativa dos *cibercordelistas*



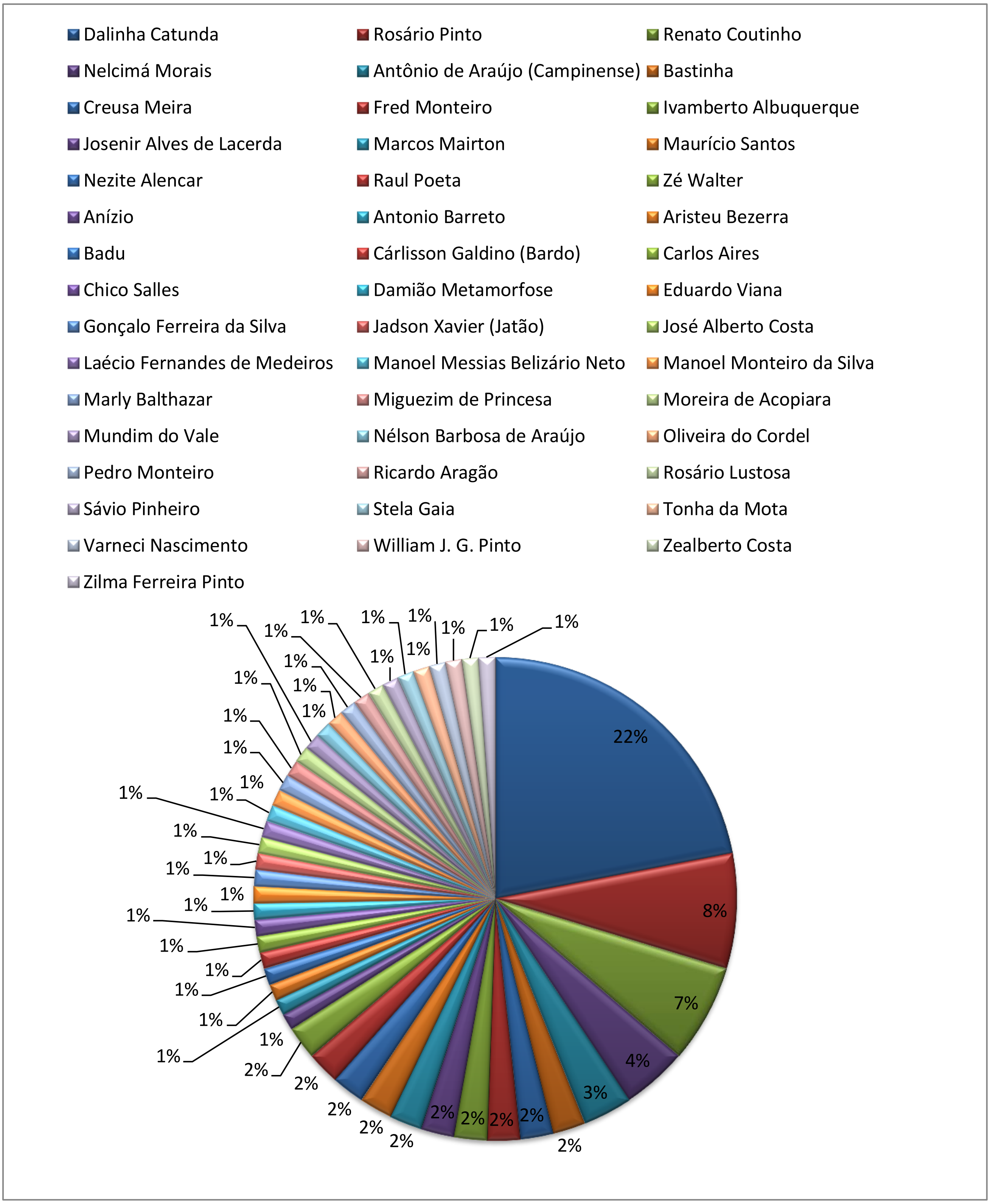
Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Neste gráfico são apresentados 46 (quarenta e seis) poetas do *cibere*spaço. São 11 a mais que os 35 (trinta e cinco) *cibercordelistas* informados anteriormente. Neste caso, em especial, isso ocorre em função de também terem sido levados em consideração os indicadores de produção por cooperação e/ou comentários.

Significa dizer que na prática, a produção poética de *cibercordéis* em *blogs* é dinâmica, sem limites geográficos e que todos, podem colaborar com as publicações, desde o surgimento dos motes, até em considerações posteriores aos *posts* através de novos versos que são publicados em forma de comentários.

Em função deste gráfico, percebe-se que alguns *cibercordelistas* se destacam em relação à inserção das produções, seja em virtude dos seus *blogs* e em função de terceiros, conforme é possível visualizar no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Cobertura percentual (%) das produções poéticas dos *ciber*cordelistas



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Visualiza-se aqui, que os maiores escritores e colaboradores no contexto deste *corpus* são, respectivamente, Dalinha Catunda (22%), escrevendo 20

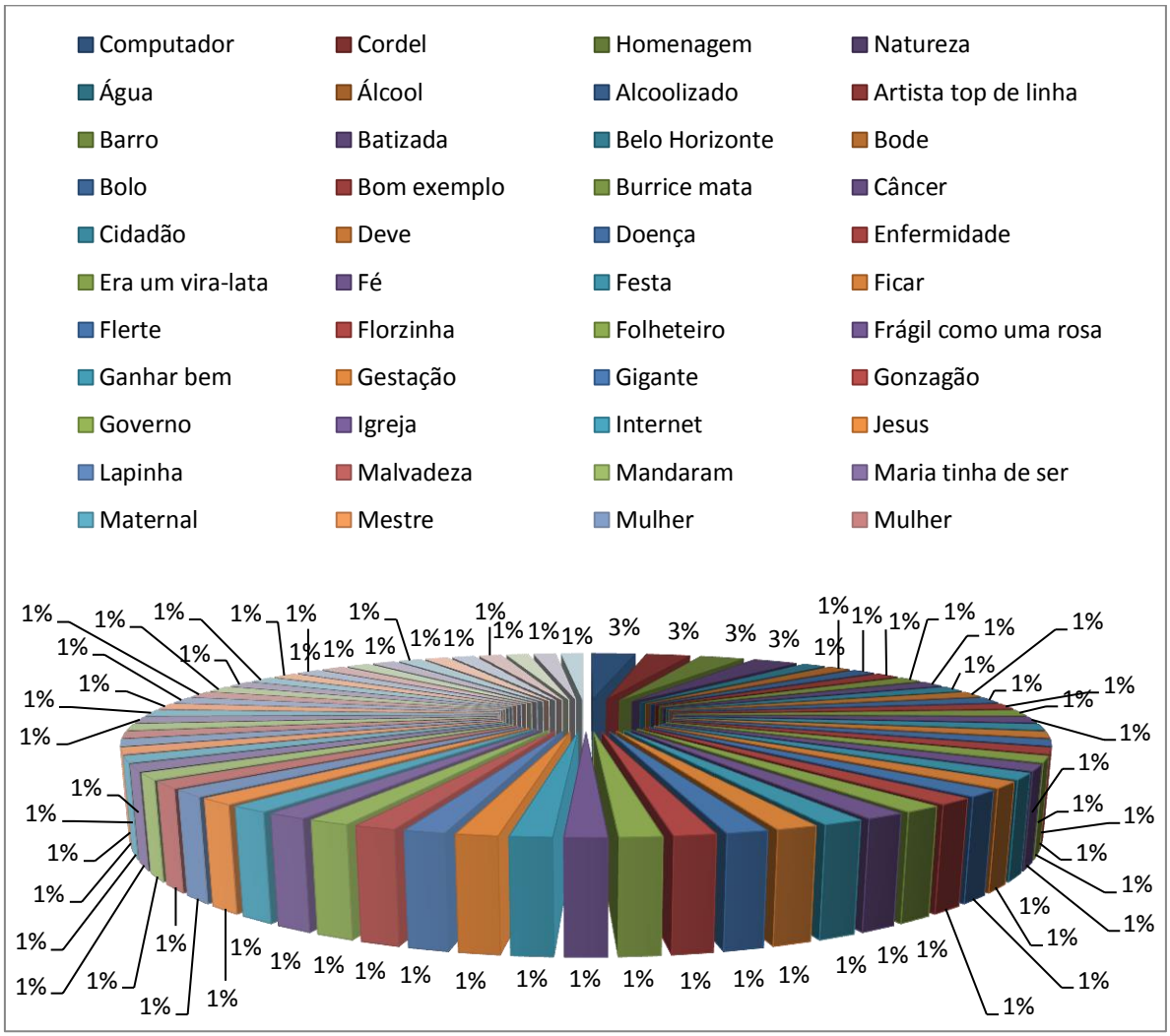
cibercordéis; Rosário Pinto (8%), escrevendo 7 (sete) *cibercordéis*; Renato Coutinho (7%), escrevendo 6 (seis) *cibercordéis*; Nelcimá Morais (4%), escrevendo 4 (quatro) *cibercordéis* e o poeta Antônio de Araújo, “O Campinense” (3%), escrevendo 3 (três) *cibercordéis*. Temos assim, uma contribuição que gira aproximadamente em 45% do total publicado.

Os poetas *cibercordelistas*, Bastinha, Creusa Meira, Fred Monteiro, Ivamberto Albuquerque, Josenir Alves de Lacerda, Marcos Mairton, Maurício Santos, Nezite Alencar, Raul Poeta e Zé Walter foram responsáveis pela escrita ou colaboração de 2 (dois) textos cada, que correspondem por 2% das produções individuais e 20% do total publicado.

Por último, ao que tange os *cibercordelistas*, Anízio, Antonio Barreto, Aristeu Bezerra, Badu, Cárlisson Galdino (Bardo), Carlos Aires, Chico Salles, Damião Metamorfose, Eduardo Viana, Gonçalo Ferreira da Silva, Jadson Xavier (Jatão), José Alberto Costa, Laécio Fernandes de Medeiros, Manoel Messias Belizário Neto, Manoel Monteiro da Silva, Marly Balthazar, Miguezim de Princesa, Moreira de Acopiara, Mundim do Vale, Nélson Barbosa de Araújo, Oliveira do Cordel, Pedro Monteiro, Ricardo Aragão, Rosário Lustosa, Sávio Pinheiro, Stela Gaia, Tonha da Mota, Varneci Nascimento, William J. G. Pinto, Zealberto Costa e Zilma Ferreira Pinto são produtores ou colaboradores responsáveis de 1 (um) texto cada, que corresponde por 1% das produções individuais e aproximadamente 35% do total publicado.

Assim, os dois gráficos apresentados a seguir ilustram a diversidade poética dos *cibercordelistas* através das frequências das figuras e dos temas tratados da seguinte forma:

Gráfico 4 – Frequência das figuras

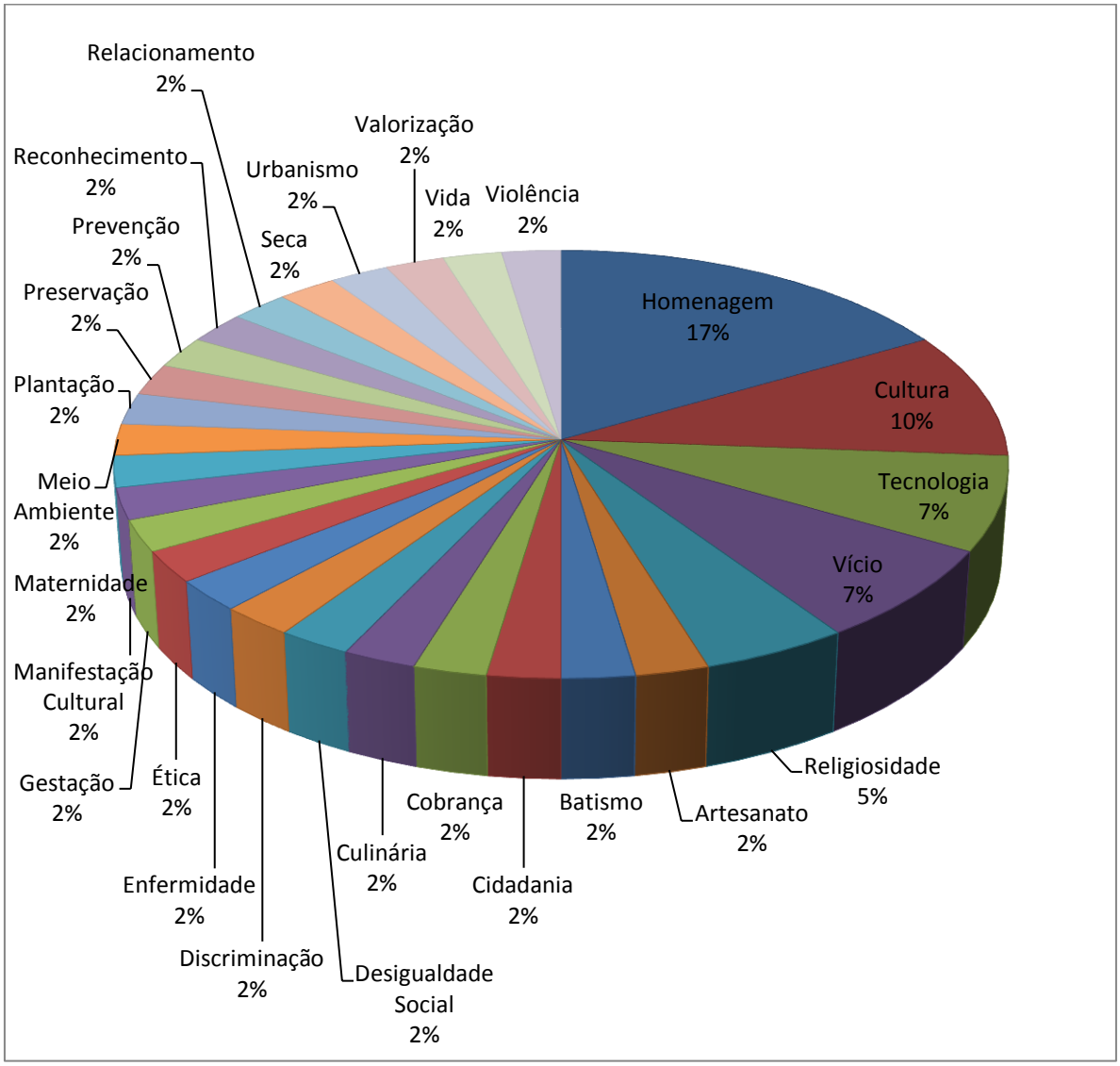


Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Apesar de perceber certa pulverização ou diversidade poética, percebe-se que em função desta gama de informação, se consolida um amplo nível de interesse para inspirar a produção poética. Assim, as 71 (setenta) figuras, enquanto elementos concretos retirados do texto em função do processo de representação informacional permitem fomentar inúmeras perspectivas temáticas. A maior presença figurativa se dá respectivamente, em torno dos vocábulos: Computador, Cordel, Homenagem e Natureza onde cada um destes é responsável por 3% de presença entre os textos analisados.

Em virtude disso, mostra-se abaixo a frequência temática:

Gráfico 5 – Frequência dos temas



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Ao apresentar este último gráfico, foram identificados 28 (vinte e oito) diferentes temas contidos em 12 (doze) classes temáticas das 27 (vinte e sete) presentes na pesquisa de Albuquerque (2011).

A predominância para os temas de *cibercordéis* mais citados, são respectivamente em Homenagem (17%), Cultura (10%), Tecnologia (7%), Vício (7%) e Religiosidade (5%). Juntos são responsáveis por 46% do tal de temas indexados através dos procedimentos de discursivização da semântica discursiva, conforme será detalhado na subseção seguinte.

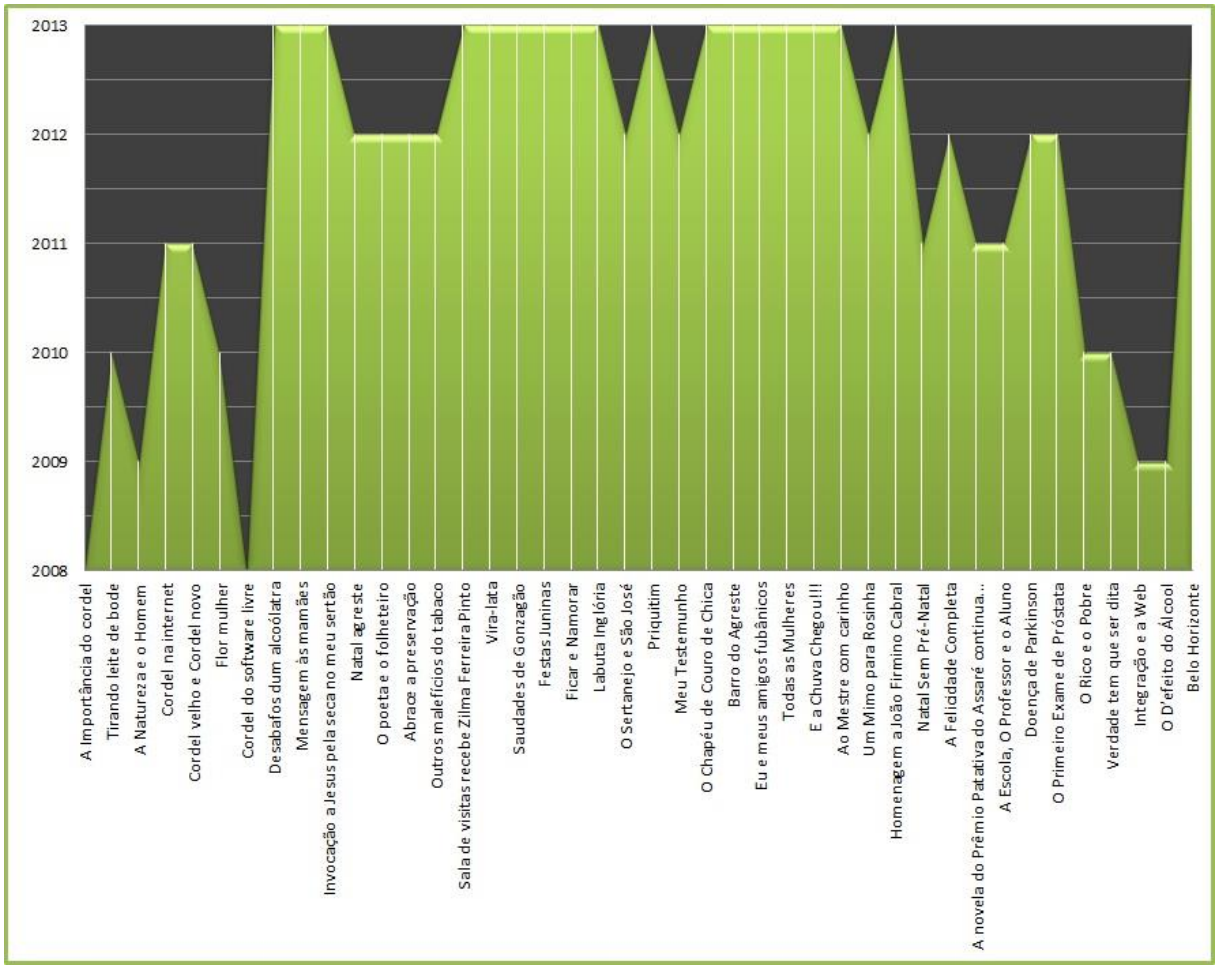
Com esta disposição, é notório perceber a grande contribuição que os *cibercordelistas* têm dado a crescimento da literatura popular em ambiente virtual.

Esta nova prática, permite que a comunidade poética e acadêmica, possa ter a poucos “clicks” a possibilidade real de interação e acessibilidade à produção intelectual de grande parte do conhecimento que é socializado em tempo real e uma recuperação rápida.

O levantamento destas frequências (figuras e temas) se deu por meio de uma temporalidade de 6 (seis) anos, mesmo assim, apresentou uma razoável gama de títulos produzidos. Ou seja, os cordéis levantados e analisados tinham uma temporalidade de publicação que variou entre 2008 e 2013.

Veem-se abaixo tais informações:

Gráfico 6 – Temporalidade dos *ciber*cordéis



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

São observados neste período temporal, 42 (quarenta e dois) *ciber*cordéis, em sua maioria, publicados em 2013. Isso mostra um recente e crescente número de *ciber*cordéis, além de reconhecer o fato, de alguns poetas terem adotado de

forma definitiva os *blogs* como os espaços mais estratégicos e dinâmicos para produção de seus versos.

Por fim, evidencia quanto é nova esta temporalidade e mais ainda, veloz e significante tem sido o reconhecimento dos poetas populares para necessidade de utilizar dos recursos da *blogosfera* para disseminar o conhecimento poético, outrora restrito a um único formato.

7.2 DISCURSIVIZAÇÃO DE TEMAS E FIGURAS

A Discursivização de figuras e temas, ou seja, de consolidar o processo de indexação por meio da semântica discursiva e desta maneira traduzir linguagem natural (figuras) em linguagem artificial (temas).

As informações aqui apresentadas levam os textos a uma categorização por classe temática.

Os versos dos textos originais serão apresentados por meio de mapas conceituais. Estes por sua vez, mostram-se por categorias de conceitos, cores e conexões (elos), as diversas relações de diálogo no processo de tradução de linguagem natural para artificial.

Cada *cibe*rcordel será categorizado por uma cor. Sugere-se que a leitura do mapa conceitual seja feita de baixo para cima, observando especialmente que, ao passar de conceitos com sombras pontilhadas para não pontilhadas, assim como, da inversão de setas, automaticamente se manifestará e/ou se concretizará a ação de indexação, representação ou tradução de linguagem natural para artificial, formalizando assim, a conclusão do processo de discursivização.

A primeira análise interpretativa parte de 5 (cinco) *cibe*rcordéis que emanam versos com a qual são levantadas figuras e temas que melhor representarão informacionalmente a “Classe Temática Biografia e Personalidades”.

Quadro 5 – Classe Temática Biografia e Personalidades

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Saudades de Gonzagão	Homenagem Gonzagão	*[...] Quero passar alegria,* *Que sinto no coração* *Através da poesia* *Fiz uma composição* *Uma simples melodia*	Homenagem

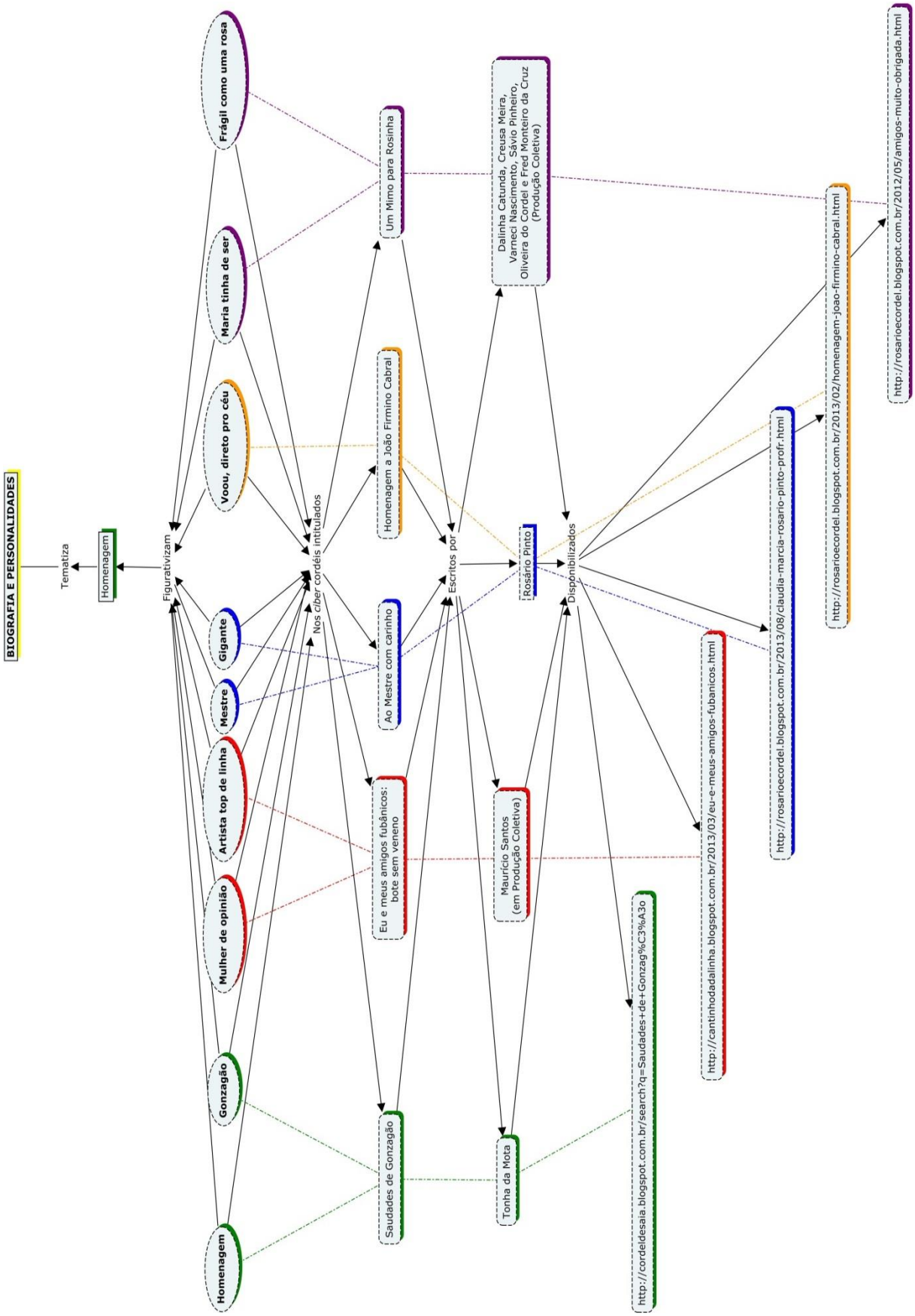
		Homenagem a Gonzagão.	
Eu e meus amigos fubânicos: bote sem veneno	Mulher de opinião Artista top de linha	*[...] É mulher de opinião* *Formada na resistência* *Portadora de decência* *Defensora da razão* *Não tolera corrupção* *Severa de carteirinha* *Artista top de linha* *Tem êxito fama e cartaz* *É de guerra e é de paz* *A poetisa Dalinha. [...].*	
Ao Mestre com carinho	Mestre Gigante	*Mestre BRÁULIO NASCIMENTO!* *Quem é este personagem?* *Este gigante festeiro...* *Que traz em sua bagagem,* *Nosso conto brasileiro.* *Num trabalho garimpeiro.* *Andou por muita paragem. [...].*	
Um Mimo para Rosinha	Maria tinha de ser Frágil como uma rosa	*No mês de maio nasceu,* *Maria tinha de ser.* *É frágil como uma rosa,* *Mas sorrir do padecer.* *Os seus sonhos contraria* *Porém espalha alegria* *Escondendo seu sofrer. [...].*	
Homenagem a João Firmino Cabral	Voou, direto pro céu	*Voou, direto pro céu.* *Lá encontrou Patativa,* *Seu mestre Almeida Filho,* *Na passagem, intransitiva.* *A morte chega num sopro* *Sem aviso, sem escopro.*	

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Os vocábulos “Homenagem”, “Gonzagão”, “Mestre”, “Gigante” e as expressões “Mulher de opinião”, “Artista top de linha”, “Maria tinha de ser”, “Frágil como uma rosa” e “Voou, direto pro céu”, figurativizam o tema “Homenagem” referindo-se ao tratamento que é dado a um indivíduo, oferendo ao mesmo um grau de reconhecimento, respeito, prestígio, gratidão ou admiração, seja por uma ação de maior ou menor grau de intensidade social ou cultural.

Graficamente, o mapa que representa informacionalmente as observações expressas no quadro citado.

Mapa Conceitual 1 – Classe Temática Biografia e Personalidades



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

De forma detalhada, visualizam-se no mapa, as fontes originárias das pesquisas textuais, que são respectivamente, “Cordel de Saia”, “Cantinho da Dalinha” e “Rosário Cordel”. Estes espaços por sua vez, foram escolhidos de forma aleatória, assim como todos os outros que os seguiram. Em um segundo nível, mostram-se os autores, onde cabe ressaltar que a autora que se encontra originariamente com a cor azul, produziu dois *ciber*cordéis, ambos, oriundos do mesmo *blog*. Um patamar acima, temos os títulos que remetem as figuras, elementos concretos do texto que ainda estão em fase natural de significação. Ao levantar estas figuras, aqui, adornadas de forma pontilhada, temos a última etapa até chegar ao processo de conversão que faz emergir os temas, elementos abstratos definidos pelo indexador e que em função do encadeamento lógico de análise e síntese, promove a redução da subjetividade, aspectos marcantes que faz o profissional da informação gerar erros em um determinado processo de representação informacional.

A frente mostra-se a análise interpretativa em segunda ordem que parte de 1 (um) *ciber*cordel onde emana o verso com a qual serão levantadas as figuras e o tema que melhor representará informacionalmente a “Classe Temática Bravura e Valentia”.

Quadro 6 – Classe Temática Bravura e Valentia

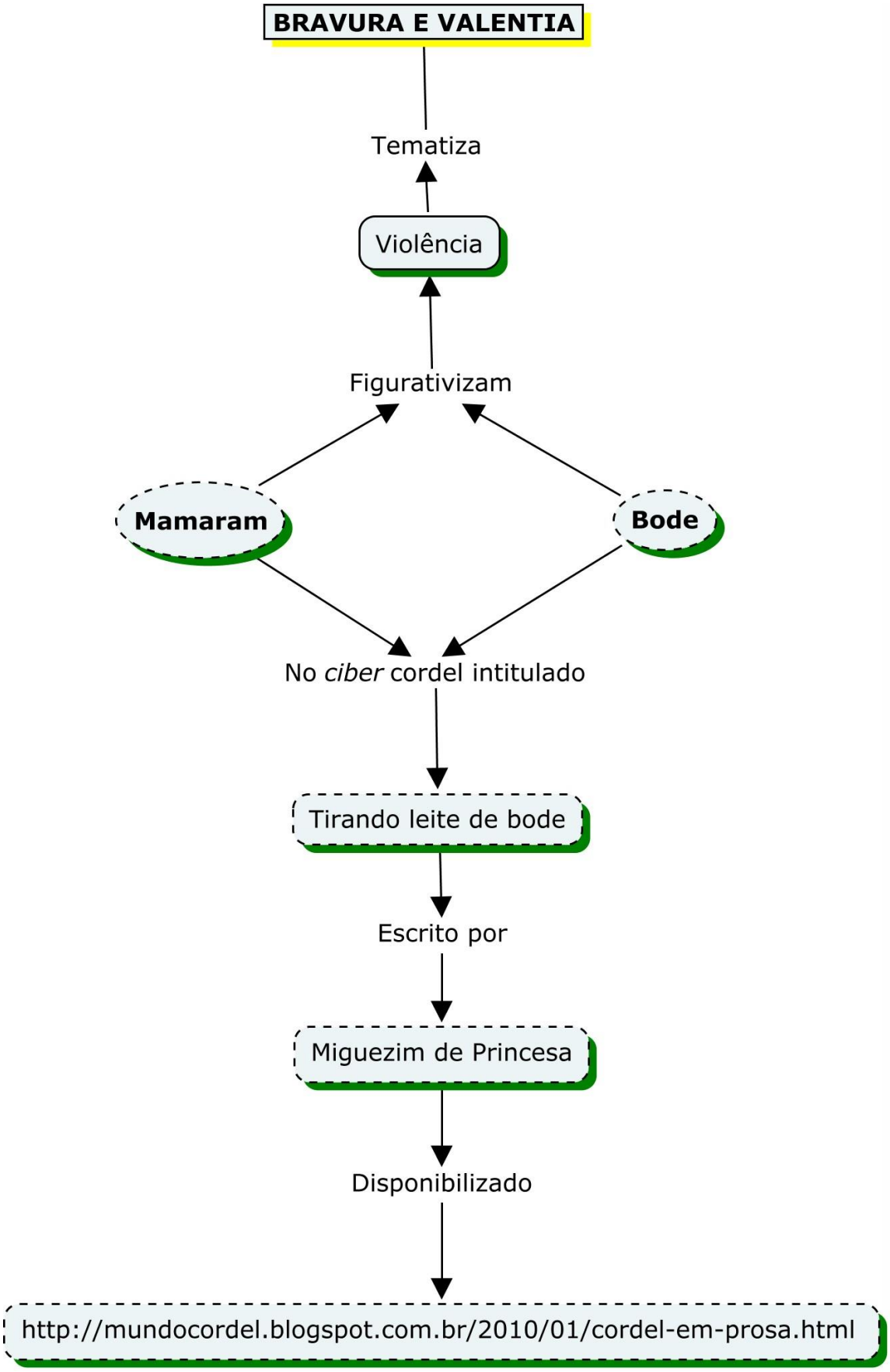
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Tirando leite de bode	Mamaram Bode	*Foi aí que Guimarães,* *Pra defender o irmão,* *Bateu na caixa dos peitos,* *Encheu bem forte o pulmão,* *Disse que* ***mamaram*** *em* ***bode*** *E não temiam nada, não! [...].*	Violência

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Os vocábulos “Mamaram” e “Bode”, figurativizam o tema “Violência” refere-se à ignorância e a brutalidade usada através do poder da força humana para resolver ou satisfazer vontades particulares.

Graficamente, o mapa que representa informacionalmente e coaduna com as informações expressas no quadro supracitado, apresenta uma exposição com grau de complexidade menor, mas não menos significante.

Mapa Conceitual 2 – Classe Temática Bravura e Valentia



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se no mapa, a fonte da pesquisa textual, o *blog* “Mundo Cordel”. A partir do segundo nível, até as figuras são observados elementos enquanto linguagem natural, que em função disso são traduzidos pelo tema “violência” que consequentemente estará contido na “Classe Temática Bravura e Valentia”.

Vale a pena notificar o motivo da utilização de uma única cor para “espinha dorsal” do mapa. Isso se deve a um único texto dentro desta classe.

Na sequência, mostra-se a análise interpretativa em terceira ordem que parte de 1 (um) *ciber*cordel onde emana o verso com a qual é levantada a figura e o tema que melhor representará informacionalmente a “Classe Temática Cidade e Vida Urbana”.

Quadro 7 – Classe Temática Cidade e Vida Urbana

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Belo Horizonte	Belo Horizonte	*Se tiver a oportunidade* *De **Belo Horizonte** visitar* *Encontrará hospitalidade* *Gente querendo agradar* *Muitos que aqui vieram* *Decidiram para aqui mudar.*	Urbanismo

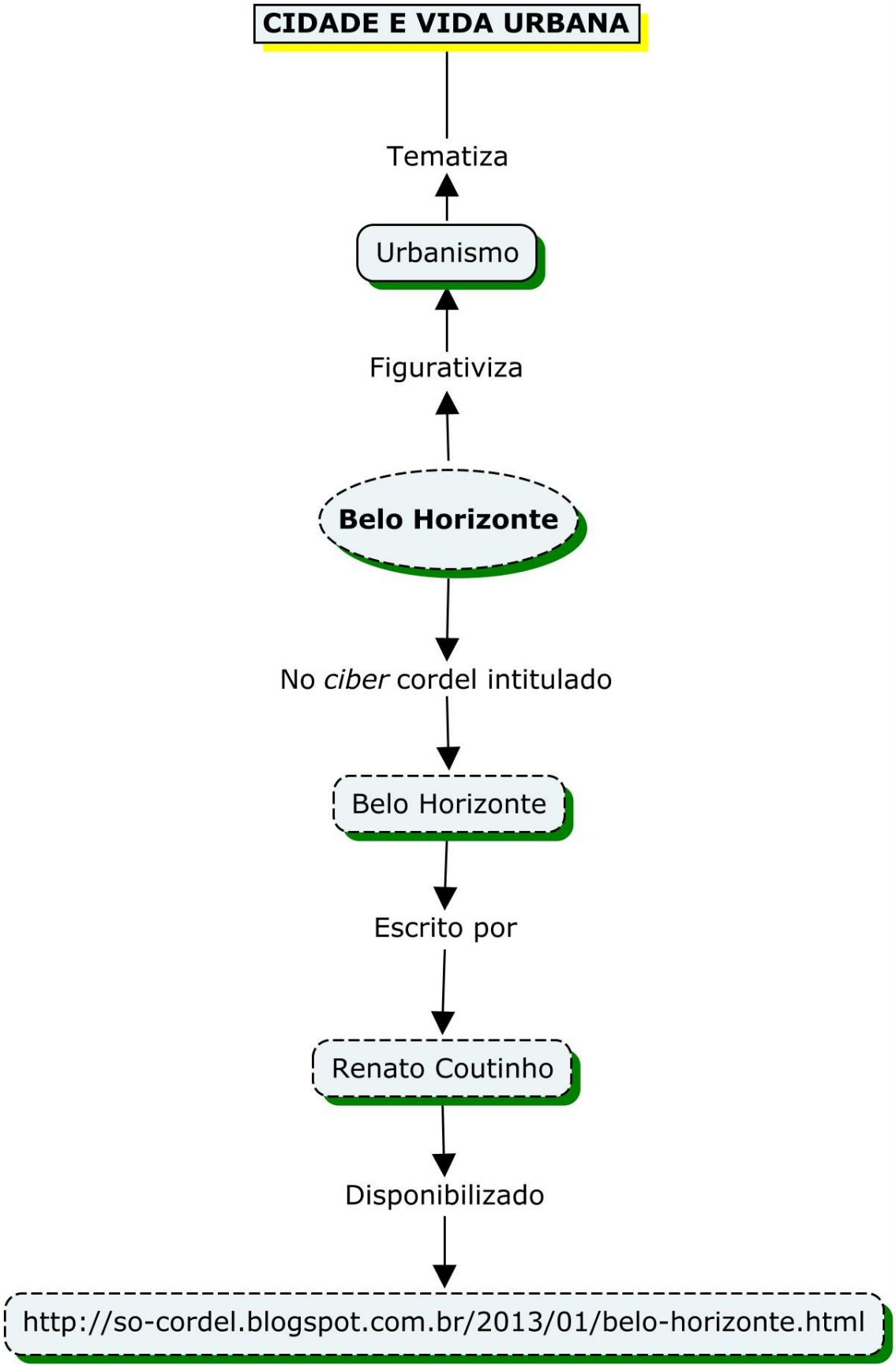
Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Neste quadro, apresenta-se o vocábulo “Belo Horizonte”, figurativiza o tema “Urbanismo” demonstrando a vida urbana do povo mineiro, da sua capital, mostrando as suas peculiaridades sociais e culturais, os ritos e os seus costumes.

Graficamente, mostra-se o mapa que indexa e ratifica as informações expressas nesta discursivização. Este mapa apresenta um grau de menor complexidade, face ao quantitativo de textos analisados, porém não menos importante.

Vê-se então esta representação informacional:

Mapa Conceitual 3 – Classe Temática Cidade e Vida Urbana



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se na estrutura deste mapa, um verso emanado do *blog* “Só Cordel”. A partir do segundo patamar, até alcançar às figuras. São observados elementos enquanto linguagem natural, que em função disso são traduzidos pelo tema “urbanismo” que consequentemente está incluído no contexto da “Classe Temática Cidade e Vida Urbana”. Vale a pena salientar que o motivo da utilização de uma única cor na estrutura do mapa se deu por apresentar um único texto dentro desta classe.

A quarta análise interpretativa parte de 3 (três) *ciber*cordéis que emanam versos com os quais são levantadas as figuras e os temas que melhor representará informacionalmente a “Classe Temática Ciência”.

Quadro 8 – Classe Temática Ciência

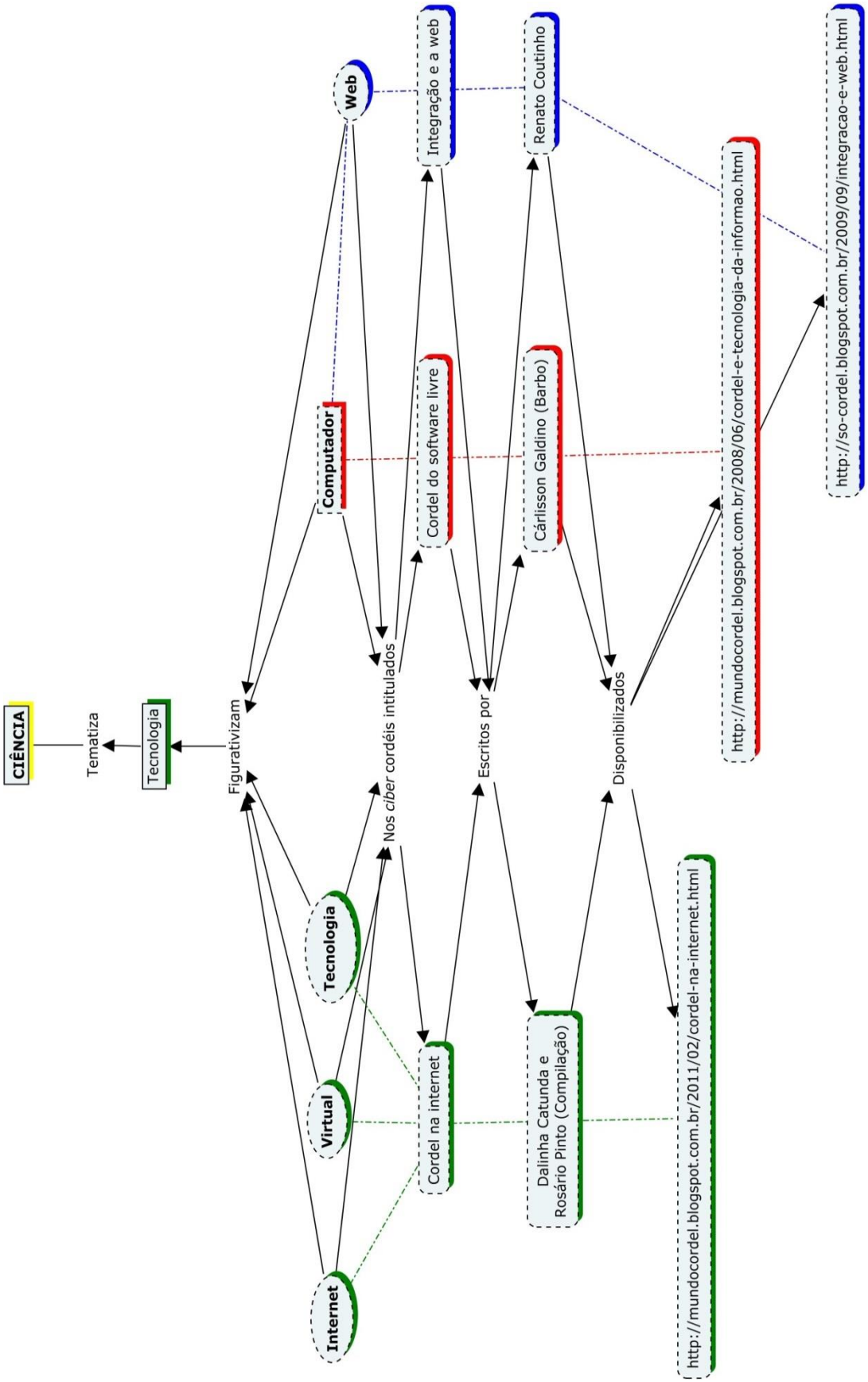
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Cordel na internet	Internet Virtual Tecnologia	*[...] A **internet** chegou* *Como grande aliada* *Pro cordel abriu estrada,* *E o cordelista gostou* *No **virtual** apostou* *E com **tecnologia*** *Espalhou sua poesia* *Por este mundo global* *Onde o cordel tem aval* *Nesta metodologia. [...].*	Tecnologia
Cordel do software livre	Computador	*[...] Para o programador* *O código é usado* *Para o **computador*** *O programa é transformado* *O "executável" é feito* *Traduzindo, e desse jeito* *Temos o segundo estado. [...].*	
Integração e a *Web*	Computador *Web*	*[...] Para tanto é importante* *Um **computador** possuir* *Não precisa ser possante* *Basta a **Web** aderir* *Prefira a banda larga* *Se onde tiver existir. [...].*	

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A partir dos elementos deste quadro, os vocábulos “Internet”, “Virtual”, “Tecnologia”, “Computador” e “*Web*”, figurativizam o tema “Tecnologia” define-se como o surgimento de equipamentos físicos e lógicos viabilizando o uso de ferramentas de informação e comunicação para, dentre outras coisas, produzir e

divulgar construções intelectuais. Trata-se então do processo, técnica ou instrumentos criados para facilitar as relações profissionais através de descobertas e invenções de utilidade pública. Por meio desta proposição, mostra-se abaixo o mapa que esclarecerá graficamente o entendimento de como a indexação do termo “Tecnologia” se deu.

Mapa Conceitual 4 – Classe Temática Ciência



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

É possível observar neste mapa conceitual que as fontes originárias dos versos pesquisados, são respectivamente, “Mundo Cordel” e “Só Cordel”.

Neste sentido, observa-se os aspectos concretos, presentes e retirados do texto que elevam o processo de indexação. Apresentam-se elementos artificiais, aspectos que garantem o resultado temático definido por “tecnologia” incluindo-se a “Classe Temática Ciência”. Um dado peculiar nesta representação é o fato de o tema citado, coincidentemente retratar o todo das figuras analisadas dentro do mesmo contexto organizacional.

Em quinta observação, levantam 7 (sete) *ciber*cordéis onde emanam versos com as quais são levantam figuras e temas que melhor representarão informacionalmente a “Classe Temática Cultura”.

Quadro 9 – Classe Temática Cultura

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
A Importância do cordel	Cordel	*Meu caro leitor amigo* *Veja um relato fiel,* *Eu já rimei a viola* *Que faz bem o seu papel.* *Agora passo a rimar,* *Na cultura popular* *A importância do cordel. [...].*	Cultura
Cordel velho e Cordel novo	Cordel velho	*[...] O cordel velho tem raiz* *Nos romances medievais* *Nas histórias sertanejas* *Muito antes dos meus pais* *O novo fala das ciências* *Recheado de influências* *Destas mídias digitais. [...].*	
O poeta e o folheteiro	Poeta Folheteiro	*[...] Poeta e grande tipógrafo* *Seu romance imprimia* *Entregando ao folheteiro* *Que logo distribuía* *A correr feiras e vilas* *E o povo fazendo filas* *P’ra comprar sua poesia. [...]*	
Sala de visitas recebe Zilma Ferreira Pinto	Cordel	*Abram alas, meus senhores,* *para o verso popular* *que em nosso Cordel de Saia* *a mulher tomou lugar.* *É cordel feito ciranda* *cantada à beira do mar. [...].*	
Festas Juninas	Festa	*É o mês de junho Chegando* *Mudando a cor do sertão.* *Sertanejos fervorosos,* *Demonstram sua devoção.*	Manifestação Cultural

		Fazem festa para São Pedro, *Santo Antônio e São João. [...]*	
O Chapéu de Couro de Chica	Bolo	*Eu sempre que vou ao Crato,* *Cidade do Ceará* *Como um bolo saboroso* *Que leva trigo e fubá* *E sendo feito por Chica* *Delicioso ele fica* *Bolinho melhor não há. [...].*	Culinária
Barro do Agreste	Barro	*O barro tem sua história* *E atravessa gerações* *Inda hoje é encontrado* *Porém em decorações* *Ou nas feiras nordestinas* *Que seguem velhas rotinas* *Preservando as tradições. [...].*	Artesanato

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A discursivização da “Classe Temática Cultura” se dá de forma diferente, pois a análise neste caso ocorre a partir de 4 (quatro) temas e 7 (sete) textos em verso.

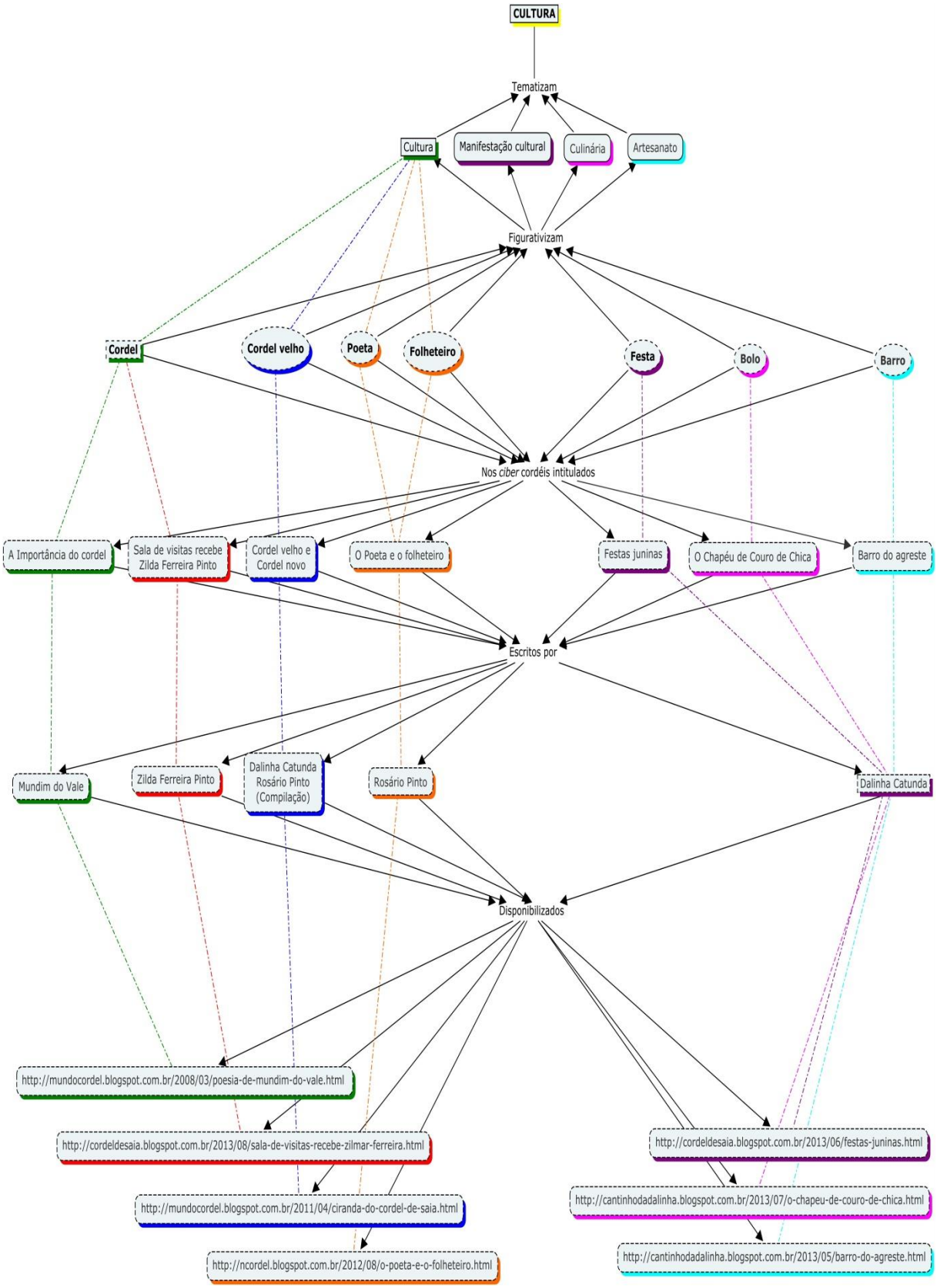
Os vocábulos “Cordel”, “Poeta” e “Folheteiro” e a expressão “Cordel velho”, figurativizam o tema “Cultura” que na perspectiva da literatura de cordel, emerge o entendimento sobre as construções do conhecimento poético e popular que remete ao entendimento de um cenário que torna possível o surgimento e a perpetuação de ramificações culturais que produzem poesia, seja impressa ou virtual. Trata ainda das personalidades da cultura popular que idealizam, divulgam e comercializam suas criações por meio de textos em verso rimados e metrificados, seja qual for espaço, o ator cultural (homem/mulher) ou formato.

O vocábulo “Festa”, figurativiza o tema “Manifestação Cultural” retratando uma das facetas da cultura como os rituais, celebrações brincadeiras de roda, festejos religiosos, dentre outros.

O vocábulo “Bolo”, figurativiza o tema “Culinária”, demonstrando a relação dos sabores populares na idealização e produção de comidas tipicamente caseiras.

O vocábulo “Barro”, figurativiza o tema “Artesanato” demonstrando a capacidade de produzir arte por meio da idealização de objetos, utensílios ou outros que sirvam para decoração ou para utilização das tarefas domésticas.

Mapa Conceitual 5 – Classe Temática Cultura



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se, neste mapa, 7 (sete) textos em verso que emanam de 4 (quatro) *blogs,* respectivamente, “Mundo Cordel”, “Cordel de Saia”, “*Blog* de Cordel” e “Cantinho da Dalinha”.

Para esta análise, alguns aspectos são peculiares. Na linha das autorias, Dalinha Catunda escreve em 2 (dois) *blogs* e apresenta 3 (três) títulos, figuras e temas na “Classe Temática Cultura”. O vocábulo “Cordel” está presente em dois títulos. Os vocábulos “Cordel”, “Poeta” e “Folheteiro” e a expressão “Cordel velho”, figurativizam o tema, “Cultura”.

Este tema por sua vez, ao contrário das representações informacionais anteriores, não se apresenta simplesmente por um único tema, neste caso, emergem 4 (quatro) temas para esta classe, respectivamente, “Cultura”, “Manifestação cultural”, “Culinária” e “Artesanato”, onde o primeiro em especial, se comunica em maior proporção com as figuras em detrimento das outras.

Na sexta observação, levanta-se apenas 1 (um) *ciber*cordel onde emana um verso com o qual são levantadas suas respectivas figuras e o tema correspondente que melhor representará informacionalmente a “Classe Temática Educação”.

Quadro 10 – Classe Temática Educação

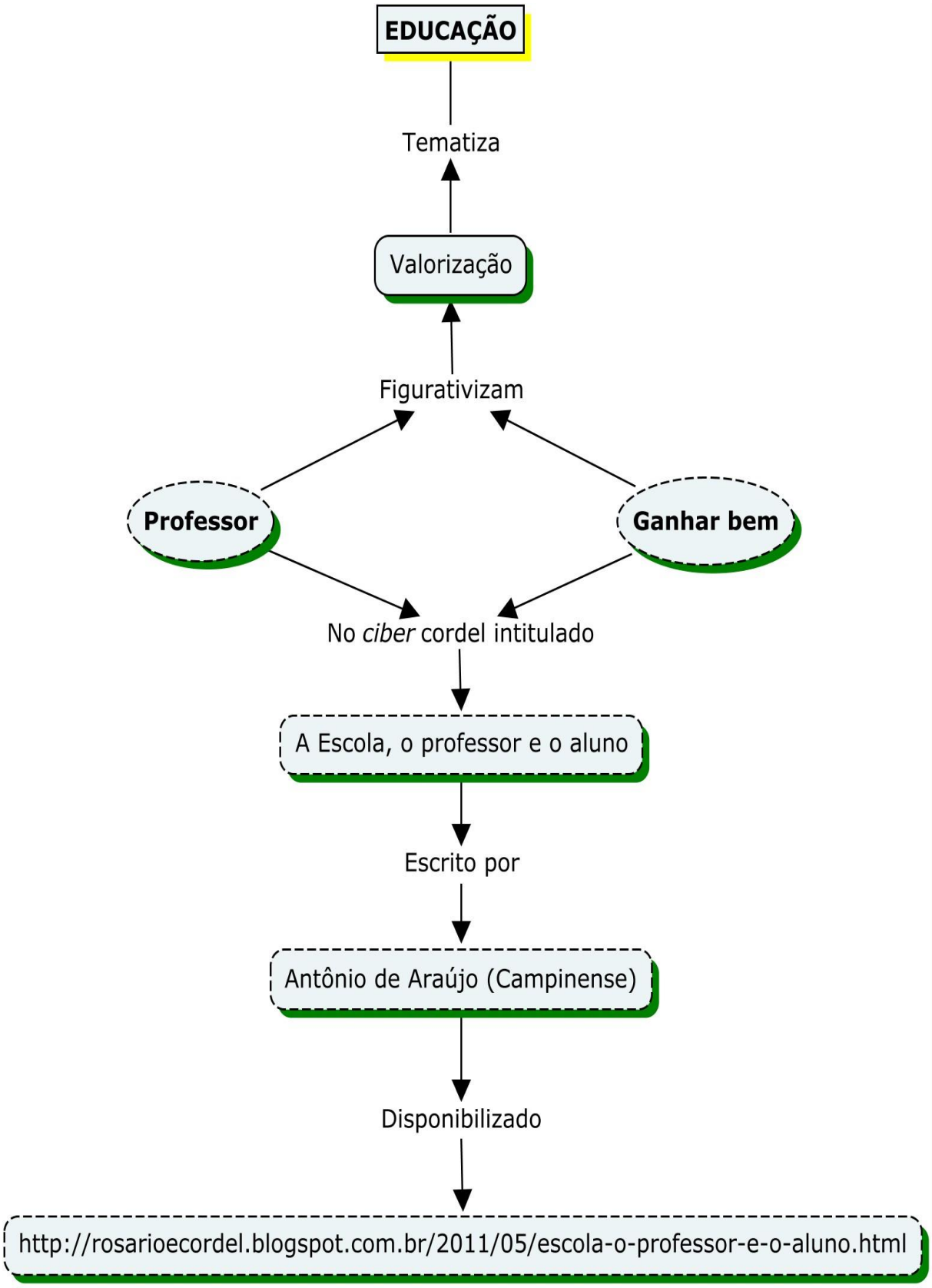
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
A Escola, O Professor e o Aluno	Professor Ganhar bem	*[...] Sem **professor** não há Ciência nem medicina* *Por tanto faz jus* ***Ganhar bem** quem ensina.*	Valorização

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Neste quadro, apresentam-se os vocábulos “Professor” e expressão “Ganhar bem” que figurativizam o tema “Valorização”, caracterizando o reconhecimento, o mérito, os dons ou as qualidades de uma determinada pessoa.

Graficamente, mostra-se o mapa que indexa e coaduna as informações expressas nesta discursivização.

Mapa Conceitual 6 – Classe Temática Educação



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se, na estrutura deste mapa, um texto em verso emanado do *blog* “Rosário e Cordel”.

Neste caso, apresentam-se 2 (duas) figuras que leva a um 1 (um) elemento abstrato (tema), definido aqui através do termo “Valorização”. O tema por sua vez é elevado ao nível de classe por meio do termo “Educação”. É por isso que o tema levantado se torna o resultado central do processo de representação informacional.

Na sétima observação, a interpretação gerada por esta análise girará em de 1 (um) único *ciber*cordel que emana um verso com o qual são levantadas suas respectivas figuras e o tema correspondente, que melhor representará informacionalmente a “Classe Temática Intempéries”, como se vê a seguir:

Quadro 11 – Classe Temática Intempéries

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Invocação a Jesus pela seca no meu sertão	Seca	*Jesus! tende piedade* *Do povo do meu* ***sertão.*** *Conviver com essa* ***seca*** *Ninguém aguenta, não,* *Com os animais morrendo* *Vai faltar também o pão. [...].*	Seca
	Sertão		

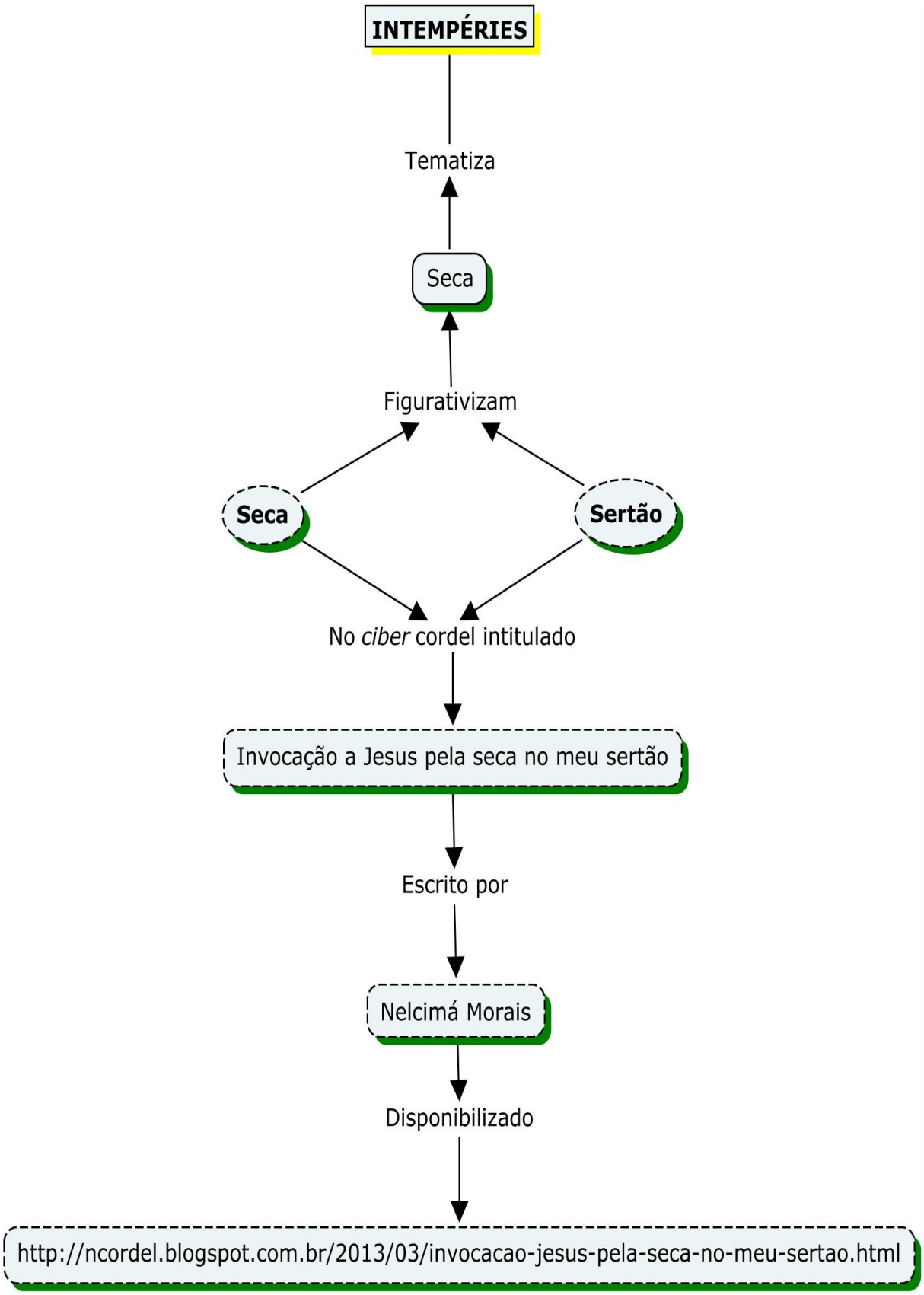
Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

No quadro em questão, são apresentados os vocábulos “Seca” e “Sertão” que figurativizam o tema “Seca”, caracterizado por altas temperaturas e pela baixa incidência de chuvas. Em seus momentos mais intensos pode provocar calamidade pública, contribuindo ao surgimento de flagelos como doenças, mortes e da indústria da seca.

Graficamente, mostra-se o mapa conceitual que indexa e coaduna as informações expressas nesta discursivização. A ideia do mapa é de além da análise semiótica, apresentando outra perspectiva observacional.

Vê-se então a proposta do mapa a respeito da “Classe Temática Intempéries”.

Mapa Conceitual 7 – Classe Temática Intempéries



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se, na composição deste mapa, um texto em verso do "*Blog* de Cordel". Neste caso, emergem 2 (duas) figuras e 1 (um) tema que se comparados ao título, talvez não chegasse a "Classe Intempéries". É a possibilidade semântica, de entender o significado a partir contexto da obra que leva a compreensão de um texto componente de uma obra em "Intempéries" e não em "Religião", por exemplo.

A oitava observação analítica, será trabalhada a partir de 3 (três) *blogs* e 4 (quatro) *ciber*cordéis onde emanam versos com os quais são levantadas as suas respectivas figuras e seus temas correspondentes a melhor forma de representa-los informacionalmente frente a "Classe Temática Meio Ambiente", como observa-se adiante:

Quadro 12 – Classe Temática Meio Ambiente

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
A Natureza e o Homem: "a verdade que ninguém quer ver"	Natureza Malvadeza	***Natureza** é o nome* *Em geral mais conhecido* *Mas pra nova geração* *Já foi substituído* *Chama-se meio ambiente* *Todos já estão cientes* *Desse fato ocorrido.* *Toda esta evolução* *Que vem no mundo ocorrendo* *Para o homem é natural* *Nada demais está havendo* *Veja quanta **malvadeza*** *Eles não sabem a grandeza* *Do mal que estão fazendo. [...].*	Meio Ambiente
Abrace a preservação	Natureza Planeta	*Preservar a **natureza**,* *Garanto-lhe meu irmão,* *Muito mais do que modismo* *Hoje é nossa obrigação* *O **planeta** está doente* *Seja bem mais consciente* *Abrace a preservação.*	Preservação
Priquitim	Florzinha	*[...] Chamada de "priquitim"* *Esta **florzinha** brejeira* *Nasce no feijão de rola* *Um tipo de trepadeira* *Bela florzinha silvestre* *Riqueza do meu nordeste* *E da flora brasileira.*	Plantação

E a Chuva Chegou!!!	Água	*Bendita Chuva caiu* *Encharcando meu sertão* *E foi tanta* ***água*** *no chão* *Que a natureza sorriu* *Bode correndo fugiu* *Com medo de se molhar* *Ao ver a* ***água*** *jorrar* *Preparei balde e bacia* *Vendo a* ***água*** *que caía* *Ligeiro fui aparar. [...].*	Vida

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A discursivização da “Classe Temática Meio Ambiente” se dá por meio de 6 (seis) figuras, 4 (quatro) temas e 4 (quatro) *cibercordéis* de 3 (três) *blogs* distintos.

Os vocábulos “Natureza” e “Malvadeza”, figurativizam o tema “Meio Ambiente” indicando o espaço que é composto pelos ecossistemas, bem como pelas transformações e destruições causadas pelo homem.

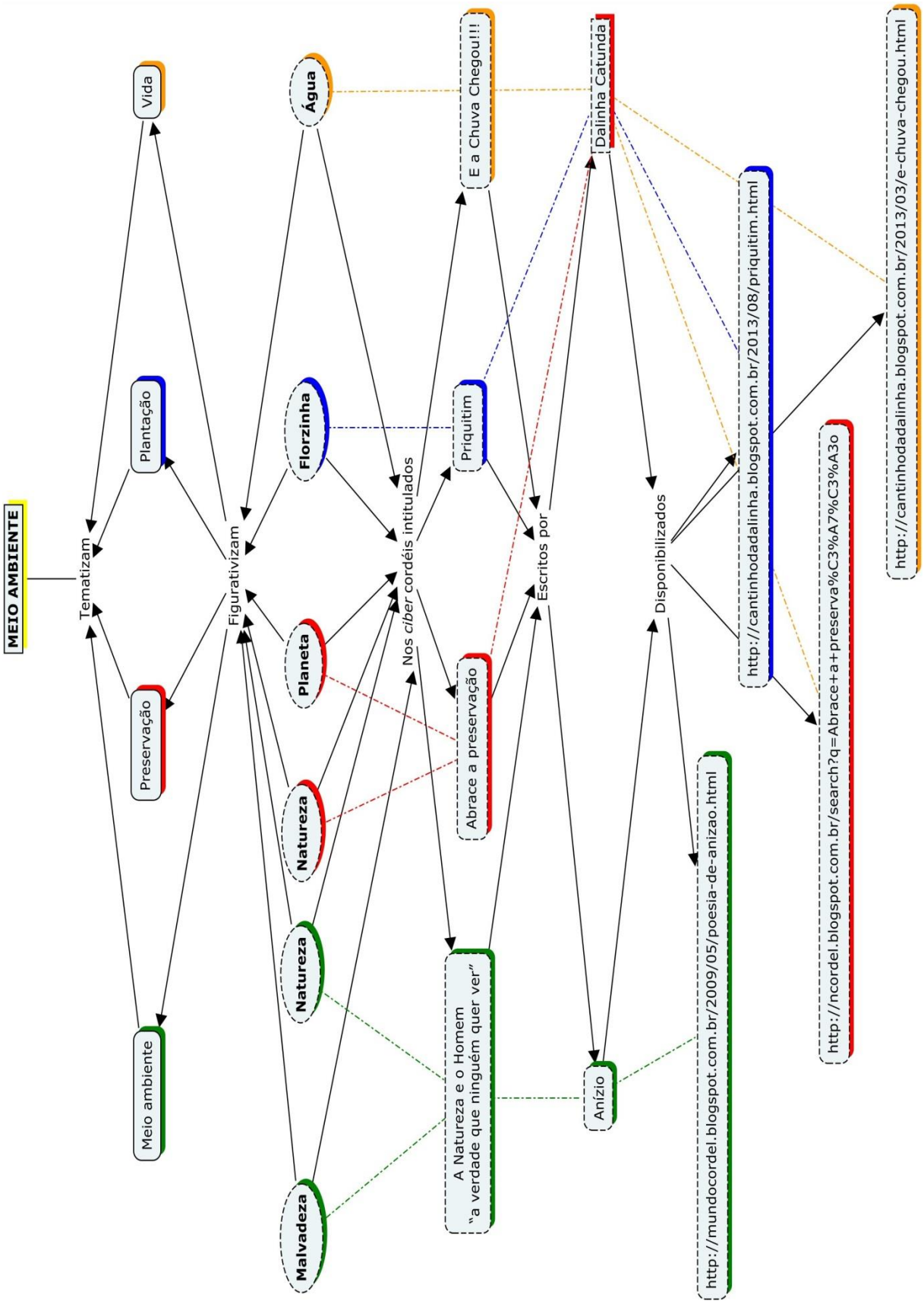
Os vocábulos “Natureza” e “Planeta”, figurativizam o tema “Preservação” caracterizando as práticas do homem na conservação e preservação da biodiversidade.

O vocábulo “Florzinha”, figurativiza o tema “Plantação” demonstrando o cultivo plantas nativas.

Por fim, o vocábulo “Água”, figurativiza o tema “Vida” indicando a essencialidade da subsistência humana e de outras formas de existência.

Apresenta-se o mapa conceitual da “Classe Temática Meio Ambiente”.

Mapa Conceitual 8 – Classe Temática Meio Ambiente



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se, neste mapa, 4 (quatro) textos em verso oriundos de 3 (três) *blogs*, respectivamente, "Mundo Cordel", "*Blog* de Cordel" e "Cantinho da Dalinha".

Na "Classe Temática Meio Ambiente" mostra-se em primeiro lugar, a presença da autora "Dalinha Catunda" que escreve 3 (três) dos 4 (quatro) textos em verso em 2 (dois) *blogs* diferentes. Sua influência é notória e vai além do seu espaço de domínio, transitando e contribuindo com outros espaços virtuais.

Em segundo lugar, são percebidas variações temáticas, fazendo com que a classe seja concebida e consolidada com uma significativa amplitude de versos. Sua cobertura de figuras e temas eleva suas nuances e condições vocabulares.

Na nona análise, levantam-se 7 (sete) *cibe*rcordéis que fazem emergir uma gama de informações em verso onde são minunciosamente representados informacionalmente na "Classe Temática Moralidade".

Quadro 13 – Classe Temática Moralidade

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Desabafos dum alcoólatra	Álcool	*[...] Maria, uma dona de casa* *Uma mulher respeitada* *Engajou-se na bebida* *Até ficar viciada* *O **álcool** lhe transformou* *E deixou-a esclerosada. [...].*	Vício
Outros malefícios do tabaco	Tabagismo	*Vou apresentar pra vocês* *Uma coisa impressionante* *O poder do **tabagismo*** *Veja como é desgastante* *Agride o nosso planeta* *E também seu habitante. [...].*	
O D'efeito do Álcool	Alcoolizado	*Homem é um perfeito idiota* *É mesmo um pobre coitado* *Tem dupla personalidade* *Que chega a ser engraçado* *Uma é quando não bebe* *Outra estando **alcoolizado.** [...].*	
Vira-lata	Pensei ter pedigree Era um vira-lata Burrice mata	*[...] Eu **pensei ter pedigree*** *Mas **era um vira-lata.*** *Nem mesmo para mijar* *Levantava sua pata* *Acionei a carrocinha* *Desmanchei sua casinha* *Pois sei que **burrice mata.** [...].*	Discriminação
Ficar e Namorar	Flerte Namoro Noivado Namoros	*[...] **Flerte, namoro, noivado,*** *Já deu o que tinha que dar.* *A graça dos velhos **namoros*** *São histórias a se contar.*	Relacionamento

	Ficar	*Diz-me os novos tempos,* *Que o lance mesmo é* ***ficar!*** *[...].*	
A novela do Prêmio Patativa do Assaré continua...	Governo Deve	*[...] Por gentileza Ministra* *Peço a mal não me leve* *Se, devemos, ao* ***governo,*** *Na execução ele é breve* *Porém não tá nem aí* *Quando é ele que nos* ***deve.*** *[...].*	Cobrança
Verdade tem que ser dita	Bom Exemplo	*Você que esta aí sorrindo* *Preste bastante a atenção* *Abstenha do que não e seu* *Ajude a melhorar nossa nação* *Comece dando* ***bom exemplo*** *Não caindo nessa tentação. [...].*	Ética

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A discursivização da “Classe Temática Moralidade” se dá por meio de 7 (sete) *cibercordéis*, de 14 (quatorze) figuras e 5 (cinco) temas e que estão aglutinados em 4 (quatro) *blogs* distintos.

Assim sendo, os vocábulos “Álcool”, “Tabagismo” e “Alcoolizado”, figurativizam o tema “Vício” significando o distúrbio provocado por uma droga lícita disponível no mercado, influenciando a um mau hábito que degenera o homem através de seu consumo repetitivo.

As expressões “Pensei ter pedigree”, “Era um vira-lata” e “burrice mata” figurativizam o tema “Discriminação” demonstrando as desigualdades manifestadas na valorização de determinados grupos sociais.

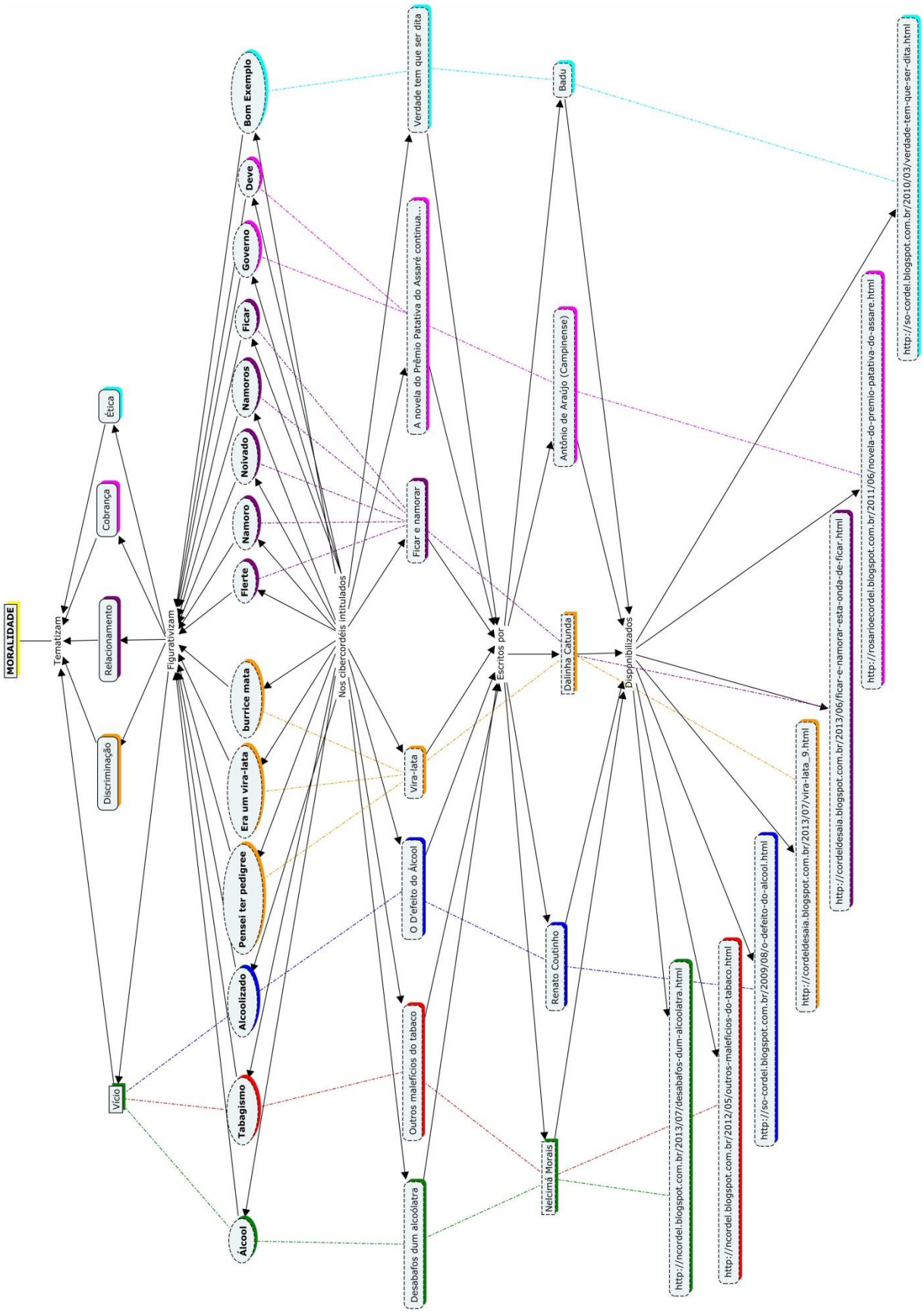
Os vocábulos “Flerte”, “Namoro”, “Noivado”, “Namoros” e “Ficar” figurativizam o tema “Relacionamento” indicando os laços afetivos entre duas ou mais pessoas.

Os vocábulos “Governo” e “Deve”, figurativizam o tema “Cobrança” indicando o ato de cobrar algo a uma determinada pessoa, instituição ou governo que tem dividendos e não consegue horar com seus compromissos e/ou promessas.

A expressão “Bom exemplo”, figurativiza o tema “Ética” retratando a importância do Ser, no sentido de atuar e viver socialmente com caráter e personalidade condizente com as regras estabelecidas pelo regime jurídico e diante dos costumes estabelecidos através das práticas sociais, culturais e políticas de um dado povo.

Em virtude disso, apresenta-se o mapa conceitual a respeito da representação informacional da “Classe Temática Moralidade”.

Mapa Conceitual 9 – Classe Temática Moralidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Ao observar, neste mapa, 7 (sete) *cibercordéis*, emergiram 14 (quatorze) figuras e 5 (cinco) temas em 4 (quatro) *blogs* distintos, respectivamente, "*Blog* de Cordel", "Só Cordel", "Cordel de Saia" e "Rosário Cordel". Percebe-se uma grande diversidade de conteúdo e de abordagem.

O que se mostra de peculiar é um diferencial na "Classe Temática Moralidade", além da amplitude temática é a influência do tema "Vício" em 3 (três) *cibercordéis* e a inserção de 2 (duas) *cibercordelistas*, respectivamente, "Nelcimá Morais" e "Dalinha Catunda" que, juntas, são responsáveis por 2 (dois) textos em dois *blogs* cada.

Ao partir para décima análise semântica, emergem 5 (cinco) *cibercordéis* que fazem surgir o quantitativo informacional mais significante do ponto de vista temático. Estes são representados informacionalmente por meio da "Classe Temática Político e Social".

Quadro 14 – Classe Temática Político e Social

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Flor mulher	Mulher	*Refiro-me à flor **mulher*** *Que em toda situação* *(se ela nasce na relva* *Ou nas brenhas do sertão)* *O amor é a lei maior* *Que rege seu coração.[...].*	Homenagem
Labuta Inglória	Homenagear Reconhecimento	*[...] Hoje, dia do trabalho,* *Quero **homenagear,*** *A nobre dona de casa,* *Que só vive a labutar,* *Sem ter **reconhecimento*** *Sem ser rainha do lar.*	
Todas as Mulheres	Mulher Ser reconhecida	*[...] **Mulher** quer carinho* *Não foge do laço* *E sem embaraço* *Refaz seu caminho* *Quer flor sem espinho* *E quer ser querida* ***Ser reconhecida*** *Em tudo que faz* *Ser igual lhe apraz* *Por ser aguerrida.*	Reconhecimento
A Felicidade Completa	Trabalho Cidadão	*Amanheceu um lindo dia!* *Com vigor e disposição* *Vou para o meu trabalho,* *Com grande satisfação,* *Logo entrarei no trem* *Como um bom cidadão. [...].*	Cidadania

O Rico e o Pobre	Rico Pobre	*O **rico** e o **pobre** têm* *Diferenças cruciais* *Que os fazem ser* *Totalmente desiguais* *Algumas chegam ser* *Realmente geniais. [...].*	Desigualdade Social

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A discursivização da “Classe Temática Político e Social” se dá por meio de 5 (cinco) *ciber*cordéis em que emergiram 9 (nove) figuras e 4 (quatro) temas em 4 (quatro) *blogs* distintos e com apresentações inéditas.

Neste sentido, os vocábulos “Mulher”, “Homenagear” e “Reconhecimento”, figurativizam o tema “Homenagem” demonstrando numa perspectiva sócio-política a admiração pelo comprometimento, envolvimento e engajamento de uma pessoa por uma determinada causa. Isso, isso por sua vez, pode acontecer por meio da batalha de classes e das lutas sociais, como por exemplo, o Dia Internacional da Mulher, Dia do Trabalhador ou por qualquer outro que reflita um trabalho conquistado.

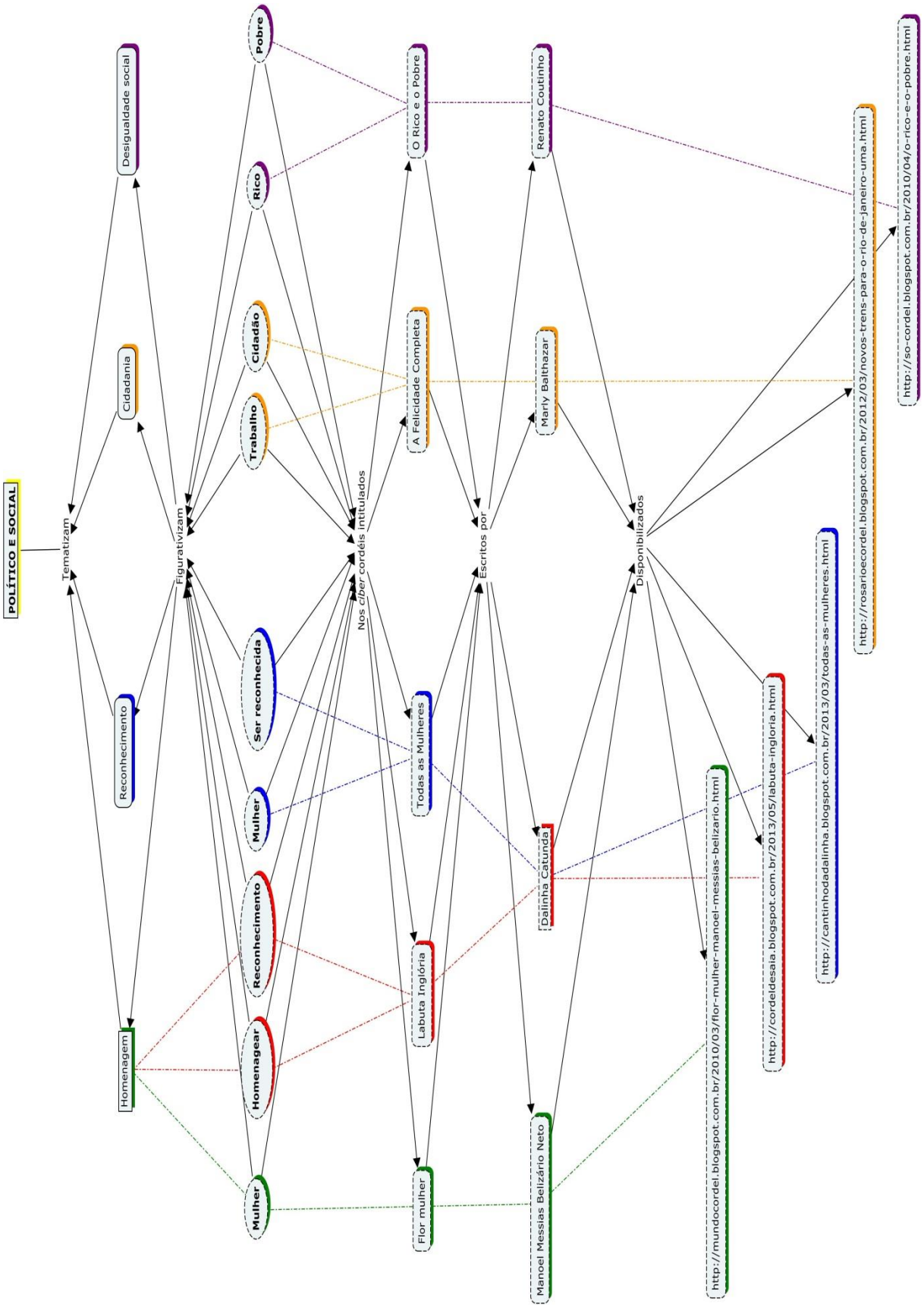
Os vocábulos “Mulher” e a expressão “Ser reconhecida” figurativizam o tema “Reconhecimento” indicando algo que é dado aos seres humanos por terceiros que, muitas vezes, apenas é conquistado em função de disputas, batalhas diplomáticas ou fruto do processo de organização social.

Os vocábulos “Trabalho” e “Cidadão”, figurativizam o tema “Cidadania” indicando a necessidade de que os direitos fundamentais sejam garantidos pelo Estado. Que estejam presentes e sejam possíveis de ser usufruídos pelo trabalhador.

Os vocábulos “Rico” e “Pobre”, figurativizam o tema “Desigualdade Social” retratando o “abismo” que há entre as classes abastadas e as operárias, apresentando desigualdades profundas, cuja maioria pobre não consegue ter o mínimo de garantias que a minoria privilegiada tem. Este *apartheid* não se manifesta apenas pela via econômica, sua cisão é uma tônica cultural, social, política, educacional etc.

Vê-se então a proposta do mapa conceitual a respeito da “Classe Temática Político e Social”.

Mapa Conceitual 10 – Classe Temática Político e Social



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Constata-se neste mapa, 5 (cinco) *cibercordéis* que emergiram 9 (nove) figuras e 4 (quatro) temas em 5 (cinco) *blogs* distintos, respectivamente, “Mundo Cordel”, “Cordel de Saia”, “Cantinho da Dalinha”, “Rosário Cordel” e “Só Cordel”.

Diante disso, a “Classe Temática Político e Social” se apresenta proporcionalmente como a mais abrange e democrática, quanto à cobertura de *blogs* coletados.

Contudo, vale a pena salientar que os conceitos que se apresentam com formato retangular, são concebidos assim, em função de estarem presentes em mais de um verso. Quanto à presença do tema “homenagem” nesta classe, se dá em virtude de haver nos textos influências e vertentes políticas, de representação social, sinalizando a influência de uma pessoa ou fato frente a uma determinada conjuntura. É por esta razão que o tema “homenagem” não aparece na perspectiva da “Classe Temática Biografia e Personalidades”.

Em virtude da classe analisada, segue a frente à décima primeira análise semântica, ondem emergiram 3 (três) *cibercordéis* com temas e figuras componentes da “Classe Temática Religião”.

Quadro 15 – Classe Temática Religião

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Natal agreste	Natal Jesus Presépio Lapinha Igreja Rezava	*O **natal** que vejo agora* *É um natal diferente* *É só compra e presente* ***Jesus**, o povo ignora.* *Saudades tenho d’outrora* *Do natal que antes tinha* *O **presépio** era **lapinha,*** *Montado lá na matriz,* *Na **igreja** o povo feliz* ***Rezava** sua ladainha. [...].*	Religiosidade
O Sertanejo e São José	Fé São José	***Sertanejo** fervoroso* *Nunca perde sua fé* *Quando vê que falta chuva* *Apela pra **São José*** *E quando o céu escurece* *E a água do alto desce* *Ele agradece de pé.[...].*	
Meu Testemunho	Batizada	*Nasci e fui **batizada*** *Como manda a tradição* *Recebi nome de santa* *Logo dois na ocasião* *Antes de Lourdes, Maria!* *Como minha mãe queria*	Batismo

		E não houve objeção. [...].	

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

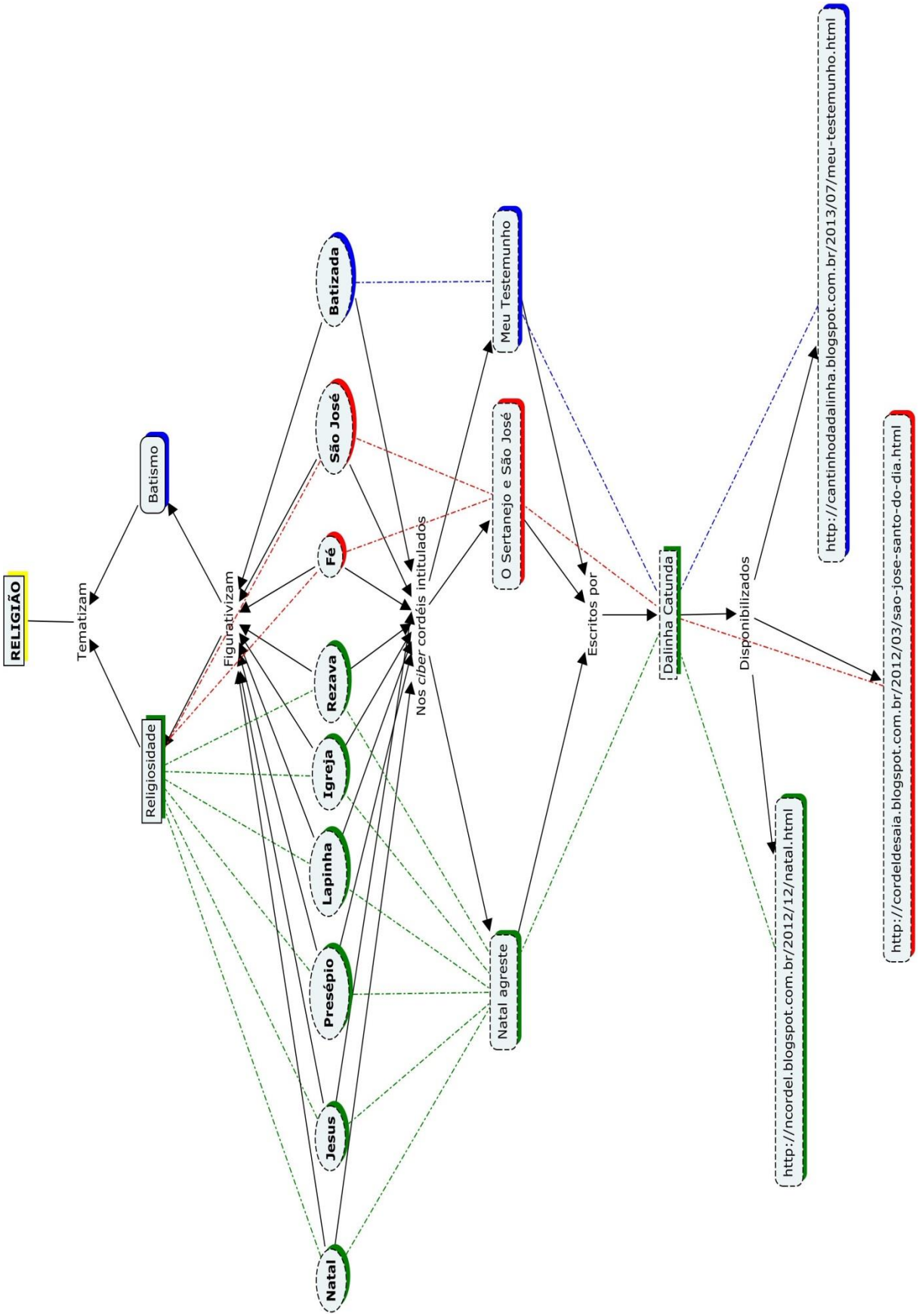
A discursivização da “Classe Temática Religião” se dá por meio de 3 (três) *cibercordéis* que emergiram 9 (nove) figuras e 2 (dois) temas em 3 (três) *blogs* distintos.

Neste sentido, os vocábulos “Natal”, “Jesus”, “Presépio”, “Lapinha”, “Igreja”, “Rezava”, “Fé” e “São José” figurativizam o tema “Religiosidade” demonstrando a forma como as pessoas vivenciam e cultuam suas práticas religiosas. Muitas vezes os ritos estão atrelados e são influenciados pela dinâmica da religiosidade popular.

O vocábulo “Batizada” figurativiza o tema “Batismo” indicando o primeiro sacramento da Igreja Católica Apostólica Romana. Os pais e padrinhos se utilizam deste rito de passagem para apresentar a criança a Deus e receber as bênçãos da proteção e iniciação religiosa.

Vê-se então a proposta do mapa conceitual a respeito da “Classe Temática Religião”.

Mapa Conceitual 11 – Classe Temática Religião



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Constata-se, neste mapa, 3 (três) *cibercordéis* que emergiram 9 (nove) figuras e 2 (dois) temas em 3 (três) *blogs* distintos, respectivamente, "*Blog* de Cordel", "Cordel de Saia" e "Cantinho da Dalinha".

Diante disso, a "Classe Temática Religião" apresenta um significativo número de inter-relações em 50% dos temas e 100% da autoria.

Outro aspecto peculiar é o fato da presença da autora em 3 (três) espaços virtuais diferentes. Isso demonstra uma influente contribuição da idealizadora frente aos textos em verso.

Por fim, segue a frente à décima segunda observação semântica, onde emergem 4 (quatro) *cibercordéis* componentes da "Classe Temática Saúde. Doença".

Quadro 16 – Classe Temática Saúde. Doença

TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**
Mensagem às mamães	Ventre Maternal	*[...] Mensageiro do teu **ventre*** *Onde recebi abrigo* *Projetei signos ancestros* *Do saber dos mais antigos* *Na **maternal** hospedagem* *Só foi possível a viagem* *Porque tinha um grande amigo. [...].*	Maternidade
Natal Sem Pré-Natal	Gestação Pré-Natal	*[...] A **gestação** transcorreu* *Sem existir **pré-natal*** *Realizado por leigo* *Ou por profissional.* *Somente a fé no seu Deus* *Reascendeu-lhe a moral. [...].*	Gestação
Doença de Parkinson	Enfermidade Doença	*Sabe o quer dizer?* *Aqui vamos explicar* *Sobre esta **enfermidade*** *Difícil de diagnosticar* *É uma **doença** grave* *Quando chega é pra ficar. [...].*	Enfermidade
O Primeiro Exame de Próstata	Um exame Prevenção Câncer	*[...] É que nesta idade* *Para o devido cuidado* ***Um exame** de próstata* *No homem é necessário* *Ele é de **prevenção*** *Para quem tem preocupação* *De um **câncer** ser evitado. [...].*	Prevenção

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A discursivização da “Classe Temática Saúde. Doença” se dá por meio de 3 (três) *cibercordéis* que emergiram 9 (nove) figuras, 4 (quatro) temas em 3 (três) *blogs.*

Os vocábulos “Ventre” e “Maternal”, figurativizam o tema “Maternidade” expressando o processo de gestação de um ser, desde sua concepção até o nascimento.

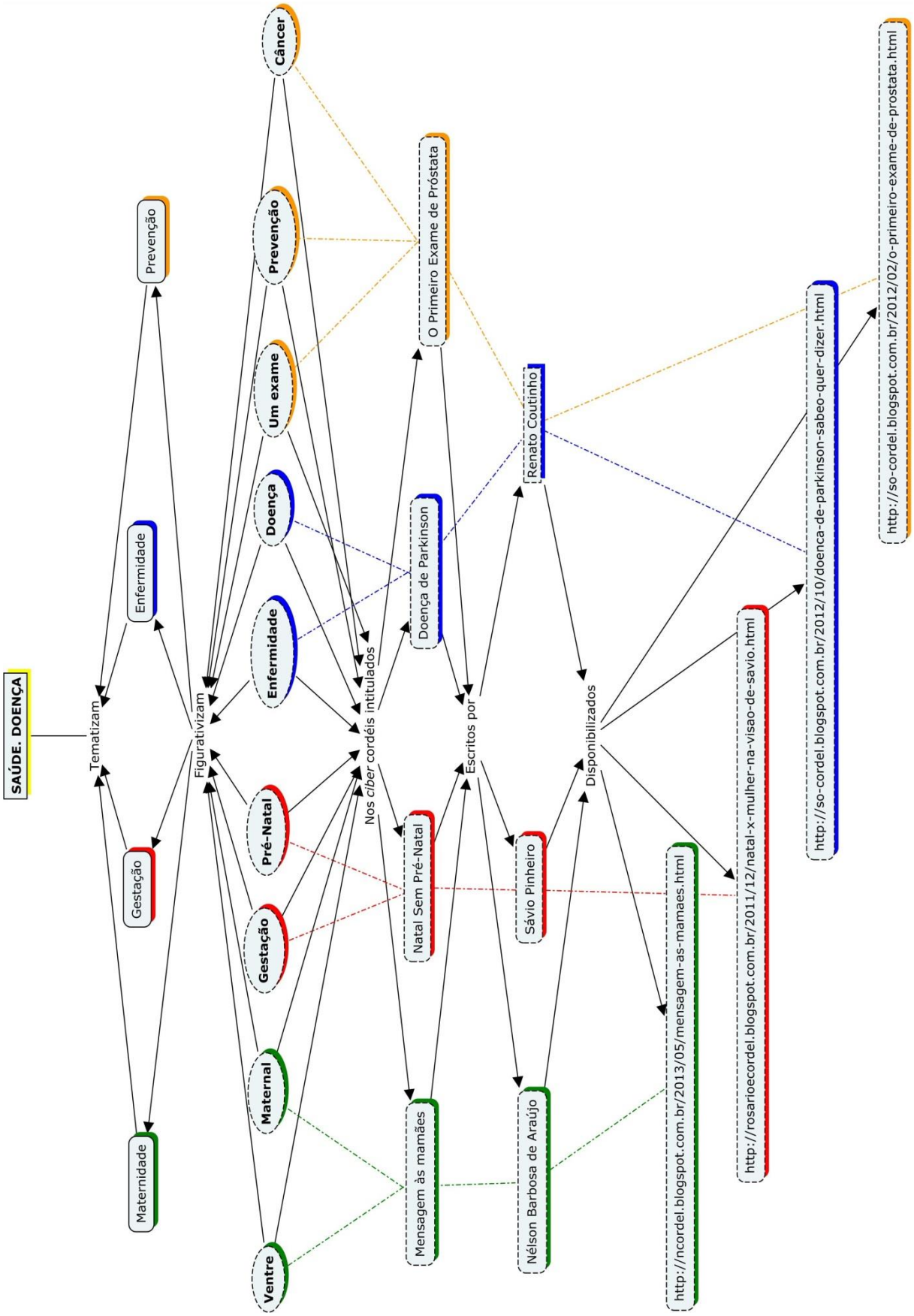
Os vocábulos “Gestação” e “Pré-Natal”, figurativizam o tema “Gestação” retratando os cuidados e acompanhamentos maternos frente à formação da criança.

Os vocábulos “Enfermidade” e “Doença”, figurativizam o tema “Enfermidade” indicando a ausência de saúde, ou seja, carência da vitalidade física e mental.

A expressão “Um exame”, e os vocábulos “Prevenção” e “Câncer”, figurativizam o tema “Prevenção” indicando a necessidade de cuidados médicos periódicos para não ocasionar o comprometimento da saúde.

Vê-se então a proposta da “Classe Temática Saúde. Doença”.

Mapa Conceitual 12 – Classe Temática Saúde. Doença



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Constata-se neste mapa, 3 (três) *cibe*rcordéis que emergiram 9 (nove) figuras e 4 (quatro) temas em 3 (três) *blogs*, respectivamente, “*Blog* de Cordel”, “Rosário Cordel” e “Só Cordel”.

Diante disso, o que se apresenta de peculiar na “Classe Temática Saúde. Doença” em relação a outras classes é o fato de o *cibe*rcordelista “Renato Coutinho” estar presente em 2 (duas) produções, contudo, os versos forma registrados no mesmo ambiente virtual.

Tomando como base a relação quadro *versus* mapa percebeu-se um melhor diálogo entre as ilustrações, fazendo com haja um entendimento sobre o processo de discursivização por meio de figuras e temas.

Por fim, como dados finais e complementares, a investigação conseguiu apresentar a comunidade científica as seguintes informações:

1) 42 (quarenta e dois) *cibe*rcordéis
2) 6 (seis) *blogs*
3) 12 (doze) mapas
4) 12 (doze) quadros
5) 12 (doze) classes temáticas
6) 28 (vinte e oito) temas
7) 71 (setenta e um) figuras
8) 35 (trinta e cinco) *cibe*rcordelistas
9) 11 (onze) *cibe*rcolaboradores de *cibe*rcordéis

Baseado no que foi supramencionado nesta investigação, segue a frente à última seção, que por sua vez terá como finalidade básica produzir as considerações finais desta construção teórica e metodológica com a qual foi proposta junto à linha de pesquisa “memória, organização, acesso e uso da informação” no contexto do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui expressas dar-se-ão tentando observar dentre os diversos elementos do texto dissertativo, aqueles que mais evidenciaram olhares, observações, análises ou indagações que possivelmente poderão contribuir a novas investigações, especialmente por entender que temos, neste mundo possível, uma construção que, no conjunto da obra, começa a ser tecida e que, por isso, pressupõe uma ampliação analítica quanto aos pressupostos teóricos e metodológicos. Efetivamente doa-se e batiza-se um novo objeto de estudo para Ciência da Informação, ou seja, o *Ciber*cordel, observado e analisado sob a ótica da semântica discursiva e utilizado como arcabouço à organização da informação e à memória coletiva.

De forma pormenorizada, a representação em essência e numa concepção clássica se dá em função de, simbolicamente, estar no lugar de algo ou alguma coisa. Numa perspectiva informacional não é muito diferente disso. Contudo, vai se tornar evidente a partir do momento que se faz uso das linguagens documentárias, em especial, quando é efetuado e efetivado o processo de tradução da linguagem natural para linguagem artificial. Ao se dá importância à representação como aspecto inerente à organização informacional, tanto a informação memorial quanto a sua recuperação se tornam mais suscetíveis ao sucesso na sistematização de conteúdos, seja pela via tradicional ou eletrônica.

Neste sentido, quando o processo de representação e a prática memorialista da informação são garantidos ao mesmo tempo, dentro da dinâmica de organização informacional, têm-se criadas e estabelecidas as condições, ferramentas e instrumentos necessários para preservar, perpetuar e recuperar os conteúdos *web* com uma maior profundidade. Na prática, significa dizer que temos a redução de incertezas e a garantia de conduzir as etapas técnicas de tratamento de forma eficiente, eficaz e efetiva. Este é um grande desafio que se apresenta ao profissional e cientista da informação.

A natureza informacional dos conteúdos se dá de diversas formas, dentre elas, através *web* que se mostra por meio de *ciber*cordéis. Perceber os *ciber*cordéis como insumos da ciência da informação é perceber que esta nova forma de fazer cordel é todo e qualquer objeto informacional amparado pelas regras poéticas construídas através do clássico cordel, mas que tenha sido criado exclusivamente

na *internet.* Sua construção, independente do momento, será materializada sob o esteio físico, cognitivo e social. Sua exclusividade virtual permitirá produções poéticas através de postagens ou publicações que viabilizarão comentários, imagens, áudios, vídeos ou qualquer outro tipo de manifestação pública, anônima ou identificada com a estrutura do *cibere*spaço e aproveitando toda dinâmica e hibridação da forma como a sociedade em rede se organiza. Neste sentido, são percebidos que os *ciberespaços* que melhor acolhem os *cibere*cordéis são os *blogs*, ambientes mutáveis, adaptáveis, personalizados de fácil acesso, dinâmicos instrumentos de utilização e agradáveis maneiras de comunicação. Outros fatos que estão por trás desta nova forma de escrever a poesia popular é a elevação do nível de formação acadêmica dos poetas, o alto grau de rapidez no processo de mediação informacional, formação potencial de um novo público leitor e alta capacidade viabilizadora de representar e preservar a memória informacional.

Neste sentido, a *blogosfera* permite aos poetas populares, ter um diferencial canal informacional. Nesta investigação fica visível o surgimento e consolidação de centenas de *blogs* que trazem as mais diversas contribuições de textos poéticos com os mais variados recursos de estrofação, sejam elas, sextilhas, septilhas, décimas ou outras que sejam oportunas e passíveis de comunicação. Percebendo isso, propõe-se que o "*Blog Cibere*cordel"[59] seja integrado ao Grupo de Pesquisa "Leitura, organização, representação, produção e uso da informação" do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como uma estratégica ferramenta e garantidora para organizar conteúdo *web* oriundo da poesia popular, transformando este *blog* em um "Observatório de Poesia Popular da Internet" tendo como finalidade básica monitorar e organizar a produção poética de cordelistas no *cibere*spaço.

Observando este cenário, a semântica discursiva se apresenta a ciência da informação como uma nova metodologia que, por sua vez, é de inteira importância para o que se entende atualmente por linguagem documentária, pois possibilita reduzir o nível de subjetividade no processo de representação da informação, criando assim, um eficaz modelo de indexação de documentos, independente dos suportes escolhidos e utilizados para sua implementação. Na prática, este processo ocorre porque ao passo que se levantam figuras e temas no momento que é feita a

[59] Disponível em: <http://cibercordel.wordpress.com>. Acesso em: 01 mar. 2014.

análise e a síntese, logo se permite construir duas etapas bem definidas e que são inerentes às linguagens documentárias: a tradução de linguagem natural, enquanto figurativização, e linguagem artificial assumida pela tematização, aspectos inerentes à rotina do indexador ou profissional analista da informação.

Em virtude desta constatação e ao ter considerado a importância de poder contribuir para viabilizar uma melhor alternativa de representar informacionalmente o documento, incorporar os postulados da semântica discursiva à linguagem documentária, permitiu-se tornar a etapa de tradução documentária mais completa e com um menor nível de subjetividade e dispersão interpretativa, aspectos extremamente enraizados e intimamente inerentes ao indexador profissional da informação.

Em face disso, abre-se um espaço teórico e metodológico para inaugurar um novo momento que, na perspectiva desta investigação, seria analisar o documento numa perspectiva de semântica e não de linguagem. É no nível do sentido e do significado que as coisas de manifestam, que se tornam claras, se colocam no lugar de algo. É essencialmente sob o olhar da semântica que as coisas passam a ter sentido, que representam alguma coisa, inclusive informacionalmente.

Assim, talvez seja a hora de buscar respostas indo além de uma linguagem documentária. Temos as nossas mãos, claramente indícios do surgimento de nova disciplina, levantada nas relações interdisciplinares que fundamentam esta investigação, que é a Semântica Discursiva Documentária. Atualmente é possível ir além de postulados sintáticos e contribuir cientificamente com construções teóricas no sentido de entender e potencializar esta proposta de observação semântica, como metodologia disciplinar da ciência da informação.

Para fins de análise e interpretação das informações semânticas, ao utilizar a teoria classificatória de Albuquerque (2011) de folhetos de cordéis impressos em *cibercordéis*, logo se percebeu a íntima relação dos conteúdos, figuras, temas e classes entre esses dois formatos de cordéis. Aliado a isso se descobriu uma significativa gama de poetas populares do *ciberespaço,* ou seja, os *cibercordelistas*. Estes utilizam a *web* para divulgar e comercializar as suas produções poéticas.

Portanto, conclui-se que a representação da informação de *cibercordéis* em *blogs* sob o esteio da semântica discursiva, se apresenta como um tema que enquadrado no âmbito da ciência da informação se mostra no geral como uma abordagem investigativa inédita, que tanto numa perspectiva física, cognitiva e

social, separadas ou em conjunto, possibilitam ricas contribuições e novas análises, sejam elas de caráter quanti ou qualitativa.

Desta maneira, deixa-se como recomendação para continuidade de novas pesquisas, um problema que precisa ser indagado que, conforme a pesquisa é de singular valor, a saber: Como garantir o acesso contínuo a um conteúdo específico na *web* sem desprezar os postulados da organização informacional e memória coletiva? Com esta questão-chave e a carência de dispor de forma sistematizada de informações oriundas das produções dos *ciber*cordéis, tentar-se-á alçar novos "voos" trazendo ao centro das questões teóricas e metodológicas o caráter interdisciplinar da ciência da informação para responder a natureza dessas demandas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. **Literatura popular de cordel:** dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 314 f. João Pessoa. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/466/1/LITERATURA_POPULAR_DE_CORDEL__dos_ciclos_tem%C3%A1ticos_%C3%A0_classif%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

_____. Temas e figuras: por uma classificação da literatura de cordel. **Acta Semiótica et Lingvistica.** ano 35, v. 16, n. 2, 2011.

_____. **A análise da informação em sistemas de recuperação de informação:** ciclo informacional, linguagens natural e documentária. João Pessoa: UFPB, 2011. Slides.

_____. O cordel e as linguagens documentárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: ANCIB, 2009. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xii/enancibXII/paper/view/1095>. Acesso em: 27 abr. 2013.

_____ et al. Literatura de cordel: tratamento e organização. In: BATISTA, Maria de Fátima B. Mesquita et al. (Org.). **Estudos em literatura popular II.** João Pessoa: UFPB, 2011.p. 135-148.

_____; OLIVEIRA, S. S. S. Folhetos de cordel: critérios para organização e recuperação. In: DUARTE, Emeide Nóbrega; SILVA, Alzira Karla Araújo da. (Org.). **Gestão de unidades de informação:** teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007, p. 153-163. Disponível em: <http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/204/1/folheto%20 de%20cordel.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2011.

_____; OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **Na memória da tradição**: informação sobre vida e obra de poetas populares brasileiros. João Pessoa: PPGCI-UFPB, 2012. Projeto de fomento a pesquisa entre CNPq/UFPB.

_____. **Representação da informação através da semântica discursiva**. João Pessoa: PPGCI; UFPB, 2013. Apostila.

ALMEIDA, S. O. de. **A oralidade da literatura de cordel na obra do escritor Nei Leandro de Castro "As pelejas de Ojuara".** 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT15/ENSAIO_DAS_PELEJAS_COM_RESUMO%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ALVARENGA, L. Organização da informação nas bibliotecas digitais. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio. (Org.). **Organização da informação:** princípios e tendências. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. cap. 6.

ALVARES, L. **Linguagens documentárias.** Brasília: Universidade de Brasília, [2000?]. Disponível em: <http://www.alvarestech.com/lillian/Analise/Modulo4/Aula41LD.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2013. Slides.

ALVES, R. **Filosofia da ciência introdução ao jogo e suas regras.** Brasília: Brasiliense, 1981.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. **Blogs:** mapeando um objeto. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2008. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/AmaralMontardoRecuero.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2013.

AMORIM, M. A. **Existe um novo cordel?:** imaginário, tradição e cibercultura. Recife: Ciberteca de Cordel, 2013. Disponível em: <http://www.cibertecadecordel.com.br/pdf/existeumnovocordel.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2013.

ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção:** perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/antonio_dm_me_mar.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

ANDRADE, N. **Personagem principal da novela "Cordel Encantado" é inspirado no cangaceiro patuense Jesuíno Brilhante.** 2011. Disponível em: <http://corregoinformado.blogspot.com.br/2011/07/personagem-principal-da-novela-cordel.html>. Acesso em: 29 dez. 2013.

ANDRADE, M. E. A.; OLIVEIRA, M. Ciência da informação no Brasil. In: OLIVEIRA, Marlene (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia:** novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. cap. 3. (Série Didática).

ANDRADE, J. de; LARA, M. L. G. de. A Linguística documentária e a análise de domínio na organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais Eletrônicos...** Brasília: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xii/enancibXII/paper/view/956>. Acesso em: 09 abr. 2013.

APOLINÁRIO, R. E. de F. Literatura de cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos, SP. **Anais…** Santos, SP: Intercom, 2007. Disponível em:<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2255-2.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013.

AQUINO, M. C. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. **Blogs.com:** estudos sobre blogs e comunicação. Momento Editorial, 2009. Disponível em: <http://

biblioteca.comunicamos.org/portfolio/blogs-com-estudos-sobre-blogs-e-comunicacao>. Acesso em: 28 dez. 2013.

AQUINO, M. de A. (Org.). **O campo da ciência da informação:** gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2011.

ARRAIS, M. N. de L.; LIMA, M. G. de; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Discursivização do poema cantar de amor. **InterScientia,** João Pessoa, v.1, n.1, p. 150-165, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.unipe.br/periodicos/index.php/interscientia/article/view/10>. Acesso em: 08 jan. 2014.

ASSIS, R. A. de; TENÓRIO, C. M.; CALLEGARO, T. Literatura de cordel como fonte de informação. **CRB-8 Digital,** São Paulo, v. 5, n. 1, p. 3-21, jan. 2012. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/ article/viewFile/66/68>. Acesso em: 31 maio 2013.

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da Impressão.** maio 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

BARRETO, A. de A. A estrutura do texto e a transferência da informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação,** v.6, n.3, jun. 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun05/F_I_art.htm>. Acesso em: 20 jul. 2012.

BARRETO, D. Feira de São Cristóvão inspirou carnavalescos do Salgueiro. **O Globo,** 14 fev. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/carnaval/feira-de-sao-cristovao-inspirou-carnavalescos-do-salgueiro-3972454#ixzz1mTOuOeSW>. Acesso em: 20 jul. 2012.

BARONAS, R. L. Blogs de comentários políticos: algumas notas sobre *ethos semiotizado.* In: _____. **Ensaios em análise de discurso:** questões analítico-teóricas. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2011. p. 47-62.

BARROS, D. L. P. de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística II:** princípios de análise. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Teoria semiótica do texto.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Fundamentos, 72).

BATISTA, M. de F. B. de M. O percurso temático-figurativo do romance oral *o conde alarcos.* João Pessoa, **Acta Semiotica et Lingvistica**, v. 16, ano 35, n. 2, p. 37 – 58.

BATISTA, S. N. **Antologia da literatura de cordel.** Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITENCOURT, J. B. **O que são Blogs?** Porto Alegre: UFRGS, [2005?]. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2013.

BLOG MUNDO CORDEL. **Cordel na internet.** 2011. Disponível em: <http://mundocordel.blogspot.com.br/2011/02/cordel-na-internet.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.

BLOOD, R. **Weblogs:** a history and perspective. 7 sep. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 01 abr. 2012.

BOCCATO, V. R. C. A Linguagem documentária vista pelo conteúdo, forma e uso na perspectiva de catalogadores e usuários. In: FUJITA, M. S. L. (Org.). **A indexação de livros:** a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. cap. 6.

BOGDAN, R. C.; BIRTEN, S. K. **Qualitative research for education:** an introduction for to theory and methods. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation,** v. 19, n. 1, Jan. 1968. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/533107/Borko-H-v-19-n-1-p-35-1968>. Acesso em: 25 jul. 2012.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2013.

BRIER, S. Cybersemiotics: a transdisciplinary framework for information studies. **BioSystems,** v. 46, p. 185-191, 1998. Disponível em: <http://www.angelfire.com/me3/breynfire/GLOBE/CYBERSEMIOTICStext.HTM>. Acesso em: 27 jul. 2012.

BROOKES, B. C. Um novo paradigma para a ciência da informação? **The Information Scientist,** v. 10, n. 3, set. 1976.

BUCKLAND, M. Documentation, information science, and library science in the U.S.A. **Information Processing & Management,** v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic,** Atlantic, USA, jul. 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/3881>. Acesso em: 20 jul. 2012.

CAMPOS, M. L. A. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. **Ciência da Informação,** v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/441/399>. Acesso em: 01 fev. 2013.

_____. **Linguagem documentária:** teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, RJ: EdUFF, 2001.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORÍAS DE LA INFORMACIÓN: UM ENFOQUE INTERDISCIPLINAR. 1., 2008. [S.l.]. **Anais...** [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.capurro.de/leon.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2012.

_____. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 01 abr. 2012.

_____; HJØRLAND, B. O conceito de informação. Tradução: Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Achtschin Ferreira e Marco Antônio de Azevedo. **Perspectivas em Ciência da Informação,** v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 01 abr. 2012.

CARVALHO, L. M.; CARVALHO, M. M. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos blogs. **Em Questão,** Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br: 8080/jspui/handle/ 1/3111>. Acesso em: 01 mar. 2013.

CERVANTES, B. M. N.; LIMA FILHO, A. B. A organização da informação em *sites* de recursos humanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais Eletrônicos...** Brasília: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/ index.php/xii/enancibXII/paper/view/977>. Acesso em: 09 abr. 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 5, n. 11, Jan./ Abr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 abr. 2013.

CHIZZOTTI, A**. Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, v. 16).

CICON, C. R.; LUNARDELLI, R. S. A. A organização da informação em ambiente web: um estudo do portal do PROCON-PR. **Inf. Prof.,** Londrina, v. 1, n. 1/2, p. 132 – 151, jul./dez. 2012.

COLAUTO, R. D.; BEUREN, I. M. Coleta, análise e interpretação dos dados. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade:** teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2013. cap. 5.

O CORDEL anima discussão no Itaú cultural. **Estadão,** Sexta-feira, 28 de Novembro de 2003. Caderno 2. Variedades. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20031128p569.htm>. Acesso em: 14 abr. 2013.

COSTA, M. L. L. F. P. da. **Definição de uma política de indexação numa biblioteca escolar e a recuperação da informação.** 2009. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/395/1/21138_ulfl070660_tm.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. cap. 2.

DINIZ, M. G. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus Revista Digital,** v.1, 2007. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

DODEBEI, V.; GUIMARÃES, J. A. C. (Org.). **Complexidade e organização do conhecimento:** desafios do nosso século. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil, 2013. (Estudos avançados em organização do conhecimento, v. 2). Disponível em: <http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Estudos-avan%C3%A7ados-2.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

FARIAS, J. G. de. **Semiótica discursiva, a semiótica de Greimas.** São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, [2000?]. Slides.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: _____. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 17-28.

FERRERA, A.; VIEIRA, J. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos *posts* comerciais. **E-Compós,** v. 10, p. 1- 14, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/205/206>. Acesso em: 27 dez. 2013.

FERREIRA, M. A. N. et al. O cordel como fonte de informação em Juazeiro do Norte – CE. ENCONTRO UNIVERSITÁRIO DA UFC NO CARIRI, 4., 2012, Juazeiro do Norte, CE. **Anais...** Juazeiro do Norte, CE: UFC Cariri, 2012. Disponível em: <http://encontros.cariri.ufc.br/index.php/eu/eu2012/paper/viewFile/ 897/596>. Acesso em: 31 maio 2013.

FERREIRA, M. da S.; SILVA, F. M. Comunicação científica e representação da informação: estudo preliminar sobre a indexação com palavras-chave no ENANCIB. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: ENANCIB, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xii/enancibXII>. Acesso em: 07 dez. 2013.

FERREIRA, M. S. **A rima na escola:** o verso na história. São Paulo: Boitempo, 2012.

FIDALGO, A. **Manual de semiótica.** Portugal: UBI, 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 28 jan. 2013.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FLICK, U. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. In: _____. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FONSECA, M. G. C.; ALVES, M. H. N. P.; CAVALCANTE, A. P. P. Audio/voz: uma ferramenta online como recurso para a oralidade do cibercordel. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12., 2010, Campina Grande, PB. **Anais…** Campina Grande, PB: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=30576>. Acesso em: 02 ago. 2013.

FREIRE, G. H. de A. F. **Debates acadêmicos.** João Pessoa: PPGCI/UFPB, 2012. Relato de aula proferida em maio de 2012.

_____. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

_____; FREIRE, I. M. **Introdução à ciência da informação.** João Pessoa: UFPB, 2010.

FRANKLIN, J. **Xilogravura popular na literatura de cordel.** Brasília: LGE, 2007. Em comemoração aos 100 anos da xilogravura popular na literatura de cordel (1907/2007).

GAIO, R.; CARVALHO, R. Brito de; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, Roberta (Org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GAUDÊNCIO, S. M. **A literatura de cordel como fonte informacional:** a vivacidade dos folhetos de cordéis no RN. 2005. 100 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

_____; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Representação da informação de *cibercordéis em blogs:* uma análise sob a luz da semântica discursiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais…** Florianópolis: ANCIB; UFSC, 2013. Disponível em: <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/22/146>. Acesso em: 04 nov. 2013.

_____; BORBA, M. do S. de A. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n.

1, p. 82-92, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/4905/3710>. Acesso em: 18 fev. 2013.

GIL, A. C. Amostragem na pesquisa social. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 9.

GREIMAS, A. J. Condições de uma semântica científica. In: _____. **Semântica estrutural.** Tradução de Haquira Osakabe. 2. ed. São Paulo: Cultrix; USP, 1966.

_____; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2008.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. cap. 4.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 5. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Alínea, 2011.

GONZÁLEZ, J. A. M. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web:** elementos conceituais. Salvador: EDUFBA, 2011.

GONZÁLEZ DE GOMES, M. N. Escopo e abrangência da coerência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação,** Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2003. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=2>. Acesso em: 16 jun. 2012.

GUEDES, E. G. F.; MORAES, J. B. E. de. Análise documentária e semântica discursiva: proposta de definição de temas para a Literatura de Cordel. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP; USP, 2006. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoObter?numeroInscricaoTrabalho=4176&numeroEdicao=14&print=S>. Acesso em: 01 fev. 2013.

GUIA CINEMATOGRÁFICO. **Cordel:** da literatura ao cinema. 2007. Disponível em: <http://www.guiacinematografico.com/2010/10/cordel-da-literatura-ao-cinema.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HAURELIO, M. **Literatura de cordel:** do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Ler Mais).

_____. **O auto da compadecida e a literatura de cordel.** 2011. Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/03/o-auto-da-compadecida-e-literatura-de.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.

KOBASHI, N. Y. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação,** v.8, n.6, dez. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez07/Art_01.htm>. Acesso em: 06 fev. 2013.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Blogs-Fabiana-Komesu.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2013.

LARA, M. L. G. de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a09v33 n2.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

_____. Novas relações entre terminologia e ciência da informação na perspectiva de um conceito contemporâneo da informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 7, n. 4, ago. 2006. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago06/Art_02.htm>. Acesso em: 01 mai. 2012.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação.** Tradução Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LÉVY, P. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

LÉXICO – DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Significado de papiro. 2013. Disponível em: <http://www.lexico.pt/papiro>. Acesso em: 03 fev. 2013.

LIMA, A. P. C. et al. Do varal à internet: O uso do cordel pelos novos media. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 13., 2011, Maceió. **Anais…** Maceió: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=30293>. Acesso em: 01 ago. 2013.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento:** conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 21-34. Disponível em: <http://www.b4editores.com.br/images/capitulos/Organiza%C3%A7%C3%A3o_capitulo.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2013.

LIMA, M. C. **Monografia:** a engenharia da produção acadêmica. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál,** Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Edição especial. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2013.

LOUREIRO, R. **Descobrir novos autores:** porque os novos autores trazem novas visões. 2010. Disponível em: <http://descobrirnovosautores.blogspot.com.br/p/inicio.html>. Acesso em: 24 dez. 2013.

LUCIANO, A. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro.** São Paulo: Luzeiro, 2012.

MAGALHÃES, J. Inventividade de Cordel Encantado cativou o público. Maringá, PR: Central; 2011. Disponível em: <http://blogs.odiario.com/tvtudo/2011/09/25/inventividade-de-cordel-encantado-cativou-o-publico>. Acesso em: 29 dez. 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____; _____. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012. cap. 2.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2012.

MATTAR, J. **Metodologia científica na era da informática**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2011.

MAXADO, F. **O que é cordel na literatura popular.** Mossoró: Queima-Bucha, 2012.

MELO, F. J. D. de; B., M. **Fundamentos da linguística para a formação do profissional de informação.** Brasília: Thesaurus, 2011.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. cap. 1.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. cap. 3.

MIRANDA, M. L. C. Organización y representación del conocimiento: fundamentos teóriocs y metodológicos para la recuperación de la información em entornos virtuales. CONGRESSO ISKO-ESPAÑA, 7., 2007, León. **Anais...** León: Universidad de León, 2007.

MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. **Linguística e ciência da informação:** diálogos possíveis. Curitiba: Appris, 2012.

MONTEIRO, F. de S. **Organização da informação em repositórios digitais institucionais com ênfase na descrição física e descrição temática.** 2008. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.universia.net/html_bura /ficha/params/title/organiza%C3%A7%C3%A3o-da-informa%C3%A7%C3%A3o-em-repositorios-digitais-institucionais-com-%C3%AAnfase-na/id/52665730.html>. Acesso em: 09 abr. 2013.

MOREIRA, C. **Que é um hieróglifo.** Disponível em: <http://hieroglifos.com.sapo.pt/historia.htm>. Acesso em: 03 fev. 2013.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOURA, M. A. Semiose e análise de assunto em ícones comemorativos da Google: implicações da experiência colateral na representação da informação iconográfica em ambientes digitais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais Eletrônicos...** Brasília: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xii/enancibXII/paper/ view/765>. Acesso em: 09 abr. 2013.

MUSEU CASA DA XILOGRAVURA. **O que é xilogravura.** 2013. Disponível em: <http://www.casadaxilogravura.com.br/xilo.html#top>. Acesso em: 27 abr. 2013

NASCIMENTO, B. do. Literatura de cordel: dupla dimensão semântica. In: BATISTA, Maria de Fátima B. Mesquita et al. (Org.). **Estudos em literatura popular II.** João Pessoa: UFPB, 2011.p. 221-240.

NEVES, D. A. de B. Representação temática da informação e mapas cognitivos: interações possíveis. **Inf. & Soc.:Est.,** João Pessoa, v.22, p. 39-47, 2012. Número especial.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP,** São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Inf. Inf.,** Londrina, v.1, n.2, p.37-45, jul./ dez. 1996. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1603/1358>. Acesso em: 27 abr. 2013.

OLIVEIRA, A. O Homem que desafiou o diabo remete ao cordel. **Estadão,** 31 dez. 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,o-homem-que-desafiou-o-diabo-remete-ao-cordel,57554,0.htm>. Acesso em: 27 abr. 2013.

OLIVEIRA, A. S. Representação da informação cientifica: a rede pode ser a gota d'água. In: SILVA, R. R. G. et al. (Org.). **Cultura, representação e informação digitais.** Salvador: EDUFBA, 2010. p. 41-54.

OLIVEIRA, E. F. de A.; FILGUEIRA, M. C. M. **Primeiros passos da iniciação científica.** Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2004. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 1412).

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, M. de (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia:** novos conteúdos de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ORTEGA, C. D. A documentação como origem e base fértil para a fundamentação da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ENANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--235.pdf>. Acesso em: 15 maio 2012.

PERNAMBUCO, J. **Gilberto Gil:** minha princesa cordel. Batatais: Claretiana FM, 2012. Programa dia a dia. Quadro análise musical. Disponível em: <http://www.claretianafm.com.br/podcast/5791/GILBERTO-GIL---MINHA-PRINCESA-CORDEL>. Acesso em: 28 abr. 2012.

PINTO, V. B.; MEUNIER, J.; SILVA NETO, C. A contribuição peirciana para a representação indexal de imagens visuais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.,** Florianópolis, n. 25, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1153/878>. Acesso em: 01 fev. 2013.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo:** uma abordagem evolucionária. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999. (Espírito de Nosso Tempo, 13).

PORTAL G1. **Salgueiro canta a literatura de cordel em desfile 'arretado' na Sapucaí.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2012/noticia/2012/02/ salgueiro-canta-literatura-de-cordel-em-desfile-arretado-na-sapucai.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.

PORTAL TERRA. **Salgueiro exalta literatura de cordel e lembra os poetas do sertão.** 2012. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/carnaval/2012/noticias/0,,OI5624041-EI19417,00-Salgueiro+exalta+literatura+de+cordel+e+lembra+os+poetas+do+sertao.html>. Acesso em: 28 abr. 2013.

PREBOR, G. Analysis of the interdisciplinary nature of library and information Science. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 42, n. 4, p. 256-267, 2010.

PRESSER, N. H.; SILVEIRA, M. A. A. da; BRAZ, M. I. Organização e representação das informações acadêmicas: um recurso de gestão. **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.,** Campinas, v.10, n.1, p.16-30, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/547/pdf_22>. Acesso em: 03 fev. 2013.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal: INTERCOM, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2013.

PROGRAMA DE PESQUISA EM LITERATURA POPULAR – PPLP. **Layout do blog PPLP.** 2013. Disponível em: <http://pplp-ufpb.blogspot.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2013.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Ciência da Informação na UFPB**. João Pessoa: UFPB, 2013. Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/ppgci/?secao=1&id=1>. Acesso em: 13 mar. 2013.

_____. **Linhas de pesquisa.** João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/ppgci/?secao=1&id=1>. Acesso em: 31 jul. 2012.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade:** teoria e prática. 3. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2013.

REBELLO, V. **Sertão:** oficina de cordel. Disponível em: <http://lercordel.wordpress.com>. Acesso em: 28 abr. 2013.

REDIGOLO, F. M.; ALMEIDA, C. C. de. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. **Data Grama Zero – Revista de Informação.** v. 13 n. 3 jun. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun12/Art_04.htm#R1>. Acesso em: 03 fev. 2013.

RECUERO, R. da C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. **Revista 404notFound**, v. 1, n. 31, 2003. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2013.

RIBEIRO, F. Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso? In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO,1., 2005, Vila do Conde, Portugal. **Anais...**Vila do Conde, Portugal: Instituto Politécnico do Porto, 25 maio 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1239.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2013.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis,** Umuarama, v. 15, n. 1/2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/1413/1236>. Acesso em: 03 fev. 2013.

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: UNICAMP, 2010.

ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (Org.). **Passeios pelo bosque da informação:** estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2013.

RODRIGUES, C. **Blogs e a fragmentação do espaço público.** Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <www.labcom.ubi.pt>. Acesso em: 10 jan. 2013.

RUBI, M. P. Política de indexação. In: LEIVA, Isidoro Gil; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Org.). **Política de indexação.** Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2012. cap. 3.

_____. Os princípios da política de indexação na análise de assunto para catalogação: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Org.). **Indexação de livros:** a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias: um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2009. cap. 4. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/a_indexacao_de_livros_a_percepcao_de_catalogadores_e_usuarios_de_bibliotecas_universitarias.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2013.

RUDIO, F. V. O Projeto de pesquisa. In: _____. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. cap. 4.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SALES, R. de. Suportes teóricos para pensar linguagens documentárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação,** Campinas, v. 5, n. 1, p. 95-114, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0= 10622>. Acesso em: 02 fev. 2013.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <http://rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf>. Acesso: 31 jul. 2012.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. Av.[*on-line*].** 1988, v. 2, n. 2, p. 46-71. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso: 31 jul. 2012.

SANTOS, J. A.; PARRA FILHO, D. Pesquisa. In: _____. **Metodologia científica.** 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SANTOS, P. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/06.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2013.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.,** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>. Acesso: 31 jul. 2012.

SCHMIDT, J. Blogging practices: an analytical framework. **Journal of Computer-Mediated Communication.** v. 12, n. 4. 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>. Acesso em: 01 abr. 2013.

SILVA, G. F. da**. Vertentes e evolução da literatura de cordel.** 4. ed. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. de A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação,** v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1/21708>. Acesso: 03 ago. 2012.

SILVA, M. do R. da. J. Borges entre folhetos e xilogravuras: escrita e visualidade na década de 1970. In: CAVALCANTI, Erinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.). **A História e suas práticas de escrita:** relatos de pesquisa. Recife: UFPE, 2013.

SILVA, T. T. Blogs e o crescimento das trocas simbólicas na rede. **Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia,** São Paulo, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <http://revistas.usp.br/caligrama/article/view/64431>. Acesso em: 27 dez. 2013.

SIRUGI, F. **Escrita cuneiforme.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/escrita-cuneiforme>. Acesso em: 03 fev. 2013.

SOBRAL, A. Considerações epistemológicas sobre a semiótica Greimasiana. **Estudos Semióticos [on-line],** v.5, n.1, 2009. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em: 04 fev. 2013.

SOUSA, D. L. B. de. Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da Literatura Popular em verso. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 12., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: [s.n.], 2007. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/90/GT8-08-_Ciber-Cordel_-_Diogenes.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2013.

SOUSA, R. **A arte rupestre.** Disponível em: <http://www.brasilescola.com/historiag/a-arte-rupestre.htm>. Acesso em: 03 fev. 2013.

SOUZA, M. da P. N. de. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação.** Salvador: EDUFBA, 2007. p. 75-90. (Sala de Aula, 6).

SOUZA, R. F. de S. A pesquisa em ciência da informação no Brasil: desafios e perspectivas institucionais. In: MURGUIA, E. L.; RODRIGUES, M. E. F. (Org.). **Arquivologia, biblioteconomia e ciência da informação**: identidades, contrastes e perspectivas de interlocução. Niterói, RJ: UFF, 2012. p. 235-251. (Coleção Estudos da Informação, v.2).

SOUZA, R. F. de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação.** Salvador: EDUFBA, 2007. (Sala de aula, 6).

SPUDEIT, D. F. A. O. O fenômeno social das redes de informação: reflexão teórica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.15, n.1, p. 87-100 jan./jun., 2010. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/709/pdf_32>. Acesso: 03 ago. 2012.

STYCER, M. **"Cordel encantado" apresenta qualidades que faltam a outras tramas da grade global.** São Paulo: UOL, 2011. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/critica/2011/04/13/cordel-encantado-apresenta-qualidades-que-faltam-a-outras-tramas-da-grade-global.jhtm>. Acesso em: 29 dez. 2013.

TAIGUARA. **O romance do pavão misterioso.** 2010. Disponível em: <http://oplanetaehnosso.blogspot.com.br/2010/04/o-romance-do-pavao-misterioso.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.

TAVARES, C. **O verso e o briefing:** a publicidade na literatura de cordel. Natal: Jovens Escribas, 2011.

TITÃO, F. P.; VIAPIANA, N. A importância da organização da informação no século XXI: reflexões. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina,** Florianópolis, v.13, n.1, p.26-36, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/545/670>. Acesso em: 18 dez. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S**. Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

VASQUEZ, P. A. O universo do cordel. In: PEDROSO, F. E.; VASQUEZ, P. A. **O Universo do cordel.** Recife: Instituto Cultural Banco Real, 2008.

VIGO, R. Representational information: a new general notion and measure of information**. Information Sciences,** v. 181, 2011, p. 4847–4859. Disponível em: <www.elsevier.com/locate/ins>. Acesso em: 18 dez. 2013.

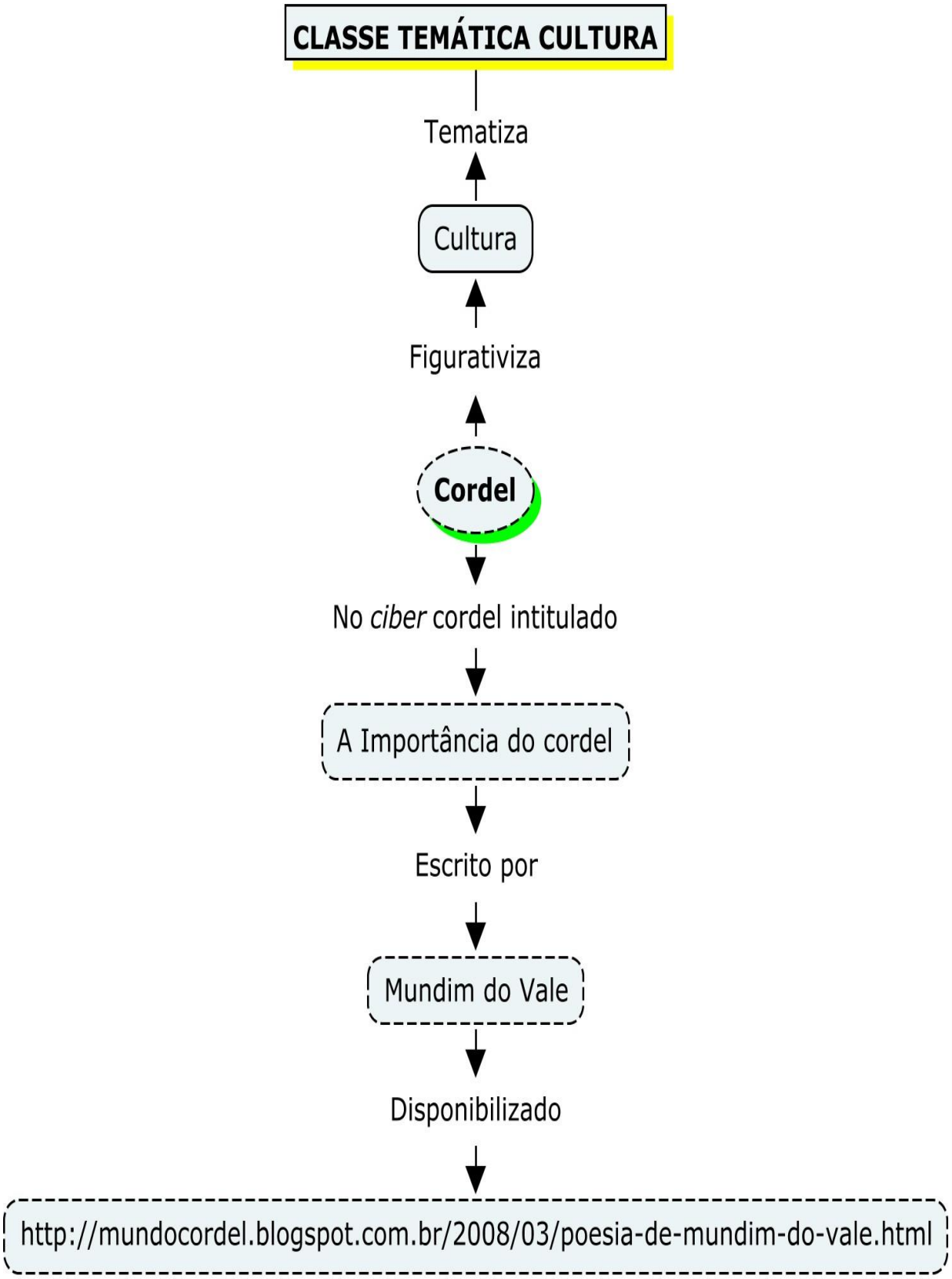
WERSIC, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage**. Information Processing & Management,** v. 29, n. 2, p. 229-239. 1993.

WIKIPEDIA. **Cordel encantado.** 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cordel_Encantado>. Acesso em: 27 abr. 2013.

YARED, I. O que é interdisciplinaridade? In: FAZENDA, I. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 161-166.

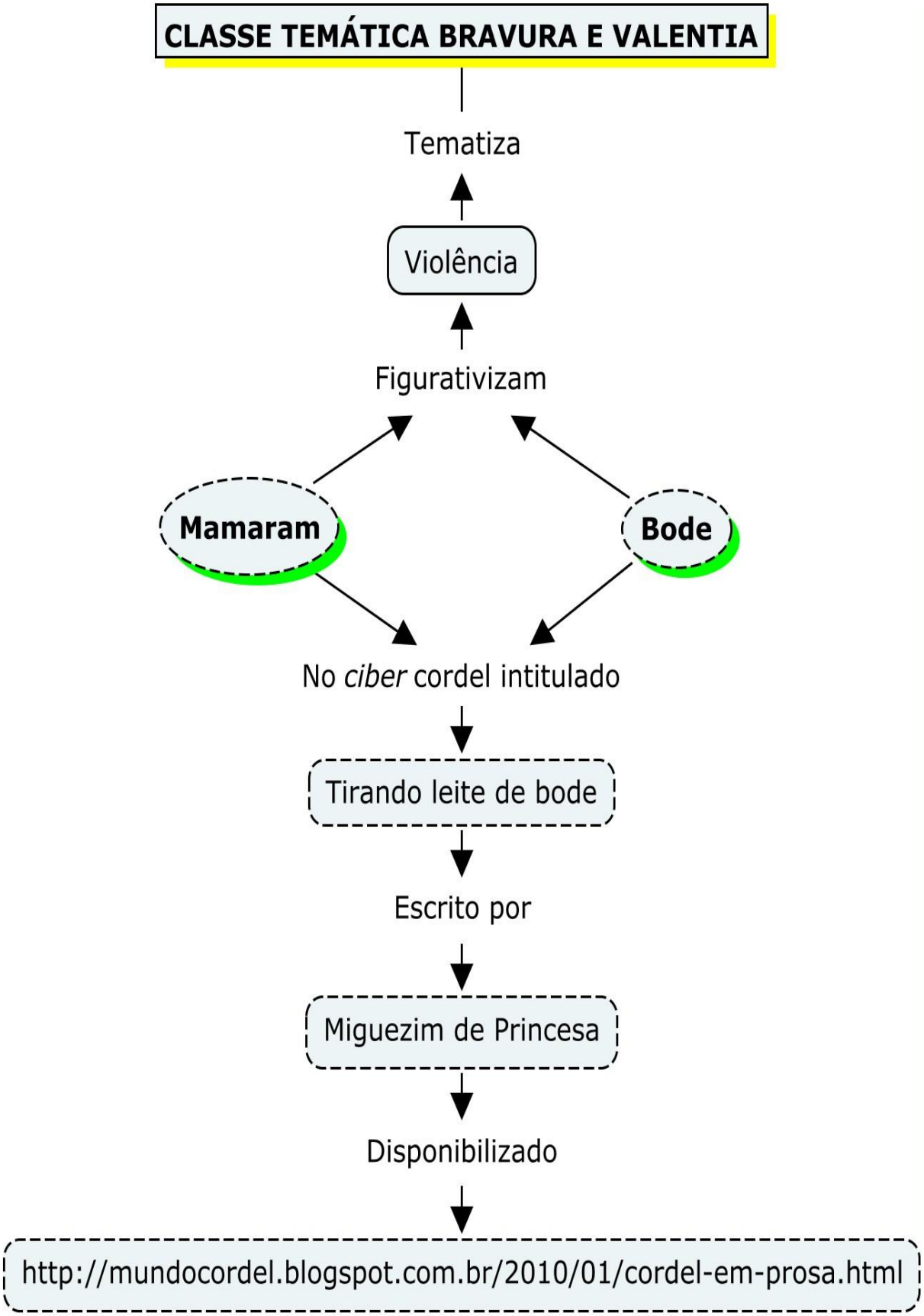
APÊNDICE A – MAPA CONCEITUAL POR *CIBER*CORDEL

Mapa Conceitual 13 – A Importância do cordel



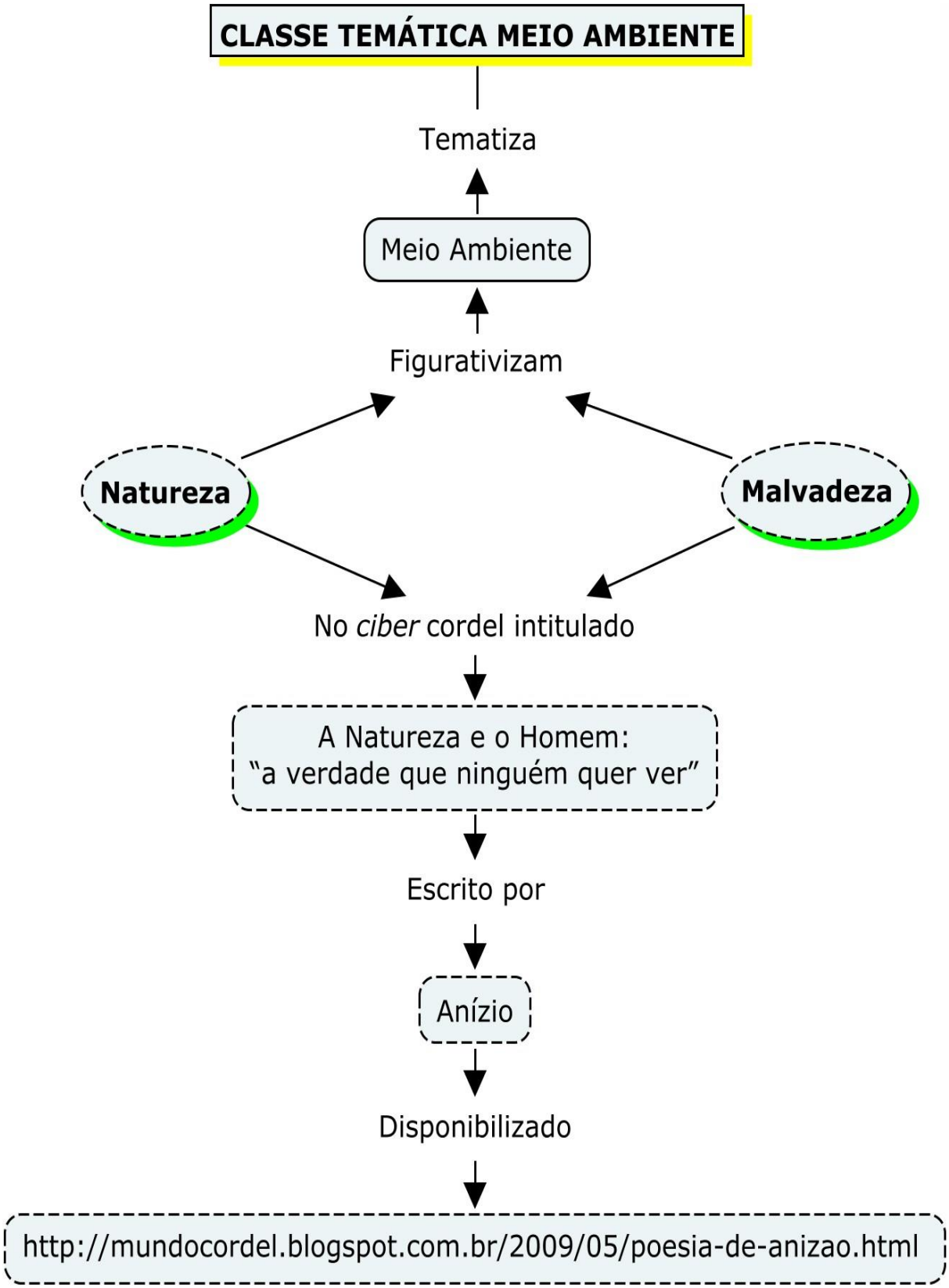
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa conceitual 14 – Tirando leite de bode



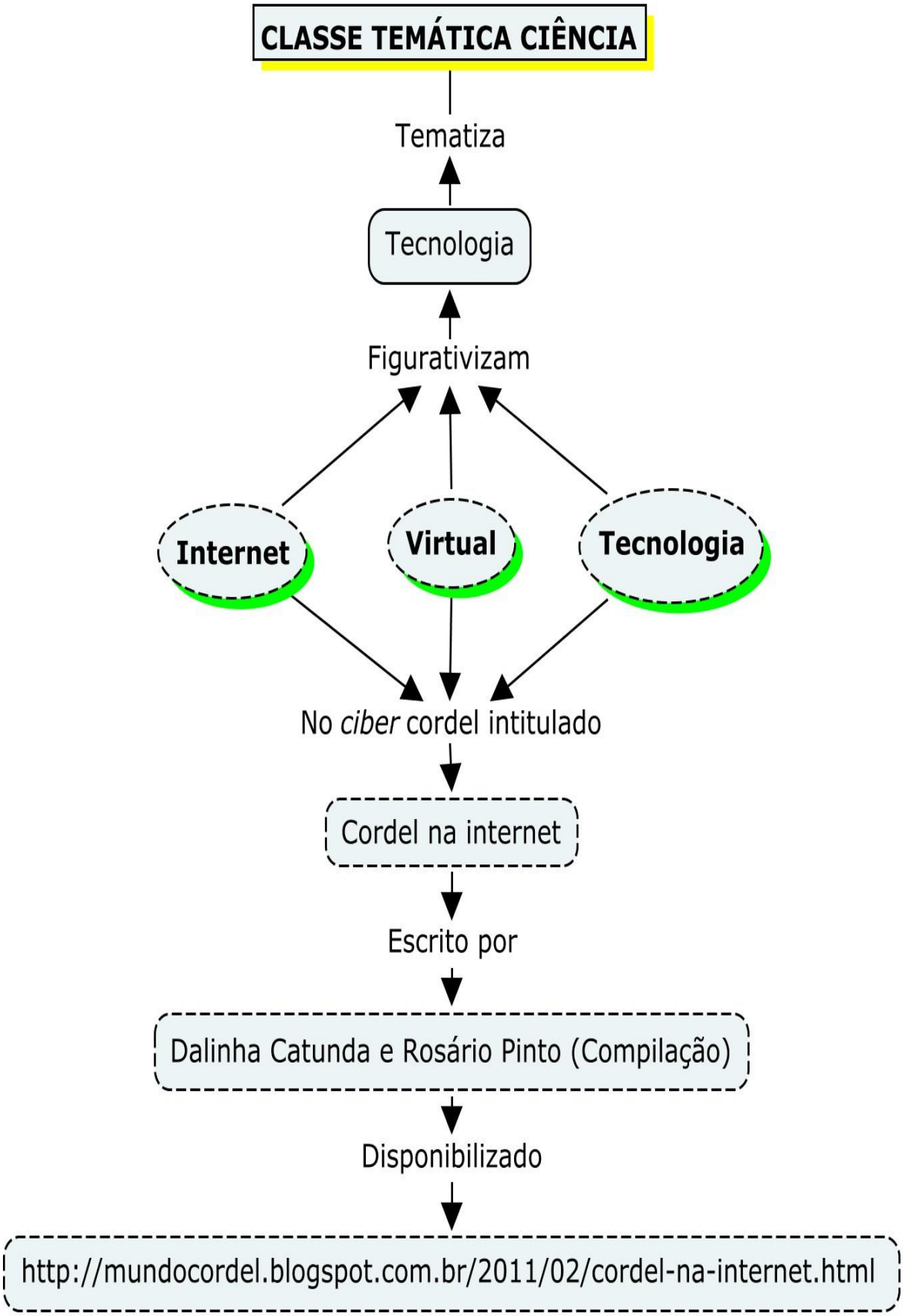
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa conceitual 15 – A Natureza e o Homem: “a verdade que ninguém quer ver”



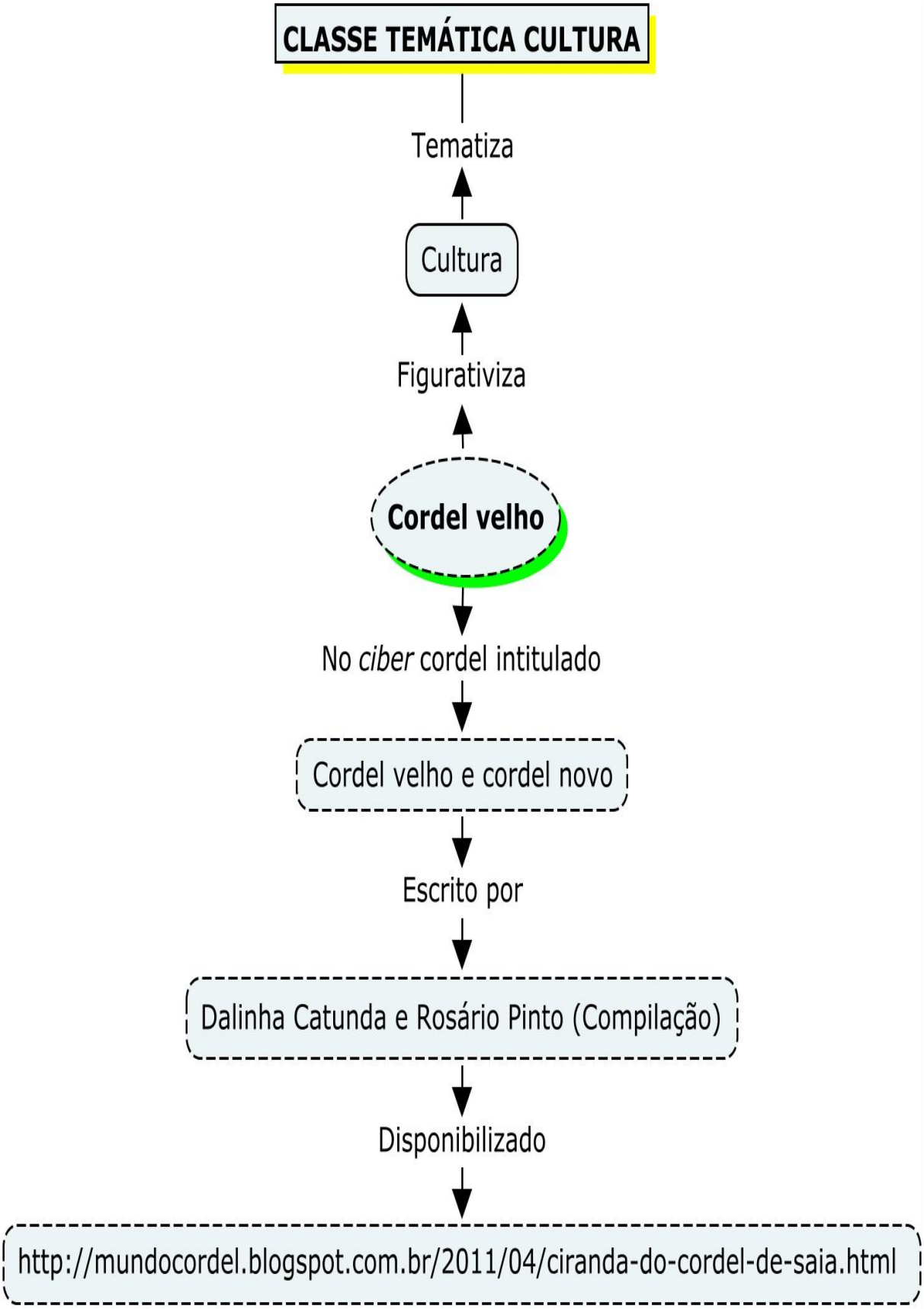
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 16 – Cordel na internet



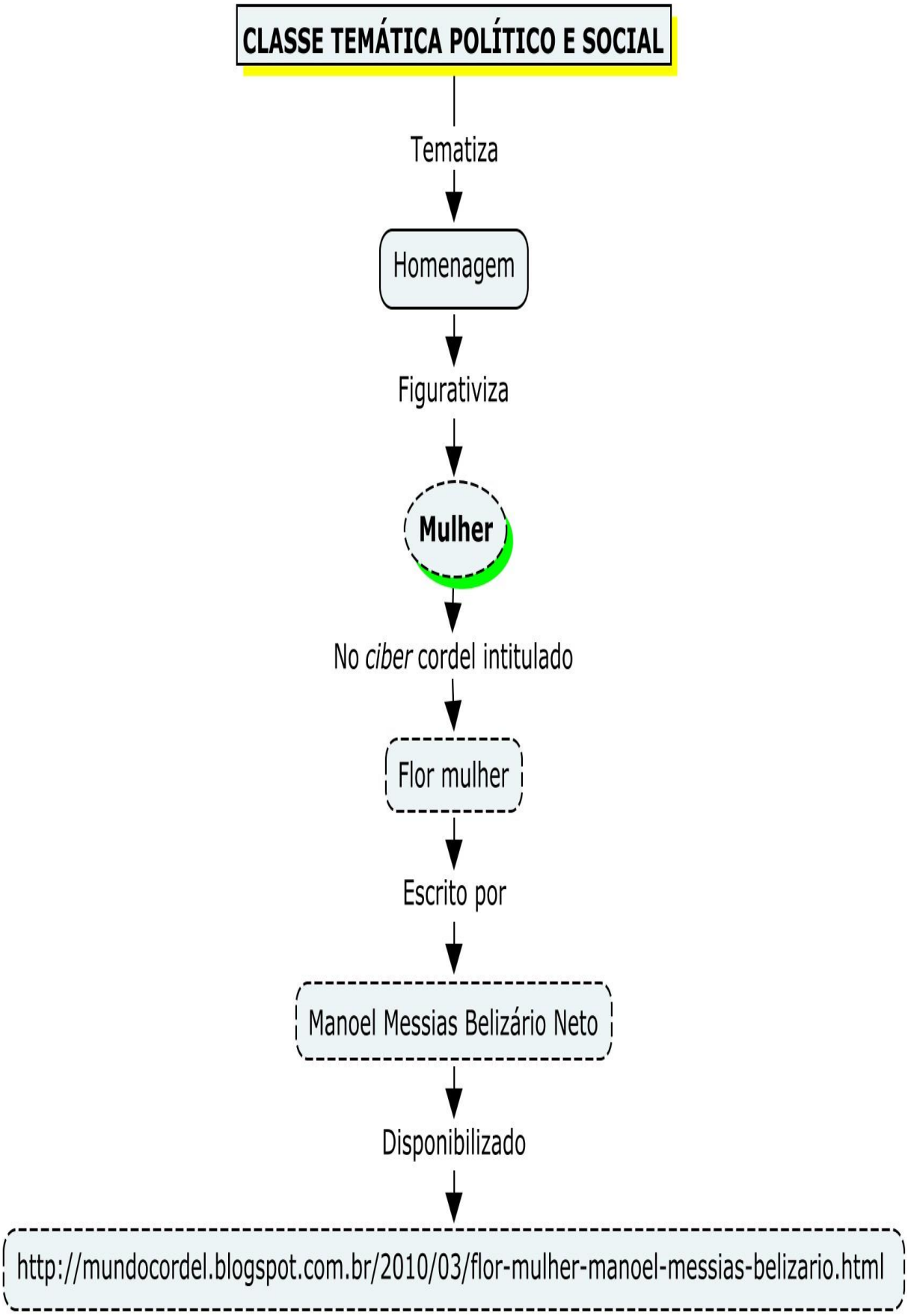
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 17 – Cordel velho e cordel novo



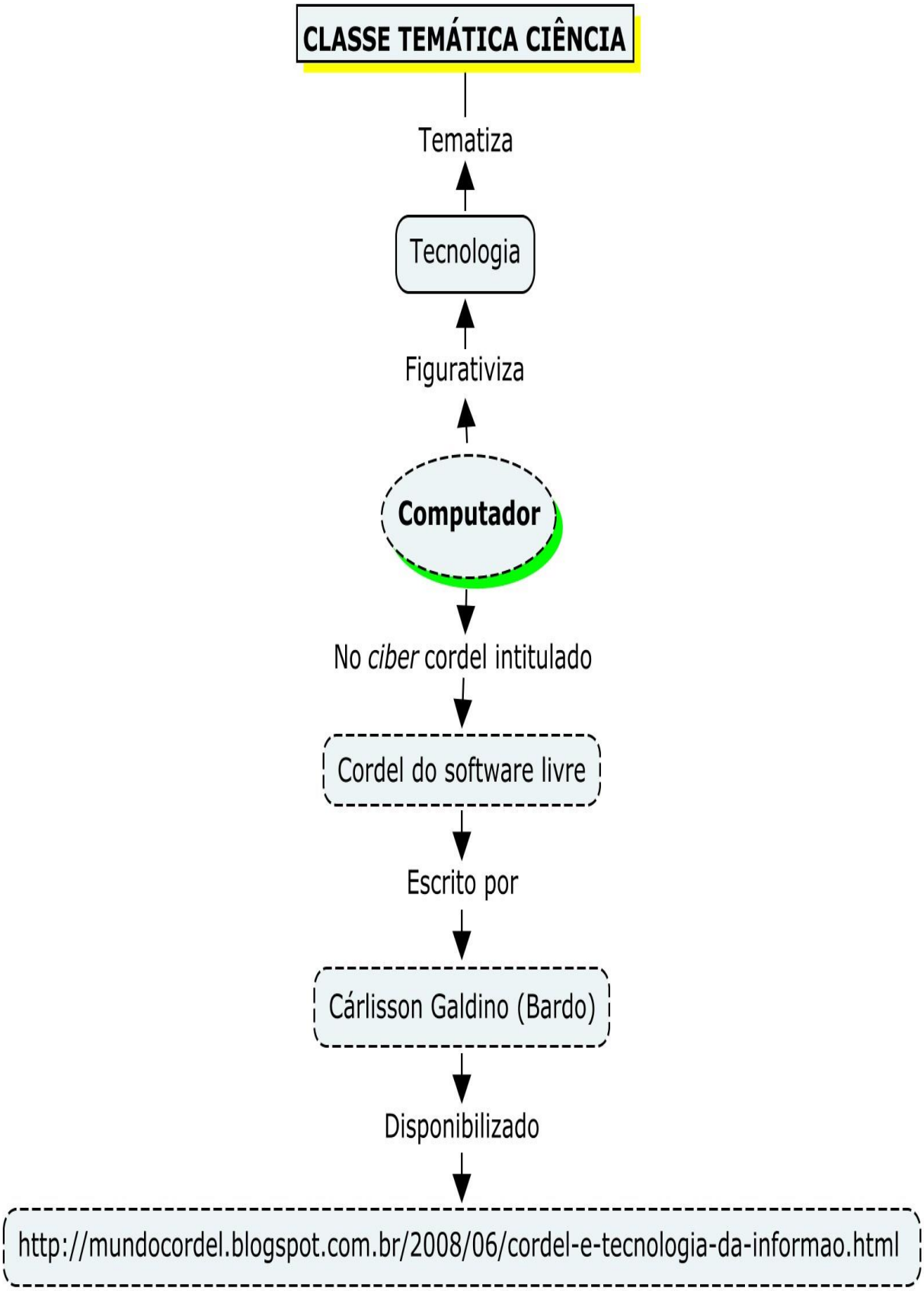
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 18 – Flor mulher



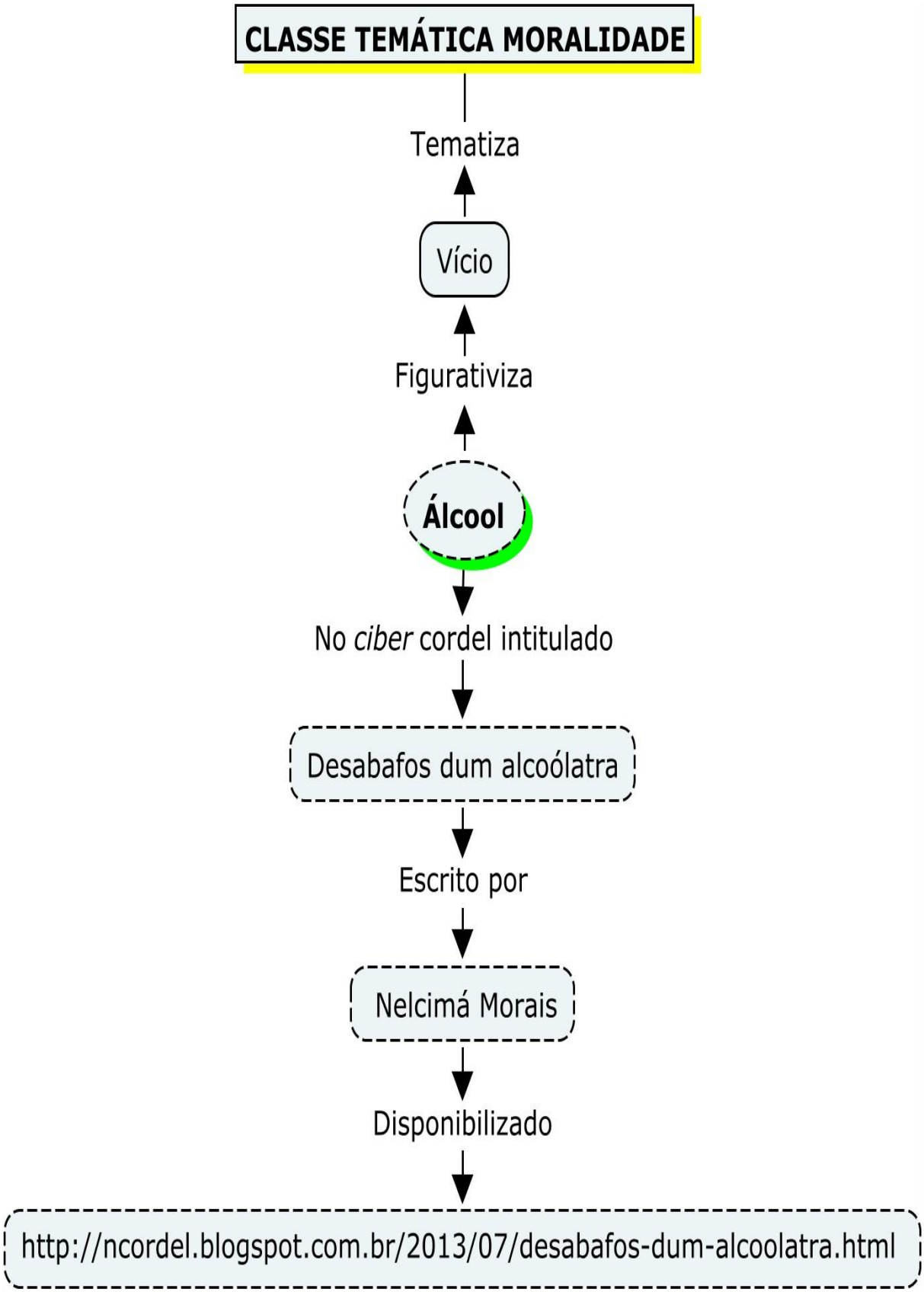
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 19 – Cordel do software livre



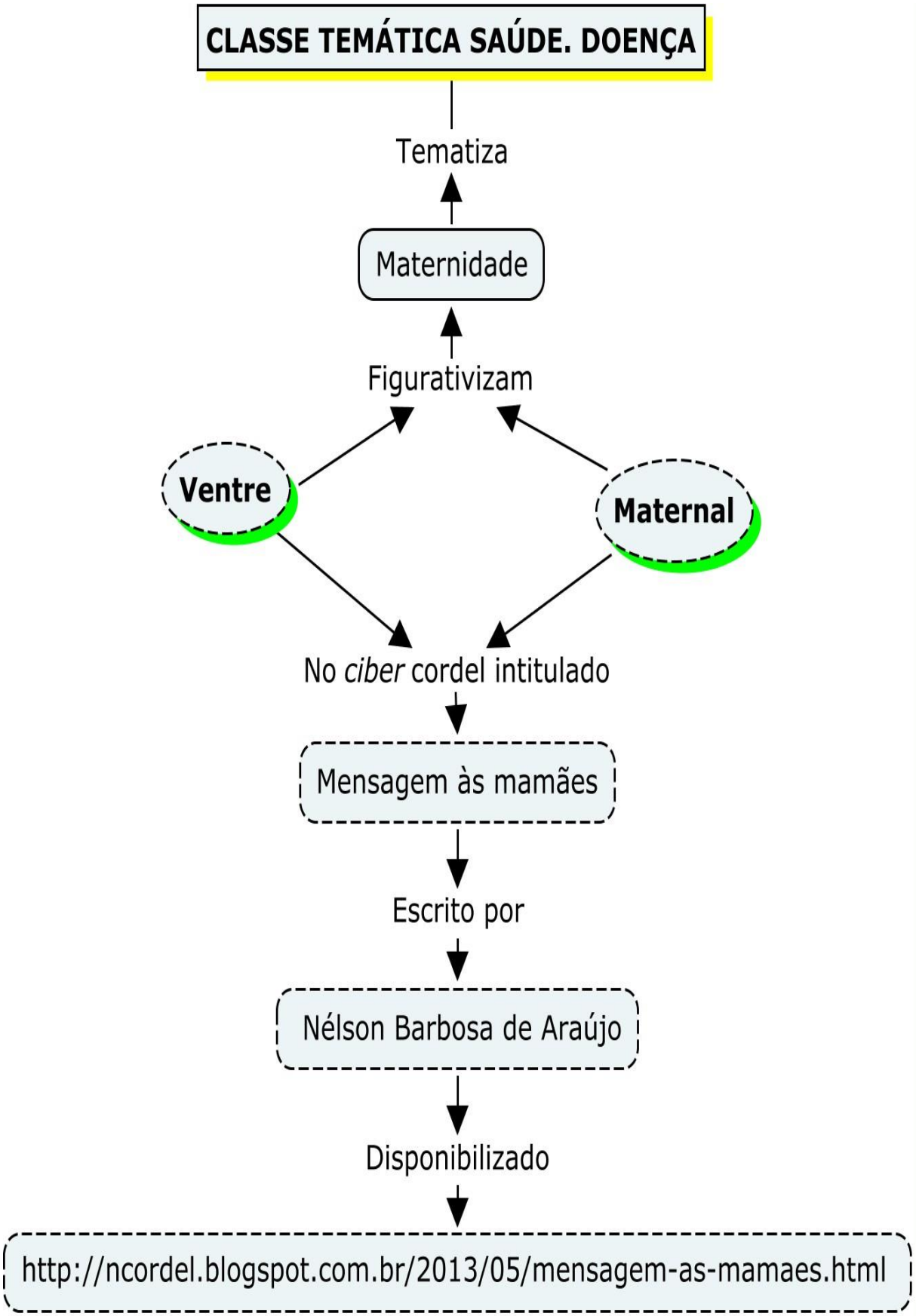
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 20 – Desabafos dum alcoólatra



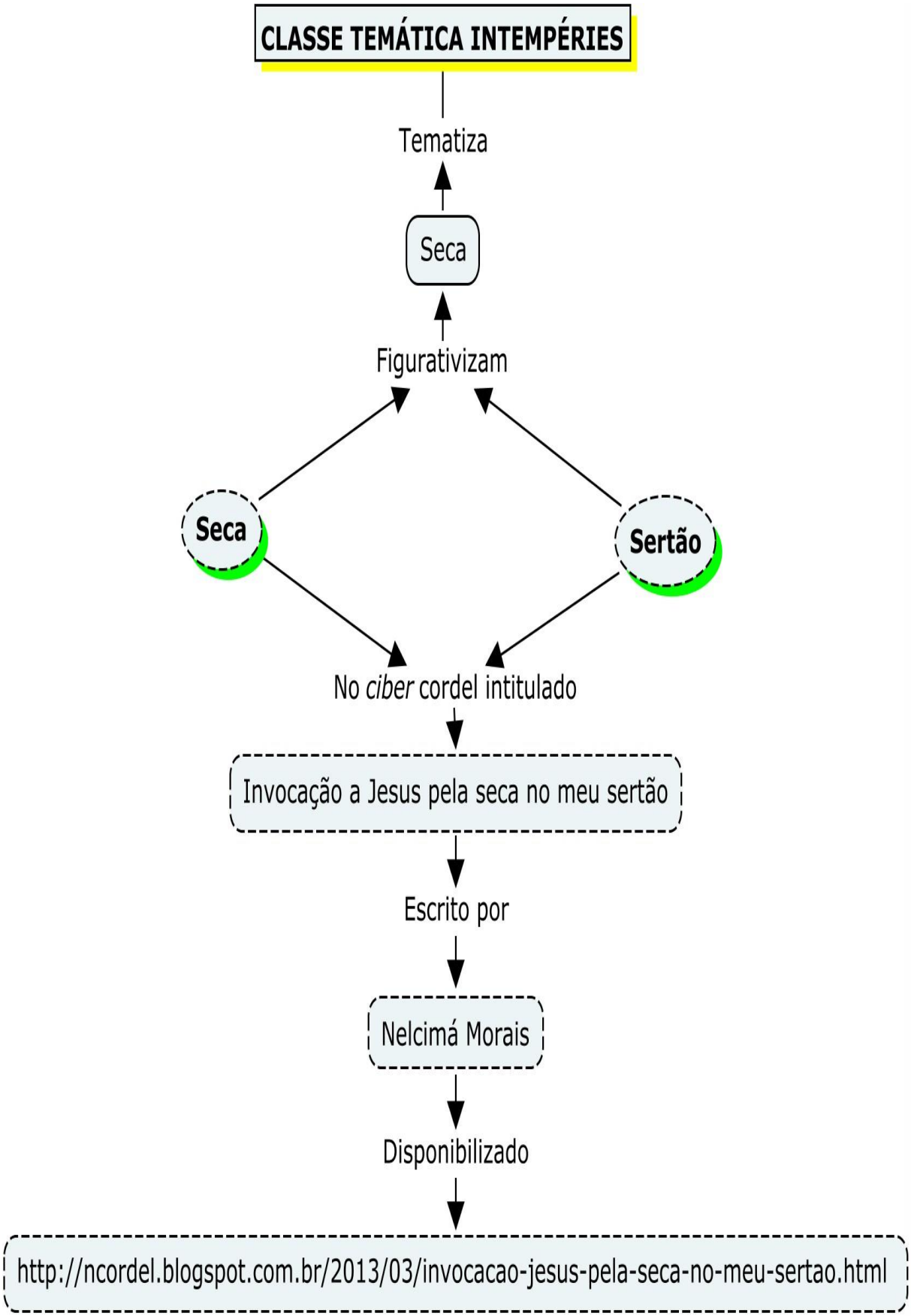
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 21 – Mensagem às mamães



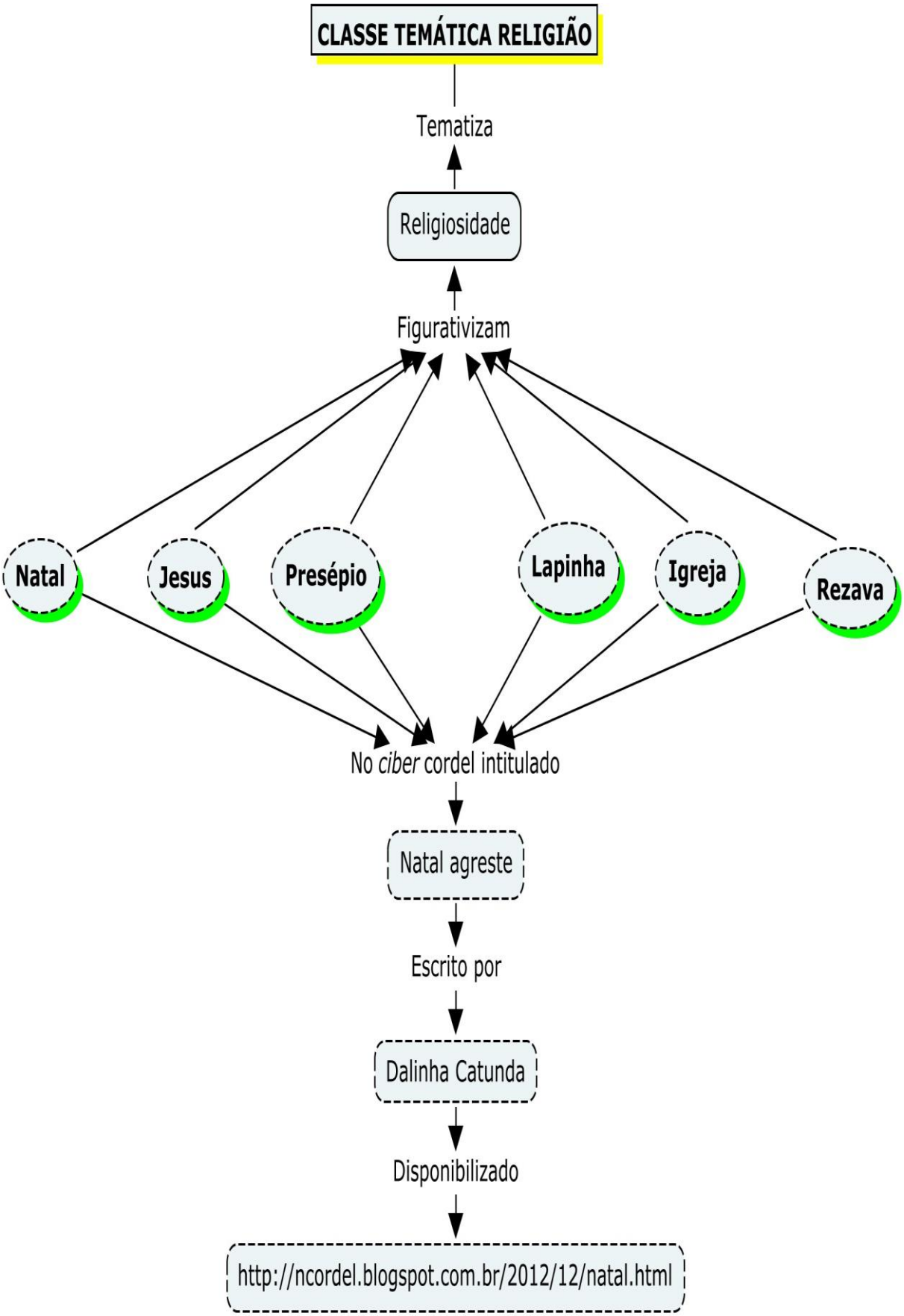
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 22 – Invocação a Jesus pela seca no meu sertão



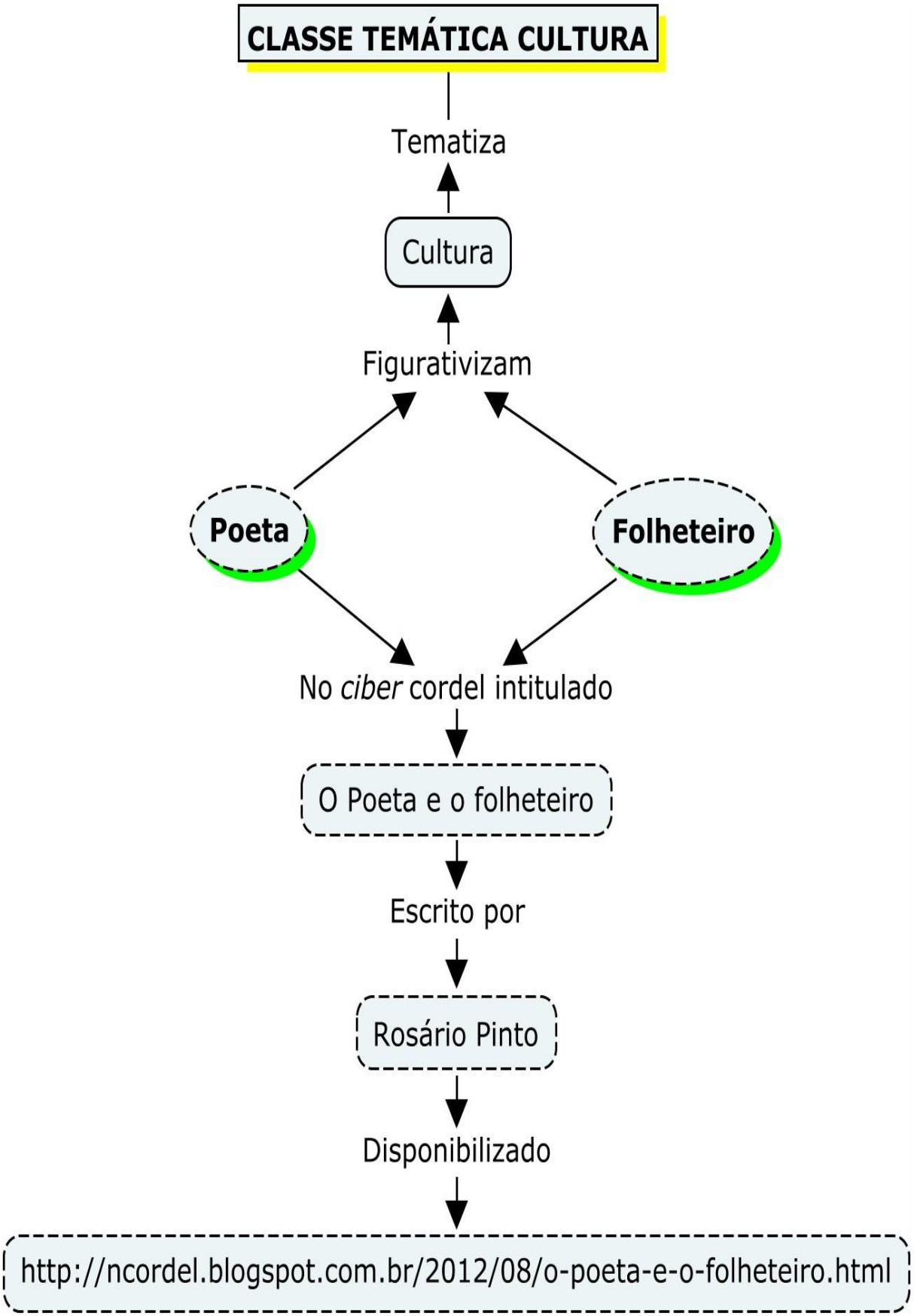
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 23 – Natal agreste



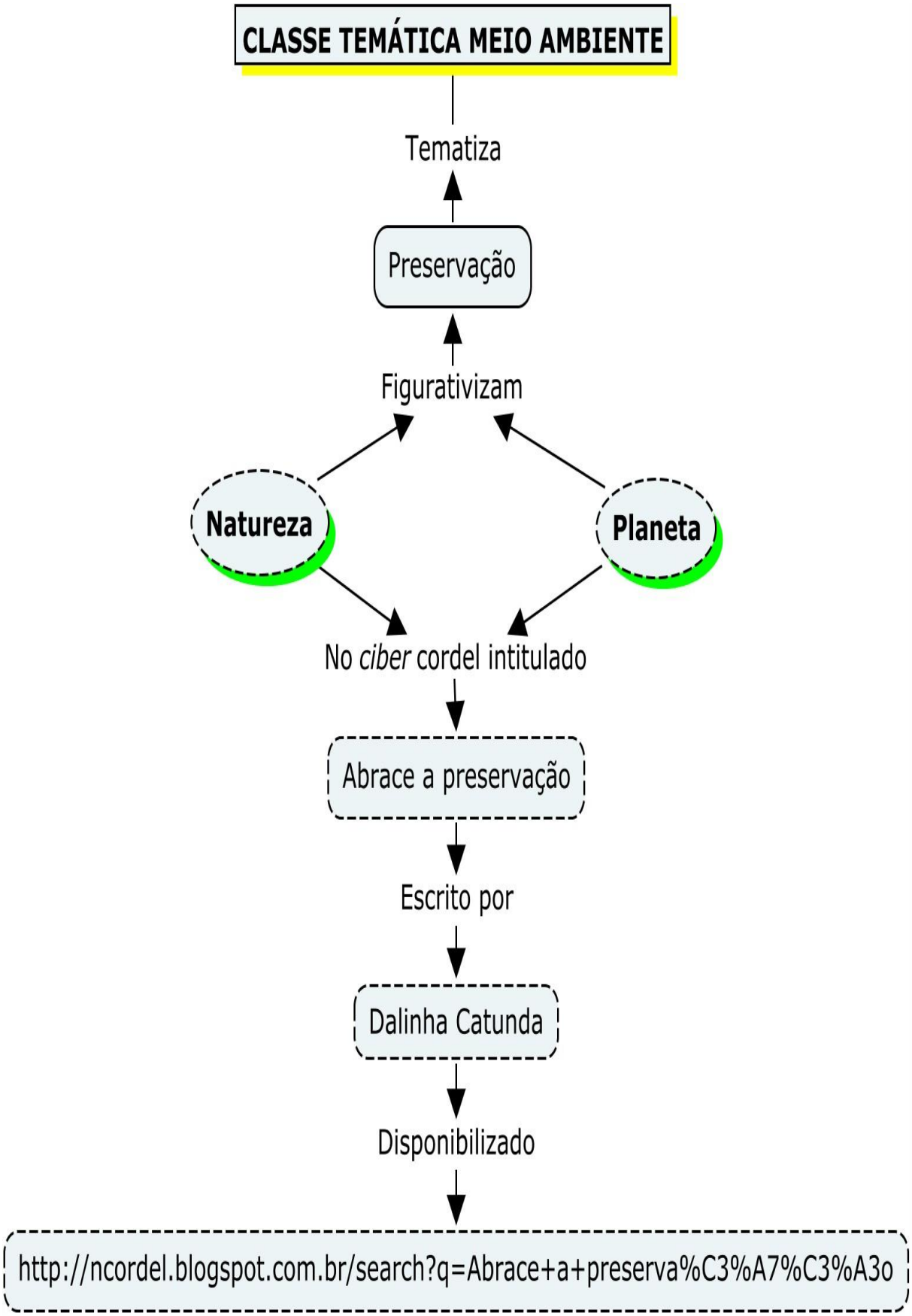
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 24 – O Poeta e o folheteiro



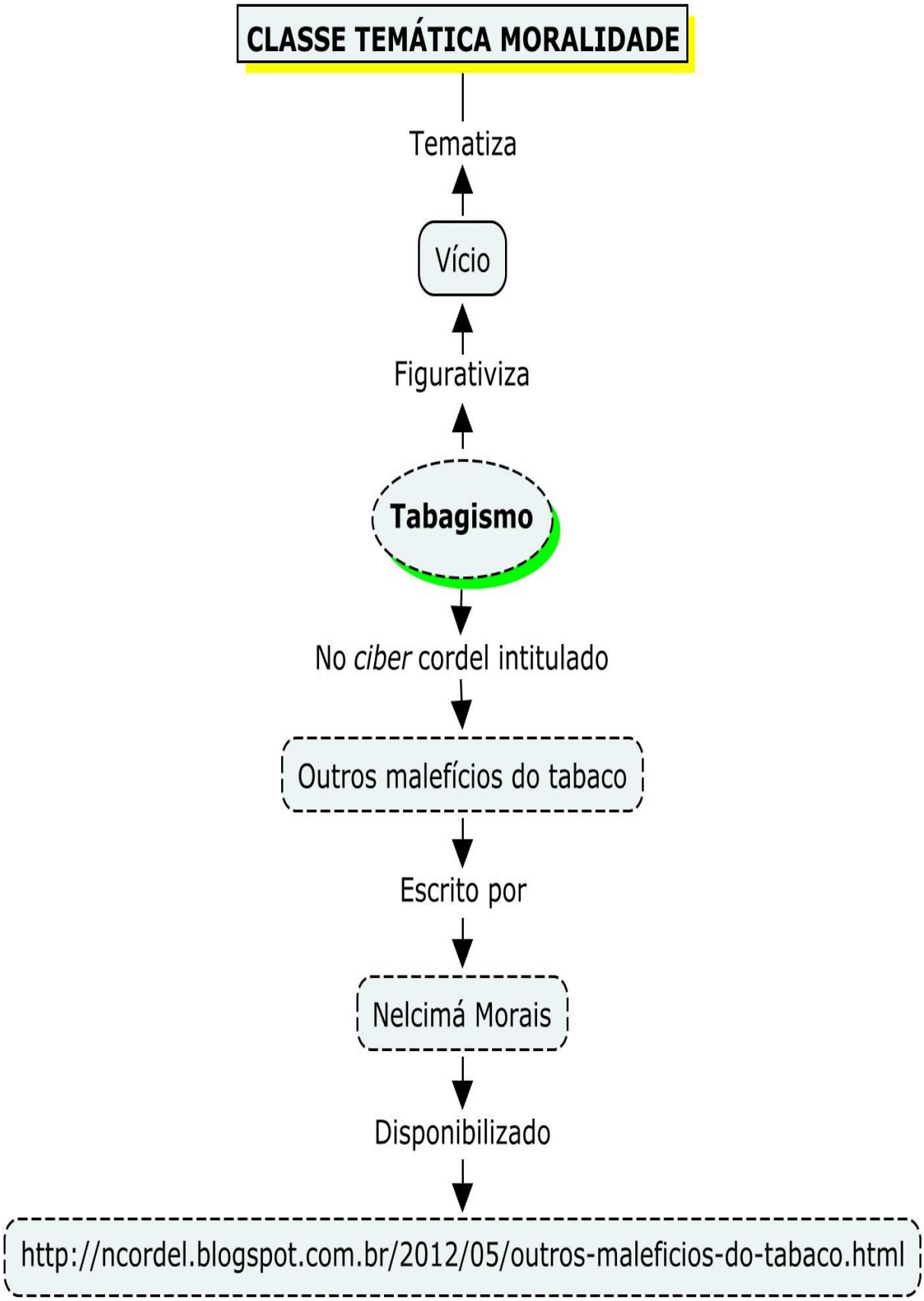
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 25 – Abrace a preservação



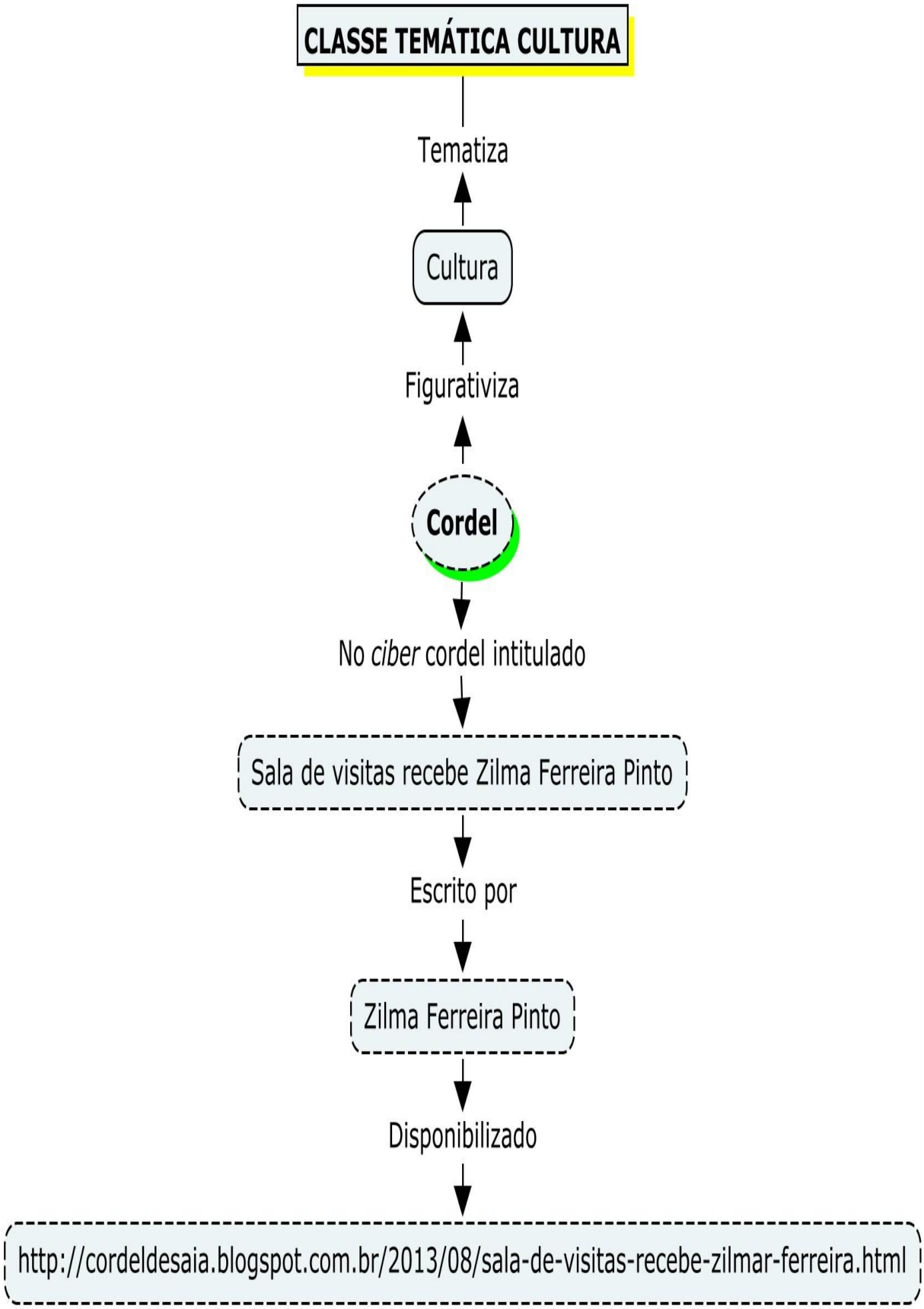
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 26 – Outros malefícios do tabaco



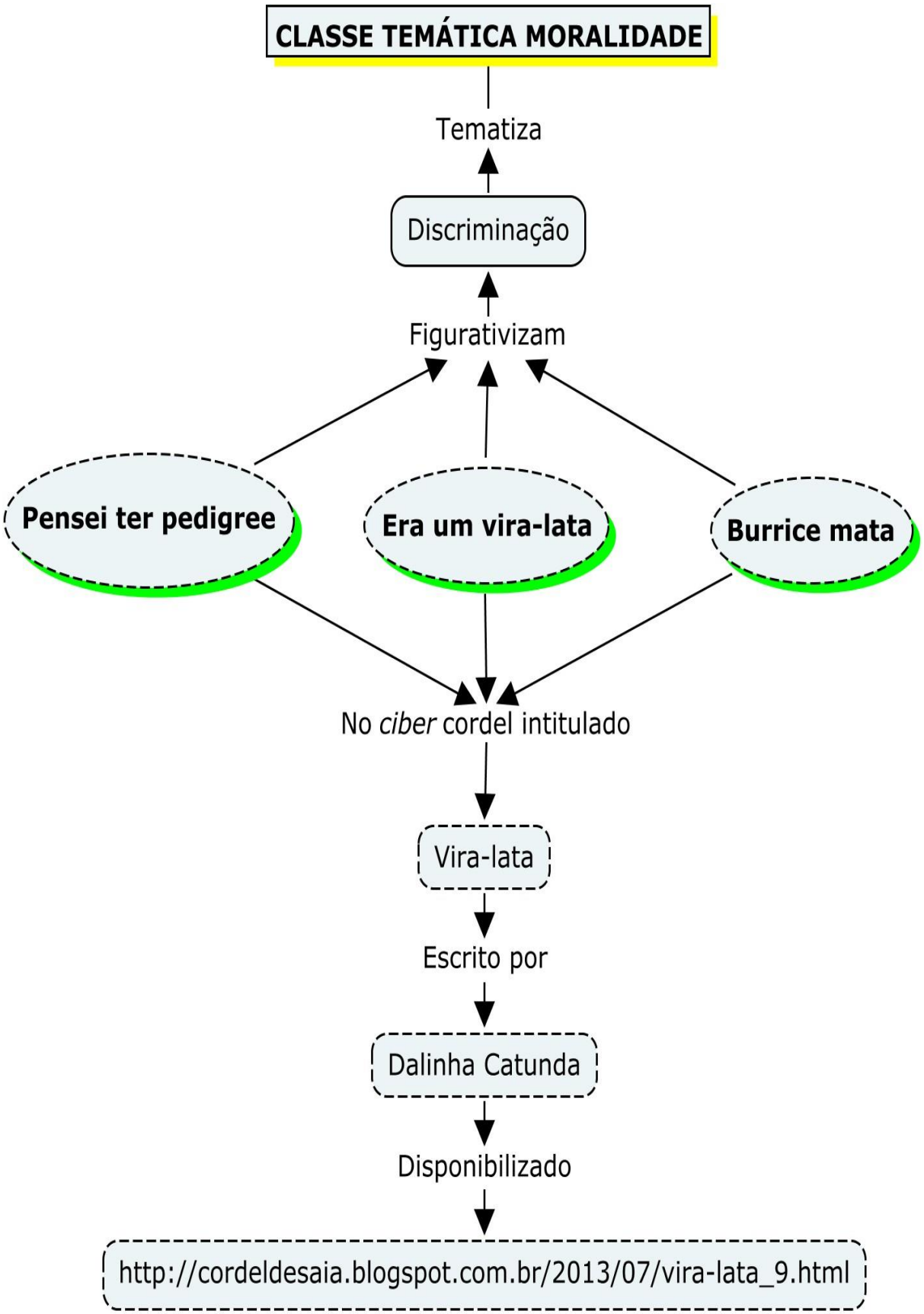
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 27 – Sala de visitas recebe Zilma Ferreira Pinto



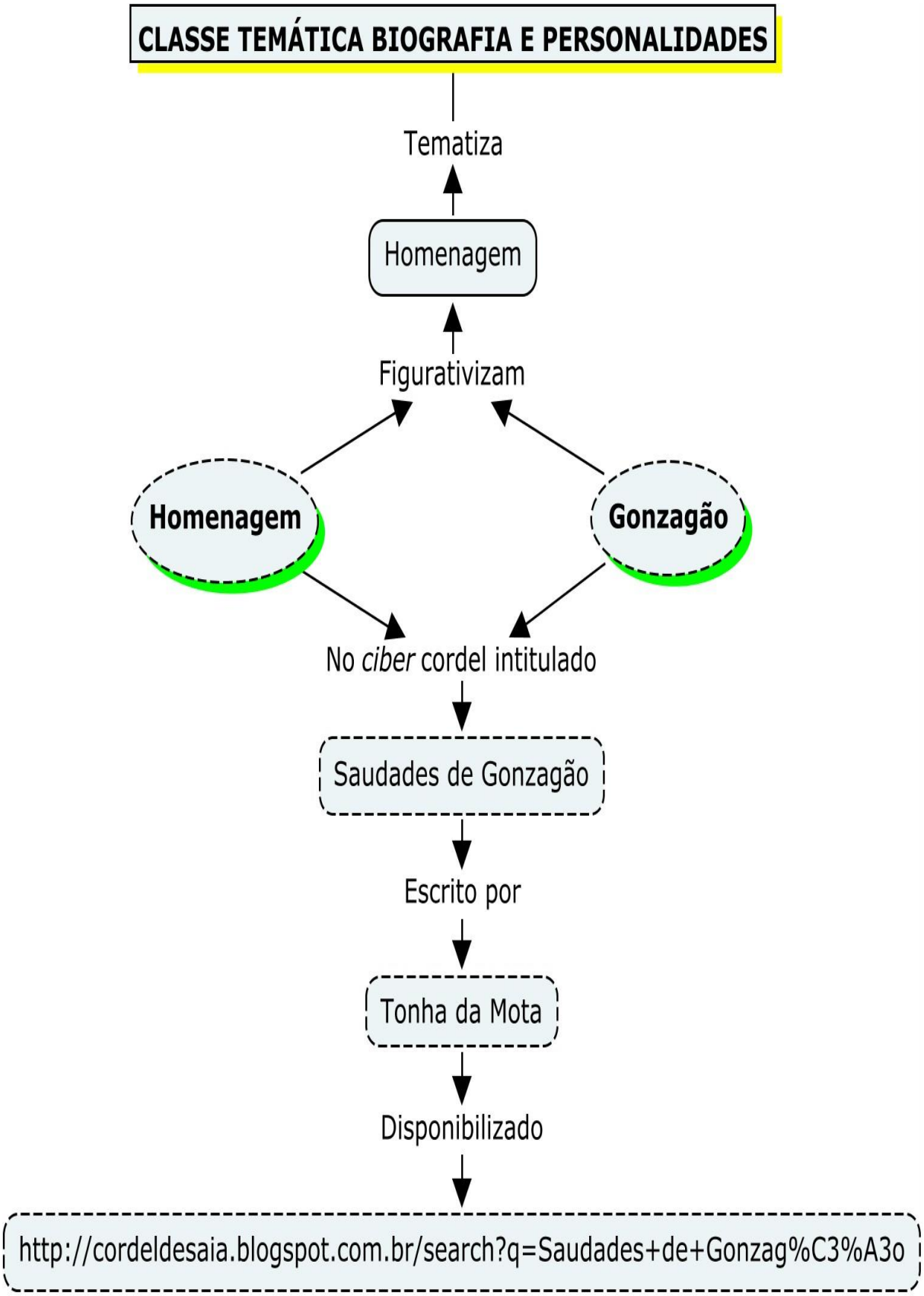
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 28 – Vira-lata



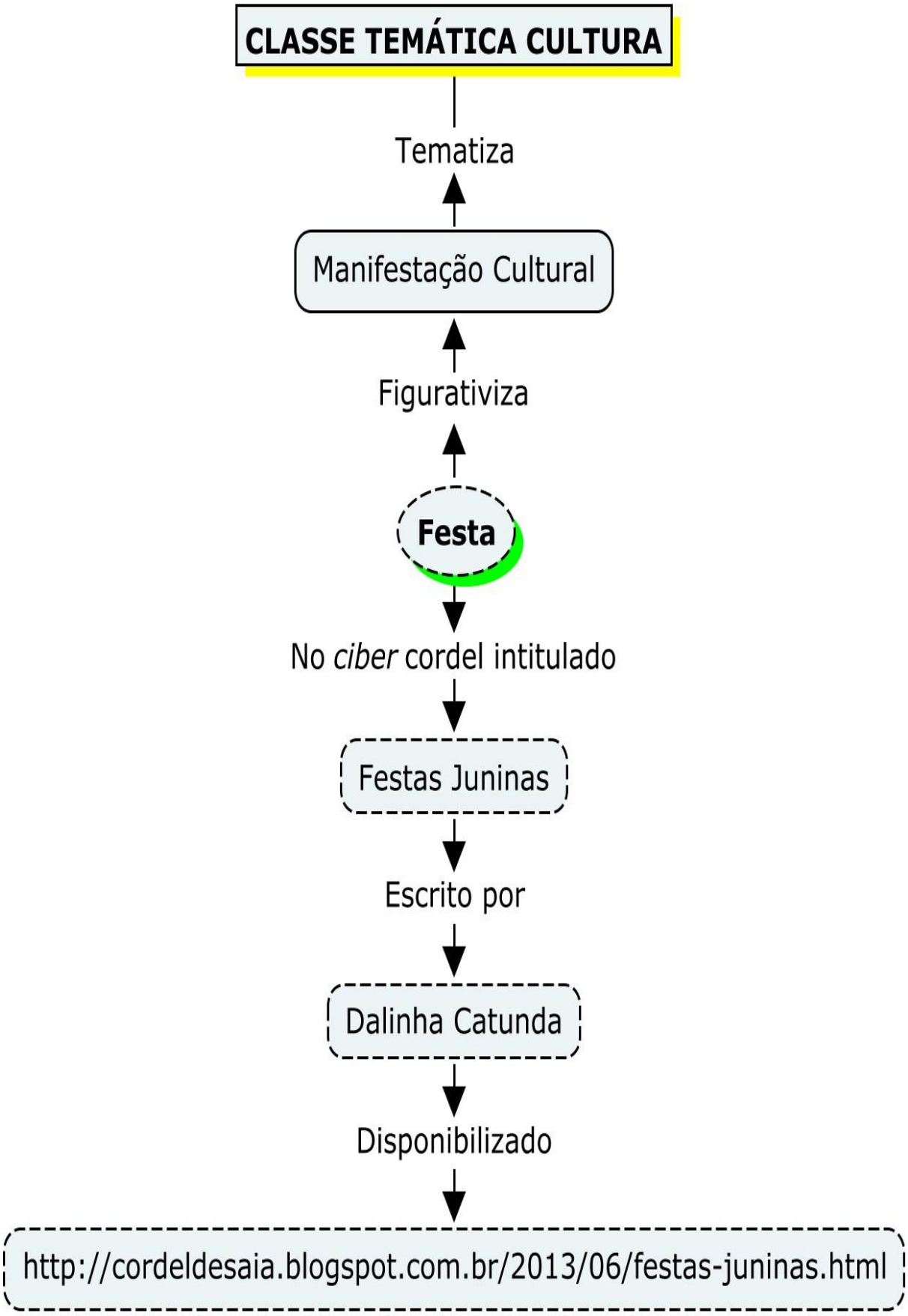
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 29 – Saudades de Gonzagão



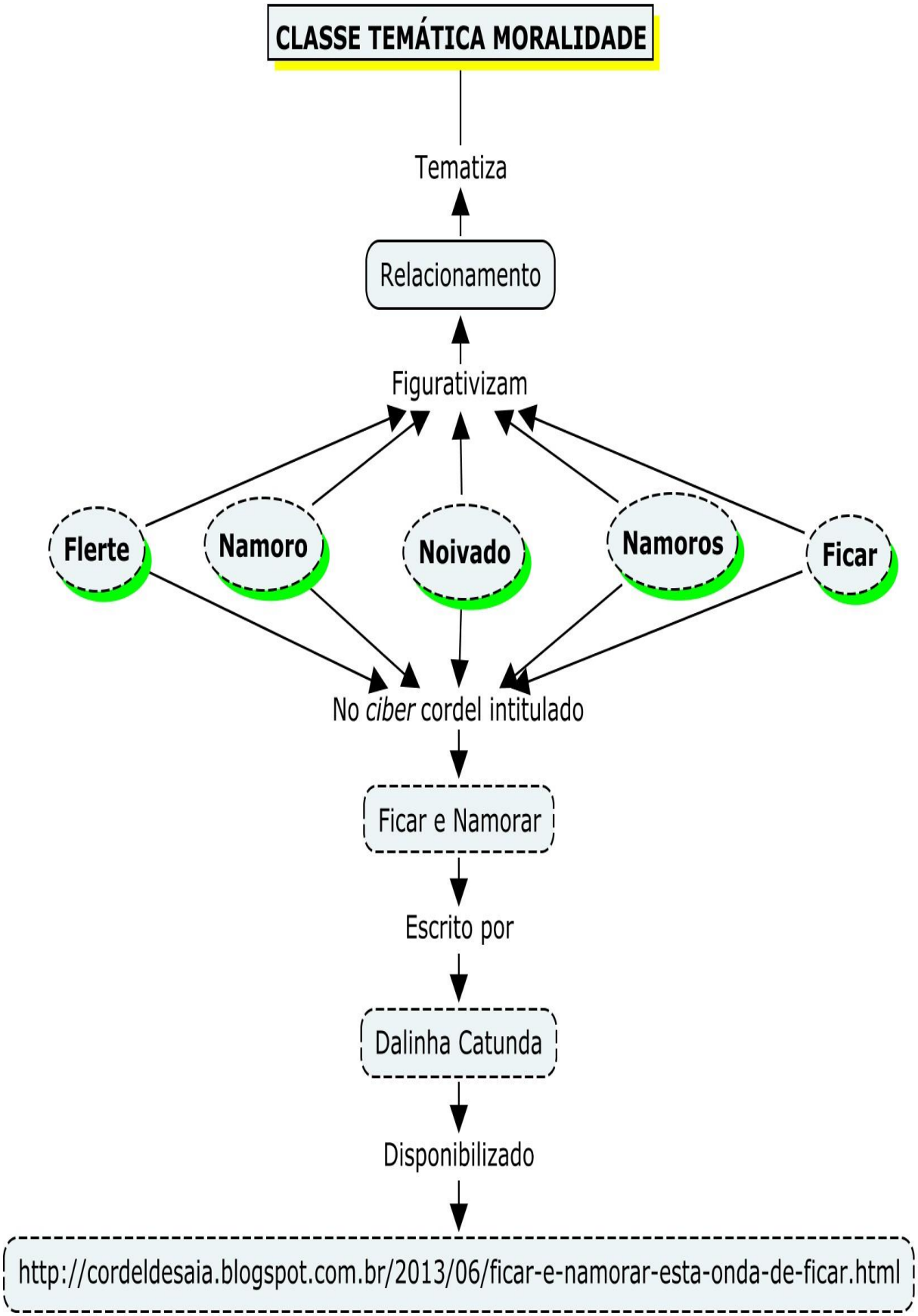
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 30 – Festas juninas



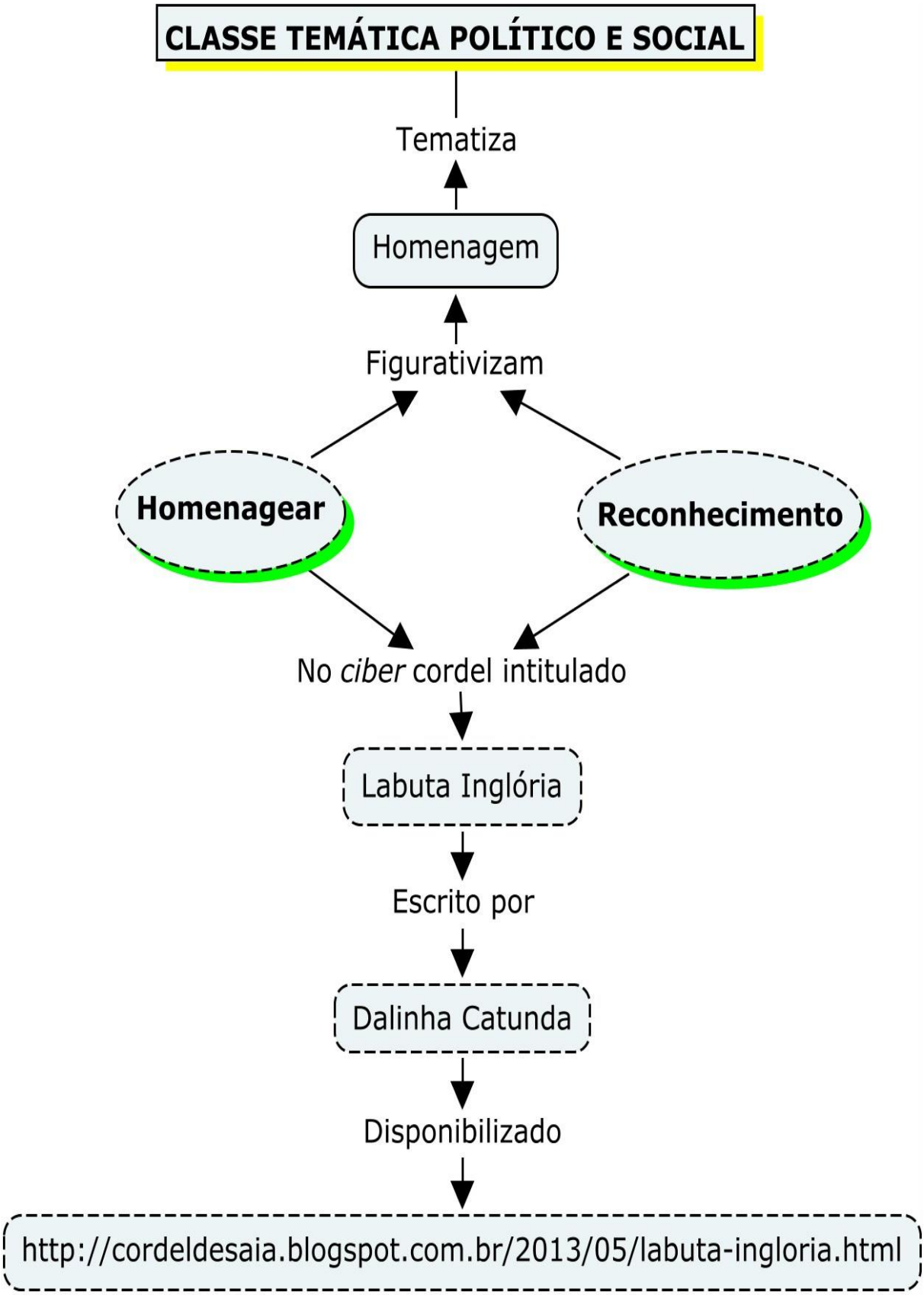
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 31 – Ficar e namorar



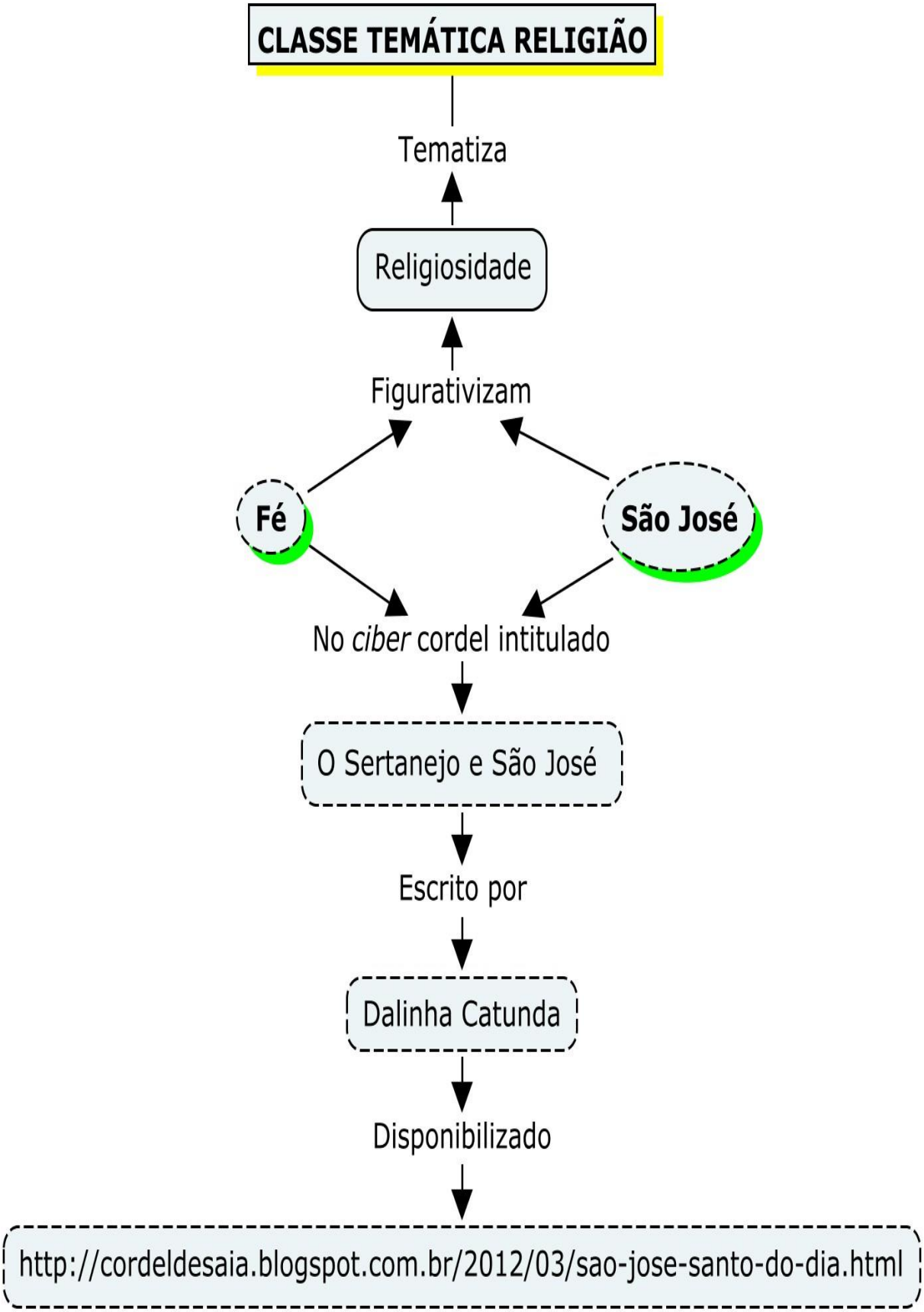
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 32 – Labuta inglória



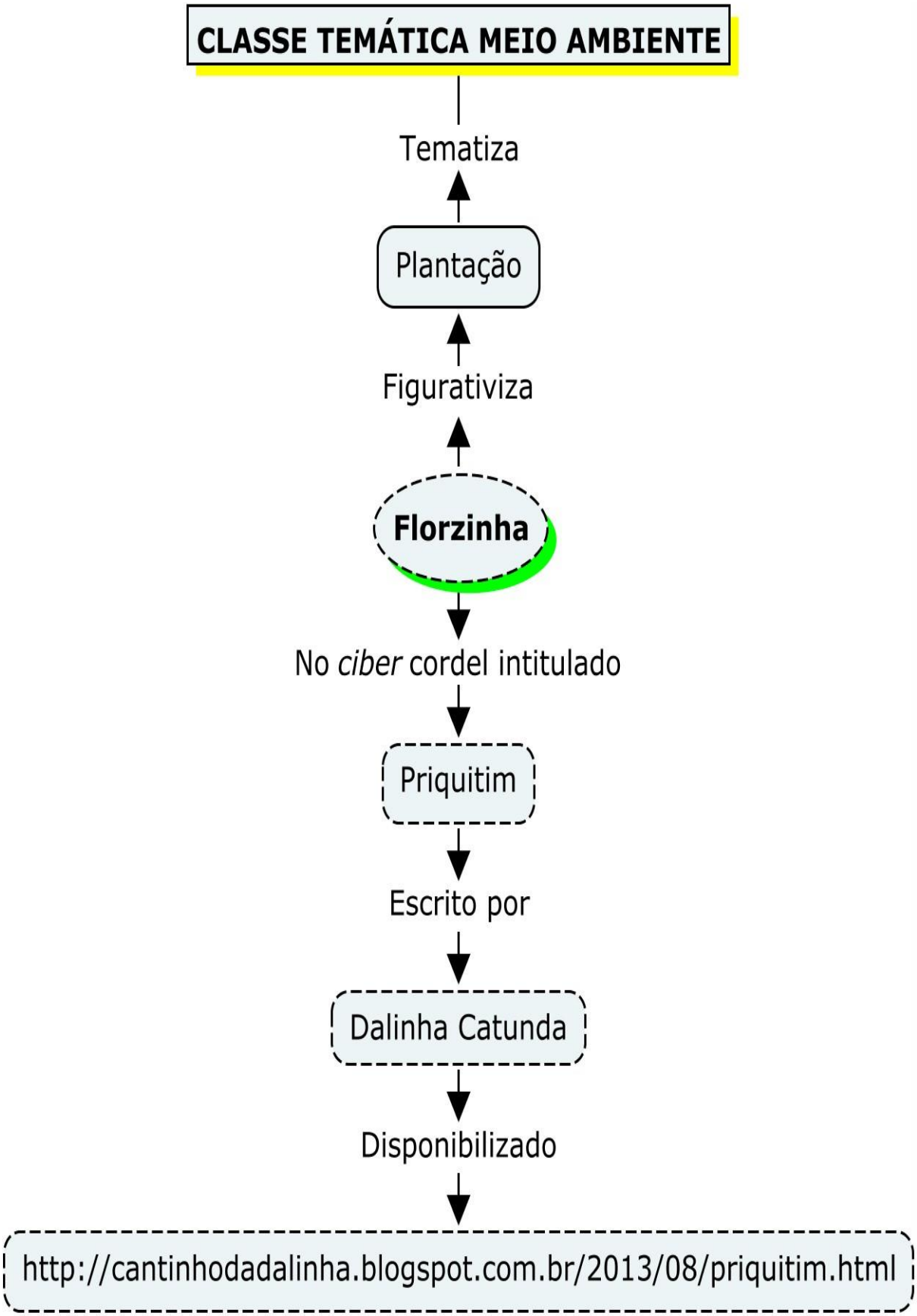
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 33 – O Sertanejo e São José



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 34 – Priquitim

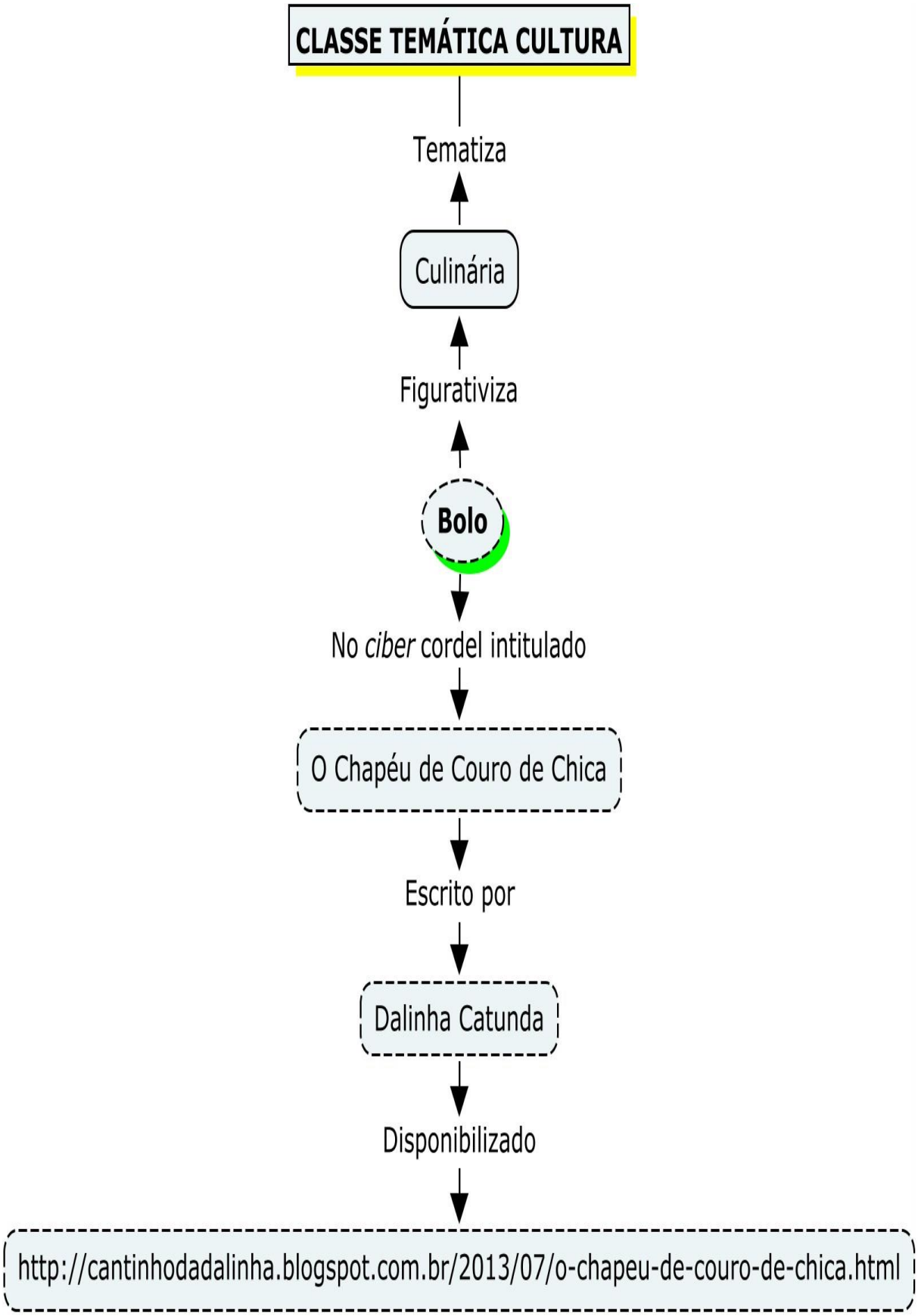


Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 35 – Meu testemunho

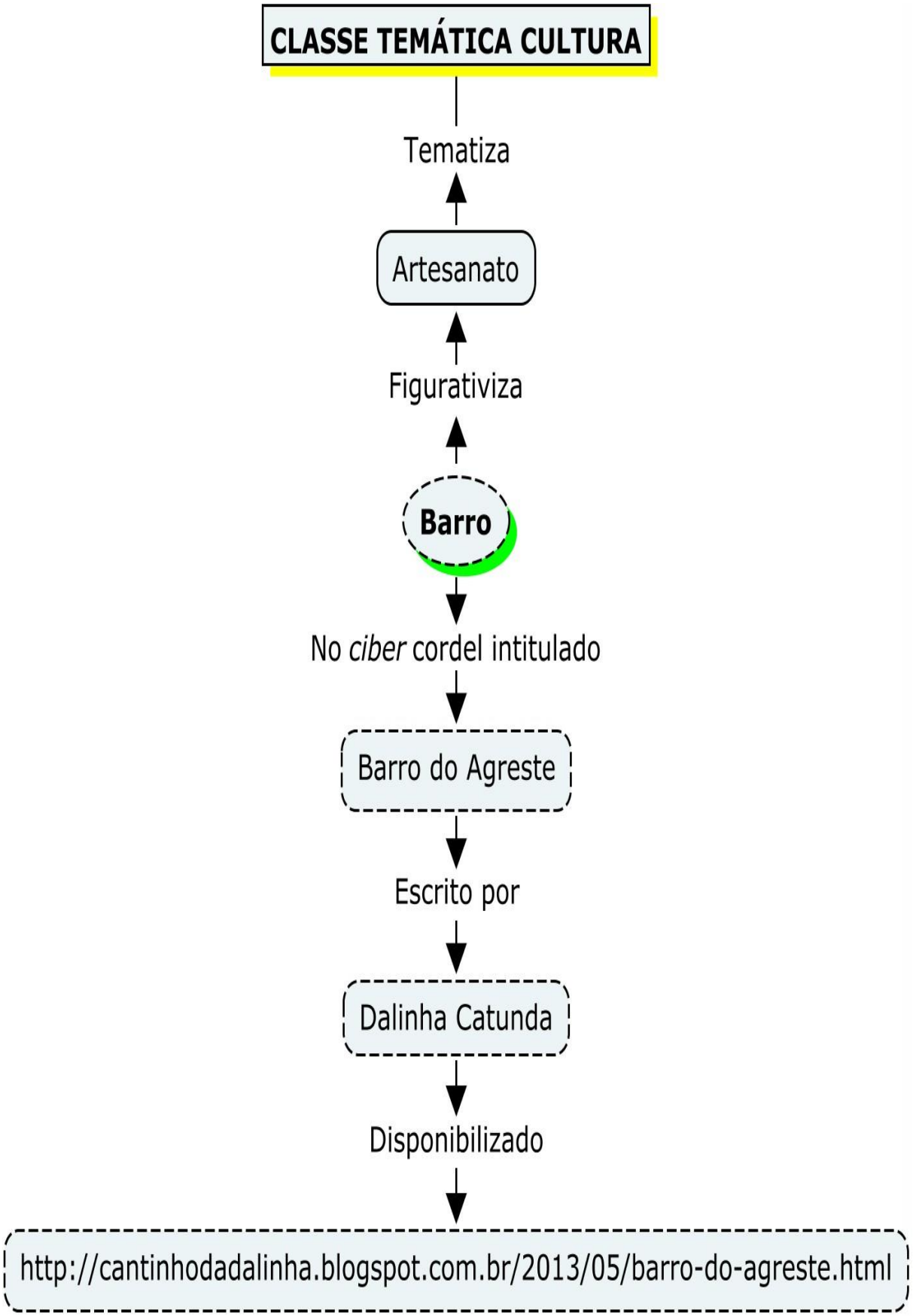
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013

Mapa Conceitual 36 – O Chapéu de couro de Chica



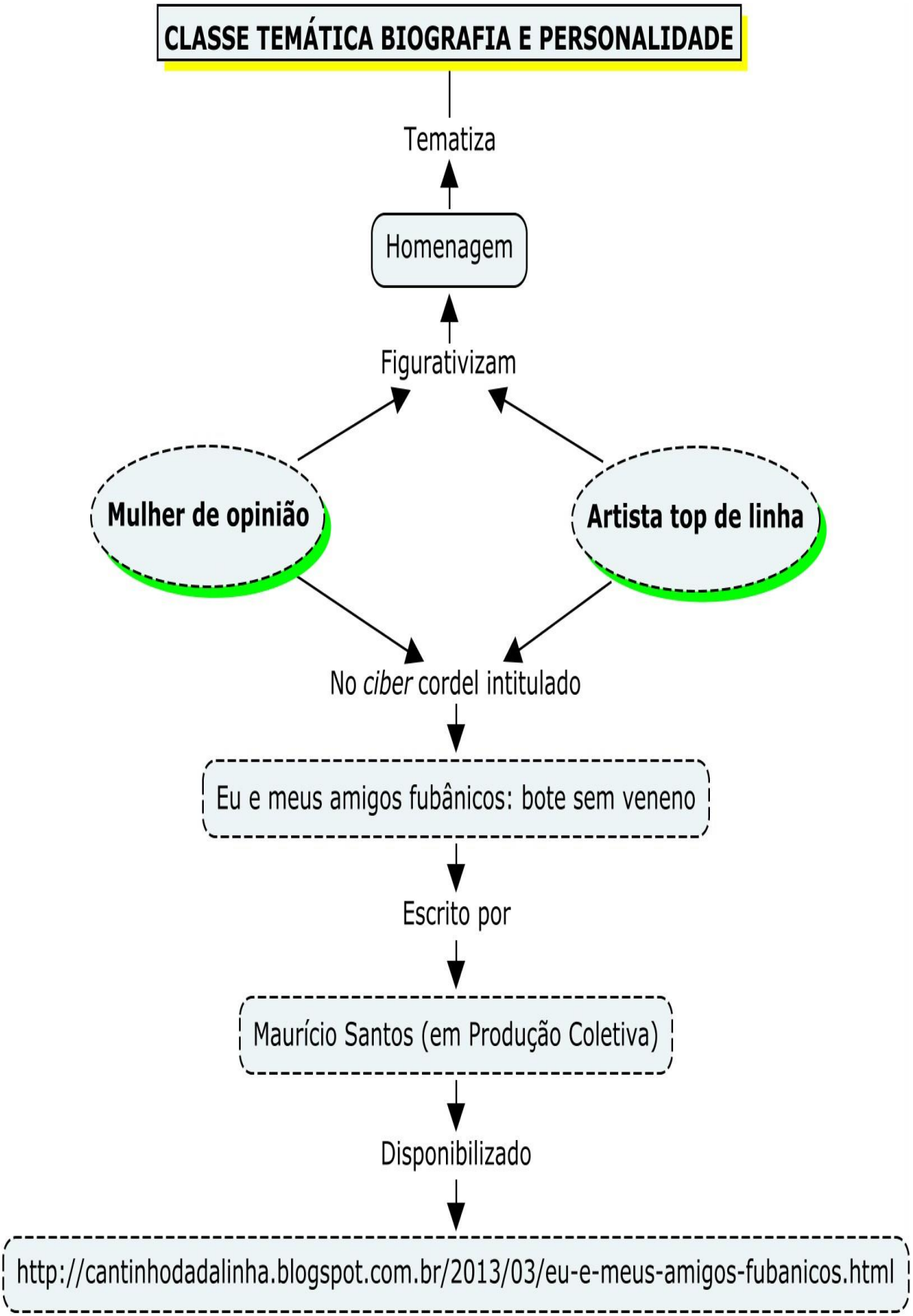
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 37 – Barro do Agreste



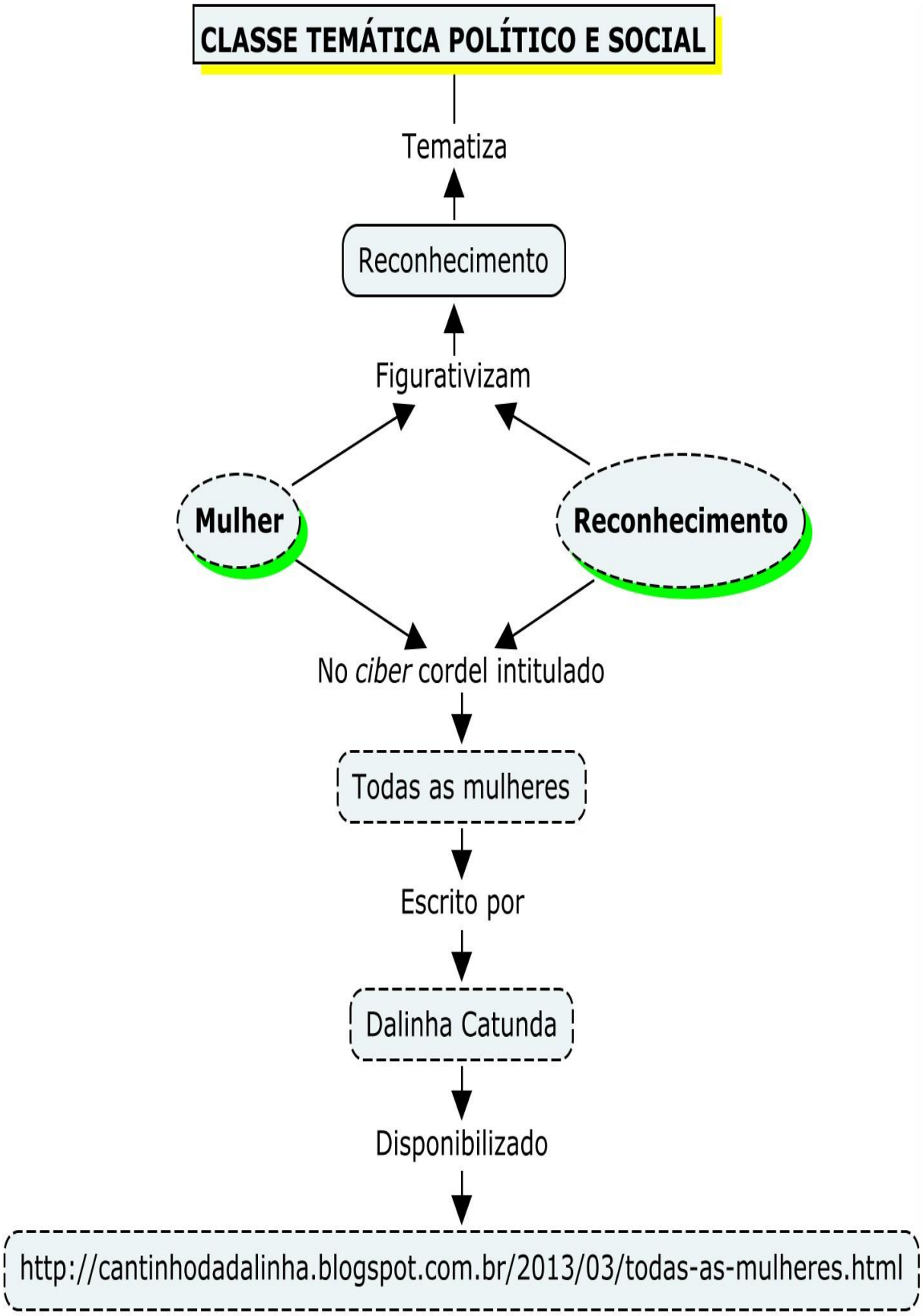
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 38 – Eu e meus amigos fubânicos: bote sem veneno



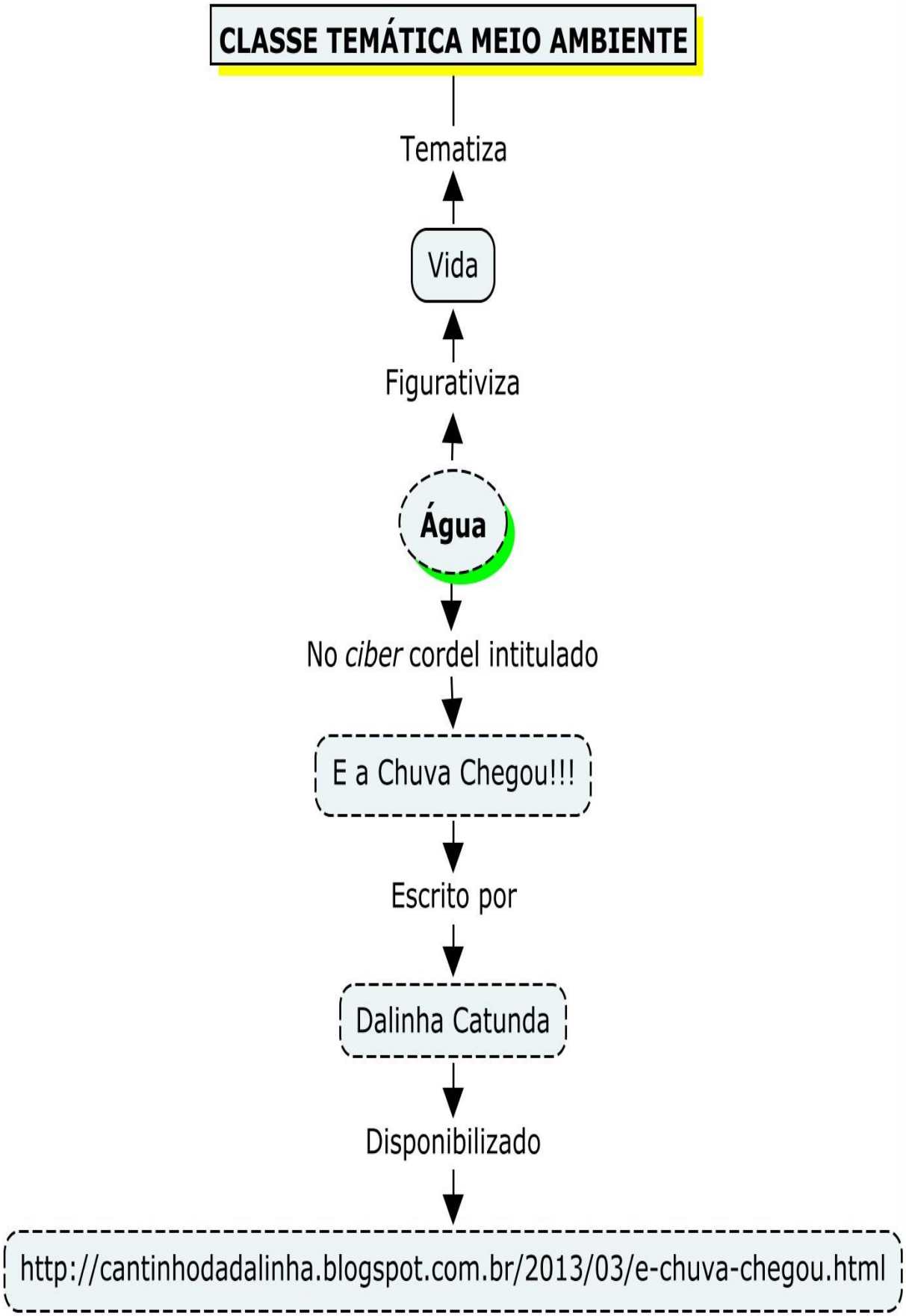
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 39 – Todas as mulheres



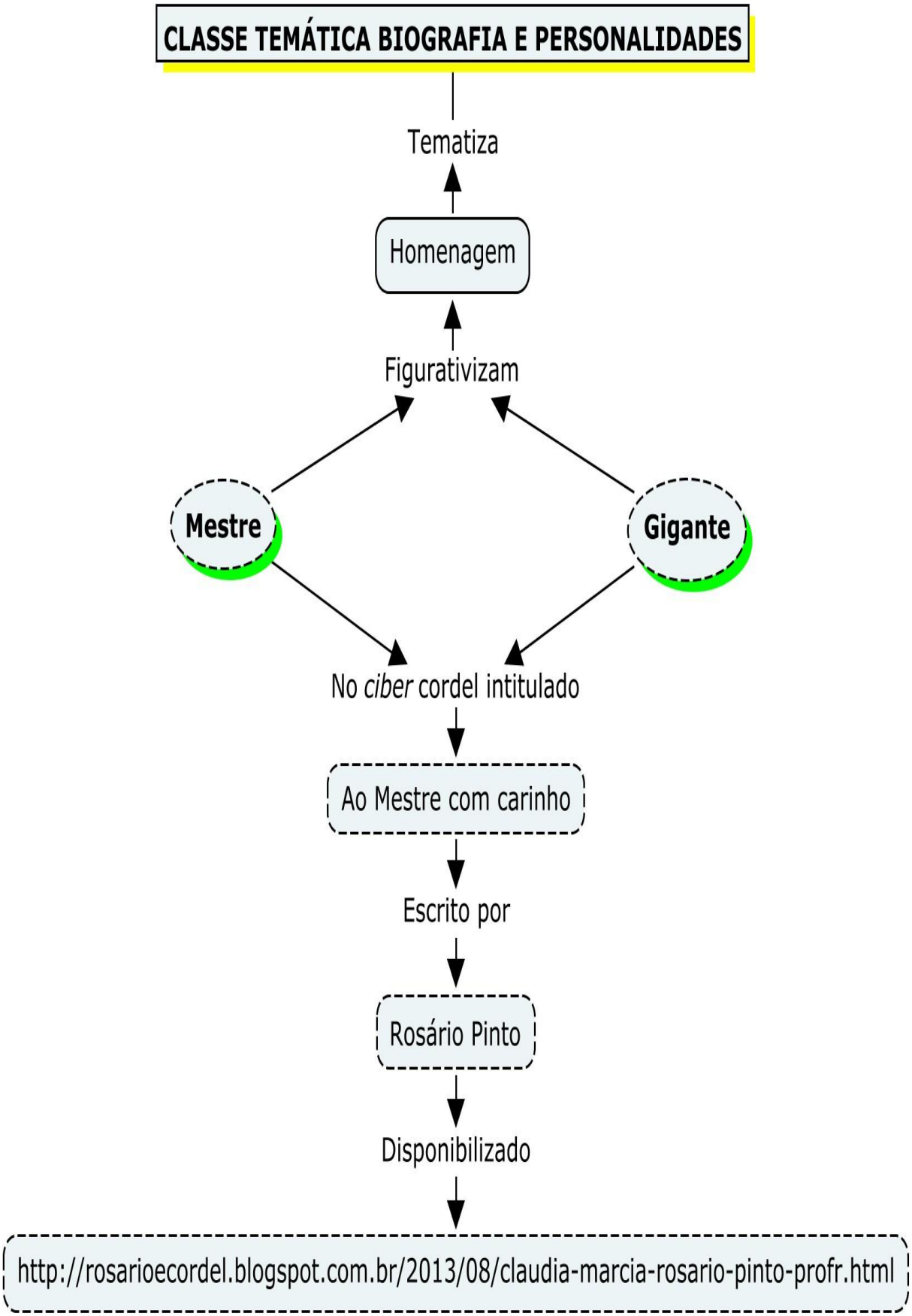
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 40 – E a chuva chegou!!!



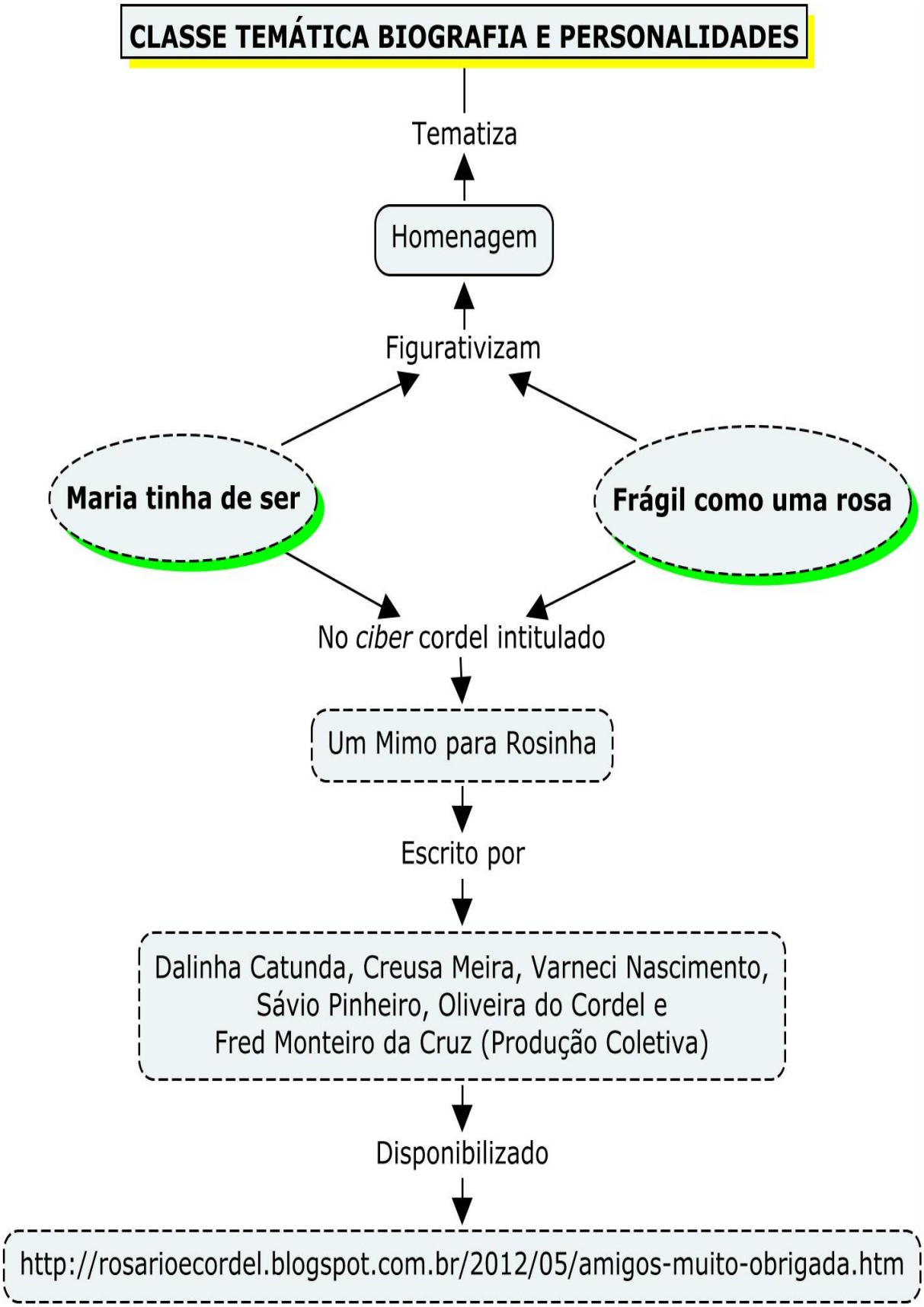
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 41 – Ao Mestre com carinho



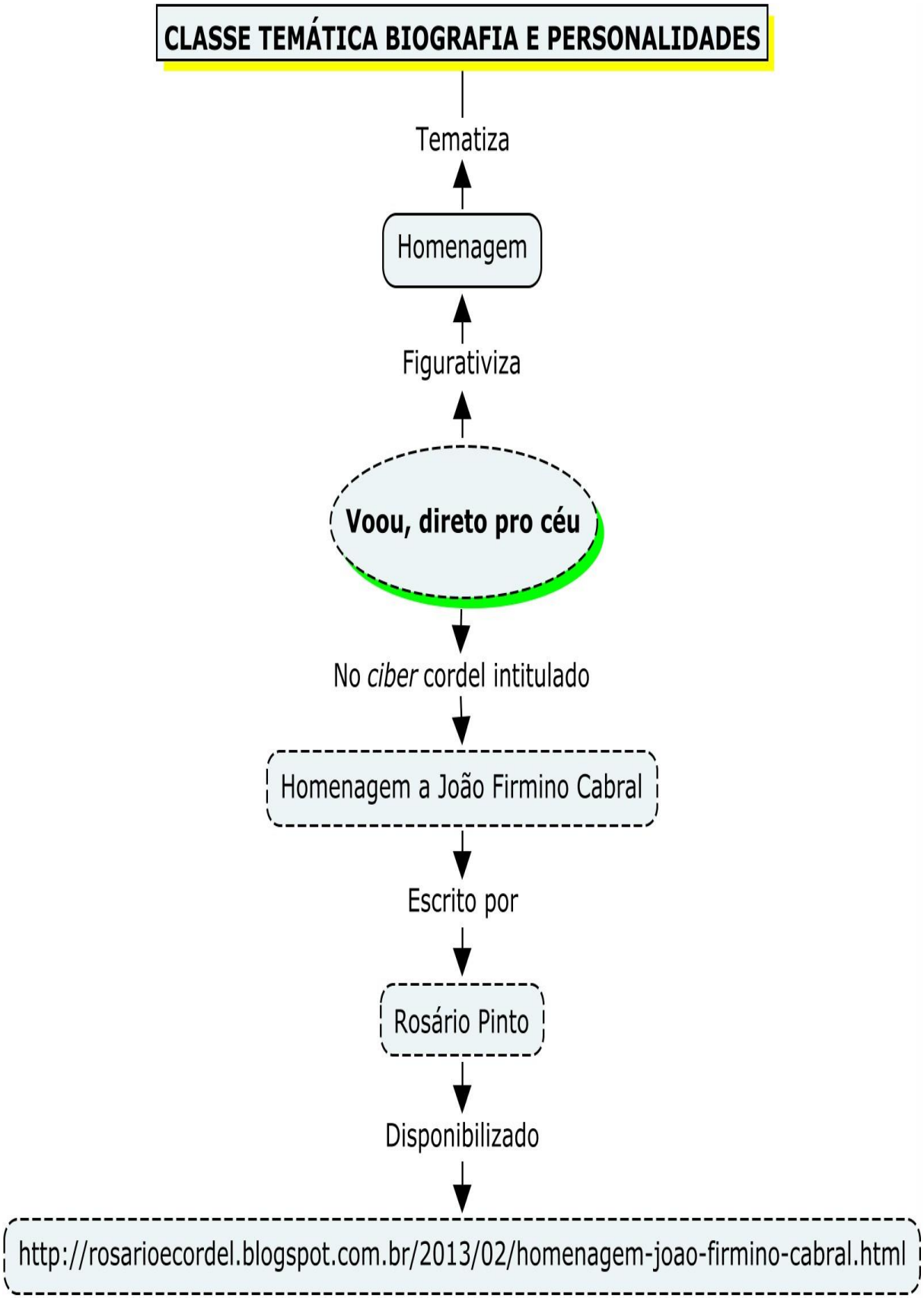
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 42 – Um mimo para Rosinha



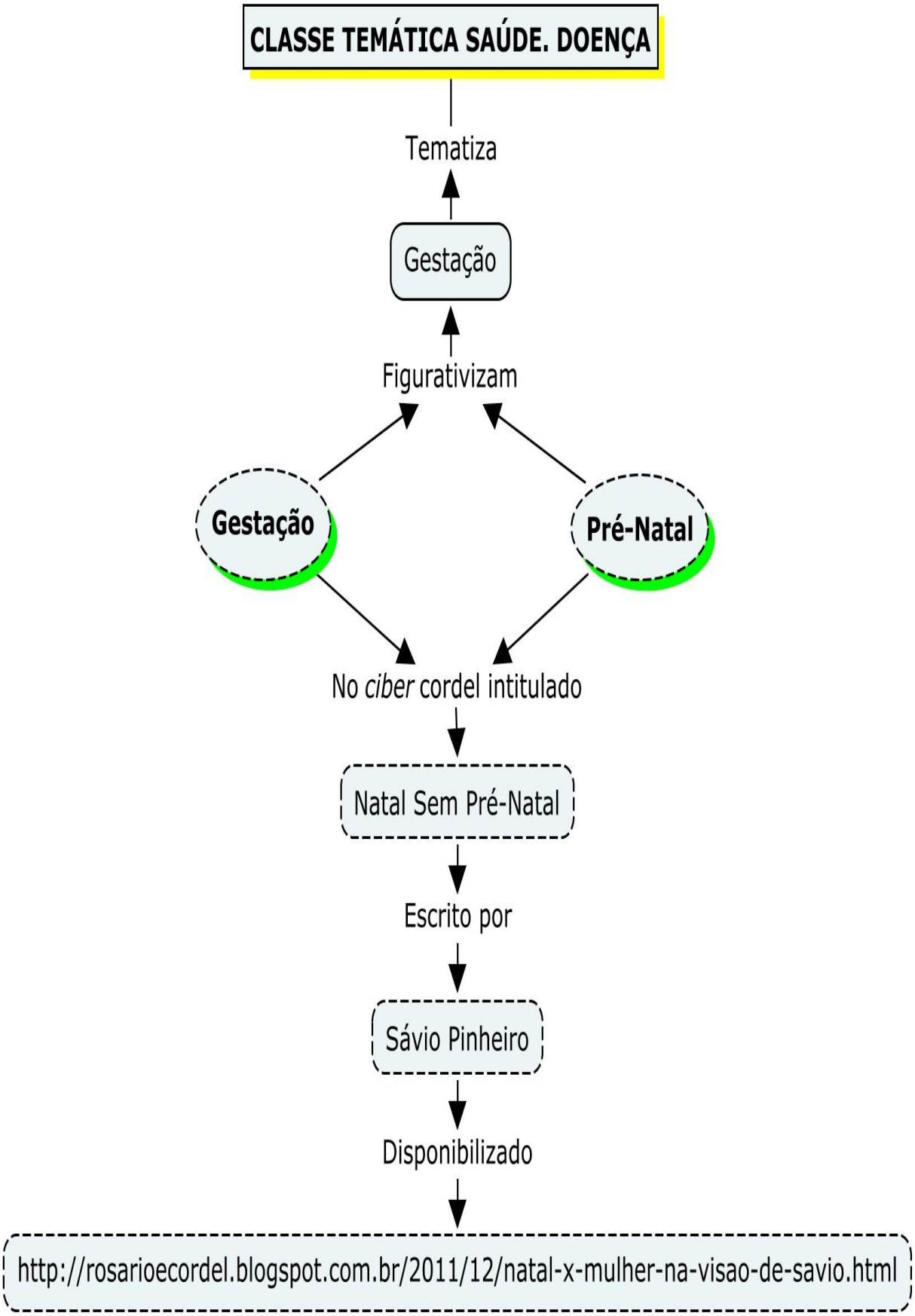
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 43 – Homenagem a João Firmino Cabral



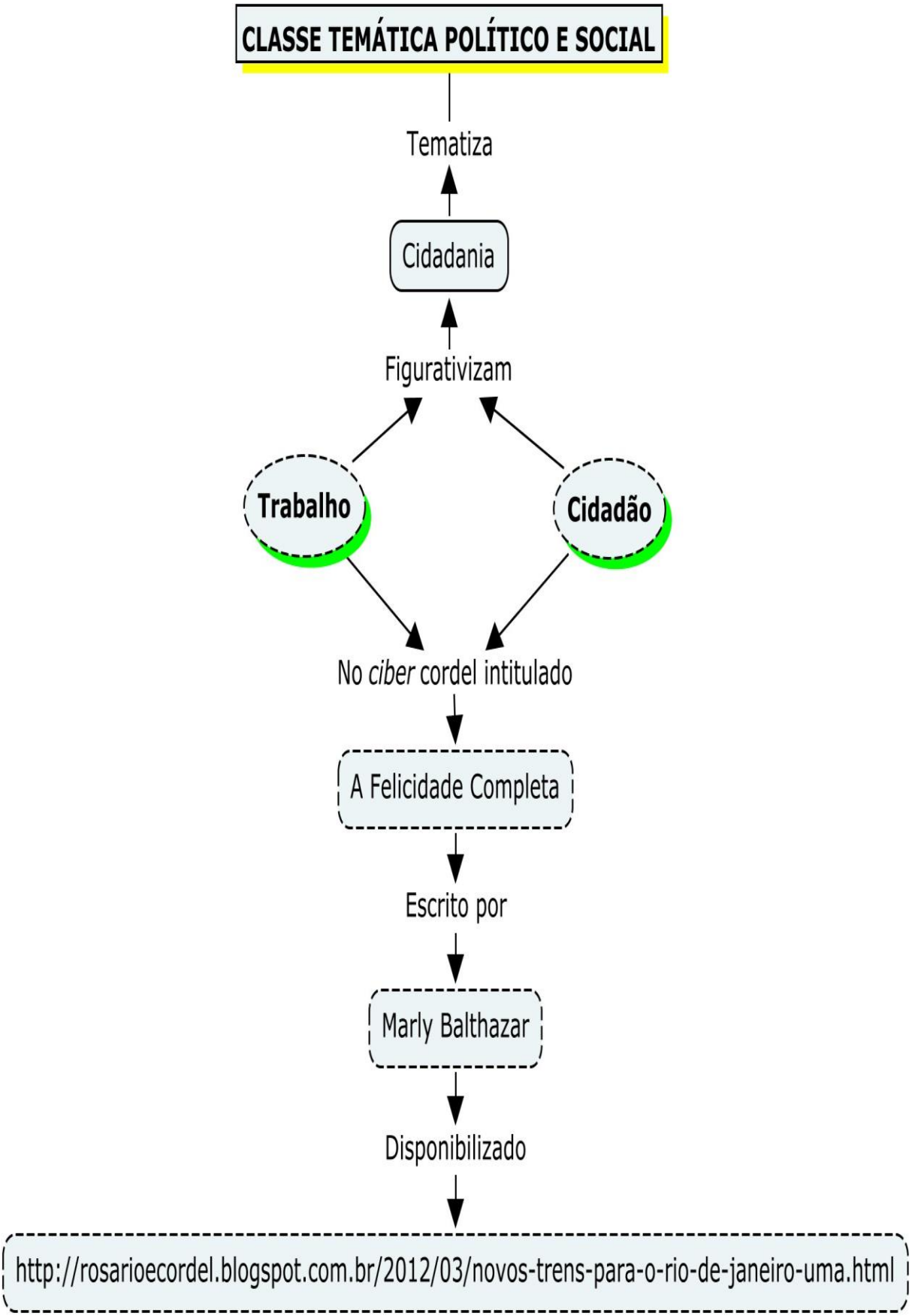
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 44 – Natal sem pré-natal



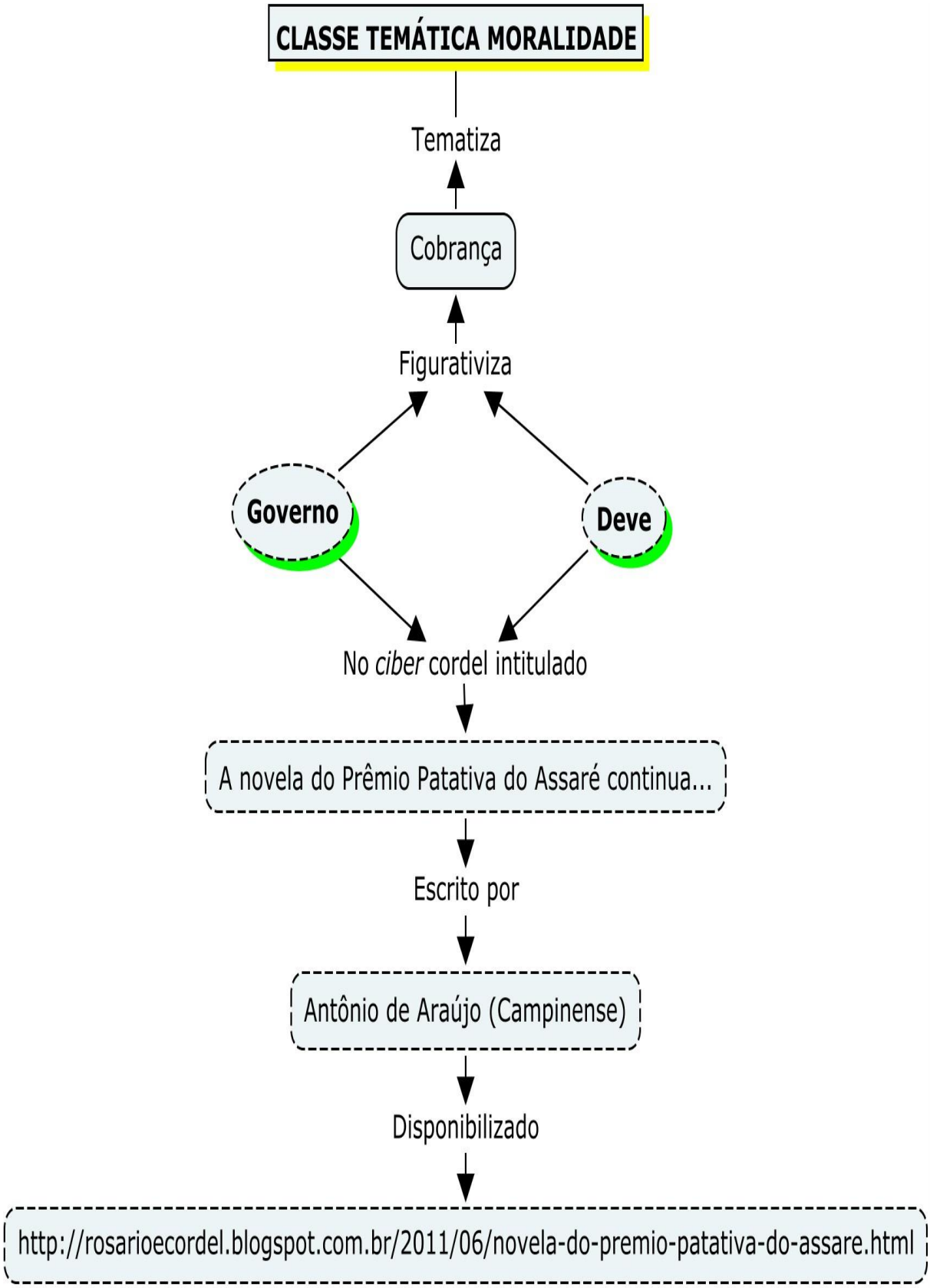
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 45 – A Felicidade completa



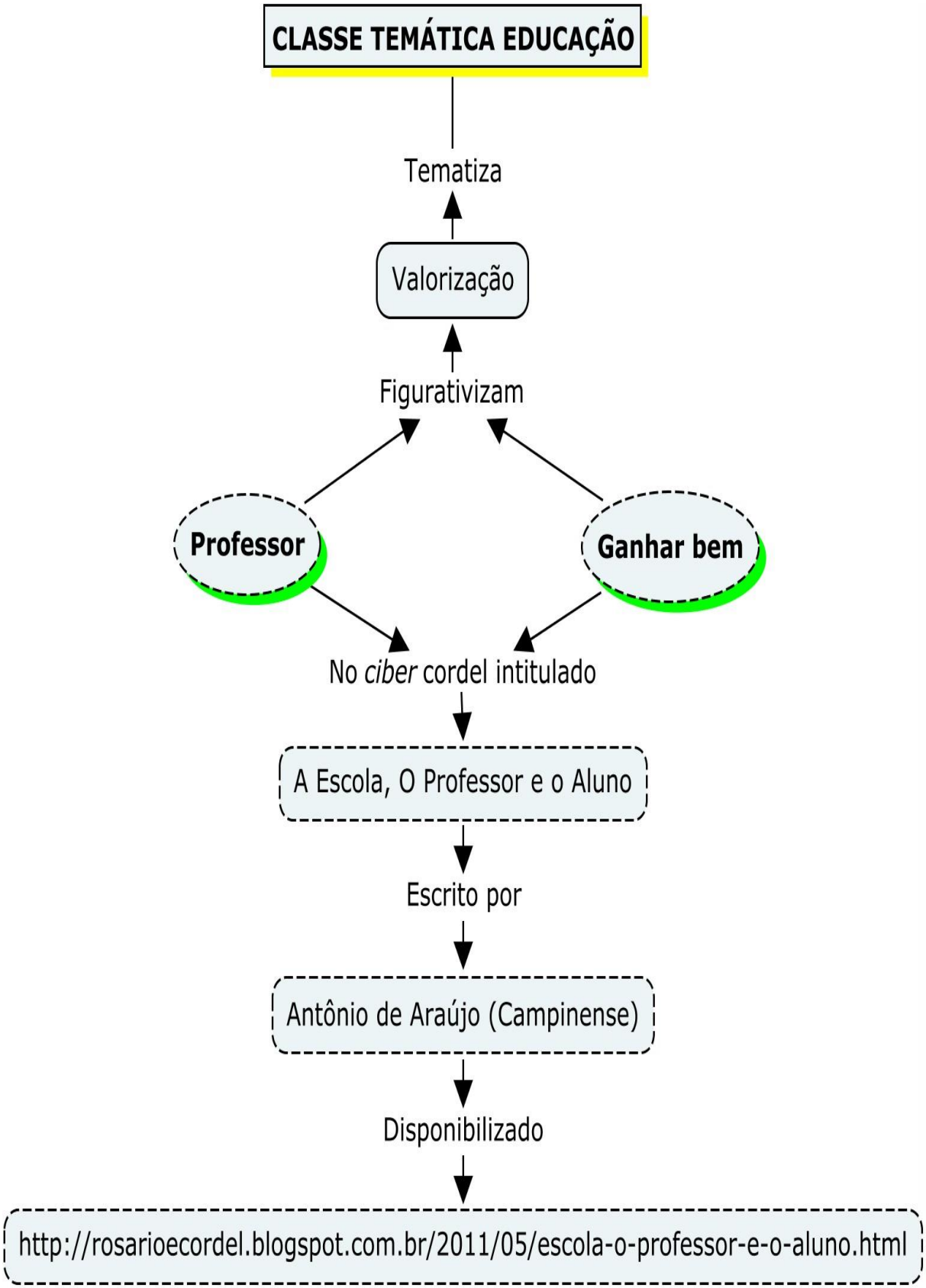
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 46 – A Novela do prêmio Patativa do Assaré continua...



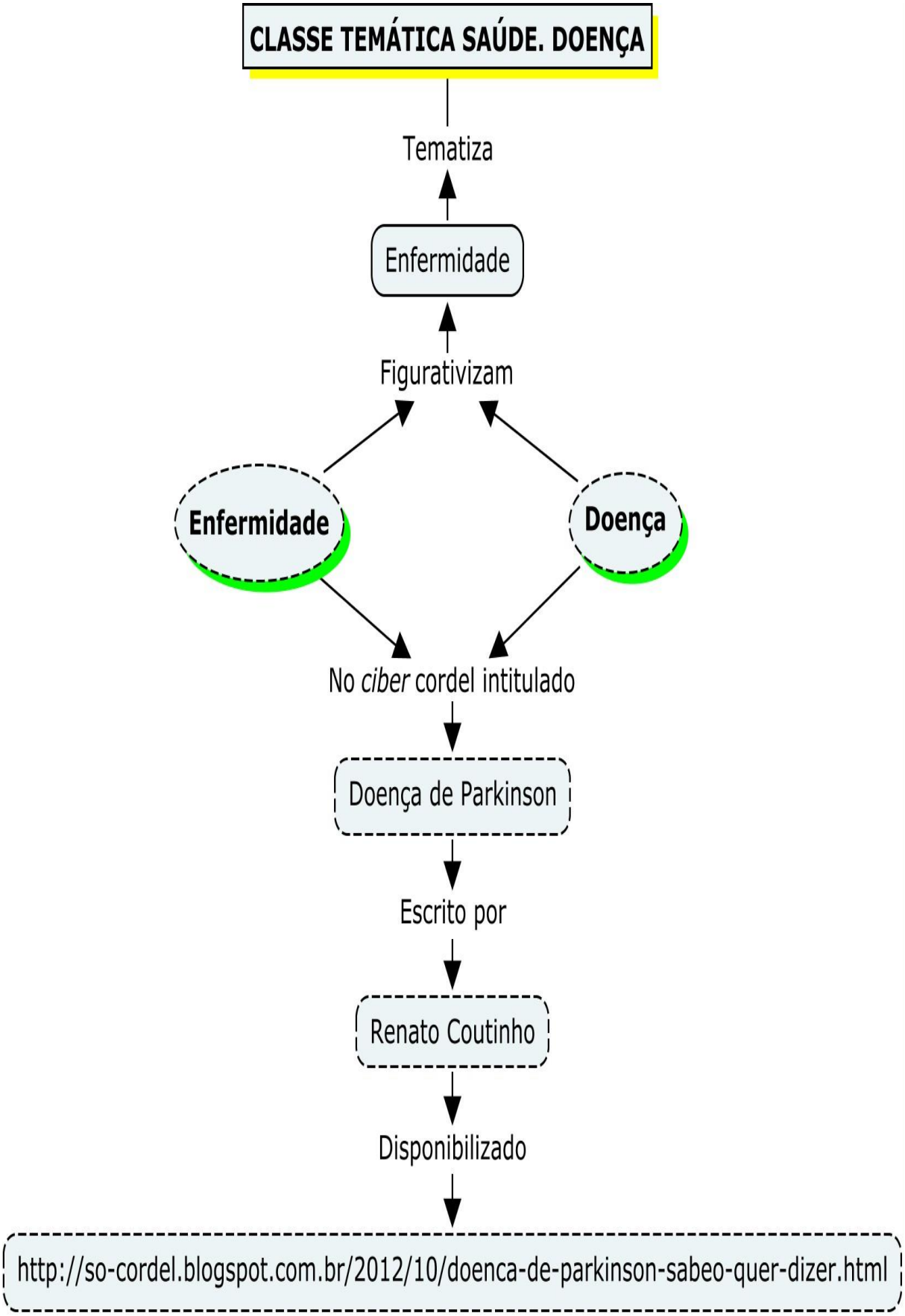
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 47 – A Escola, o professor e o aluno



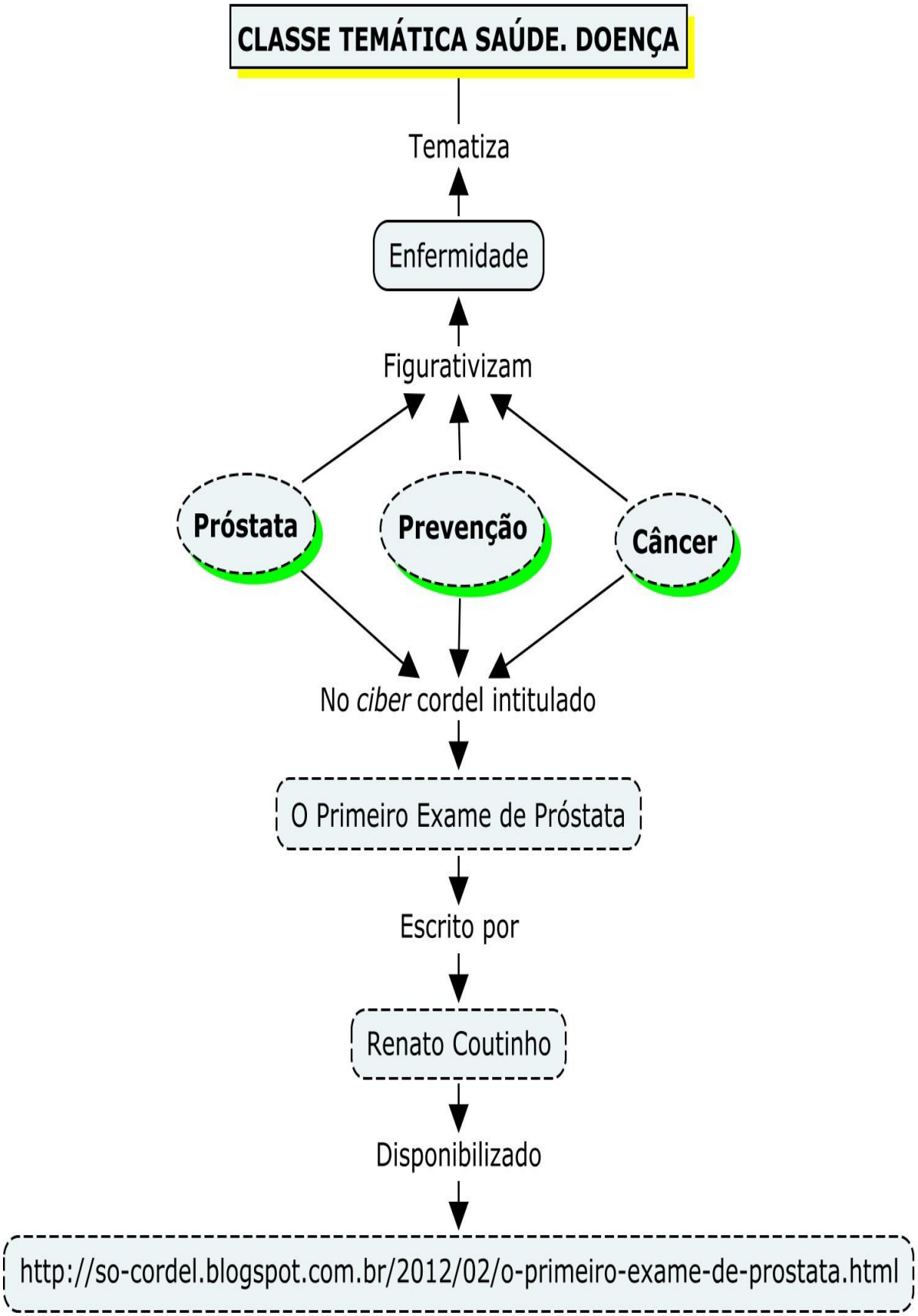
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 48 – Doença de Parkinson



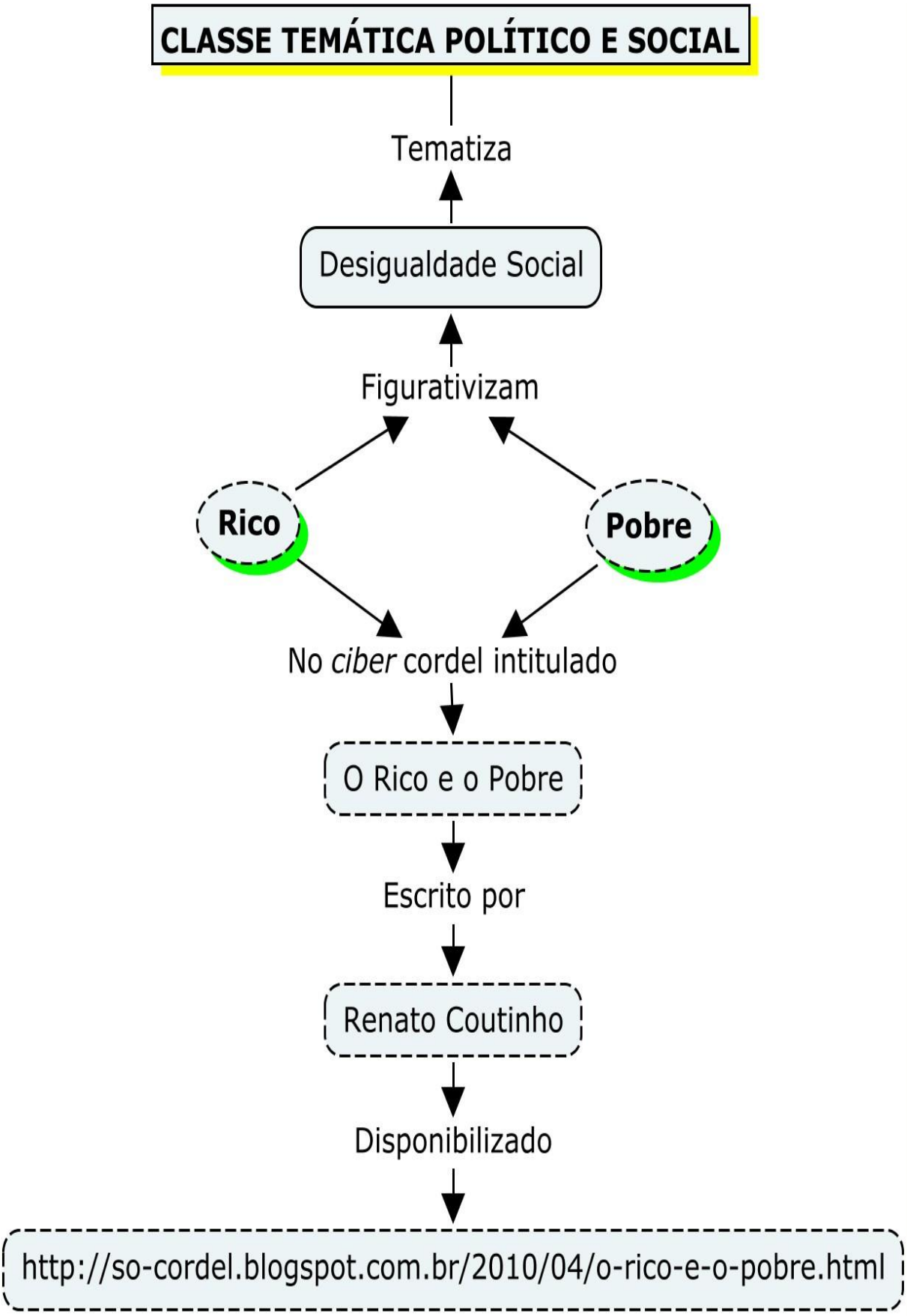
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 49 – O Primeiro exame de próstata



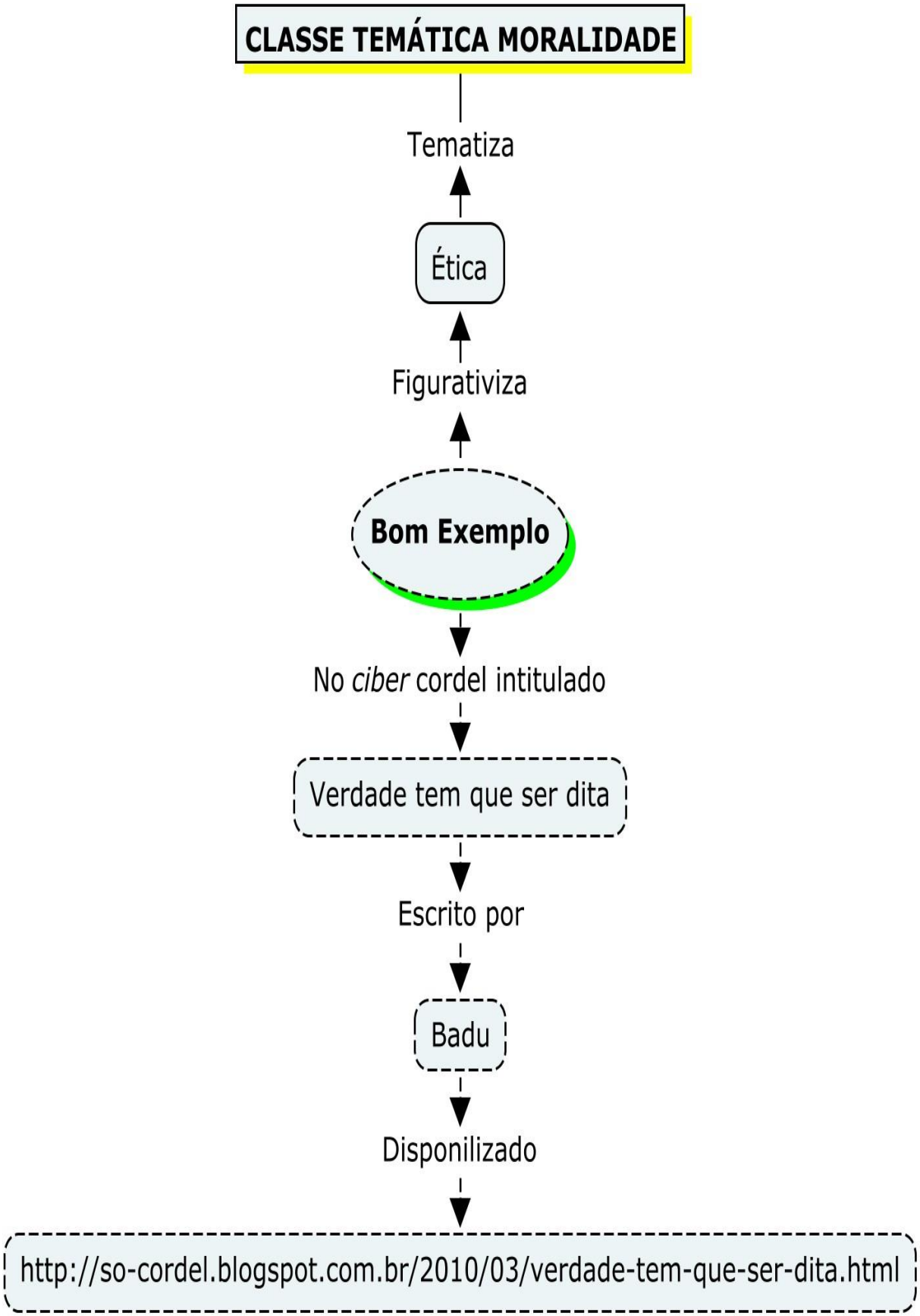
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 50 – O Rico e o pobre



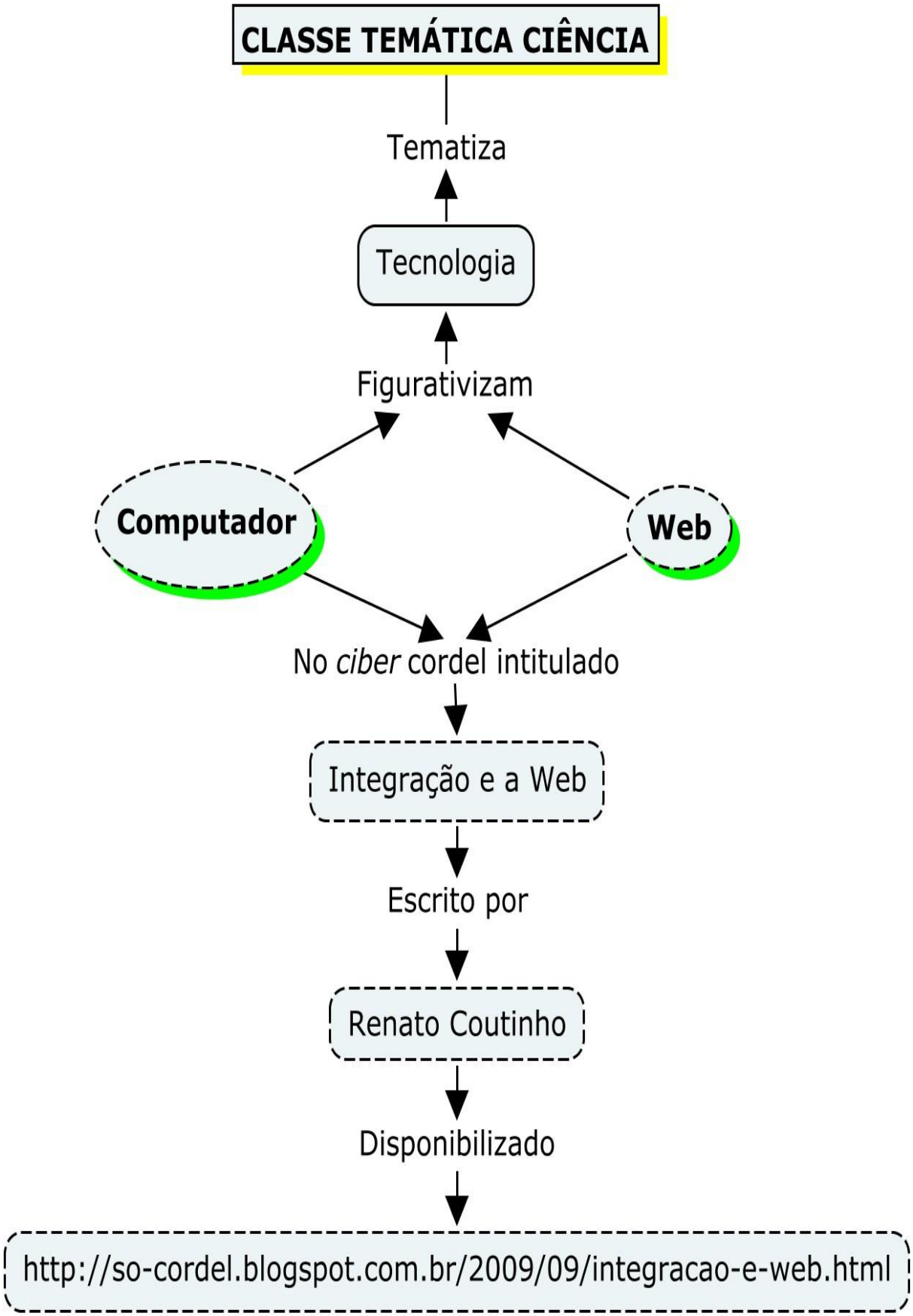
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 51 – Verdade tem que ser dita



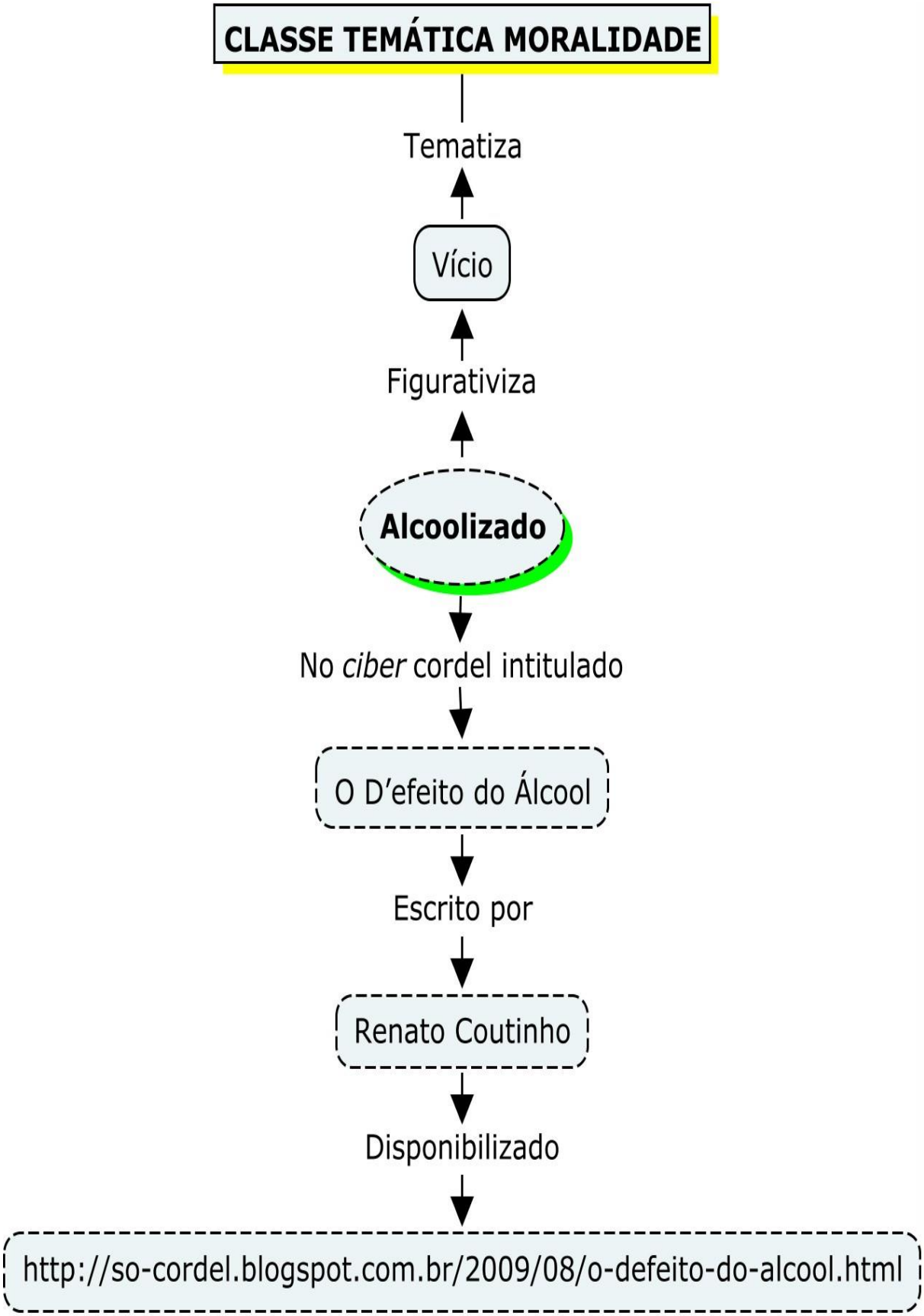
Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 52 – Integração e a *web*



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 53 – O D'efeito do álcool



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mapa Conceitual 54 – Belo Horizonte

Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

APÊNDICE B – LISTA DOS POETAS POPULARES NO *CIBER*ESPAÇO

NOME DO BLOG	***LINK DE ACESSO***
Acorda Cordel	*http://acordacordel.blogspot.com.br*
Alinhavos de Pedro Monteiro – Todos os Contos	*http://todososcontos.blogspot.com.br*
Allan Sales Cordelista	*http://allancordelista.blogspot.com.br*
Antônio Barreto	*http://barretocordel.wordpress.com*
Avante Cordel	*http://www.avantecordel.com*
Banca de Cordel Virtual	*http://olliverbrasil.blogspot.com.br*
Barreto Cordel – A voz do Cordel	*http://barretocordel.wordpress.com*
Baú do Cordel	*http://fotolog.terra.com.br/baudocordel:36*
Blog Cordel Mineiro	*http://cordelmineiro.blogspot.com.br*
Blog de Assis Coimbra	*http://eucantoecontocordel.com*
Blog de Cordel	*http://ncordel.blogspot.com.br*
Blog do Agnaldo Cordelista	*http://agnaldocordelista.blogspot.com.br*
Blog do Cacá Lopes	*http://cacalopes.com.br/literatura-cordel*
Blog do Chico	*http://www.chicosalles.com.br*
Blog do Gilbamar	*http://gilbamar-poesiasecronicas.blogspot.com.br/ search/label/Cordel*
Blog do Tataritaritata	*http://blogdotataritaritata.blogspot.com.br*
Blog do Vicente Campos Filho	*http://vicentecamposfilho.blogspot.com.br*
Blog Quest Cordel	*http://blogquestcordel.blogspot.com.br*
Blog Tudo de Cordel	*http://tudodocordel.blogspot.com.br*
Bob Motta Poeta	*http://www.bobmottapoeta.com.br*
Cantinho da Dalinha	*http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br*
Caravana do Cordel	*http://fotolog.terra.com.br/caravanadocordel*
Carlisson Galdino	*http://www.carlissongaldino.com.br/glossariodecordeis*
Cascordel	*http://www.cascordel.com*
César Obeid	*http://www.cesarobeid.com.br*
Cobra Cordelista	*http://cobracordelista.blogspot.com.br*
Conexão Cordel	*http://conexaocordel.blogspot.com.br*
Cor de Cordel	*http://cordecordel.blogspot.com.br*
Cordéis Joseenses	*http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br*
Cordéis Variados	*http://cordeisvariados.blogspot.com.br*

Cordel Cristão	*http://cordelcristao.blogspot.com.br*
Cordel de Saia	*http://cordeldesaia.blogspot.com.br*
Cordel do Pau Quebrado	*http://cordelpauquebrado.blogspot.com.br*
Cordel José Augusto	*http://cordeljoseaugusto.blogspot.com.br*
Cordel Literatura Nordestina	*http://cordelliteraturanordestina.blogspot.com.br*
Cordel na Rede	*http://cordelnarede.zip.net*
Cordel na Escola	*http://fotolog.terra.com.br/cordelnaescola*
Cordel nas Escolas	*http://cordelnasescolas.arteblog.com.br*
Cordel Online	*http://cordelonline.zip.net*
Cordel Paraíba	*http://cordelparaiba.blogspot.com.br*
Cordel Político	*http://cordelpolitico.com*
Cordel SP	*http://cordelsp.zip.net*
Cordelista Hamilton Mangabeira	*http://hailtonmangabeira.blogspot.com.br*
Educar com Cordel	*http://educarcomcordel.blogspot.com.br*
Física em Cordel	*http://afisicaemcordel.blogspot.com.br*
Ivanildo Escritor	*http://ivanildoescritor .blogspot.com*
Gracita Cordel	*http://gracitacordel.blogspot.com*
Gustavo Dourado	*http://gustavodourado.wordpress.com*
Jornal da Besta Fubana	*http://www.luizberto.com*
José Acaci – Espaço do Cordel	*http://espacodocordel.blogspot.com.br*
Josué Araújo	*http://josuecordel.yolasite.com*
Josué Ojuara	*http://josueojuara.blogspot.com.br*
Juarez do Cordel	*http://juaresdocordel.blogspot.com.br*
Ler Cordel	*http://lercordel.wordpress.com*
Luz de Fifó	*http://luzdefifo.blogspot.com.br*
Marco Di Aurélio	*http://macodiaurelio.com/blog*
Marco Haurélio – Cordel Atemporal	*http://marcohaurelio.blogspot.com.br*
Marco Haurélio – Cordel e Cultura Popular	*http://fotolog.terra.com.br/marcohaurelio*
Mala de Romances	*http://www.maladeromances.blogspot.com.br*
Matriz Nordeste	*http://matrizne.blogspot.com.br*
Miguezim de Princesa	*http://miguellucena.zip.net*
Mini Aulas de Cordel	*http://miniaulasdecordel.wordpress.com*
Mistura de Alegria	*http://misturadealegria.blogspot.com*

Mundo Cordel	*http://mundocordel.blogspot.com.br*
Na Rota da Poesia	*http://narotadapoesia.blogspot.com.br*
Nivaldo Cordelista	*http://nivaldocordelista.blogspot.com.br*
No Pé da Parede	*http://nopedaparede.blogspot.com.br*
Oficina de Cordel	*http://oficinadecordel.blogspot.com.br*
Pantera Cordelaria	*http://panteracordelaria.blogspot.com.br*
Paulo Cordel Buíque	*http://paulocordelbuique.blogspot.com.br*
Poesia e Cordel	*http://poesiaecordel.wordpress.com*
Poeta Cícero Moraes – Blog do Belmontense	*http://belmontepe.blogspot.com.br*
Poeta Felipe Júnior – Blog Conversando	*http://www.poetafelipejunior.com.br*
Poeta Nogueira Netto	*http://www.nogueiranetto.blogspot.com.br*
Poetizante	*http://poetizante.blogspot.com.br*
Quintal do Lobisomem	*http://quintal-do-lobisomem.blogspot.com.br*
Rosa Régis	*http://www.rosaregispoetisa.net*
Rosário Pinto	*http://rosarioecordel.blogspot.com.br*
Salete Maria – Blog Cordelirando	*http://cordelirando.blogspot.com.br*
Sertão Caboclo	*http://www.sertaocaboclo.com.br*
Só Cordel	*http://so-cordel.blogspot.com.br*
Teatro de Cordel	*http://www.teatrodecordel.com.br*
Tempo de Cordel	*http://tempodecordel.blogspot.com.br*
Variando, Variando	*http://variando-variando.blogspot.com.br*
Varneci Nascimento	*http://varnecicordel.blogspot.com.br*
Zé Saldanha – Poesia e Cordel	*http://zesaldanha.zip.net*

APÊNDICE C – LISTA DE INSTITUIÇÕES CORDELISTAS, EDITORAS, INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA E PESQUISA EM POESIA POPULAR

NOME	***LINK DE ACESSO***
Academia Brasileira de Literatura de Cordel	*http://www.ablc.com.br*
Associação de Poetas e Escritores de Santa Cruz	*http://apoesc.blogspot.com.br*
Bahai Cordel	*http://www.bahai.org.br/cordel*
Biblioteca Central Átila Almeida da UEPB	*http://biblioteca.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=567&Itemid=575*
Biblioteca Central Zila Mamede	*http://www.bczm.ufrn.br/cordel/cordel.html*
Blog da Beth Baltar	*http://blogbethbaltar.blogspot.com.br*
Blog Cultura Nordestina – Cordel	*http://culturanordestina.blogspot.com.br/2007/09/proseando-sobre-cordel.html*
Câmara Brasileira de Jovens Escritores – Cordéis	*http://www.camarabrasileira.com/cordel.htm*
Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP)	*http://pplp-ufpb.blogspot.com.br*
Casa do Cordel	*http://casadocordel.blogspot.com.br*
Centro Cultural de Cordelistas do Nordeste	*http://cecordel.blogspot.com.br*
Cibercordel	*http://cibercordel.wordpress.com*
Cordel e Violão de Rua	*http://cordeleviolaoderua.arteblog.com.br*
Cordelteca DOTVIRT	*http://docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIBib/Cordel*
Cultura Nordestina em Cordel	*http://culturanordestina.blogspot.com.br/2007/09/proseando-sobre-cordel.html*
Curran Cordel Connection	*http://www.currancordelconnection.com*
Editora Luzeiro	*http://editoraluzeiro.com.br*
Editora Queima-Bucha	*http://www.queimabucha.com*
Editora Tupynanquim	*http://fotolog.terra.com.br/tupynanquimeditora2071*
Editora Veloso	*http://editoraveloso.blogspot.com.br*
Portal Cordel do Brasil	*http://cordeldobrasil.com.br*
Portal do Cordel	*http://www.portaldocordel.com.br*
Portal da Cultura Popular	*http://derepenteocordel.com.br/cordel*

Folhetos de Cordéis	*http://cascavilha.com.br/site/vida-digital/40-livros-gratis-de-literatura-de-cordel*
Fundação Casa de José Américo	*http://www.fcja.pb.gov.br*
Fundação Casa de Rui Barbosa	*http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel*
Fundação Joaquim Nabuco	*http://www.fundaj.gov.br*
Instituto Leandro Gomes de Barros	*http://ilgbsp.blogspot.com.br*
Literatura na Corda	*http://literaturanacorda.com/acervo*
Memórias do Cordel	*http://memoriasdocordel.blogspot.com.br / http://www.memoriasdocordel.com.br*
Poemas de Amor – Cordel	*http://btcartasdeamor.blogspot.com.br/p/poemas-de-cordel-leandro-gomes-de.html*
Portal Antônio Miranda	*http://www.antoniomiranda.com.br*
Portal do Cordel	*http://www.portaldocordel.com.br*
Recanto das Letras	*http://www.recantodasletras.com.br/cordel*

APÊNDICE D – GLOSSÁRIO

***Blogueiro* –** Pessoa que faz uso dos recursos dos *blogs* para escrever *(post),* compartilhar, colaborar, comentar, assinar, seguir ou baixar informações na *blogosfera*.

***Blogonauta* –** Pessoa que "navega" nas infovias dos *blogs*.

***Cibercordel* –** É todo e qualquer objeto informacional amparado pelas regras poéticas construídas através do clássico cordel, mas que tenha sido forjado exclusivamente na internet. Sua construção, independente do momento, será materializada sob um esteio físico, cognitivo e social. Sua exclusividade virtual permitirá produções poéticas através de postagens ou publicações que viabilizarão comentários, imagens, áudios, vídeos ou qualquer outro tipo de manifestação pública, anônima ou identificada sob a estrutura do *ciberespaço* e aproveitando toda dinâmica e hibridização da forma como a sociedade em rede se organiza. São percebidos que os *ciberespaços* que melhor acolhem os *cibercordéis* são os *blogs*, ambientes adaptáveis, personalizados, de fácil acesso, utilização e comunicação. Dois outros fatos que estão por traz desta nova forma de escrever a poesia popular é a elevação do nível de formação acadêmica dos poetas e o alto grau de rapidez no processo de mediação informacional e formação potencial de um novo público leitor.

***Cibercordelista* –** Poetas semialfabetizados ou alfabetizados oriundos de classes populares ou abastadas que se tornaram *blogonautas* para produzir seus versos por meio de *posts* (*cibercordel*).

Ressignificação – Construção de novas formas de manifestações culturais ou artísticas com base em outra já definida ou estabelecida.

Semântica Discursiva Documentária – Incorporação da semântica discursiva a linguagem documentária.

APÊNDICE E – BANCO DE DADOS DE *BLOGS*, *CIBER*CORDÉIS E *CIBER*CORDELISTAS

***BLOG*:** MUNDO CORDEL **FONTE:** http://mundocordel.blogspot.com.br							
TÍTULO DO CIBERCORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE TEMÁTICA**	***CIBER*CORDE-LISTA**	**DISPONÍVEL**	**NOTAS**
1 A Importância do cordel	Cordel	*Meu caro leitor amigo* *Veja um relato fiel,* *Eu já rimei a viola* *Que faz bem o seu papel.* *Agora passo a rimar,* *Na cultura popular* *A importância do* ***cordel.*** *[...].*	Cultura	Cultura	Mundim do Vale	http://mundocordel.blogspot.com.br/2008/03/poesia-de-mundim-do-vale.html	Inclui comentário do poeta "Josué cordel com link para seu site pessoal. O endereço é <http://josuecordel.yolasite.com>.
2 Tirando leite de bode	Mamaram Bode	*Foi aí que Guimarães,* *Pra defender o irmão,* *Bateu na caixa dos peitos,* *Encheu bem forte o pulmão,* *Disse que* ***mamaram*** *em* ***bode*** *E não temiam nada, não! [...].*	Violência	Bravura e Valentia	Miguezim de Princesa	http://mundocordel.blogspot.com.br/2010/01/cordel-em-prosa.html	O *ciber*cordel é um comentário ao texto "A HISTÓRIA DE ZÉ LUANDO, o homem que virou mulher - parte I de Marcos Mairton"
3 A Natureza e o Homem: “a verdade que ninguém quer ver”	Natureza	***Natureza*** *é o nome* *Em geral mais conhecido* *Mas pra nova geração* *Já foi substituído* *Chama-se meio ambiente* *Todos já estão cientes*	Meio Ambiente	Meio Ambiente	Anízio	http://mundocordel.blogspot.com.br/2009/05/poesia-de-anizao.html	Inclui comentário do mesmo poeta, com o *ciber*cordel "A injustiça da Vida".

	Malvadeza	*Desse fato ocorrido.* *Toda esta evolução* *Que vem no mundo ocorrendo* *Para o homem é natural* *Nada demais está havendo* *Veja quanta* ***malvadeza*** *Eles não sabem a grandeza* *Do mal que estão fazendo. [...].*					
4 Cordel na internet	Internet Virtual Tecnologia	*[...] A* ***internet*** *chegou* *Como grande aliada* *Pro cordel abriu estrada,* *E o cordelista gostou* *No* ***virtual*** *apostou* *E com* ***tecnologia*** *Espalhou sua poesia* *Por este mundo global* *Onde o cordel tem aval* *Nesta metodologia. [...].*	Tecnologia	Ciência	Dalinha Catunda e Rosário Pinto (Compilação)	http://mundocordel.blogspot.com.br/2011/02/cordel-na-internet.html	Segundo o *blog*, Dalinha Catunda e Rosário Pinto, autoras do *blog* "Cordel de Saia", tiveram a ideia de reunir versos de vários cordelistas para falar do tema "Cordel na Internet". Inclui comentários em *ciber*versos.

5 Cordel velho e Cordel novo	Cordel velho	*[...] **O cordel velho** tem raiz* *Nos romances medievais* *Nas histórias sertanejas* *Muito antes dos meus pais* *O **novo** fala das ciências* *Recheado de influências* *Destas mídias digitais. [...].*	Cultura	Cultura	Dalinha Catunda e Rosário Pinto (Compilação)	http://mundocordel.blogspot.com.br/2011/04/ciranda-do-cordel-de-saia.html	Inclui comentário em verso do poeta Laércio Fernandes de Medeiros. Dispõe de link externo das compiladoras, respectivamente <http://rosarioecordel.blogspot.com> e <http://cantinhodadalinha.blogspot.com>. Traz o link da publicação original do blog, que está disponível em <http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2011/04/cirandando-cordel-velho-cordel-novo.html>.
6 Flor mulher	Mulher	*Refiro-me à flor **mulher*** *Que em toda situação* *(se ela nasce na relva* *Ou nas brenhas do sertão)* *O amor é a lei maior* *Que rege seu coração.[...].*	Homenagem	Político e Social	Manoel Messias Belizário Neto	http://mundocordel.blogspot.com.br/2010/03/flor-mulher-manoel-messias-belizario.html	Inclui comentário de Dalinha Catunda

7 Cordel do software livre	Computador	*[...] Para o programador* *O código é usado* *Para o* ***computador*** *O programa é transformado* *O "executável" é feito* *Traduzindo, e desse jeito* *Temos o segundo estado. [...].*	Tecnologia	Ciência	Cárlisson Galdino (Bardo)	http://mundocordel.blogspot.com.br/2008/06/cordel-e-tecnologia-da-informao.html	Inclui comentários anônimos em verso. Dispõe de link externo para fonte original do *ciber*cordel: <http://www.dicas-l.com.br/dicas-l/20071223.php>.
***BLOG*: BLOG DE CORDEL** **FONTE:** http://ncordel.blogspot.com.br							
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE TEMÁTICA**	***CIBER*CORDE-LISTA**	**DISPONÍVEL**	**NOTAS**
8 Desabafos dum alcoólatra	Álcool	*[...] Maria, uma dona de casa* *Uma mulher respeitada* *Engajou-se na bebida* *Até ficar viciada* *O* ***álcool*** *lhe transformou* *E deixou-a esclerosada. [...].*	Vício	Moralidade	Nelcimá Morais	http://ncordel.blogspot.com.br/2013/07/desabafos-dum-alcoolatra.html	Não inclui comentários ao post desta poesia.
9 Mensagem às mamães	Ventre Maternal	*[...] Mensageiro do teu* ***ventre*** *Onde recebi abrigo* *Projetei signos ancestros* *Do saber dos mais antigos* *Na* ***maternal*** *hospedagem* *Só foi possível a viagem* *Porque tinha um grande amigo.* *[...].*	Maternidade	Saúde. Doença	Nélson Barbosa de Araújo	http://ncordel.blogspot.com.br/2013/05/mensagem-as-mamaes.html	Este poema fez uma homenagem a todas as mães do mundo e, em especial à minha mãe, Anália Alves de Araújo, que mora no coração de Princesa, no Sertão paraibano. Ela é responsável também pelo nosso dom poético, minha bola de Ouro espiritual, a quem quero tanto bem.

10 Invocação a Jesus pela seca no meu sertão	Seca Sertão	*Jesus! tende piedade* *Do povo do meu **sertão.*** *Conviver com essa **seca*** *Ninguém aguenta, não,* *Com os animais morrendo* *Vai faltar também o pão. [...].*	Seca	Intempéries	Nelcimá Morais	http://ncordel.blogspot.com.br/2013/03/invocacao-jesus-pela-seca-no-meu-sertao.html	Não inclui comentários ao post desta poesia.
11 Natal agreste	Natal Jesus Presépio Lapinha Igreja Rezava	*O **natal** que vejo agora* *É um natal diferente* *É só compra e presente* ***Jesus**, o povo ignora.* *Saudades tenho d'outrora* *Do natal que antes tinha* *O **presépio** era **lapinha,*** *Montado lá na matriz,* *Na **igreja** o povo feliz* ***Rezava** sua ladainha. [...].*	Religiosidade	Religião	Dalinha Catunda	http://ncordel.blogspot.com.br/2012/12/natal.html	Não inclui comentários ao post desta poesia.
12 O poeta e o folheteiro	Poeta Folheteiro	*[...] **Poeta** e grande tipógrafo* *Seu romance imprimia* *Entregando ao **folheteiro*** *Que logo distribuía* *A correr feiras e vilas* *E o povo fazendo filas* *P'ra comprar sua poesia. [...]*	Cultura	Cultura	Rosário Pinto	http://ncordel.blogspot.com.br/2012/08/o-poeta-e-o-folheteiro.html	*Post* escrito no *blog* em agosto e impresso em setembro conforme é visto em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=Cordel&pasta=C6849&pesq=>.
13 Abrace a preservação	Natureza Planeta	*Preservar a **natureza**,* *Garanto-lhe meu irmão,* *Muito mais do que modismo* *Hoje é nossa obrigação* *O **planeta** está doente* *Seja bem mais consciente* *Abrace a preservação.*	Preservação	Meio Ambiente	Dalinha Catunda	http://ncordel.blogspot.com.br/search?q=Abrace+a+preserva%C3%A7%C3%A3o	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.

14 Outros malefícios do tabaco	Tabagismo	*Vou apresentar pra vocês* *Uma coisa impressionante* *O poder do* ***tabagismo*** *Veja como é desgastante* *Agride o nosso planeta* *E também seu habitante. [...].*	Vício	Moralidade	Nelcimá Morais	http://ncordel.blogspot.com.br/2012/05/outros-maleficios-do-tabaco.html	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.
***BLOG*:** CORDEL DE SAIA **FONTE:** http://cordeldesaia.blogspot.com.br							
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE TEMÁTICA**	***CIBER*CORDE-LISTA**	**DISPONÍVEL EM**	**NOTAS**
15 Sala de visitas recebe Zilma Ferreira Pinto	Cordel	*Abram alas, meus senhores,* *para o verso popular* *que em nosso* ***Cordel*** *de Saia* *a* ***mulher*** *tomou lugar.* *É* ***cordel*** *feito ciranda* *cantada à beira do mar. [...].*	Cultura	Cultura	Zilma Ferreira Pinto	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2013/08/sala-de-visitas-recebe-zilmar-ferreira.html	Apresenta comentário de Severino Honorato ao post. São versos em sextilhas.
16 Vira-lata	Pensei ter pedigree Era um vira-lata burrice mata	*[...] Eu* ***pensei ter pedigree*** *Mas* ***era um vira-lata.*** *Nem mesmo para mijar* *Levantava sua pata* *Acionei a carrocinha* *Desmanchei sua casinha* *Pois sei que* ***burrice mata.*** *[...].*	Discriminação	Moralidade	Dalinha Catunda	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2013/07/vira-lata_9.html	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.
17 Saudades de Gonzagão	Homenagem Gonzagão	*[...] Quero passar alegria,* *Que sinto no coração* *Através da poesia* *Fiz uma composição* *Uma simples melodia* ***Homenagem*** *a* ***Gonzagão.***	Homenagem	Biografia e Personalidades	Tonha da Mota	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/search?q=Saudades+de+Gonzag%C3%A3o	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.

18 Festas Juninas	Festa	*É o mês de junho Chegando* *Mudando a cor do sertão.* *Sertanejos fervorosos,* *Demonstram sua devoção.* *Fazem **festa** para São Pedro,* *Santo Antônio e São João. [...]*	Manifestação Cultural	Cultura	Dalinha Catunda	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2013/06/festas-juninas.html	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.
19 Ficar e Namorar	Flerte Namoro Noivado Namoros Ficar	*[...] **Flerte, namoro, noivado,*** *Já deu o que tinha que dar.* *A graça dos velhos **namoros*** *São histórias a se contar.* *Diz-me os novos tempos,* *Que o lance mesmo é **ficar!** [...].*	Relacionamento	Moralidade	Dalinha Catunda	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2013/06/ficar-e-namorar-esta-onda-de-ficar.html	Neste poema quero homenagear os namorados de todos os seguimentos, desde os românticos aos mais modernos. 12 de junho dia dedicado aos namorados. Comentário em verso de Rosário Pinto.
20 Labuta Inglória	Homenagiar Reconheci-mento	*[...] Hoje, dia do trabalho,* *Quero **homenagear,*** *A nobre dona de casa,* *Que só vive a labutar,* *Sem ter **reconhecimento*** *Sem ser rainha do lar.*	Homenagem	Político e Social	Dalinha Catunda	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2013/05/labuta-ingloria.html	Inclui dois comentários em versos de autores.
21 O Sertanejo e São José	Fé São José	***Sertanejo** fervoroso* *Nunca perde sua fé* *Quando vê que falta chuva* *Apela pra **São José*** *E quando o céu escurece* *E a água do alto desce* *Ele agradece de pé.[...].*	Religiosidade	Religião	Dalinha Catunda	http://cordeldesaia.blogspot.com.br/2012/03/sao-jose-santo-do-dia.html	Não inclui comentários ao *post* desta poesia.
***BLOG*:** CANTINHO DA DALINHA **FONTE:** http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br							
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE TEMÁTICA**	***CIBER*CORDE-LISTA**	**DISPONÍVEL EM**	**NOTAS**

22 Priquitim	Florzinha	*[...] Chamada de "priquitim"* *Esta **florzinha** brejeira* *Nasce no feijão de rola* *Um tipo de trepadeira* *Bela florzinha silvestre* *Riqueza do meu nordeste* *E da flora brasileira.*	Plantação	Meio Ambiente	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/08/priquitim.html	Inclui cinco comentários, dentre eles, um de Fred Monteiro da Cruz, que se dá em verso.
23 Meu Testemunho	Batizada	*Nasci e fui **batizada*** *Como manda a tradição* *Recebi nome de santa* *Logo dois na ocasião* *Antes de Lourdes, Maria!* *Como minha mãe queria* *E não houve objeção. [...].*	Batismo	Religião	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/07/meu-testemunho.html	Não inclui comentários em verso.
24 O Chapéu de Couro de Chica	Bolo	*Eu sempre que vou ao Crato,* *Cidade do Ceará* *Como um **bolo** saboroso* *Que leva trigo e fubá* *E sendo feito por Chica* *Delicioso ele fica* *Bolinho melhor não há. [...].*	Culinária	Cultura	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/07/o-chapeu-de-couro-de-chica.html	Inclui um comentário, mas não condiz com o texto.
25 Barro do Agreste	Barro	*O **barro** tem sua história* *E atravessa gerações* *Inda hoje é encontrado* *Porém em decorações* *Ou nas feiras nordestinas* *Que seguem velhas rotinas* *Preservando as tradições. [...].*	Artesanato	Cultura	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/05/barro-do-agreste.html	Inclui sete comentários, mas nenhum verso.
26 Eu e meus amigos fubânicos: bote sem veneno	Mulher de opinião	*[...] É **mulher de opinião*** *Formada na resistência* *Portadora de decência* *Defensora da razão* *Não tolera corrupção* *Severa de carteirinha* ***Artista top de linha***	Homenagem	Biografia e Personalidades	Maurício Santos (em Produção Coletiva)	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/03/eu-e-meus-amigos-fubanicos.ht	Não inclui comentário em verso.

	Artista top de linha	*Tem êxito fama e cartaz* *É de guerra e é de paz* *A poetisa Dalinha. [...].*				ml	
27 Todas as Mulheres	Mulher Ser recolhe-cida	*[...]* ***Mulher*** *quer carinho* *Não foge do laço* *E sem embaraço* *Refaz seu caminho* *Quer flor sem espinho* *E quer ser querida* ***Ser reconhecida*** *Em tudo que faz* *Ser igual lhe apraz* *Por ser aguerrida.*	Reconhecimento	Político e Social	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/03/todas-as-mulheres.html	Inclui dois comentários em verso.
28 E a Chuva Chegou!!!	Água	*Bendita Chuva caiu* *Encharcando meu sertão* *E foi tanta* ***água*** *no chão* *Que a natureza sorriu* *Bode correndo fugiu* *Com medo de se molhar* *Ao ver a* ***água*** *jorrar* *Preparei balde e bacia* *Vendo a* ***água*** *que caía* *Ligeiro fui aparar. [...].*	Vida	Meio Ambiente	Dalinha Catunda	http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/03/e-chuva-chegou.html	Inclui quatro comentários, dentre eles um de Fred Monteiro da Cruz, que se dá em verso.
***BLOG*:** ROSÁRIO CORDEL **FONTE:** http://rosarioecordel.blogspot.com.br							
TÍTULO DO *CIBER*CORDEL	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE TEMÁTICA**	***CIBER*COR-DELISTA**	**DISPONÍVEL EM**	**NOTAS**

29 Ao Mestre com carinho	Mestre Gigante	***Mestre*** *BRÁULIO NASCIMENTO!* *Quem é este personagem?* *Este* ***gigante*** *festeiro...* *Que traz em sua bagagem,* *Nosso conto brasileiro.* *Num trabalho garimpeiro.* *Andou por muita paragem. [...].*	Homenagem	Biografia e Personalidades	Rosário Pinto	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2013/08/claudia-marcia-rosario-pinto-profr.html	Não inclui comentário.
30 Um Mimo para Rosinha	Maria tinha de ser Frágil como uma rosa	*No mês de maio nasceu,* ***Maria tinha de ser.*** *É* ***frágil como uma rosa,*** *Mas sorrir do padecer.* *Os seus sonhos contraria* *Porém espalha alegria* *Escondendo seu sofrer. [...].*	Homenagem	Biografia e Personalidades	Dalinha Catunda, Creusa Meira, Varneci Nascimento, Sávio Pinheiro, Oliveira do Cordel e Fred Monteiro da Cruz (Produção Coletiva)	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2012/05/amigos-muito-obrigada.html	Não inclui comentário.
31 Homenagem a João Firmino Cabral	Voou, direto pro céu	***Voou, direto pro céu.*** *Lá encontrou Patativa,* *Seu mestre Almeida Filho,* *Na passagem, intransitiva.* *A morte chega num sopro* *Sem aviso, sem escopro.*	Homenagem	Biografia e Personalidades	Rosário Pinto	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2013/02/homenagem-joao-firmino-cabral.html	Não inclui comentário.

32 Natal Sem Pré-Natal	Gestação Pré-Natal	*[...] A **gestação** transcorreu* *Sem existir **pré-natal*** *Realizado por leigo* *Ou por profissional.* *Somente a fé no seu Deus* *Reascendeu-lhe a moral. [...].*	Gestação	Saúde. Doença	Sávio Pinheiro	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2011/12/natal-x-mulher-na-visao-de-savio.html	
33 A Felicidade Completa	Trabalho Cidadão	*Amanheceu um lindo dia!* *Com vigor e disposição* *Vou para o meu **trabalho**,* *Com grande satisfação,* *Logo entrarei no trem* *Como um bom **cidadão.** [...].*	Cidadania	Político e Social	**Marly Balthazar**	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2012/03/novos-trens-para-o-rio-de-janeiro-uma.html	Não inclui comentário.
34 A novela do Prêmio Patativa do Assaré continua...	Governo Deve	*[...] Por gentileza Ministra* *Peço a mal não me leve* *Se, devemos, ao **governo,*** *Na execução ele é breve* *Porém não tá nem aí* *Quando é ele que nos **deve.*** *[...].*	Cobrança	Moralidade	Antônio de Araújo (Campinense)	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2011/06/novela-do-premio-patativa-do-assare.html	Não inclui comentário em verso.
35 A Escola, O Professor e o Aluno	Professor Ganhar bem	*[...] Sem **professor** não há* *Ciência nem medicina* *Por tanto faz jus* ***Ganhar bem** quem ensina.*	Valorização	Educação	Antônio de Araújo (Campinense)	http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2011/05/escola-o-professor-e-o-aluno.html	Não inclui comentário.
***BLOG*:** SÓ CORDEL **FONTE:** http://so-cordel.blogspot.com.br							
TÍTULO DO	**FIGURA**	**CONTEXTO**	**TEMA**	**CLASSE**	***CIBER*CORDE-**	**DISPONÍVEL**	**NOTAS**

***CIBER*CORDEL**				**TEMÁTICA**	**LISTA**	**EM**	
36 Doença de Parkinson	Enfermidade Doença	*Sabe o quer dizer?* *Aqui vamos explicar* *Sobre esta* ***enfermidade*** *Difícil de diagnosticar* *É uma* ***doença*** *grave* *Quando chega é pra ficar. [...].*	Enfermidade	Saúde. Doença	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2012/10/doenca-de-parkinson-sabeo-quer-dizer.html	Não inclui comentário em verso.
37 O Primeiro Exame de Próstata	Um exame Prevenção Câncer	*[...] É que nesta idade* *Para o devido cuidado* ***Um exame*** *de próstata* *No homem é necessário* *Ele é de* ***prevenção*** *Para quem tem preocupação* *De um* ***câncer*** *ser evitado. [...].*	Prevenção	Saúde. Doença	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2012/02/o-primeiro-exame-de-prostata.html	Não inclui comentário em verso.
38 O Rico e o Pobre	Rico Pobre	*O* ***rico*** *e o* ***pobre*** *têm* *Diferenças cruciais* *Que os fazem ser* *Totalmente desiguais* *Algumas chegam ser* *Realmente geniais. [...].*	Desigualdade Social	Político e Social	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2010/04/o-rico-e-o-pobre.html	Não inclui comentário em verso.

39 Verdade tem que ser dita	Bom Exemplo	*Você que esta aí sorrindo* *Preste bastante a atenção* *Abstenha do que não e seu* *Ajude a melhorar nossa nação* *Comece dando* ***bom exemplo*** *Não caindo nessa tentação. [...].*	Ética	Moralidade	Badu	http://so-cordel.blogspot.com.br/2010/03/verdade-tem-que-ser-dita.html	Não inclui comentário em verso.
40 Integração e a *Web*	Computador *Web*	*[...] Para tanto é importante* *Um* ***computador*** *possuir* *Não precisa ser possante* *Basta a* ***Web*** *aderir* *Prefira a banda larga* *Se onde tiver existir. [...].*	Tecnologia	Ciência	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2009/09/integracao-e-web.html	Não inclui comentário em verso.
41 O D'efeito do Álcool	Alcoolizado	*Homem é um perfeito idiota* *É mesmo um pobre coitado* *Tem dupla personalidade* *Que chega a ser engraçado* *Uma é quando não bebe* *Outra estando* ***alcoolizado.*** *[...].*	Vício	Moralidade	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2009/08/o-defeito-do-alcool.html	Não inclui comentário em verso.
42 Belo Horizonte	Belo Horizonte	*Se tiver a oportunidade* *De* ***Belo Horizonte*** *visitar* *Encontrará hospitalidade* *Gente querendo agradar* *Muitos que aqui vieram* *Decidiram para aqui mudar.*	Urbanismo	Cidade e Vida Urbana	Renato Coutinho	http://so-cordel.blogspot.com.br/2013/01/belo-horizonte.html	Não inclui comentário.

APÊNDICE F – LAYOUT DO AMBIENTE VIRTUAL PARA REPRESENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE CONTEÚDO *WEB* DE CORDÉIS VIRTUAIS: O CASO DO *BLOG CIBER*CORDEL[60]

[60] Disponível em: <http://cibercordel.wordpress.com>. Acesso em: 14 dez. 2013.